



P. H. ...

DICCIONARIO DE VOCABULOS BRAZILEIROS



DICCIONARIO

DE

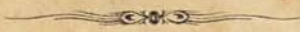
VOCABULOS BRAZILEIROS

PELO TENENTE-GENERAL

Visconde de Beaurepaire-Rohan

NATURAL DO MUNICIPIO DE NITEROY

Conselheiro d'Estado e de Guerra, Gran-Cruz da Ordem de Aviz,
Signatario da da Rosa, Commendador da de Christo, condecorado com a medalha de campanha
de Uruguayana, Gentilhomem da Imperial Camara, Presidente da Sociedade Central de Imмиграção,
Membro honorario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, correspondente de outras
sociedades scientificas e litterarias, nacionaes e estrangeiras, etc.



RIO DE JANEIRO
IMPRESA NACIONAL
1889

V
469.3
B 383
d
1889.38

A SUA Magestade Imperial

O SENHOR D. PEDRO II

IMPERADOR CONSTITUCIONAL E DEFENSOR PERPETUO DO BRAZIL,

Como expressão do mais profundo respeito

O. D. e C.

O Visconde de Beaurepaire-Rohan.

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume achou-se registrado

sob número

807

do ano de

1953



PROLOGO

Apresento-me em publico á sombra do seguinte conceito de Gresset: *On doit s'honorer des critiques, mépriser la satire, profiter de ses fautes et faire mieux.*

Em taes condições, não venho implorar a indulgencia, senão a mais rigorosa censura, e a considerarei como um acto de benevolencia da parte daquelles que, interessando-se por assumptos deste genero, se dignarem dirigir-me suas observações, no sentido de melhorar o meu trabalho.

Algumas prevejo que são credoras de antecipada satisfação.

Reconheço que o meu *Diccionario de Vocabulos Brasileiros* melhor preencheria seu titulo se comprehendesse a totalidade das denominações vulgares dos nossos productos naturaes, das tribus dos aborigenes que existiram e ainda existem em nosso paiz, e das localidades, cuja etymologia é tão rica de poesia. Não foi certamente por me faltarem materiaes que deixei de o fazer: foi pelo receio de perder o meu trabalho, se não me apressasse em publical-o, no pé em que se achava. Na minha avançada idade, não é licito confiar muito na vida. Tal qual o dou ao prelo, poderá servir de base a obra de mais desenvolvimento; e não faltará quem disso se encarregue, com grande proveito da nossa litteratura.

Poder-me-hão arguir de pouco systematico, quanto á orthographia das palavras derivadas do tupi. A esse respeito farei apenas observar que esta lingua,

apesar de suas bellezas syntacticas, que a fizeram, mais de uma vez, comparar ao grego, era meramente fallada e não escripta pelas tribus selvagens que a praticavam. Os Europeos, que primeiro a estudaram e lhe organizaram grammaticas e vocabularios, se viram certamente em grave difficuldade para representar sons completamente extranhos ao nosso alphabeto, e dahi nasceram as convenções orthographicas que cada um procurava justificar a seu modo. Ha sobretudo uma vogal guttural cuja pronuncia só pôde ser adquirida por uma longa pratica. Montoya a representa por *ĩ*; alguns jesuitas portuguezes por *ig*; e Anchieta ora por um *i* com um ponto em baixo, quando esse *i*, a que elle chama *aspero*, se acha no meio da dicção, e ora por *ig* no fim da palavra. Eu a substitui em qualquer caso por *y*. Os jesuitas, tanto hespanhoes como portuguezes, no intuito de accommodarem aos diversos dialectos da lingua tupi o nosso alphabeto, supprimiram a lettra *s* e a substituiram por *c* e *ç*. O *ç*, quando o escriptor se esquecia da indispensavel cedilha, foi causa do estropeamento de muitos vocabulos, taes como *araçari*, *jaçanân*, *çaviã*, convertidos hoje, na linguagem scientifica, em *aracari*, *jacanân*, *caviã*, etc. Em logar do *ç* inicial, uso eu francamente do *s*, como em *sapêca*, *sapiranga*, *sapirôca* e outros mais; e se não escrevo *arasari* *jasanân* é pelo receio de induzir em erro o meu leitor, obrigando-o a pronunciar *arazari*, *jasanân*, pela regra bem conhecida de que, salvo poucas excepções, o *s* entre vogaes tem o som de *z*.

Não é muito de espantar este estado de desordem na orthographia de idiomas illetrados, quando na nossa propria e formosa lingua se observa a tal respeito a maior incuria. Não nos faltam certamente dictionarios; mas cada auctor indica um modo de escrever e pronunciar diverso dos outros. Parece incrível que a lingua portugueza não tenha ainda um dictionario official, que nos sirva de auctoridade.

A respeito de etymologias, não menciono senão aquellas que me pareceram racionaes. Procural-as na méra semelhança de palavras é um erro que nos conduz a verdadeiros despropositos. Temos um exemplo disso naquellas de que tratou Martius no seu *Glossaria Linguarum Brasiliensium*.

Martius é um sabio digno da justa veneração de todo o universo, pelos seus serviços á sciencia; e nós Brasileiros lhe devemos particular gratidão pela publicação da *Flora Brasiliensis*, esse soberbo monumento da nossa riqueza vegetal; mas como etymologista claudicou de um modo lamentavel. Seu *Glossaria*, verdadeiro desserviço feito á linguistica, é infelizmente a norma por onde se guiam certos romancistas, que, sem estudos especiaes, se julgam auctorizados a interpretar vocabulos de que nem sequer conhecem a genuina significação.

Não me extenderei mais sobre este assumpto, não obstante o interesse que nos pôde inspirar, e terminarei dirigindo meus geraes agradecimentos a todos aquelles amigos que me auxiliaram com suas informações.

Relação das pessoas que contribuíram com informações, e cujos nomes estão citados no correr d'este Diccionario

Abreu e Lima	General José Ignacio de Abreu e Lima, já fallecido.
Alberto	Felippe José Alberto, já fallecido.
Aragão	Dr. Francisco Pires de Carvalho e Aragão.
Aranha.	Themistocles Aranha, já fallecido.
B. de Geremoabo	Barão de Geremoabo.
B. Homem de Mello	Barão Homem de Mello.
B. de Jary	Barão de Jary.
B. de Maceió	Barão de Maceió, já fallecido.
B. de Marajó	Barão de Marajó.
B. de Mattoso	Barão de Mattoso.
B. de Campos	Barão de S. Salvador de Campos.
B. Marcondes	Coronel Benedicto Marcondes Homem de Mello.
C. de Albuquerque	Tenente honorario Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque.
Cesar. C. da Costa	Tenente-coronel honorario Cesario Corrêa da Costa.
Chagas	Conselheiro Francisco Manoel das Chagas.
Chagas Doria	Major Luiz Manoel das Chagas Doria.
Claudio	Claudio Xavier de Oliveira.
Colonia	José dos Santos Colonia.
Correia de Moraes	João José Correia de Moraes.
D. Braz	D. Braz de Souza da Silveira.
E. Barbosa	Vice-almirante Eliziario José Barbosa.
E. de Souza	Dr. Antonio Ennes de Souza.
F. Rocha	Conselheiro Antonio Ladislau de Figueiredo Rocha, já fallecido.

F. Tavora	Dr. João Franklin da Silveira Tavora, já fallecido.
Glaziou	Dr. Augusto Francisco Maria Glaziou.
Göldi	Dr. Emilio Augusto Göldi.
H. Barbosa	Chefe de divisão Hermenegildo Antonio Barbosa de Almeida, já fallecido.
J. Alfredo	Conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira.
J. A. de Freitas	Dr. João Alfredo de Freitas.
J. Przewodowsky	João Przewodowsky, já fallecido.
João Ribeiro	João Ribeiro Fernandes, da Bibliotheca Nacional.
J. S. da Fonseca	Dr. João Severiano da Fonseca.
J. Norberto	Commendador Joaquim Norberto de Souza e Silva.
J. Serra	Joaquim Maria Serra, já fallecido.
Lima e Silva	Tenente-coronel João Manoel de Lima e Silva.
L. de Beaurepaire	Tenente-coronel Luiz de Beaurepaire Rohan.
L. D. Clève	Dr. Luiz D. Clève.
Marinho Falcão	Alferes honorario Ismael Marinho Falcão.
Meira	Dr. Olintho José Meira.
M. Brum	Dr. José Zeferino de Menezes Brum, da Bibliotheca Nacional.
Monteiro Tourinho	Capitão Francisco Antonio Monteiro Tourinho, já fallecido.
Moreno	D. Enrique B. Moreno, ministro plenipotenciario da Republica Argentina.
Müller Chagas	Engenheiro Daniel Pedro Müller Chagas.
Neves Leão	Dr. Theophilo das Neves Leão.
Paula Souza	Conselheiro Bento Francisco de Paula Souza.
Pereira de Carvalho	Tenente-general Luiz José Pereira de Carvalho.
Ramos	Dr. Francisco da Costa Ramos.
Sagastume	D. José Vasques Sagastume, ministro plenipotenciario da Republica Oriental do Uruguay.
Saldanha da Gama	Dr. José Saldanha da Gama.
Santiago	Dr. Galdino Tude de Assumpção Santiago.
Santos Souza	Dr. Antonio Alvares dos Santos Souza.
S. C. Gomes	Saturnino Candido Gomes.
S. Villalva	Engenheiro Saturnino Francisco de Freitas Villalva.
Severiano da Fonseca	Dr. João Severiano da Fonseca.
S. Coutinho	Dr. João Martins da Silva Coutinho.
Silva Pontes	Dr. José Marciano da Silva Pontes.
Soriano	Dr. João Soriano de Souza.
Souza	Commendador Manoel José de Souza.

Souza Rangel	Dr. Francisco Lucas de Souza Rangel.
S. Romero	Dr. Sylvio Romero.
Valle Cabral	Alfredo do Valle Cabral, da Bibliotheca Nacional.
Velarde	D. Juan Francisco Velarde, ministro residente da Republica de Bolivia.
Vianna	J. E. Vianna.
Villaça	Dr. Antonio Francisco Villaça de Azevedo, já fallecido.
Villas Boas	José Diniz Villas Boas.
V. de S. Christovão	Visconde de S. Christovão.
V. de Souza Fontes	Visconde de Souza Fontes.

Relação dos auctores e obras mencionados

- Albuquerque Joaquim do Cabo, *Memoria sobre a mandioca ou pão do Brazil*, Ms. Bibliotheca Nacional.
- Almeida Castro, *Memoria chronologica, historica e geographica da provincia do Rio de Janeiro*, no tomo XX da *Revista do Instituto Historico*.
- Almeida Coutinho, *Arte da grammatica da lingua mais usada na costa do Brazil*.
- Almeida Junior, *Luizinha*.
- Almeida da Camara (Manoel), *Dissertação sobre as plantas do Brazil que podem servir para muitos usos da sociedade e supprir a falta do canhamo*.
- Almeida de Furtado, obra que se attribue geralmente ao padre Antonio Vieira.
- Almeida Leite (F. J. Caldas), *Diccionario contemporaneo da lingua portugueza*.
- Almeida e Souza, *A Borracha*, na *Revista Amazoniense*, tomo II, pag. 79.
- Almeida e Souza, *Apontamentos historicos, geographicos, biographicos, estatisticos e noticiosos da provincia de S. Paulo*.
- Almeida e Souza, *Ensaio corografico sobre a provincia do Pará*.
- Almeida e Souza, *Apontamentos sobre o abañenga*.
- Almeida e Souza (Alberto), *El rodeo y la aparta*, na *America literaria*.
- Almeida e Souza (Antonio Alves), *Ensaio sobre as construcções navaes indigenas do Brazil*.
- Almeida e Souza (fr. Bernardo Maria de), *Diccionario da lingua bunda ou angolense*.
- Almeida e Souza, *De Benguella ás terras de Iacca*.
- Almeida e Souza, *Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud*.
- C. A. Marques (Dr.), *Diccionario historico-geographico da provincia do Maranhão*; e *Diccionario historico, geographico e estatistico da provincia do Espirito Santo*.
- Cesinbra, *Ensaio sobre os costumes do Rio Grande do Sul*.
- Chesnel (le comte de), *Dictionnaire des armées de terre et de mer*.
- Correia Netto (Luciano), Artigo inserto no *Jornal do Commercio*, de 17 de fevereiro de 1887.
- Correia Netto, *Collecção de vocabulos e phrases usados na provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul*, na *Revista do Instituto Historico*.

- Costa Rubim, *Vocabulario brasileiro*.
- Costa e Sá, *Dictionnaire Français-Portugais*.
- Couto de Magalhães (Dr.), *O Selvagem*.
- Dic. Mar. Braz.*— *Diccionario Maritimo Brasileiro*.
- Dic. Port. Braz.*— *Diccionario Portuguez-Braziliano*.
- Escr. Taunay (senador), *Estudos criticos*.
- F. Denis, *Lettre sur l'introduction du tabac en France*.
- Fernandes de Souza (André), *Noticias geographicas da capitania do Rio Negro na Revista do Instituto Historico*, vol. X, pag. 411.
- Ferreira Moutinho, *Noticia sobre a provincia de Matto-Grosso*.
- Ferreira Penna (Domingos Soares), *A ilha de Marajó*.
- Figueira (Padre Luiz), *Arte da grammatica da lingua do Brazil*.
- Flor. Bras.*— *Flora Brasiliensis*.
- F. Bernardino (conego), *Lembranças e curiosidades do Valle do Amazonas*.
- F. Allemão (Dr.), *Artigos diversos sobre os vegetaes do Brazil*.
- G. Soares, *Roteiro do Brazil*.
- J. C. da Silva, *L'Oyapoc et l'Amazone*.
- J. F. dos Santos (Dr.), *Acayacó*.
- J. L. de Vasconcellos, *Dialectos interamnenses*, na *Revista de Guimarães*.
- J. de Alencar (Dr.), *Obras diversas*.
- José Coriolano de Souza Lima, *Impressões e gemidos*.
- J. Verissimo, *Scenas da vida amazonica*.
- J. Galleno, *Lendas e canções populares*.
- Koster (Henri), *Voyages dans la partie septentrionale du Brésil*.
- Lacerda, *Diccionario da lingua portugueza*.
- Leite Moraes (Dr.), *Apontamentos de viagem*.
- Le Maout et Decaisne, *Traité général de botanique*.
- Léry (Jean de), *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil*.
- L. Amaz. (L. Amazonas), *Diccionario topographico, historico e descriptivo do Alto Amazonas*.
- Macedo Soares (Dr.), *Estudos lexicographicos do dialecto brasileiro*, na *Revista Brasileira*.
- Marcgrave, *Historia rerum naturalium Brasilie*.
- Mart., Martius, *Glossaria linguarum brasiliensium*.
- Montoya, *Vocabulario y Tesoro de la lengua guarani*.
- Moraes, *Diccionario da lingua portugueza*.
- Neuw. (Principe Maximiliano de Neuwied), *Voyage au Brésil*.
- P. Nogueira, *Vocabulario indigena em uso na provincia do Ceará*.
- P. de Frontin, *Minas de Assuruá*, no jornal *O País* de 8 de Julho de 1886.
- Piso, *De medicina brasiliensi*, lib. IV.

- Rebouças (André e José), *Ensaio de indice geral das madeiras do Brazil.*
- S. Luiz (Fr. Francisco de), *Glossario de vocabulos portuguezes derivados das linguas orientaes e africanas, excepto a arabe.*
- St. Hil., S. Hilaire, Saint-Hilaire (Auguste de), *Voyages dans le Brésil.*
- Saturnino e Francina, *Elementos grammaticaes da lingua nbundu.*
- Seixas, *Vocabulario da lingua indigena geral.*
- Serpa Pinto, *Como eu atravesssei a Africa.*
- Silva Braga, *A Bandeira de Anhangôera a Goyaz, na Gazeta Litteraria.*
- Thesouro do Amazonas*, pelo padre João Daniel, na *Revista trimensal* do Instituto Historico, tomo II, pag. 321.
- Thevet (Fr. André), *Les singularitez de la France antarctique.*
- T. Pompeo, *Diccionario topographico e estatistico da provincia do Ceará.*
- Valdez (Manuel do Canto e Castro Mascarenhas) *Diccionario español-português.*
- Vasconcellos (Padre Simão de), *Obras diversas.*
- Vieira (Fr. Domingos), *Diccionario da lingua portugueza.*
- V. de Porto Seguro, *Breves commentarios á obra de Gabriel Soares.*
- Voc. Braz.*, *Vocabulario da lingua brazilica*, Ms. da Bibliotheca Nacional e da Bibliotheca Fluminense.
- Yve d'Evreux, *Voyage dans le nord du Brésil.*
- Zorob. Rodriguez, *Diccionario de chilenismos.*
-

Principaes abreviaturas

<i>adj.</i>	adjectivo.	<i>Serg.</i>	Sergipe.
<i>adj. f.</i>	adjectivo feminino.	<i>S. Cat.</i>	Santa-Catharina.
<i>adj. m.</i>	adjectivo masculino.	<i>s.</i>	substantivo.
<i>Adv.</i>	Adverbio.	<i>s. f.</i>	substantivo feminino.
<i>Amaz.</i>	Amazonas.	<i>s. f. pl.</i>	substantivo feminino plural.
<i>Esp. Santo.</i>	Espirito-Santo.	<i>s. m.</i>	substantivo masculino
<i>Etyrn.</i>	Etyrnologia.	<i>s. m. e f.</i>	substantivo masculino e feminino.
<i>Fig.</i>	Figuradamente.	<i>s. m. pl.</i>	substantivo masculiuo plural.
<i>gen.</i>	genero.	<i>Syn.</i>	Synonymo.
<i>Mat. Gros.</i>	Matto-Grosso.	<i>V.</i>	veja-se.
<i>Obs.</i>	Observação.	<i>Valle do Amaz.</i>	Valle do Amazonas.
<i>Par. do N.</i>	Parahyba do Norte.	<i>v. intr.</i>	verbo intransitivo.
<i>Pern.</i>	Pernambuco.	<i>v. pron.</i>	verbo pronominal.
<i>provs. merid.</i>	provincias meridionaes	<i>v. tr.</i>	verbo transitivo.
<i>provs. do N.</i>	provincias do Norte.	<i>voc.</i>	vocabulo.
<i>R. de Jan.</i>	Rio de Janeiro.		
<i>R. Gr. do N.</i>	Rio-Grande do Norte.		
<i>R. Gr. do S.</i>	Rio-Grande do Sul.		

CORRIGENDA.—No artigo **Johô**, lin. 2, em vez de *Cryturus*, leia-se *Crypturus*.

DICCIONARIO

DE

VOCABULOS BRAZILEIROS

ABACÂTE

Abacâte, *s. m.* fructa do Abacateiro, arvore do genero *Persea* (*P. gratissima*) da familia das Lauraceas, oriunda do Mexico e de outras partes da America, geralmente cultivada, não só no Brazil, como em todos os paizes comprehendidos na zona intertropical.

|| *Etym.* Corruptela do mexicano *Agua-câte*.

Abacaxí, *s. m.* primorosa variedade do Ananaz, da qual se contam diversas qualidades, geralmente cultivadas no Brazil. D'antes essa cultura limitava-se ao Pará e Maranhão; mas nos primeiros annos deste seculo o naturalista Arruda, em suas excursões botanicas, trouxe do Maranhão para Pernambuco mudas desta planta, e d'ahi se propagou a outras provincias.

|| *Etym.* Em relação a este assumpto, farei apenas observar que ha um affluente do Amazonas chamado rio Abacaxis. Não sei se desta circumstancia deveremos inferir que as margens daquelles rio são a patria desta fructa.

Abajêrú, *s. m.* nome primitivo do Guajêrú.

Abará, *s. m.* (*Bahia, R. de Jan.*) comida feita da massa de feijão cozida em azeite de dendê e temperada com Pimenta da Costa e Pijerecúm. Dão-lhe a forma de bolas e são envoltas em folhas de bananeira, do mesmo modo e com a consistencia do Acassá, mas em

ABICHORNADO

ponto menor (Alberto). || *Etym.* E' vocabulo da lingua yorúba (Neves Leão).

Abarbarádo, *adj.* (*R. Gr. do S.*) temerario.

Aberêm, *s. m.* (*Bahia, R. de Jan.*) bolo feito de massa de milho ou de arroz moído em pedra, ordinariamente um tanto fermentado, envolto em muitas folhas de bananeira, dentro das quaes é cozido a vapor e se conserva (Alberto). || *Etym.* E' vocabulo da lingua yorúba (Neves Leão).

Abestruz, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) v. *Ema*.

Abichornádo, *a, adj.* (*R. Gr. do S.*) acobardado, acabrunhado, desanimado, aborrecido, envergonhado, vexado: Com a fallencia daquella casa commercial, onde se achava a maior parte da minha fortuna, fiquei *abichornado*. O chefe tratou tão desabridamente o seu ajudante, que o deixou *abichornado*. || *Etym.* E' vocabulo derivado do castelhanho *abochornado*, havendo tambem nesta lingua o verbo *abochornar*, que, além de outras significações, tem, no sentido figurado, a de fazer corar de vergonha, irritar, estimular; e mais o *adj. bochorroso*, com a acceção de vergonhoso, que causa vergonha e vituperio (Valdez). O voc. *bochorno*, que é tanto portuguez como castelhanho, é certamente o radical de todos esses termos.

Abío, *s. m.* fructa do Abieiro (*Lucuma Caimito*), arvoreta da familia das Sapotaceas, natural da America equatorial, e cultivada no Brazil, desde o Pará até o Rio de Janeiro.

Abíorãna, *s. m.* (*Valle do Amaz.*) fructa de uma arvore do mesmo nome (*Lucuma lasiocarpa*), da familia das Sapotaceas. || *Etym.* E' voc. tupi, significando *semelhante ao Abio*.

Abombar, *v. intr.* (*R. Gr. do S.*) diz-se que o cavallo *abombou*, quando, tendo feito grande viagem em dia de calor, fica em estado de não poder mais caminhar; mas, depois de refrescar, pôde continuar a marcha (Coruja). || Em outras provincias do Brazil servem-se no mesmo caso do verbo *affrontar*. || *Etym.* Nas indagações a que tenho procedido nada pude encontrar de muito satisfactorio a respeito da origem do verbo *abombar*. Cheguei a pensar que fosse de procedencia guarani; mas estou hoje convencido do contrario. Entre os *Chilenismos* apontados por Zorob. Rodrigues, encontra-se o *v. pron. abombarse*, e o adj. *abombado*, significando: 1º perder em parte a lucidez das faculdades mentaes; 2º ébrio ou antes ligeiramente embriagado, dizendo-se tambem *bomba* na phrase *estar em bomba*. O nosso verbo *abombar* será por acaso o resultado da comparação do cavallo, que, por fatigadissimo, não pôde caminhar, com o homem a quem outro tanto acontece no estado de embriaguez?

Acabocládo, *a*, *adj.* que tem origem, feições ou côr de caboclo: Tomei a meu serviço um rapaz *acaboclado* de muita intelligencia. Fulano casou-se com uma rapariga *acaboclada*.

Acajú, *s. m.* antigo nome tupi do *Cajú*.

Acará (1º), *s. m.* (*Bahia, R. de Jan.*) o mesmo que *Acarajé*.

Acará (2º), *s. m.* nome vulgar de diversas especies de peixes, tanto do mar, como dos rios. || *Etym.* E' voc. tupi. Tambem dizem *Cará* (2º).

Acarajé, *s. m.* (*Bahia, R. de Jan.*) especie de comida feita de massa de feijão cozido, tendo a fôrma de bolas, e fritas em azeite de dendê com pimenta malagueta (*Capsicum sp.*). Tambem lhe chamam *Acará*. Distingue-

se do *Abará* em ser mais apimentado e não ser envolto em folhas de bananeira (Alberto). || *Etym.* E' voc. da lingua yorúba (Neves Leão).

Acassá, *s. m.* (*Bahia, R. de Jan.*) especie de bolo de arroz ou de milho moído em pedra, fermentado ou não, cozido em ponto de gelatin inconsistente e envolto, emquanto quente, em folhas verdes de bananeira dobradas em fôrma rectangular, de modo a ficar o bolo protuberante no centro e achatado para as bordas. Esta comida, oriunda da Africa, achase de todo vulgarisada entre as familias bahianas, as quizes d'ella se servem á guiza de pirão para comer o *Vatapá* e *Carurú*, ou dissolvida ligeiramente em agua e assucar, como bebida refrigerante e substancial, a que chamam *Garapa de Acassá*, mui aconselhada ás mulheres que amamentam. Ha tambem o *Acassá de leite*, que é em ponto menor, somente de futá de arroz com assucar e leite de côco, cozido em ponto menos consistente como uma gelatina tremula e mui grata ao paladar (Alberto). || Em Pernambuco dão ao *Acassá* o nome de *Pamonha de garapa*. || Nas colonias francezas da America dão a certo preparado de mandioca o nome de *Cassavé*, que parece pertencer ao mesmo radical.

Acauân, *s. m.* especie de ave de rapina (*Falco cachinans* Lin. ex Mart.) que ataca particularmente os Ophidios. || *Etym.* E' voz onomatopáica derivada do canto dessa ave. || Tambem lhe chamam *Macauân*.

Acayá, *s. m.* (*Mat.-Gros.*) o mesmo que *Cajá*.

Acoiteiras, *s. f. plur.* (*R. Gr. do S.*) ponta das redeas com que o cavalleiro açoitava o cavallo (Coruja). || *Etym.* Deriva-se do voc. americano-hespanhol *Azotera*, que significa açoitave, especie de disciplinas de varios ramos presas ás redeas do freio, e com que se supprime o chicote, para fazer apressar o passo ás cavalgadas (Valdez).

Acolherar, *v. tr.* (*R. Gr. do S.*) ajoujar, atrelar entre si os animaes, sobretudo os cavallos, por meio da *colhêra* (Coruja). || *Etym.* Do castelhano *acollarar*.

Açougueiro, *s. m.* proprietario de um açougue, carneiro.

Acuéra, *adj. m. e f.* (*Pará*) antigo, velho, abandonado, extinto. Applica-se a cousas passadas em tempo mais ou menos remoto, mas cujos vestígios ainda existem. || *Etym.* E' voc. do dialecto tupi do Amazonas. Os aborígenes d'aquella região dão o nome de *oca-acuéra* a uma casa que de velha cahiu em ruínas. || Ha casos em que *acuéra* pôde ser empregado como adverbio, significando *antigamente*.

Afurá, *s. m.* (*Bahia*) bolo do tamanho de uma laranja ordinaria feito de arroz fermentado moído em pedra, o qual, diluido em agua adoçada, forma uma bebida refrigerante usada entre os naturaes da Africa pertencentes á nacionalidade dos Nagós (Alberto). E' quasi o mesmo que o *Mócórôró* do Maranhão. || *Etym.* E' voc. da lingua yorúba (Neves Leão).

Agaúchado, *adj.* (*R. Gr. do S.*) que tem habitos de *Gaúcho* (Cesimbra).

Aggregado, *s. m.* lavrador pobre, que, em falta de terras proprias, se estabelece nas fazendas alheias, com permissoes dos respectivos proprietarios, mediante condições que variam de um logar para outro. || Em algumas provincias do norte, estende-se esta denominação a toda a sorte de empregados livres que um proprietario tem a seu serviço, para os trabalhos da lavoura, da pescaria e occupações domesticas. Nestes casos equivale ao que nas provincias meridionaes chamam *Camarada*.

Aguachado, *adj. m.* (*R. Gr. do S.*) diz-se do cavallo que, depois de muitos mezes de repouso, se acha mui gordo e descansado, e como tal improprio para uma longa marcha.

|| *Etym.* Deriva-se de *Guácho*, ao qual se assemelha o cavallo bem tratado (Zorob. Rodrigues).

Aguapé, *s. m.* nome que dão ás diversas especies de vegetações que se criam á superficie dos lagos e outras aguas mortas. || *Etym.* E' voc. commum a todos os dialectos da lingua tupi. || Moraes não o menciona. No seu artigo AGUA, encontra-se *Agua pé*

significando uma especie de vinho mui aguado e fraco, produzido pela mistura da agua com o succo da uva já expremida. Aulete escreve *Agua-pé*, tanto no sentido portuguez, como no sentido brasileiro da palavra, e neste ultimo caso é erro manifesto.

Aguatá, *v. intr.* (*Littoral*) o mesmo que *auatá*.

Agulhas, *s. f. pl.* (*R. Gr. do S.*) pedaços de carne unidos ao osso do espinhaço do boi. Cada pedaço desse osso com a carne correspondente é o que se chama *Agulhas* (Coruja).

Ahiva, *adj. m. e f.* (*S. Paulo, Paraná*) mau, ruim, sem valor, sem prestimo. || *Etym.* E' voc. tupi. || Tambem se pronuncia *ahiba*. Algum uso ainda se faz deste adjectivo n'aquellas provincias. No Paraná perguntando eu a um rustico como se achava de saude, respondeu-me: A's vezes bem e ás vezes *ahiva*.

Aicuna!, *int.* (*R. Gr. do S.*) expressão de admiração: *Aicuna!* que valente militar (Cesimbra).

Aipim, *s. m.* (*Provs. merid.*) planta brasileira da familia das Euphorbiaceas (*Manihot Aypi*), cuja raiz assada ou cozida é excellente alimento. Em Pernambuco e d'ahi até o Pará lhe chamam *Macaxeira*. || *Etym.* Do tupi *Aipi*, que Montoya e Léry escreveram *Aypi*.

Airí, *s. m.* (*R. de Jan.*) Palmeira do gen. *Astrocaryum* (*A. Ayri*). || *Etym.* E' voc. tupi. || Em São-Paulo lhe chamam *Brejáhuba*.

Alagadiceiro, *adj.*, boi alagadiceiro é o que come as hervagens e pastos dos alagadiços (Moraes). Este auctor não menciona a provincia em que é usual este voc., e contenta-se em dizer que é termo do Brazil. Aulete não trata d'elle; e eu pela minha parte declaro que nunca o ouvi pronunciar.

Alagoano, *a*, *s.* natural da provincia de Alagoas: Os *Alagoanos* são mui dados á agricultura. || *adj.*, que pertence áquella provincia: A lavoura *alagoana* consiste principalmente na cultura da canna d'assucar e do algodão.

Alambrádo, *s. m.* e *adj.* (*R. Gr. do S.*) terreno cercado por meio de fios de arame: Tenho um extenso *alambrado*. Aquelle campo *alambrado* pertence ao meu vizinho. || *Etym.* E' voc. importado das republicas platinas e cujo radical é *Alambre*.

Alambrar, *v. tr.* (*R. Gr. do S.*) cercar um terreno com fios de arame.

Alcádo, *adj.* (*R. Gr. do S.*) amontado. Diz-se dos gados e outros animaes domesticos que se mettem pelos mattos, e vivem desgarrados á laia de animaes bravios. || *Etym.* Provavelmente origina-se do verbo *alçar-se*, que, entre outras significações, tem a de levantar-se, rebelar-se, sublevar-se; ou do verbo castelhano *alzarse*, que tambem significa retirar-se, apartar-se de algum sitio, o que cabe bem ao gado amontado. || No Piauí e outras provincias do norte dão, neste caso, ao gado bovino o nome de *barbatão*; e em Alagoas e sertões da Bahia dizem á portugueza *amontado*, ou, incorrectamente, *montado*.

Alcagüete, *s. m.* e *f.* (*R. Gr. do S.*) alcoviteiro (Cesimbra). || *Etym.* Do castelhano *Alcahuete*. Com a mesma significação ha em portuguez *alcaioite*, *s. m.* e *alcaioita*, *s. f.* Sem a menor duvida, tanto em uma como em outra lingua, são vocabulos derivados de um radical commum.

Aldéia, *s. f.* nome especial das povoações compostas exclusivamente de aborigenes, quer vivam submissos ao regimen civilizado, quer vivam independentes nos sertões. || *Etym.* E' o nome portuguez de povoação rustica (Aulete). || No Paraná, dão á aldeia dos aborigenes o nome de *toldo*; e no valle do Amazonas o de *malôca*. No Brazil chamam simplesmente *Povoação* áquillo que corresponde á *Aldeia* de Portugal.

Aldéiamento, *s. m.* o mesmo que *Aldeia*: A' margem esquerda do rio existe um importante *aldeiamento* de indios bravios. || Acto de reunir em aldeia os aborigenes que vivem dispersos: O governo trata do *aldeiamento* dos indios que vivem errantes nas margens do Araguaçu.

Aldéiar, *v. tr.* reunir em aldeia os indios que vivem dispersos.

Alfafa, *s. f.* nome vulgar da luzerna (*Medicago sativa*). || *Etym.* Do castelhano *Alfalfa*.

Alibambádo, *adj.*, preso ao Libambo; acorrentado. || Este voc. cahiu completamente em desuso.

Alibambar, *v. tr.* prender ao Libambo; acorrentar. || Este voc. cahiu completamente em desuso.

Alotadôr, *s. m.* (*Provs. do N.*) cavallo de lançamento, a cujo cargo fica um lote de eguas: E' bom *alotador* aquelle cavallo que impede a dispersão das eguas (Meira). || No R. Gr. do S. lhe chamam *Pastor*.

Alotar, *v. tr.* (*Provs. do N.*) exercer a necessaria vigilancia para impedir que se dispersem as eguas que formam um lote, a cargo de um cavallo de lançamento (Meira).

Alqueire, *s. m.* (*Provs. merid.*) medida agraria de dimensão variavel. No R. de Jan. é de 10.000 braças, quadradas = 4,84 hectares; no Paraná e S. Paulo é de 5.000 braças quadradas = 2,42 hectares. Em certos municípios do R. de Jan. e Minas-Geraes ha alqueires de outras dimensões.

Aluá, *s. m.* bebida refrigerante feita de arroz cozido, assucar e sumo de limão. Tambem a fazem de *subá* de milho. || No Ceará preparam o *Aluá* com a farinha do milho torrado e assucar (J. Galeno). || No Maranhão dão a uma bebida semelhante o nome de *Môcorôro*; em S. Paulo o de *Caramburú*; e em Pernambuco o de *Quimbembé*. || *Etym.* De *Ualua*, voc. da lingua bunda que se applica a uma especie de cerveja feita de milho e outros ingredientes (Capello e Ivens). Segundo estes illustres viajantes, tambem lhe chamam *quimbombo* e *garâpa*, conforme ao terras. || Moraes e outros lexicographos escrevem *Aloá*. Lacerda consagra um artigo a *Aloa* e outro a *Aluá*. São da maior extravagancia as etymologias com que enfeitam os artigos respectivos. Aulete não menciona este vocabulo.

Alvarenga, *s. f.* (*Pern. Bahia, Maranhão, Pará*) especie de lancha grande de pouco pontal, de que usam

para embarque e desembarque do carregamento de navios, e transporte de materiaes pesados. Corresponde, quanto ao effeito, à *Gabarra* e *Batelão* de Portugal, e ao *Saveiro* do R. de Jan. || *Etym.* Como appellido de familia, *Alvarenga* é nome tanto portuguez como hespanhol. Com outra qualquer significação, não o encontro em dictionario algum. Só Vieira o menciona com a significação que tem no Brazil. Aulete não trata delle de modo algum. Não duvido que fôsse algum senhor Alvarenga que instituisse esse genero de transporte e dahi lhe provenha o nome.

Amadrinhar, *v. tr.* (Prov. merid.) acostumar uma tropa de animaes muars a viver em companhia de uma egua, á qual dão por isso o nome de *madrinha*, e a acompanhala nas viagens. || (R. Gr. do S.) acostumar os cavallos a persistirem junto da *egua madrinha* (Coruja). || (*Riba-Tejo, em Portugal*) é jungir o touro com um boi manso, afim de afazel-o ao trabalho (Aulete).

Amarrar, *v. tr.* (R. Gr. do S.) ajustar ou apostar corridas de cavallos. Feito o ajuste, e ás vezes com papel de trato, fica a corrida *amarrada*. No mesmo sentido, tambem dizem *atar uma carreira* (Coruja). || *Etym.* é verbo portuguez tomado neste caso em acceção figurada.

Amazoniense, *s. m. e f.* natural da provincia do Amazonas: Na industria extractiva consiste principalmente a riqueza dos *Amazonienses*.

|| *adj.* que pertence áquella provincia: O commercio *amazoniense* está em via de prosperidade. || No sentido o mais geral o voc. *Amazoniense* cabe a toda a região banhada pelo Amazonas, comprehendendo desta sorte as nossas duas provincias do Pará e Amazonas e parte da republica vizinha do Perú.

Ambrosnato, *s. m.* (*Serg.*) especie de creme (Villas-Boas).

Ambrosô, *s. m.* (*Pern.*) especie de comida feita de farinha de milho, azeite de dendê, pimenta e outros temperos (S. Roméro). || *Etym.* Devemos crer que ao sabor primoroso desta comida deve ella o nome que tem. Não sei porém se os ingredientes que en-

tram na sua composição justificam a sua comparação com a Ambrosia dos deuses.

Ameixa, *s. f.* nome que, acompanhado sempre de algum epitheto, se dá a diversas fructas, embora não tenham a menor afinidade com as plantas do genero *Prunus*, que nos vieram da Europa; taes são: a *Ameixa* de Madagascar (*Flacourtia Ramonitchi*) da fam. das Bixineas; *Ameixa* da terra (*Ximenia americana*) da fam. das Olacineas; *Ameixa* do Japão a que tambem chamam *Ameixa amarella* e *Ameixa* do Canadá (*Eriobotrya japonica*) da fam. das Rosaceas; *Ameixa* de Porto-Natal (*Carissa Carandas*) da fam. das Apocineas; *Ameixa* do Pará, do gen. *Eugenia*, fam. das Myrtaceas; e outras mais.

Amendoeira, *s. f.* nome vulgar da *Terminalia Catappa*, arvore exotica, geralmente cultivada no Brazil, como planta ornamental, e de cujas fructas são mui avidas as crianças. A verdadeira amendoeira (*Amygdalus communis*) é escassamente cultivada nas Prov. merid.

Amendoim, *s. m.* o mesmo que *Mandubí*.

Amilhar, *v. tr.* (Prov. merid.) tratar os animaes a milho, isto é, dar-lhes rações regulares deste cereal.

Amistosamente, *adv.* amigavelmente. || *Etym.* De amistoso.

Amistoso, *adj.* amigavel. || *Etym.* E' voc. castelhano.

Amocambádo, *adj.* o mesmo que *aquilombádo*.

Amocambar, *v. tr.* o mesmo que *aquilombar*.

Amostrinha, *s. f.* (R. de Jan.) especie de tabaco de pó.

Anacân, *s. m.* (Pará) especie de ave pertencente á familia dos Psittacideos, ordem dos Trepadores.

Ananaz, *s. m.* fructa do Ananazeiro (*Ananassa sativa*) da familia das Bromeliaceas, indigena do Brazil e em geral da America intertropical, e não da Asia, como erroneamente o dizem Moraes, Aulete e outros auctores. || *Etym.* Do tupí *Naná* (Voc. Braz., Thevet). Os Guaranís lhe chamavam *Naná* (Montoya). Léry escreveu *Ananas*.

Andáca, *s. f.* (Pern.) o mesmo que *Trapoeiraba*.

Andadôr, *s. m.* (R. Gr. do S.) o mesmo que *esquipadôr*.

Andadúra, *s. f.* (R. Gr. do S.) o mesmo que *esquipádo*.

Andiróba, *s. f.* (Pará) fructa oleosa da Andirobeira (*Carapa gujanensis*) da familia das Meliaceas. || *Étym.* E' corruptela de *Jandi-róba*, que, em lingua tupi, significa *oleo amargo*.

|| Na Bahia e outras provincias do norte ha outra planta chamada indifferentemente *Andiróba*, *Jandiróba*, e *Nhandiróba*, pertencente ao genero *Fevillea* da familia das Cucurbitaceas, e cuja fructa tem as mesmas propriedades que a antecedente.

Andorinha, *s. f.* (R. de Jan.) especie de carro destinado ao transporte de mobillias.

Andú, *s. m.* (Bahia) o mesmo que *Guando*.

Angareira, *s. f.* (Bahia) pequena rêde rectangular de malhas miudas, com as cabeceiras cosidas em pequenas varas em que seguram os canoeiros e fixam no fundo da canôa, para nella baterem as tainhas, quando saltam por cima da rêde que as cerca, e cahirem dentro da canôa (Camara).

Angaturâma, *s. m.* (Valle do Amaz.) espirito protector dos selvagens Muras. || *Étym.* E' vocabulo da lingua tupi, significando franco e liberal, synonymo de *Moçacôra* (Voc. Braz.), appellidos estes que davam os Tupinambás ás pessoas bemfazejas e hospitaleiras. Em guaraní dizem, no mesmo sentido, *Angaturá* e *Angaturana*, palavra composta de *Anga-catiú-rana*, significando *cousa semelhante a boa alma*, formosa, de boa apparencia, e, por metaphora, honrado, principal (Montoya).

Angú, *s. m.* especie de massa feita de farinha de mandioca cozida em panella ao lume, e serve, á guisa de pão, para se comer com carne, peixe e mariscos. Tambem lhe chamam *Pirão*. *Angú* de milho ou de arroz é a massa identicamente feita do *subá* destas gramineas. *Angú de mandioca* *puba* é aquella que se faz com a mandioca fermentada, depois de sovada em

gral. *Angú de quitandeira*, no R. de Jan., é o nome de uma comida, que consiste em *Angú*, a que se ajunta qualquer iguaria bem apimentada, temperada com azeite de dendê, e muito do gosto dos gulosos. || Em Pernambuco dão o nome de *bolão de angú* á porção d'elle arredondado, que se vende com guisado de carurú, que é o conducto (Moraes).

Anguhite, *s. m.* (Maranhão) especie de comida semelhante ao *carurú*.

Anguzáda, *s. f.* nome que dão a qualquer phenomeno moral em que se observa a maior confusão. Uma sociedade que se reune com determinado fim, e se compõe de membros de opiniões oppostas, sem se poderem entender, forma uma *Anguzáda*. E' a sarrabulhada dos Portuguezes, no sentido figurado.

Anguzô, *s. m.* (Pern.) especie de esparregado deervas, semelhante ao *carurú*, que se come de mistura com o *angú*.

Anhanga, *s. m.* nome generico do diabo na lingua tupi, e do qual são especies o *Curupira*, *Jurupari*, e *Tagoayba* (Voc. Braz.). || Em Minas-Geraes as amas tiram proveito do *Anhanga*, para compôr os contos com que entretêm os meninos (Couto de Magalhães).

Anhúma, *s. f.* nome commum a duas especies de aves ribeirinhas do genero *Palamedea* (*P. cornuta* e *P. Chavaria*). || No valle do Amazonas lhe chamam *Inhuma* (Baena).

Anínga, *s. f.* (Pará) especie de Aroidea que cresce á beira dos rios e lagos, e produz uma fructa comestivel (Baena). || E' provavelmente o *Philodendron arborescens*.

Anóque, *s. m.* (R. Gr. do S.) especie de apparelho destinado á fabricação da decoada. Consiste em um couro quadrado preso lateralmente a quatro varas mais curtas que os lados respectivos, e assentadas sobre quatro forquilhas, de sorte a formar uma concavidade onde se deita o liquido (Coruja).

|| Em outras partes do Brazil chamam a isso *Bangüê* || *Étym.* E' vocabulo portuguez, e designa nos cortumes a valla ou tanque onde se maceram os

couros para se pellarem ou descabelarem (Moraes).

Anta, *s. f.* nome vulgar do *Tapirus americanus*, mamífero da ordem dos Pachydermes, indigena do Brazil e de outras partes da America meridional, e do qual se conta mais de uma especie. || *Etym.* Anta é o nome europeu de um Ruminante de especie grande pertencente ao genero *Cervus* (*C. Alce*). Os Hespanhoes e Portuguezes o impuzeram, bem desacertadamente, ao nosso pachyderme, o qual tinha na lingua tupi o nome de *Tapira*. V. este nome.

Antân, *adj.* voc. tupi significando *duro*. Só se manifesta nos nomes de certas madeiras notaveis pela sua rigidez, como *Ubantân*, *Jacarendâtân*, *Inhuitântân*, etc. || Este *adj.* varia muito de forma de um para outro dialecto: no Guarani *Hatã*, *Tatã* (Montoya); no antigo tupi de norte *Santan* (*Dic. Port. Bras.*); e ainda actualmente dizem *Santã* no dialecto amazoniense (Sellas).

Anú (1º), *s. m.* nome commum a duas especies de aves trepadoras do genero *Crotophaga*: Anú-guassú, Anú-mirim. || Ha tambem, com o nome de *Anú-branco* ou *Alma-de-gato*, uma ou mais especies pertencentes ao genero *Cuculus*.

Anú (2º), *s. m.* (*R. Gr. do S.*) nome de uma das variedades desses bailes campestres a que chamam geralmente *Fandango* (Coruja).

Apáras, *s. f. plur.* (*Provs. do N.*) o mesmo que *Raspa*.

Apendoar, *v. intr.* (*diversas Provs. do N.*) manifestar-se o pendão do milho: Meu milharal começa a *apendoar* (B. Homem de Mello). || *Obs.* Segundo Moraes, o verbo *apendoar*, hoje antiquado, significava d'antes ornar, guarnecer com pendões: Apendoar as naus. Aulete nem sequer o menciona. || Na Bahia, em relação ao milho, dizem *pendoar* (Aragão); e em Portugal *embandeirar-se* o milho (Moraes, Aulete).

Aperéa, *s. f.* nome vulgar de uma especie de pequeno mamífero do genero *Cavia* (*C. Aperéa*) da ordem dos Roedores. || *Etym.* E' vocabulo tupi, vulgarmente usado sob a forma *Préd.*

Apicú, *s. m.* o mesmo que *Apicum*.

Apicum, *s. m.* nome que dão aos alagadiços que se formam no littoral com os transbordamentos do mar, nas occasiões da enchente da maré. || *Obs.* na lingua tupi, *Apécú* significa lingua (orgão principal da falla). Montoya o menciona com a mesma significação e tambem com a de guelra de peixe, *pirá-apécú*. Não descubro n'isto a etymologia do nosso vocabulo. || Tambem dizem *Apicú*.

Aplastrádo, *adj.* (*R. Gr. do S.*) o mesmo que *abombado*. || *Etym.* Do verbo castelhano *aplastar*, significando amassar, machucar, esmagar, achatar (Valdez). Tomam-o em accepção figurada.

Aporreado, *adj.* (*R. Gr. do S.*) diz-se do cavallo mal domado, ou que não se tem conseguido domar: Cavallo aporreado (Cesimbra). || *Obs.* O verbo aporrear é tanto portuguez (Moraes) como castelhano (Valdez), no sentido de espancar. Aulete não o menciona.

Apuáva, *adj.* (*R. Gr. do S., Paraná*) o mesmo que *arud*.

Aquerenciar-se, *v. pr.* (*R. Gr. do S.*) afeiçãoar-se, acostumar-se, a um certo e determinado logar. Dizem isto especialmente dos animaes. Tambem se diz que um animal está *aquerenciado* com outro, quando se acostumou a viver com elle e o acompanha a toda a parte. || *Etym.* Do castelhano *aquerenciarse* (Coruja).

Aquilombádo, *adj.* refugiado em quilombo. Tambem se diz, no mesmo sentido, *amocambado*.

Aquilombar, *v. tr.* reunir em quilombo escravos fugitivos: Aquelle malvado conseguiu *aquilombar* grande numero de escravos, e tem com elles praticado toda a sorte de attentados. || *v. pr.*, occultar-se, refugiar-se em quilombo: Os escravos *aquilombaram-se* no deserto, além da serra. || Tambem se diz *amocambar*, *amocambar-se*.

Araân ! *int.* (*Pará*) expressão de saudade ou de surpresa agradável (B. de Jary). || *Etym.* E' voc. do dialecto tupi do Amazonas. || *Obs.* Em guarani, *arad* tem referencia a soffrimentos produzidos por febres (Montoya).

Araçá. V. *Arassá*.

Aração, s. f. (*Serg.*) fome excessiva. || Acto de comer com precipitação: Que aração! diz-se de um menino ou de qualquer pessoa que devora as pressas seu prato de comida (S. Roméro).

Araçari. V. *Arassari*.

Aracambuz (1.º), s. m. (*Bahia*) cruzeta feita de paus encavilhados nos bordos da jangada, onde descansa a verga da mezena (Camara).

Aracambuz (2º), s. m. (*Alagoas, Pern., Ceará*) armação de paus fincados nos da jangada, com um no centro com forquilha, onde penduram os utensilios da pesca. || No Ceará chamam *Espeques* aos paus que formam o *Aracambuz* (Camara).

Aracati, s. m. (*Ceará*) nome que na ribeira de Jaguaribe dão ao vento do nordeste, que, no verão, entre sete e oito horas da noute, apparece de repente e com grande força. || Este nome foi dado pelos Pitagueres, e depois passou a designar a povoação, hoje cidade de Aracati (Thomaz Pompeo).

Arádo, a, adj. (*Serg. e outras Provs. do N.*) esfomeado, esfaimado: Depois de muitas leguas de marcha, cheguei à minha casa *arado* (S. Roméro). || Tambem se diz *esgurido* (João Ribeiro).

Aranquân, s. m. e f., o mesmo que *Araquân*.

Arapapá, s. m. (*Provs. do N.*) ave de ribeirinha, pertencente ao genero *Cancroma* (*C. cochlearia*). || *Etym.* E' voc. tupi.

Araponga, s. f. ave do genero *Chasmarrynchus* (*C. nudicolis*) da ordem dos Passeres, notavel pelo som metalico do seu canto. Em Minas-Geraes lhe chamam *Ferrador*. || *Etym.* E' corruptela de *Guirapong*, voc. tupi composto de *Guirá*, ave, e *pong*, onomatopéa do canto ruidoso dessa ave.

Arapuca, s. f. especie de armadilha para apanhar passaros. || *Etym.* Considero-a palavra tupi; mas não a vi ainda mencionada em obra alguma relativa àquella lingua. || No valle do Amazonas dizem *Urapuca* (Seixas).

Araquân, s. m. e f. nome commum a tres especies de Gallinaceas, sendo uma do genero *Penelope*, e duas do genero *Ortallida*. || *Etym.* E' voc. tupi. || Tenho ouvido pronunciar tambem *Aranquân*.

Arára, s. f. nome commum a diversas especies de aves do gen. *Ara*, da familia dos Psittacideos, ordem dos Trepadores.

Arará, s. m. (*R. de Jan.*) nome que dão ao Cupim sexual (*Termita*), cujos enxames, em certa época do anno, sahem a voar, com o fim de propagar a especie.

Ararúna, s. f. especie de Arára, de cor azul ferrete. || *Etym.* E' voc. tupi significando *Arára preta*.

Arassá, s. m. fructa do *Arassazeiro*, nome commum a diversas especies de plantas do genero *Psidium*, da familia das Myrtaceas. || *Etym.* E' voc. tupi. || Geralmente se escreve *Arapá*; mas eu prefiro a orthographia que adoptei, a qual fica ao abrigo dos erros a que a outra tem dado logar.

Arassanga, s. f. (*Ceará*) cacete curto de que usam os jangadeiros, para matar o peixe já ferrado no anzol, quando chega perto da jangada, para poder collocal-o sobre ella, sem perigo (Camara).

Arassari, s. m. nome commum a diversas especies de aves do genero *Pteroglossus* da ordem dos Trepadores.

|| *Etym.* E' voc. tupi. || Geralmente se escreve *Araçari*; mas essa orthographia tem dado logar a se escrever *Aracari*, como ainda o faz *Aulete*.

Aratáca, s. f. especie de armadilha para apanhar animaes silvestres.

|| *Etym.* E' voc. da lingua tupi (*Vasconcellos*). || Em guarani dizem *Aratag* (*Montoya*). || *Obs.* As dimensões desta armadilha dependem da dos animaes que se pretende apanhar, e as ha com destino a capiváras, veados, porcos e até onças.

Aratanha, s. f. (*Piauí*) vacca de pequena estatura (*Alencastre*). || Ha no Ceará a serra de Aratanha; mas isto não me explica a origem do vocabulo. || Na provincia de Alagoas é o nome vulgar, não só de uma especie de camarão de corpo pequeno, com as duas

patas dianteiras mui desenvolvidas, como igualmente de uma especie pequena de sapo tambem chamado *entanha* (B. de Maceió). Será por uma comparação burlesca que se terá dado no Piahy o nome de *Aratanha* às vaccas de pequena estatura?

Araticú, *s. m.* fructa do Araticuzeiro, de que ha diversas especies pertencentes ao genero *Anona* e *Rollinia*, da familia das Anonaceas. || *Ety m.* E' voc. tupi.

Aratú, *s. m.* especie de caranguejo do genero *Grapsus*, o qual vive nos mangues.

Araxá, *s. m.* alto chapadão, plateau (Couto de Magalhães). Eis o que a respeito deste vocabulo nos diz o illustre auctor do *Seleagen*: « A palavra *Araxá* é tupi e guarani, vem das duas raizes *ara*, dia, e *xá* ver: dão o nome de *Araxá* à região mais alta de um systema qualquer, como sendo a primeira e ultima ferida pelos raios do sol, ou a que por excellencia vê o dia; essa palavra no portuguez, como nome de logar, é nome do mais alto pico da Tijuca, e de uma cidade de Minas; eu o aceito em falta de vocabulo portuguez, que exprima a idéa com a mesma precisão ». O illustre auctor não nos indica a região do Brazil em que é usual este vocabulo, nem eu o tenho podido descobrir, apesar das diligencias a que tenho procedido, interrogando neste sentido a naturaes de nossas diversas provincias. O que sei e o que todos sabem é que ha em Minas Geraes a cidade de Araxá, cuja etymologia interessou muito o sabio Saint-Hilaire, sem resultado satisfactorio. Quanto ao pico mais alto da Tijuca, se lhe dão realmente o nome de *Araxá*, o que aliás nunca me constou, não lhe pôde de modo algum caber, por causa de sua forma conica, a definição do *chapadão* dos Brazileiros, do *plateau* dos Francezes, nem tampouco do *planalto* dos Portuguezes. Esta questão interessa tanto a etymologia, como a geographia, e eu desejaría vel-a bem elucidada. Entretanto direi que um nosso distincto viajante, o Dr. Severiano da Fonseca, serviu-se amplamente do vocabulo *Araxá* na sua *Viagem ao redor do Brazil*.

Araxixú, *s. m.* (*S. Paulo*) nome tupi da Herva-Moura (*Solanum sp.*).

Arayaué! *int.* (*Valle do Amaz.*) expressão de aborrecimento causado pela repetição enfadonha de qualquer noticia já de todos sabida: Arayaué! tu me canças com a narração de um facto, que ninguem mais ignora. || Corresponde à phrase vulgar *morreu o Neves* (B. de Jary).

Ariranha, *s. f.* mamífero do gen. *Lutra*, a que os Tupinambás chamavam *Areran*, e são maiores que outra especie congénere, a que davam o nome de *Jaguarapeba*, e nós o de *Lontra*.

Armarinheiro, *s. m.* (*R. de Jan.*) proprietario de um armario. || E' aquillo a que chamam em Lisboa *Capellista*.

Armarinho, *s. m.* (*R. de Jan.*) casa de negocio em que se vendem miudezas, como cadarços, linhas, agulhas, sabonetes e outros objectos de pequeno valor. Corresponde ao que na Bahia chamam *Loja de capellista*; em Pernambuco *Loja de miudezas*; e em Lisboa *Loja de capella*. || *Obs.* D'antes cabia bem a esses estabelecimentos a denominação que lhes dão no Rio de Janeiro, porque eram, com effeito, lojas de pequenas dimensões, como aquellas que ainda se observam em diversas ruas, e principalmente no começo da rua do Hospício; hoje porém tornou-se ella extensiva a grandes estabelecimentos, onde, a par de toda a sorte de miudezas, se encontram objectos de luxo, para o vestuario das senhoras.

Arrastão, *s. m.* rede de *arrastão* é a rede varredora, a rede de arrastar, que apanha grande quantidade de peixe, tendo todavia o inconveniente de trazer à praia, de envolta com o peixe grande, o peixe ainda pequeno, que se não aproveita.

Arreganhar, *v. intr.* (*R. Gr. do S.*) cerrar os queixos o cavallo cançado, de tal sorte que não se lhe pôde tirar o freio, além de que lhe bate fortemente o coração e distendem-se-lhe as ventas. Isto acontece ao cavallo que sujeitaram a uma viagem forçada em dia de grande calor. Com muito descanso pôde ainda o cavallo *arreganhado*

prestar-se a exercicios moderados, mas nunca a serviço rigoroso.

Arreios, *s. m. pl. (R. Gr. do S.)* no sentido de jaezes, é este vocabulo perfeitamente portuguez; mas os *Arreios* usados naquella provincia differem dos que são geralmente empregados para apparellhar as cavalgadas. A sella é substituida por um conjunto de peças sobrepostas umas ás outras nas costas do animal. Estas peças são: o suadouro, a xerga, a carona, o lombilho, a cincha, o coxonilho ou pellego, a badana, a sobrecincha ou cinchão. Este modo de arrear os animaes é certamente muito mais complicado que o da sella ordinaria; mas, além de outras vantagens que lhe attribuem, tem ainda mais a de servir de cama ao cavalleiro, em falta de cousa melhor. Para isso estende de certo modo estas peças no chão, serve-lhe de cabeceira o lombilho, cobre-se com aquella especie de capa a que chamam poncho, e assim dormem.

Arriadôr, *s. m.* o mesmo que *Arriero*.

Arrieiro, *s. m.* gerente de uma tropa de animaes de carga. O bom *Arrieiro* deve reunir um certo numero de conhecimentos praticos, que o tornem habil na sua especialidade. Seus deveres são inspecção diariamente os animaes, antes e depois do trajecto do dia; curar os que estão doentes; *atalhar* as cangalhas; manter a boa ordem nas marchas; examinar os maus passos para os evitar; escolher os pousos; e, finalmente, commandar os demais empregados da tropa. || Em Portugal o *Arrieiro* é um simples conductor de bestas de cargas ou de cavalgadas, ou que se occupa em alugar (Aulete).

Arrincoar, *v. tr. (R. Gr. do S.)* metter animaes em um rincão. || *Etym.* E' verbo de origem castelhana (Coruja). || Em portuguez se diz arrincoar, mas é pouco usado (Moraes, Aulete).

Arroz-de-Aussá, *s. m. (Bahia)* especie de comida, que consiste em arroz cozido sem tempero, e sobre o qual se deita carne-seca frita em bocadinhos e molho de pimenta (Loyola). || *Etym.* Deve, sem duvida, seu nome a ser uma comida dos negros da nação Aussá.

Arroz-de-Cuxá, *s. m. (Marranhão)* é o arroz simplesmente cozido, que se come de mistura com o *Cuxá* (D. Braz).

Arruadôr, *s. m. (R. de Jan.)* empregado municipal que tem a seu cargo fazer com que nas edificações se attenda sempre á melhor direcção que deve ter a rua, impedindo que as casas a construir saiam fora do alinhamento. || Em Portugal, a palavra *Arruador* se applica ao vadio quebra-esquinas, amotinador (Aulete). || Em Pern. e Par. do N. ao *Arruador* municipal chamam *Cordeador*.

Aruá, *adj. (R. Gr. do S., Paraná)* desconfiado, espantadiço, indocil. applica-se aos cavallos inquietos, que não se deixam facilmente apanhar, e antes correm quando os vão prender. No mesmo sentido dizem *fuá*, *apuava* e *puáva*. || *Etym.* Em guarani ha *aruá* e *háruá* com a significação de danoso, tendo tambem por synonymos noivo, pernicioso, além de outras accepções, que deixarei de citar, por não terem relação alguma com o vocabulo *aruá*, qual o empregamos no Brazil. Quanto a *apuava* e *puáva*, não lhes pude descobrir a etymologia, bem que me pareçam de origem guarani.

Arubé, *s. m. (Pará)* o mesmo que *Uarubé*.

Arupemba, *s. f. (Serg.)* corruptela de *Urupemba*.

Assahí, *s. m. (Valle do Amaz.)* Palmeira do gen. *Euterpe (E. oleracea)* de que ha mais quatro especies determinadas (*Flor. Bras.*). Tambem lhe chamam, em algumas regiões do Brazil, *Jissára*, *Jussára* e *Palmito*. Com a polpa da fructa macerada em agua, fazem uma especie de alimento, a que chamam tambem *Assahí*, ao qual juntam assucar e farinha de tapioca ou de mandioca, e passa por ser nutriente e é agradável á generalidade dos paladares, apesar de um certo gosto herbaceo, que repugna aos novatos. || *Etym.* Do tupi *Vassahi*, nome ainda mui usado, tanto no Valle do Amazonas, como na provincia de Matto-Grosso.

Assentada, *s. f. (R. Gr. do S.)* partida falsa, ou pequena corrida dada do ponto de partida, pelos cavallos

parelheiros, antes de começarem a correr. E' de costume haver primeira, segunda, terceira e às vezes mais *assentadas* conforme o trato com que se *amarrou* a carreira (Coruja). || *Obs.* Ha m parte vez o vocabulo *assentada*, que nenhuma relação tem com o vocabulo rio-grandense. || *Etym.* Derivação do verbo assentar, no sentido de convencionar, ajustar, convir, etc.

Assolear, v. intr. (R. Gr. do S.) fatigar-se, por ter andado ao sol ou em dia de calor. Diz-se do animal, principalmente se é gordo. E' quasi o mesmo que *assonsar* (Coruja). || *Etym.* Do castelhano *asolear*.

Assonsar, v. intr. (R. Gr. do S.) é quasi o mesmo que *abombar*, mas não tanto (Coruja).

Assú, adj. o mesmo que *guassú*.

Ata, s. f. (Ceará, Maranhão, Pará) fructa da Ateira, planta do genero *Anona* (*A. squamosa*) da familia das Anonaceas. Nas colonias francezas chamam-lhe *Atte*; no Rio de Janeiro *Fructa do conde*; na Bahia e Pernambuco *Pinha*.

Atalhar, v. tr. (S. Paulo, Minas-Geraes, Goyaz e Mat.-Gros.) concertar as cangalhas, de modo que não firam os animaes. E' obrigação dos arrieiros ou arriadores. || *Obs.* Ha na lingua portugueza o verbo atalhar com a significação de cortar, interromper, embarçar, estorvar, impedir, encurtar o caminho, e em todos estes sentidos é tambem usado no Brazil; mas, em relação ao serviço das cangalhas, é expressão exclusivamente brasileira.

Atapú, s. m. (Ceará) o mesmo que *Uatapú*.

Atar, v. tr. (R. Gr. do S.) o mesmo que *amarrar* (Coruja).

Atarahú, s. m. (Ceará) furor: Neste meu *atarahú*; isto é, quando me acho em estado de furor (Araripe Junior).

Atílo, s. m. (Par. do N., R. Gr. do N.) o mesmo que *Cãibro*.

Atolêdo, s. m. (S. Paulo) atoleiro.

Atopilhar, v. tr. (R. Gr. do S.) reunir cavallos em tropilha (Coruja).

Aturá, s. m. (Pará) especie de cesto conico ou cylindrico de perto de dous metros de altura, servindo nas roças para transportar mandioca e outros quaesquer productos ruraes. Parecem-se com os poceiros, de que usam os vindimadores de Portugal. Tambem pronunciam *Uaturá* (Baena).

|| *Etym.* Do dialecto tupi do Amazonas (Couto de Magalhães, Seixas), e tem por synonymo *Urussacanga*. || *Obs.* Usam trazê-lo às costas, suspenso por uma embira passada entre a testa e o alto da cabeça, e tambem nos hombros (J. Verissimo).

Auatá, v. intr. andar, caminhar.

|| *Etym.* E' voc. puramente tupi. Heje porém o empregam exclusivamente em relação à caçada dos *Ussás* ou carangueijos dos mangues, os quaes, em certa estação do anno, sahem das tocas e andam errantes estonteadamente, o que facilita muito a sua apprehensão: dizem então que os carangueijos andam *auatá*. Em linguagem tupi se diz indifferentemente *auatá* ou *aguatá*. Não posso porém affirmar que esta segunda forma seja ainda usual em alguma parte do littoral.

Avestruz, s. m. (R. Gr. do S.) V. *Ema*.

Axi!, int. (Pará) expressão de tédio ou repugnancia para com alguma cousa ou dito desagradavel (B. de Jary). Corresponde ao portuguez *apre! fóra!* Tambem dizem *Eae!*

Ayuára, s. f. (Pará) o mesmo que *Úyára*.

Azeite-de-cheiro, s. m. (Bahia) azeite de dendê fabricado no paiz, por um processo differente do da Africa.

Azeite-de-dendê, s. m. oleo extrahido da fructa do Dendzeiro (*Elaeis guineensis*). E' aquillo a que os Portuguezes chamam *oleo de palma*.

Azulêgo, adj. (R. Gr. do S.) cavallo oveiro, de pintas miudinhas brancas e pretas, o que de longe o faz parecer azul, e constitue uma variedade rarissima (Coruja). || *Etym.* Originã-se da palavra azulêjo, que é tanto portugueza como castelhana. *Azulego* não é senão o arremedo da pronuncia hespanhola.

Bába-de-bôí, *s. f.* (*R. de Jan.*) o mesmo que *Jerivá*.

Bába-de-môça, *s. f.* especie de doce li uido feito com o sumo do côco da Bahia.

Bábado, *s. m.* fôlho, no sentido de tiras em pregas, com que se guardam saias, vestidos, toalhas, cobertas de cama, etc.

Babaquára, *s. m. e f.* o mesmo que *Caipira*.

Bacába, *s. f.* (*Valle do Amaz.*) palmeira do genero *Ænocarpus* (*Æ. Bacaba*). Ha mais deste genero sete especies conhecidas, e entre ellas o *Batauí* ou *Patauí* (*Flor. Bras.*).

Bacabáda, *s. f.* (*Pará*) especie de alimento feito com a fructa da palmeira *Bacaba*, preparada pelo mesmo processo do *Assahí*.

Bacalhau, *s. m.* azorrague feito de couro cru trançado, com varias pernas, e com o qual se castigavam os escravos. || *Obs.* Como expressão portugueza, tambem usual no Brazil, *Bacalhau* é o nome de uma bem conhecida especie de peixe do genero *Gadus*, de que se fazem grandes salgas nos mares do norte da America e da Europa. Ao azorrague deste nome chamam *Pirahi* em Minas-Geraes (Müller Chagas), vocabulo tupi, cujo radical é *Pira*, couro ou pelle.

Bacarahí, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) nome que dão ao feto da vacca, que é morta em estado de prenhez, e que muita gente aproveita, como alimento appetitoso. || *Etym.* Composto hybrido de *baca* (vacca) e *tai* (filho, na lingua guarani). No Paraguay dizem *mbacurái* (Montoya), cuja traducção litteral é *filho da vacca*.

Bacayúba *s. f.* (*Mat.-Gros.*) o mesmo que *Macahúba*.

Bacuparí, *s. m.* nome commum a diversas especies de arvores fructíferas, pertencentes a generos differentes. No *R. de Jan.* é uma *Garcinia* da familia das *Guttíferas* (*G. Brasiliensis*); em *Goyaz* uma *Sapotacea* (*Saint-Hil.*).

Bacuráu, *s. m.* especie de ave nocturna, pertencente talvez ao genero *Caprimulgus*. || *Etym.* E' nome onomatopaeico, derivado do seu canto.

Bacurí, *s. m.* nome vulgar da *Platonia insignis*, arvore da familia das *Guttíferas*, notavel pela belleza do seu porte, pela sua utilidade como madeira de construcção, e pela excellencia de sua fructa.

Bacuriparí, *s. m.* (*Valle do Amaz.*) nome vulgar de uma arvore fructifera, pertencente á familia das *Guttíferas*.

Bacussú, *s. m.* (*Bahia*) canôa grande, cuja *cangalha* ou supplemento acima da borda, prolonga-se de ré a vante (*Camara*).

Badána, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) pelle macia lavrada, que se põe por cima do coxonilho (*Coruja*). || *Etym.* Este vocabulo é tanto portuguez como castelhano; e em uma e outra lingua significa uma carneira com que se cobrem os livros. Segundo *Moraes* e *Aulete*, applicam-o tambem á ovelha velha e magra que já não páre. Figuradamente, carne magra; e finalmente os alentos dos capellos das freiras. Como se vê, tem este vocabulo na nossa provincia uma significação mais restricta. Mas *Valdez* contenta-se em dizer que a *badana* é uma pelle cortida de carneiro ou ovelha.

Baguál, *s. e adj. m.* (*R. Gr. do S.*) cavallo indomito, que vive independente de qualquer sujeição: Um *bagual* ou um cavallo *bagual*. || *Etym.* E' voc. da America hespanhola; e, segundo *Salvá*, oriundo das *Antilhas* (*Zorob. Rodrigues*). || Ao boi que vive nas mesmas condições do cavallo *bagual* dão o nome de *chinarrão* (*Coruja*).

Bagualáda, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) manada de baguaes (*Coruja*).

Baguari, *s. m.* (*Mat.-Gros.*) especie de ave do genero *Ciconia* (*C. Maguari*). No *Pará* lhe chamam *Maguari*.

Bahia, *s. f.* (*Mat.-Gros.*) nome que dão a qualquer lagôa que se communica com um rio, por meio de um canal mais ou menos espaçoso: *Bahia Negra*. *Bahia* de *Mandioré*, etc. || Nas demais provincias do Brazil, lhe dão o nome portuguez de lagôa, quer tenham, quer não, communicação com os rios ou com o mar.

Bahião, a (1^o), *s. e adj.* natural ou pertencente à provincia da Bahia. Tambem dizem *Bahiense*.

Bahiano, a (2^o), *s. m.* (*Piauhy*) o mesmo que *Caipira*. || *Etym.* E' provavel que se dê esse nome aos habitantes do campo, por serem considerados descendentes daquelles naturaes da Bahia, que, depois da descoberta do territorio do Piauhy, primeiro se estabeleceram nelle, e alli fundaram fazendas de criação.

Bahiano (3^o), *s. m.* (*Ceará*) o mesmo que *Baião*.

Bahiense, s. e adj. m. e f. o mesmo que *Bahiano* (1^o).

Baiacú, s. m. especie de peixe do genero *Tetraodon*, da familia *Gymnodontida* (V. de Porto-Seguro). E' peixe venenoso; entretanto, havendo quem o saiba preparar convenientemente, torna-se comestivel, sem o menor receio. Ha outra especie a que chamam no Rio de Janeiro *Baiacú-ará*, o qual não tem o inconveniente do primeiro. || *Etym.* E' nome tupi.

Baião, s. m. (*Ceará*) especie de divertimento popular, a que tambem chamam *Bahiano* (3^o), e consiste em danças e cantos ao som da musica instrumental. (J. Galeno). || *Etym.* Talvez seja este vocabulo a corruptela de *Bailão*, termo portuguez que significa bailador, ou a alteração de *Bahiano*, e neste caso deveriamos escrever *Bahião*.

Baixáda, s. f. valle, planicie pequena entre duas montanhas. No Rio Grande do Sul tambem lhe chamam *Canhada*. || *Etym.* E' clara a origem portugueza deste vocabulo. Aulete o menciona como termo brasileiro.

Baixeiro, adj. (*R. Gr. do S. Pará, S. Paulo*) suadouro-baixeiro é o que se põe sobre o lombo do cavallo por baixo dos arreios; carona-baixeira é a que se põe, quando a quem usar, por baixo da xerga (Coruja). || Na Parahyba do Norte e outras provincias daquella região chamam cavallo baixeiro aquelle cujo andar é baixo (curto) e não adianta muito: Meu cavallo é bom baixeiro (Meira).

Báa, s. f. (*R. de Jan. e Provs. merid.*) pequena pelota de assucar refinado em ponto vitreo e envolto em

papel. E' o que em Portugal e no Pará chamam *Rebuçado*; na Bahia, *Queimado*; em Pernambuco, Alagóas e outras provincias do norte, *Bôla*. || *Etym.* Este confeito deve, sem duvida, seu nome á forma arredondada que lhe davam antigamente. Hoje ha *Balas* de todos os feitios.

Balaíada, s. f. nome que deram á revolta chamada tambem *dos Balaíos*, que houve no Maranhão em 1839.

|| *Rad.* Balaio, nome do chefe daquella revolta.

Baláio, s. m. (*Pará*) farnel, no sentido de provisões de bocca que cada um leva consigo, por occasião de uma viagem, em passeio ao campo, etc.

|| *Etym.* Como é provavel que sirva em geral de meio de conducção essa especie de cesto a que chamamos *balaio*, devemos pensar que neste caso toma-se o conteúdo pelo continente.

Balsêdo, s. m. (*Maranhão*) vegetação fluctuante composta de herva Muriri, cujas raizes, emmaranhando-se fortemente, cobrem grandes extensões dos rios e vão até a veia d'agua. Tambem lhe chamam *Tremedal*. || *Rad.* Balsa. || *Obs.* O *Balsêdo* do Maranhão é analogo ao *Aguapé* das outras provincias.

Bambá, s. m. (*Bahia*) sedimento que fica no fundo do vaso em que fabricam essa variedade de azeite de dendê a que chamam azeite-de-cheiro.

Bambão, s. m. (*Alagóas*) nome vulgar do pedunculo interno da jaca, fructa da jaqueira (J. S. da Fonseca). Na Bahia lhe chamam *Manguxo* (Aragão).

Bambáquerê, s. m. (*R. Gr. do S.*) nome de uma das variedades desses bailes campestres a que chamam geralmente *Fandango* (Coruja).

Bambê, s. m. (*R. de Jun.*) matto estreito, que, a guiza de cerca, se deixa entre uma roça e outra, como linha divisoria.

Banco-da-véla, s. m. (*Ceará e outras Provs. do N.*) é o banco que serve para sustentar o mastro da grande e unica véla da jangada (J. Galeno).

Banco-de-governo, s. m. (*Ceará e outras Provs. do N.*) é o banco

colocado na pópa da jangada, e em que se assenta o mestre (J. Galero).

Bandeira, *s. f.* expedição armada, mais ou menos numerosa, que, sob a direcção de um chefe, se dirige aos sertões, com o fim de os explorar, ou de castigar os selvagens, cujas excursões prejudicam os estabelecimentos civilizados. D'antes era seu destino principal aprisionar selvagens e reduzi-los á escravidão. || No interior da Parahyba do Norte, e provavelmente nas provincias circumvisinhas dá-se o nome de *Bandeira* a uma leva de trabalhadores contratados por um só dia, para executar algum trabalho rural. Chama-se a isso *botar uma Bandeira*: Botei uma *Bandeira* para acabar a limpa do matto (Meira). Equivale neste sentido a *Muxirom*.

Bandeirante, *s. m.* individuo que faz parte de uma *Bandeira* encarregada de explorar os sertões incultos.

Banguê, *s. m.* homonymo brasileiro com cinco significações: 1.^a (*R. de Jan., S. Paulo, Minas - Geraes, Goyaz e Mat.-Gros.*) especie de liteira rasa com tecto e cortinado de couro, conduzida sobre varaes por duas bestas, uma adiante e outra atraz, servindo para transportar em viagem enfermos, mulheres e crianças. A isso chamam liteira nas provincias do norte; e mas em São-Paulo dão o nome de liteira a uma especie de palanquim com assentos fronteiros, levados por bestas á maneira do *Bangiê*. Para os enfermos é o *Banguê* muito mais commodo, porque lhes serve de cama, quer durante a marcha, quer durante as paradas. 2.^o (*R. de Jan.*) ladrilho das tachas, por onde correm nos engenhos de assucar as espumas que transbordam, por occasião da fervura, quando se tem de ajudar as caldeiras, ou quando o fogo é mui intenso. 3.^o (*Bahia e outras Provs. do N.*) especie de padiola grosseira, para conduzir terra para as construcções (Aragão). 4.^o (*Provs. do N.*) padiola de conduzir cadaveres. 5.^o (*Provs. merid. e centr.*) apparelho de couro em forma de côche para curtir pelles, ou para fazer decoadas, e neste caso corresponde ao que chamam *Anôque* no R.

Gr. do S. || *Obs.* Segundo Aulete, este vocabulo, que elle escreve *Banguê*, com a erronea pronuncia de *Banghé*, tem a significação de «fornalha em que se collocam as talhas (tachas quiz dizer) nos engenhos de assucar no Brazil; e liteira rasa, coche de couro (na India). Ha em tudo isto muita confusão.

Banguêlê, *s. m.* (*Minas-Geraes*) briga, desordem (G. Müller).

Bângula, *s. f.* (*R. de Jan.*) o mesmo que *Calungueira*. || Aulete, indicando este vocabulo como brasileiro, erra na pronuncia escrevendo *Bangula*. *Bângula* será o nome de uma ave africana, por elle citada.

Banhádo, *s. m.* charco encoberito pela hervagem.

Banzar, *v. intr.* ficar pensativo e em estado de cogitação sobre qualquer noticia ou acontecimento que não é de facil explicação. Tambem admitto a definição de Moraes: *Pasmor de pena e magua* || *Etym.* Tem a sua origem no verbo *Cu-banza* da lingua bunda, que significa pensar (Capello e Ivens). || Para quem conhece bem a significação deste verbo, é elle mui expressivo, e não lhe reconheço equivalente na lingua portugueza. || *Obs.* Aulete o menciona como termo popular, o que me faz suppor que é usual em Portugal.

Baquára, *adj.* (*Pern.*) experto, diligente, sabido: José é um *baquára* que se sahe bem de tudo aquillo que emprenhe (Sousa Rangel). || *Etym.* Não encontro este vocabulo no *Dic. Port.-Braz.*; e nada posso aventurar sobre a sua origem. Em guarani *Baquá*, syn. de *Cabaquá*, tem diversas significações, todas ellas no sentido de actividade. Assim é que uma phrase em que figura este vocabulo é traduzida do seguinte modo: *con sus porfias alcançò de mi lo que quiso* (Montoya), o que está de accordo com o sentido que lhe dão em Pernambuco.

Baqueão, *s. m.* e *adj.* o mesmo que *Vaqueão*.

Barangandân, *s. m.* (*Bahia*) collecção de ornamentos de prata, que as crioulas trazem pendentes da cintura nos dias de festa, principalmente na do Senhor do Bom-Fim.

Barbaquá, *s. m.* (*Paraná*) especie de cançada ou grade feita de varas sobre forquilha, usada antigamente em Curitiba, para a preparação da heriva mate. Tinha por fim este aparelho facilitar a *sapéca* (chamuscadura) dos ramuseos e folhas da Congonha (*Ilex paraguayensis*). || *Obs.* Saint-Hilaire entra em todos os detalhes relativamente à serventia deste aparelho. Não me deterei neste assumpto, porque o *Barbaquá*, não só cahiu em desuso, como até no esquecimento, depois que outros meios se empregam na preparação do mate. || *Etym.* É termo da America hespanhola (Valdez). Montoya, que, como Valdez, escreve *Barbacoa*, o traduz em guarani por *Taquá pëmbi*, isto é, grade de taquáras.

Barbatão, *s. m.* (*Sertões de algumas Provs. do N.*) nome que dão ao gado bovino, que, não tendo sido assinalado com o carimbo da fazenda a que pertence, e criando-se nos matlos, se torna bravo. É o que no R. Gr. do S. chamam *gado alçado* ou *chimarão*. Equivale ao portuguez *amontado*, expressão conhecida e geralmente usada no Brazil.

Barbella, *s. m.* (*S. Paulo*) o mesmo que o *barbicacho* do R. Gr. do S. (B. Homem de Mello). || *Etym.* É vocabulo portuguez, com diversas significações, e entre ellas a de cadeia de ferro que guarnece por baixo a barbada do cavallo, e vai prender de cada lado nas câibas do freio (Aulete). Neste sentido é vocabulo geralmente usado no Brazil.

Barbicacho, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) cordão trançado, cujas pontas cosidas no chapéo, o prendem ou seguram à pessoa que o traz, passando por baixo da barba (Coruja). || *Etym.* É termo castelhano usual em Extremadura, Andaluzia e outras provincias da Hespanha (Valdez). É tambem palavra portugueza, no sentido de cabeçada de corda para bestas (Aulete). || *Obs.* Em São Paulo dão ao *barbicacho* do R. Gr. do S. o nome de *barbella*.

Barcáca, *s. f.* (*Pern. e outras Provs. do N.*) especie de embarcação costeira destinada ao transporte de mercadorias, e tem as velas como a

das jangadas. || *Etym.* É termo portuguez, significando, em geral, barca grande (Aulete). || Dão tambem esse nome a uma embarcação com aparelho proprio para virar de carena os navios, devendo ter menos pontal que o navio que for virar e o lastro necessario (*Dic. Mar. Braz.*).

Barrigueira, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) peça que faz parte da cincha, e é a que passa pela barriga do animal (Coruja). || *Etym.* Do castelhano *Barriguera*.

Barrôso, *adj.* (*R. Gr. do S.*) o mesmo que *branco*, com applicação exclusiva ao boi ou vacca: Um boi *barroso*. Uma vacca *barrosa* (Coruja). || Em portuguez o adj. *barroso* significa barrento. Segundo Valdez, *barroso* é o epitheto dado ao boi entre branco e vermelho, ou de um branco escuro. Tanto basta para sabermos que é vocabulo castelhano, que nos veiu das nossas vizinhas, as republicas platinas.

Basbáque, *s. m.*, nome que dão ao homem que está espiando o cardume de peixe junto das armações, para lhe lançar a rede em cerco (Moraes, Aulete). || Nunca ouvi este vocabulo, com semelhante significação.

Basto, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) especie de lombilho de cabeça mui rasa e pequena (Coruja). || *Etym.* É vocabulo castelhano. || Em portuguez o termo *baste*, significa sella que se põe nas cavalgadas, que transportam as peças, os cofres e os reparos de artilharia de campanha (Aulete).

Batalhão, *s. m.* (*Bahia, Serg.*) o mesmo que *Muxirom* (B. de Gremoabo, Ramos).

Batató, *s. m.* (*S. Paulo*) nome vulgar da fructa de uma arvore do gen. *Lucuma* (*L. Beauverperei, Rauhjar et Glas.*) da familia das Sapotaceas. || *Etym.* É evidentemente de origem tupi; mas vacillo muito quanto à sua significação primitiva. Pôde acontecer que seja a corruptela de *ybá-tatá*, fructafôgo, por causa de sua côr rubra, ou a de *ybá-tatan*, fructa dura, fructa empedernida.

Batatão, *s. m.* (*Par. do N.*) o mesmo que *Boitató*.

Batauá, *s. m.* (*Mat.-Gros.*) o mesmo que *Patauá*.

Batelão, *s. m.* (*Bahia*) canôa curta e com grande bocca e pontal em relação a seu tamanho. Em Matto-Grosso dão esse nome a uma pequena canôa (*Camara*).

Batepandé, *s. m.* (*Serg.*) jogo da cabra-cega, com que se divertem as crianças (João Ribeiro).

Batueira, *s. f.* (*Rio de Jan.*) o mesmo que *Batuera*.

Batuera, *s. f.* (*R. de Jan.*) sabugo do milho, depois de descascado. || *Etym.* Da lingua tupi *Abatiuêra*, palavra composta, significando *milho extinto*. Em guarani, *Abati-guê*, tem a significação de *espiga de maiz sin grano* (*Montoya*). || *Obs.* Também pronunciam *Batueira*. || Na Bahia chamam a isso *Capuco* e *Papuco*; e no Maranhão *Tambueira* (2°).

Bazuláque, *s. m.* (*Alagoas*) o mesmo que *Sambongo*. || Em Portugal *Bazulaque* é termo burlesco significando homem mui gordo (*Aulete*).

Bebida, *s. f.* (*Pern. e outras Prov. do N.*) nome que dão a certos e determinados mananciaes ou depositos de agua pluvial, onde costumam beber os animaes, quer domesticos, quer silvestres. Na estação da sêcca, quando é geral a falta d'agua, são as *Bebidas* logares idoneos para as caçadas, pela multidão de aves e outros animaes que alli se reúnem. || *Etym.* Em linguagem portugueza chamam a isso *Bebedouro*.

Beijú, *s. m.* especie de filhó feita de tapiôca e também da massa da mandiôca, e cozida ao forno da farinha. Ha portanto o *Beijú de tapiôca* e o *Beijú de massa*, e a este dão no Pará o nome de *Beijú-xica*. No R. de Jan. chamam-lhe communmente *Bijú*. Variam de forma, e os ha quadrados, circulares, enrolados como cartuxos, etc. Servem á guisa de biscoutos com o chá, café, caldo ou outra qualquer bebida. Aquecidos ao fogo e temperados com manteiga, adquirem um sabor mui agradável. Segundo G. Soares e Baena, é o *Beijú* invenção das mulheres portuguezas, e serviram-lhes de modelo as filhós

feitas de farinha de trigo. Ha outras variedades de *Beijú*, a que chamam no R. de Jan. *Sôla* e *Malampansa* ou *Manampansa*; em Pern. e Alagoas *Tapiôca*, *Beijú de côco* e *Beijú-pagão*; e em Serg. e Alagoas *Malcassá* ou *Malcasado*. Ao *Beijú de côco* chamam em Serg. *Sarapô*. || Erra *Aulete* em tudo quanto diz a respeito do *Beijú*. Não é um bolo, nem tampouco lhe chamam também *Miapiata*, nome completamente desconhecido na linguagem vulgar do Brazil, e que é visivelmente o estropeamento do vocabulo tupi *Miapé-antan*, cuja traducção litteral é *pão duro*, ou *biscoito*. || *Etym.* E' vocabulo commum aos dialectos tupi e guarani. Os Tupinambás do Brazil davam o nome de *Beijú* a uns certos pães de milho pisado que elles guardavam de muitos dias nos juráus, e de que se serviam para a fabricação de uma especie de *cauhi*, a que chamavam *Beitung-y* (*Voc. Braz.*). Em guarani o termo *Mbeiu*, além de outras significações, tem em castelhano o de *torta* (bolo) de mandiôca (*Montoya*).

Beijú-assú, *s. m.* (*Pará*) o mesmo que *Catimpueira*.

Beijúpirá, *s. m.* peixe do gen. *Elacate* (*E. americana*), e o mais estimado do Brazil (*V. de Porto-Seguro*). || *Etym.* E' voc. tupi (*G. Soares*).

Belchior, *s. m.* (*R. de Jan.*) commerciante de toda a sorte de objectos velhos. || *Etym.* Este nome provém de um individuo chamado *Belchior*, que primeiro estabeleceu na cidade do R. de Jan. uma casa com destino a essa especie de commercio.

Bemzinho-amôr, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) nome de uma das variedades desses bailes campestres, a que chamam geralmente *Fandango* (*Coruja*).

Benção-de-Deus, *s. f.* (*Ceará*) especie de bailado popular (*Ara-ripe Junior*).

Bérne, *s. m.* larva de certa especie de insecto que penetra na pelle dos gados, cães e outros animaes, e até na do homem, e alli se cria e lhes pôde determinar a morte, se a não extrahem

em tempo. || *Etym.* Parece-me que esta palavra não é mais do que a corruptela de *Verme*. Os povos da lingua tupi lhe chamam *Ura* (*Dic. Port. Braz.*).

Biatatá, *s. m.* (*Bahia*) o mesmo que *Boitatá*.

Bibóca, *s. f.*, barranco, excavação formada ordinariamente por enxurradas ou movimento de aguas subterraneas, de sorte a tornar o transitio, não só incommodo, como até perigoso, sobretudo ás escuras: Depois das ultimas chuvas ficou a estrada cheia de *bibócas*. || Em Pernambuco e outras provincias do norte tambem dizem *Bobóca*. || *Etym.* Alteração do tupi *Ybybóca*, significando *Yby* terra e *Bóca*, abertura ou fenda. No Guarani *ibibog* (*Montoya*). || Tambem dão o nome de *Bibóca* a qualquer terreno brenhoso de difficil transitio. || *Fig.*, casinha de palha (*B. Homem de Mello*).

Bicão, *s. m.* (*Bahia*) o mesmo que *Matame*.

Bicha, *s. f.* (*Pern. e outras Provs. do N.*) o mesmo que *Manduréba*.

Bichádo, *a*, *adj.* bichoso: Esta fructa está *bichada*.

Bichar, *v. intr.* encher-se de bichos a fructa ou outra qualquer cousa: Este anno as guayabas *bicharam* muito. O feijão *bicha*, quando o plantam em estação impropria. O madeiramento da minha casa *bichou* completamente.

Bichará, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) nome que dão ao poncho de lã grossa com listras brancas e pretas ao comprido. Tambem lhe chamam *Poncho de Mostardas*, por serem feitos em uma povoação deste nome, onde se criam muitos carneiros (*Coruja*). || No Mexico dão o nome de *Picha* a uma manta de lã ordinaria (*Valdez*). Será essa a origem remota do nosso *Bichará*?

Bicheira (1^o), *s. f.* ferida nos animaes, com bichos, que são as larvas de certos insectos, que nelles depositam seus ovos.

Bicheira (2^o), *s. f.* (*Ceará*) grande anzol preso a um cacete, com que se puxa o peixe pesado para cima da

jangada, afim de não quebrar a linha (*J. Galeno*). Em portuguez lhe chamam *Bicheiro*.

Bichôco, *adj.* (*R. Gr. do S.*) diz-se do cavallo que fica com os pés inchados, por falta do exercicio. || Em Portugal dão o nome de *Bichôca* a um pequeno leicção (*Aulete*). Em castelhano o *adj. bichoso* designa aquelle que anda com difficuldade, por padecer de calos.

Bico, *s. m.* (*R. de Jan.*) o mesmo que *Matame*.

Bicuhíba, *s. f.* nome commum a diversas especies de plantas do genero *Myristica* da familia das *Myristicaceas*. Tambem lhes chamam *Bucuhíva*. || *Etym.* São voc. de origem tupi.

Biguá, *s. m.* Palmipede do genero *Carbo* (*C. brasiliensis*). || *Etym.* E' voc. tupi.

Bijú, *s. m.* (*R. de Jan.*) o mesmo que *Beijú*.

Bilontra, *s. m.* (*R. de Jan.*) pessoa abjecta, que frequenta os botequins, as más companhias e particularmente as mulheres de má vida, das quaes se torna o correspondente.

Binga, *s. f.* (*sertão da Bahia*) chifre. || *Etym.* E' vocabulo da lingua bunda, o qual se acha incluído em um vocabulario que organizei em 1844, segundo as informações que me foram dadas por um infeliz africano reduzido á escravidão e chegado de sua patria havia poucos mezes. Entretanto, *Cappello* e *Ivens*, no *Vocabulario* annexo á sua obra, traduzem chifre por *n'guela*. Certamente esta synonymia é o resultado de uma differença dialectica. *Aulete* nada diz sobre esta palavra; *Moraes* porém menciona *Binga* como significando uma especie de picarra, segundo a *Historia Nautica*, que elle cita, sem nos dizer comtudo em que paiz é isto.

Biríba, *s. f.* (*Bahia*) cacete. || *Etym.* Provém este nome da arvore *Biriba* (*Lecythis*?) de cujas hastes se fabrica este instrumento. || Na provincia das Alagôas chamam *Embiriba* á mesma arvore; e semelhantemente dão ao cacete desta especie o nome de *Embiriba* (*B. de Maceió*).

Biribá, *s. m.* fructa do Biriba-zeiro, planta do genero *Rollinia* (*R. cuspidata?*) da familia das Anonaceas.

Biroró, *s. m.* (*R. de Jan.*) especie de *Beijú* feito de massa de mandioca, temperada com assucar e herva doce, e torrado no forno da farinha.

Bobinête, *s. m.* (*Pará*) nome que dão ao filó.

Bóbó, *s. m.* (*Bahia*) especie de comida africana, mui usada na Bahia, a qual é feita de feijão-mendubi, alli chamado feijão-mulatinho, bem cozido em pouca agua, com algum sal, e um pouco de banana da terra quasi madura. Reduzido o feijão a massa pouco consistente, juntam-lhe por ãm azeite de dendê, em boa quantidade, para o comerem só, ou encorporado com farinha de mandioca. Ha tambem o *Bóbó de inhame*, em que o feijão é substituido pelo tuberculo deste nome (Alberto). || No *Pará*, *Bóbó* é o rome vulgar do pulmão do gado talhado, e vendido com os demais miudos nos açongues (J. Verissimo).

Bóbóca, *s. f.* (*Pern. e outras Provs. do N.*) o mesmo que *Bibóca*.

Bocayúba, *s. f.* (*Mat. Gros.*) o mesmo que *Macahiba*.

Bocaina, *s. f.* (*S. Paulo*) nome que dão à depressão de uma serra ou cordilheira, quando a escarpa desta parece abrir-se, como formando uma grande bocca, que facilita o accesso ao plano superior ou chapada (B. Homem de Mello). || (*R. de Jan.*) bocca de um rio menos consideravel que a barra principal (V. de Souza Fontes). || (*Pará*) entrada de um canal ou de um rio (B. de Jary). || *Obs.* *Bocaina* e *Boqueirão*, originando-se do mesmo radical *bocca*, têm a maior parte das vezes a mesma significação.

Boccal, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) peça de prata, que circunda o lóro na parte inferior, immediata ao estribo (Coruja). || *Obs.* O termo *Boccal* em Portugal, além de outras significações, que são tambem usues no Brazil, serve para designar a peça do freio que entra na bocca do animal.

Bochinche, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) divertimento chifrin proprio da

plebe, especie de batuque. || *Etym.* E' vocabulo da America hespanhola significando alvoroto, assuada (Valdez).

Bócó (1^o) *s. m.*, o mesmo que *Mócó* (2^o).

Bócó (2^o) *s. m.*, o mesmo que *Mané*.

Bócório, *s. m.*, o mesmo que *Mané*.

Boi-espáço, *s. m.* (*Serg.*, *Piahy e outros Provs. do N.*) loi, cujos chifres são mui abertos. Tambem dizem *chifres espaços* (J. Coriolano).

Boitatá, *s. m.* (*S. Paulo, R. Gr. do S.*) fogo fatuo || Na *Par.* do *N.* dizem *Batatão*, e na *Bahia Biatatá* (Valle Cabral). || *Etym.* Todos estes vocabulos têm a sua origem no termo tupi *Mbaé tatá* que significa cousa-fogo (*Anchieta*).

Bóla, *s. f.* (*Pern., Alagoas e outras Provs. do N.*) o mesmo que *Bala*.

Bolão, *s. m.* (*Pern.*) *Bolão de Angú* é a porção d'elle arredondado, que se vende com guizado de carurú, que é o conducto (Moraes).

Bolapé, *s. m.* (*R. Gr. do S., Paraná*) nome com o qual se designa um váu, quando o rio está tão cheio que mal o póde atravessar o cavallo sem nadar. Neste caso dizem que o rio está de *bolapé*. || *Etym.* Este vocabulo tem a sua origem no castelhano *volapié*. Segundo Valdez, *volapié* é uma locução adverbial significando «a meio vôo, parte andando, parte voando, sem poder assentar o pé com firmeza». E' analogamente o que acontece ao animal que atravessa um rio, cujo váu não é bem pronunciado, e no qual, se não ha nado completo, ha todavia agua bastante para que o pé do cavallo não assente com firmeza no fundo do rio.

Bólas, *s. f. plur.* (*R. Gr. do S.*) arma de apprehensão, de que se servem, não só os camponezes desta provincia, comò os de outras partes da America para deter o cavallo ou boi que fuge a correr. Consiste ella em tres *guascas* (tiras de couro) de pouco mais de 66 centimetros de comprido, presas entre si por uma das extremidades, e as outras terminam por pedras esphéricas *retovadas* (forradas) de couro, sendo uma

dellas de menor dimensão, e é chamada *Manica*. E' nesta que pega o *Boleador* para *bolear* o animal, atirando-a de modo que se enrosquem todas nas pernas delle, e o impeçam de se mover.

Boleadôr, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) homem destro no manejo das Bolas.

Bolear, *v. tr.* (*R. Gr. do S.*) deter um animal em sua carreira, atirando-lhe as *Bolas* aos pés.

Bolear-se, *v. pr.* (*R. Gr. do S.*) deixar-se o cavallo cahir com o cavalleiro (Coruja).

Boliche, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) taberninha de pouco sortimento e de pouca importancia (Cesimbra). || *Ety m.* E' germanismo usual na Hespanha (Valdez), e tambem no norte do Chile e na costa do Perú e Bolivia com a significação de *bodêga* (Zorob. Rodrigues).

Bolina, *s. f.* (*Ceará*) nome que dão á taboa que se colloca na parte média da jangada, junto ao banco da vela, e serve para cortar as aguas e evitar que ella descaia para sota-vento (J. Galeno).

Bomba, *s. f.* (*Pern., Par. do N.*) bueiro ou cano subterraneo, por meio do qual correm as aguas de um lado a outro da estrada ou rua, sem prejudicar o transitio. Neste sentido o termo *Bomba*, que tem aliás em portuguez muitas significações, não deve ser empregado na linguagem official, como tem acontecido e o tenho visto em mais de um documento. || (*R. Gr. do S., Paraná*) tubo delgado por meio do qual se toma o mate; e é guarnecido na parte inferior, que se introduz na *Cuia*, por uma esphera ôca crivada de buraquinhos, por onde passa o liquido, sem trazer consigo as particulas da herva.

Bombear, *v. tr.* (*R. Gr. do S.*) espionar, explorar o campo inimigo, para lhe conhecer a força, os recursos e os designios. || Andar na côla de alguém, espreitar os actos de outrem de quem se desconfia: Encarreguei meu filho de *bombear* certo devedor meu, a ver se elle pretende realizar a sua viagem, antes de me pagar. || E' vocabulo usual tambem na America meridional hespanhola (Valdez). || *Ety m.* Deriva-se de *Bombeiro*, no sentido de

espião, e não é mais do que a corruptela de *Pombear*.

Bombeiro, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) espião; explorador do campo inimigo; espreitador das acções de outrem para lhe conhecer os intentos. || *Ety m.* Não é mais do que a corruptela de *Pombeiro*, pelo metaplasmo do *P* em *B*. Sob a fôrma *Bombero*, é este vocabulo usual nas republicas platinas, e é probabilissimo que se introduzisse alli, quando nossas tropas guarneciam o territorio que constitue hoje a Republica Oriental do Uruguay.

Bonde, *s. m.* carro do systema americano, que, por meio de tracção animal, percorre, sobre trilhos de ferro, as ruas e estradas. O estabelecimento deste systema de rodagem no Rio de Janeiro, no anno de 1868, coincidiu com uma grande emissão de *bonds* do thesouro publico, objecto que occupava então a attenção de todos. Houve quem se lembrasse de dar o nome de *bondes* a esses vehiculos, e esse nome foi geralmente adoptado. Hoje ha empresas de *bonds* em quasi todas as provincias do Brazil.

Bonêca, *s. f.* espiga de milho em flor.

Bonecar, *v. intr.* (*Bahia*) espigar o milho: O meu milharal já começa a *bonecar*. || Em portuguez ha o verbo transitivo *embonecar*, com a significação de enfeitar, adornar como se faz a uma boneca (Aulete).

Bongar, *v. tr.* (*R. de Jan.*) catar, buscar, procurar um a um objectos quaesquer: Fui ao pomar, e tanto *bonguei* que pude achar uma duzia de laranjas. || *Ety m.* Do verbo da lingua bunda *cu-bonga*, significando apanhar (Capello e Ivens).

Boquinha, *s. f.* beijinho. || Moraes o menciona como termo brasileiro. Aulete apenas o emprega na seguinte locução: « A' *boquinha* da noute, isto é, quando principia a anoutecer », locução que é tambem usual no Brazil.

Boré, *s. m.* (*Ceará*) especie de trombeta grosseira feita de madeira ou de alguma especie de bambú, usada pela plebe nos seus batuques. || *Ety m.* E' voc. de origem tupi, usado tambem no dialecto guarani.

Bórócótó, *s. m.* (*Bahia, Pern. Piahy, Mat.-Gros.*) terreno escabroso, obstruído de calhaus, excavações, alti-baixos e outros quaesquer accidentes que embarçam o transitio. || *Etym.* A generalidade deste vocabulo, em provincias tão afastadas umas das outras, me faz pensar que elle tem a sua origem na lingua tupi ou outra qualquer lingua indigena; nada porém me auctorisa a resolver a questão. || Também pronunciam *Brócótó*.

Borracháda, *s. f.* (*Mat.-Gros.*) clyster. || *Etym.* Provém de serem as seringas ordinariamente feitas de borracha; mas esse nome prevalece, qualquer que seja a materia de que se faça esse instrumento.

Borrachão, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) chifre apparelhado para conduzir agua ou outro qualquer liquido, sendo tapado na parte mais larga e aberto na mais estreita, onde se colloca a rolha. Alguns são feitos com primor (Coruja). || *Obs.* O vocabulo é portuguez como augmentativo de Borracha; mas, tanto em Portugal como no Brazil, tem tambem a significação de beberão.

Botóque, *s. m.* rodella de madeira, com a qual certas hordas de selvagens do Brazil guarnecem o beicho inferior e as orelhas préviamente furados desde a infancia; e d'onde lhes vem o nome de *Botocudos*. || *Etym.* O nome desta rodella provém da sua semelhança com a rolha grosseira com que se tapa o orificio das pipas. A essa rolha dão em portuguez o nome de *Batoque*; porém, segundo Moraes, é mais correcto *Botóque*. || *Obs.* Os Tupinambás davam o nome de *Metára* (*Voc. Braz.*) ou *Tametára* (*Dic. Port. Braz.*) ás rodellas de pedra que traziam no beicho.

Branca, *s. f.* (*Ceará*) o mesmo que *Mandurêba*.

Brançarãna, *s. f.* (*Maranhão*) mulata clara. || *Etym.* E' palavra hybrida, composta do portuguez *branca* e do tupi *rana* (J. Serra).

Branquinha, *s. f.* (*algumas Provs. do N.*) esperteza, fraude, qualquer artificio com que se procura enganar a outrem: Fulano fez-me uma *Branquinha*, de que o não julgava capaz (Meira).

Brazino, *adj.* (*R. Gr. do S.*) côr de braza, vermelho com algumas riscas pretas. Diz-se dos gados e tambem dos cães: Um boi *brazino*. Uma vacca *brazina* (Cruja).

Brazulaque, *s. m.* (*Alagoas*) o mesmo que *Bazulaque* (B. de Maceió).

Brejahúba, *s. f.* (*S. Paulo*) o mesmo que *Airi*.

Brinquête, *s. m.* (*Ceará*) certa peça da prensa, que expreme a massa da mandioca (J. Galeno).

Bróca (1º), *s. f.* (*R. Gr. do S.*) cavidade na raiz do cravo do cavallo, que vai minando até a parte superior do mesmo casco (Coruja). || *Etym.* O termo é portuguez no sentido de cavidade.

Bróca (2º), *s. m.* (*Provs. do N.*) o mesmo que *Roçado*.

Bróca (3º), *s. f.* nome de um pequeno insecto que fura a madeira, talvez o caruncho de Portugal.

Bróca (4º), *s. f.* peneira grossa de peneirar o café em grão (Costa Rubim). Este auctor nada diz sobre a localidade onde é usual este vocabulo. Aulete tambem o menciona na mesma accepção.

Brocar, *v. tr.* (*Provs. do N.*) o mesmo que *roçar*.

Brócótó, *s. m.* o mesmo que *Bórócótó*.

Broquear, *v. tr.* (*Ceará*) o mesmo que *roçar*.

Bruáca, *s. f.* mala de couro crú, para conduzir cousas ás costas dos animaes, sobretudo aquellos objectos que devem estar ao abrigo da chuva. As *Bruácas* prendem-se por orelhas ás cangalhas, havendo uma de cada lado.

|| No interior do Maranhão, dão á *Bruáca* o nome de *Cassuá* (B. de Jary).

Bubúia, *s. f.* (*Pará*) fluctuação. || Usa-se na locução adverbial *de bubúia*: vir de *bubúia*; estar de *bubúia*; andar de *bubúia*; ficar de *bubúia*: O cedro não vai ao fundo; fica de *bubúia*. (J. Verissimo). A canoa sossobrou, mas ficou de *bubúia* e a ella se agarraram os naufragos. || Ir de *bubúia*; navegar no sentido da corrente de um rio ou da maré: Fomos de *bubúia* durante duas horas. || *Etym.* E' vocabulo de origem

tupi, pertencendo tanto ao dialecto que se fallava no R. de Jan., como ao guarani do Paraguay. Em guarani *bebui* significa leviandade, allivio, ligeireza (Montoya); em tupi tem a significação de leve (*Voc. Braz.*) Nos seus *Apontamentos de Viagem*, obra ultimamente publicada, o Sr. Dr. Leite de Moraes substituiu a palavra *bubui* por *borbulha*, pensando talvez que a primeira não era mais do que a corruptela da segunda, e que cumpria restaural-a. Foi um verdadeiro *quiproquo* da sua parte.

Bubuiar, *v. intr.* (*Pará*) fluctuar (Couto de Magalhães) e tambem navegar no sentido da correnteza do rio ou maré. E' pouco usado em suas formas verbaes (J. Verissimo).

Buçal, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) especie de cabresto com foinheira (Coruja). || *Ety m.* Deriva-se do radical, *buço*, segundo Coruja.

Bucuhúva, *s. f.* o mesmo que *Bicuhiba*.

Bugío, *s. f.* (*R. Gr. do S., Mat. Gros.*) o mesmo que *Guariba*.

Bugre, *s. m.* e *f.* nome depreciativo dado aos selvagens do Brazil. || *Ety m.* Estou inclinado a crer que este vocabulo é de origem franceza, e existe na tradição desde o tempo em que a colonia calvinista de Villegagnon occupou o R. de Jan., entre os annos de 1555 e 1567. Darei as razões em que fundo a minha conjectura. J. de Léry, que fez parte d'aquella colonia, tratando dos usos e costumes dos Tupinambás, e depois de ter feito observar que, não obstante habitarem um clima quente, eram todavia os rapazes e raparigas mais commedidos do que se poderia pensar, nas suas relações sexuaes, accrescenta: «*Toutefois, afin de ne les faire pas aussi plus gens de bien qu'ils sont, parece que quelques-fois en se despitans l'un contre l'autre, ils s'appellent Tyvire, c'est à dire bougre, on peut de là coniecturer (car ie n'en afferme rien) que cet abominable péché se commet entr'eux.*» Não só pelo que diz este auctor, como pelo que affirma Gabriel Soares, eram com effeito os Tupinambás mui dados áquelle vicio. Bem podemos pensar que, depois

do dismantelamento da colonia calvinista, os Francezes que se deixaram ficar no Brazil, e se puzeram em relações com os colonos portuguezes, usassem daquelle vocabulo injurioso, quando se referiam aos selvagens, e que este vocabulo, tornando-se usual, se perpetuasse na linguagem vulgar, não mais com a primitiva significação, senão como um nome genericamente applicado a todos os selvagens bravios. Não sei se haverá outro qualquer meio de explicar a origem deste vocabulo. O documento official mais antigo em que o vejo empregado é uma carta dirigida ao rei de Portugal, em 29 de outubro de 1723, pelo capitão-general de S. Paulo, Rodrigo Cesor de Menezes (Azevedo Marques). || Em Hespanha, *Bugre* é o nome que costuma dar o vulgo, por desprezo, aos estrangeiros, e particularmente aos Francezes, por se lhes ouvir frequentes vezes esta palavra (Valdez). || Em Alagoas dão o nome de *Bugre* a qualquer pessoa ignorante e de curta intelligencia; e assim tambem ao passaro que na gaiola não canta (B. de Maceió).

Bumba-meu-boi, *s. m.* especie de divertimento soffrivelmente insipido, que consiste em mascarar-se um homem com uma caveira de boi, enrolar-se em uma coberta de lã vermelha, e arremetter a uma meia duzia de sujeitos, que o excitam com aguilhadas, cantando constantemente: *Eh! bumba, meu boi.* || Não duvido que esse divertimento tenha alguma semelhança com o que em Portugal chamam *Touros de canastra*.

Burára, *s. f.* (*Bahia*) arvore que derrubada sobre a estrada impede o transitio: Nas proximidades da villa ha uma *Burára*, que cumpre remover, quanto antes, para que a boiada possa passar.

Burassanga, *s. f.* (*Valle do Amaz.*) cacete, mangual. || Empregam ordinariamente este instrumento para bater algodão, e tambem a roupa por occasião da lavagem (J. Verissimo). || Seixas escreve *Murassanga*, com a mesma significação. || *Ety m.* Tanto *Burassanga* como *Murassanga* são vocabulos do dialecto tupi do Amazonas. Em um

e outro transparecem os radicaes *ybyrà* e *ymyrá* que significam madeira, pau, etc.

Burí, *s. m.* (*Bahia*) Palmeira do genero *Diplothemium* (*D. caudescens*) Tambem lhe chamam *Imburi*.

Buriti, *s. m.* Palmeira do genero *Mauritia*, de que ha duas especies (*M. vinifera* e *M. armata*). Além deste nome, que é o mais geral, chamam-lhe tambem, no Valle do Amazonas, *Muriti* e *Muruti* e no Maranhão *Muritim*.

Buritzáda, *s. f.* (*Ceará*) doce feito com a polpa da fructa do Buriti.

Buritzal, *s. m.* matta de Buritis. || No Maranhão dão-lhe o nome de Muritinzal, porque alli a esta especie de palmeira chamañ *Muritim*.

Burliquiadôr, *adj. e s. m.* (*R. Gr. do S.*) vadio; indivíduo que emprega seu tempo em passeios e visitas, sem nenhum fim util.

Burliquiar, *v. intr.* (*R. Gr. do S.*) vadiar; empregar inutilmente seu tempo em passeios e visitas.

Burriquête, *s. m.* nome de uma pequena vela triangular, que se içã no mastro da pópa das garoupeiras e bángulas. O *Burriquête* inverga a ré, e serve para capear, bem como para conservar as embarcações aprotadas ao vento, quando fundeadas (*Dic. Mar. Braz.*).

Bussú, *s. m.* (*Pará*) Palmeira do genero *Manicaria* (*M. saccifera*, *Martius*). || *Etym.* E' voc. tupi, contracção de *Yba*, arvore, e *uassú*, grande, nome bem merecido, porque, segundo Baena, têm as folhas desta palmeira 4^m,40 de comprimento.

Butiá, *s. m.* Palmeira do genero *Cocos*, de que ha duas especies (*C. capitata* e *C. eriospatha*). Produzem uma fructa, cujo mesocarpo acidulo é mui estimado. || *Etym.* E' provavelmente voc. tupi.

Buzina, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) bu-raco do centro da roda do carro, onde entra o eixo. E' assim chamado por ser mais largo da parte de dentro do que da de fóra. Daquí vem que, quando se acha gasto, põe-se-lhe um remonte, e a isto se chama *contra-buzina* (Coruja).

Caá, *s. m. e f.* voc. commum aos

dialectos da lingua tupi, e se applica exclusivamente a productos do reino vegetal. Póde, segundo as circumstancias, significar matto, herva, folha e ramagem (*Montoya, Dic. Port. Braz., Seixas*). Na linguagem vulgar só usamos delle em composição com outras palavras substantivas ou adjectivas: *Caiguassú*, *Caipéba*, *Caipórórôca*; ou *Mucuracaá*, *Cavarucaá*, etc. Quando o termo *Caá* é seguido de um adjectivo, costuma-se, em geral, escrever e pronunciar *Caguassú*, *Capéba*, *Capórórôca*; torna-se porém saliente o som dos dous *aa*, quando o termo *Caá* é collocado no fim da palavra: *Mucuracaá*, etc.

Cába, *s. f.* (*Maranhão, Valle do Amaz.*) nome vulgar das diversas especies de vespas indigenas. || *Etym.* E' vocabulo commum a todos os dialectos da lingua tupi. || Nas demais provincias do Brazil dão geralmente ás vespas o nome de *Maribondo*, que pertence á lingua bunda. A excepção da provincia de S. Paulo, o termo portuguez *Vespa* é geralmente desconhecido da gente rustica. Em Campos dos Goytacazes, applicam exclusivamente o nome de *Cába* a uma especie de vespa preta de ferrão amarello; e tanto alli, como desde a provincia do R. de Jan. até a Bahia, o de *Tapiocdba* a outra especie menor e mui peçonhenta.

Cabacinha, *s. f.* (*Piahy, Maranhão, Pará*) nome que dão ás bolas de cera cheias d'agua, com destino ao jogo do entrudo. No R. de Jan. chamam a isso *Limão de cheiro*; e, da Bahia até Pernambuco, *Laranjinha*.

Cabahú, *s. m.* (*Serg.*) nome popular do *mel-de-tanque*.

Cabanáda, *s. f.* nome pelo qual se designou a revolta de Panellas de Miranda e Jacuipe, a qual, tendo comeco em 1832 na provincia de Pernambuco, se estendeu logo á de Alagóas, e durou mais de tres annos, terminando em 1835, pela intervenção do venerando bispo de Olinda D. João da Purificação Marques Perdigão. Esse nome passou depois a designar a revolta do Pará iniciada em 1835, e terminada em 1838, pelos esforços do general Soares d'Andréa, depois Barão de Caçapava,

Cabano, *s. m.* alcunho que se applicou a todo aquelle que se havia envolvido na revolta conhecida pelo nome de *Cabanada*, tanto em Alagoas e Pern., como no Pará. || *Ety.* Não sei qual é neste sentido a origem do vocabulo. Como adjectivo é termo portuguez usual no Brazil, e designa o animal de orelhas desahidas: Um cavallo *cabano*; um porco *cabano*.

Cabôcla, *s. f.* mulher da casta dos Cabôclos. || No R. Gr. do S., dão-lhe geralmente o nome de *China*, por causa de sua semelhança physionomica com as mulheres do Celeste Imperio. || *Adj.*, da côr dos Cabôclos: Pomba *cabôcla*.

Cabocládá, *s. f.* a classe dos Cabôclos: A população daquella villa consta de poucos brancos, e de numerosa *Cabocládá*. || Magote de *Caboclos*: Entrei para o sertão, à testa de uma *Cabocládá* valente.

Caboclinha, *s. f.* menina de casta cabôcla. || No R. Gr. do S. dão-lhe geralmente o nome de *Chininha*, *Chinôca* e *Piguancha* (Cesimbra).

Caboclinho (1º), *s. f.* menino de casta cabôcla. || No R. Gr. do S. e em outras provincias meridionaes do Brazil, dão ao *Caboclinho* o nome de *Piú*, e tanto nesta provincia, como em Pernambuco o de *Caboré*.

Caboclinho (2º), *s. m.* nome vulgar de um dos passeres indigenas do Brazil, notavel pelo seu canto.

Cabocismo, *s. m.* acção de cabôclo; sentimento que revela civilização atrozada.

Cabôclo, *s. m.* nome que dão não só aos descendentes já civilizados dos aborigenes do Brazil, como tambem aos mestiçados com a raça branca. Em algumas provincias do norte applicam esse nome, tanto aos aborigenes civilizados, como aos selvagens, designando-se aquelles por *Caboclos mansos* e estes por *Caboclos bravios*, aos quaes nas provincias meridionaes chamam *Bugres* e no Pará *Tapuios*. Nas provincias de S. Paulo, Minas-Geraes e R. de Jan., chamam tambem *Cabôclo* à gente da infima plebe, que vive espalhada pelos campos e margens dos rios, correspondendo ao que no Ceará

e outras provincias do norte chamam *Cabras*. || *Adj.* de côr avermelhada, tirante a côbre: Melão *cabôclo*: feijão *cabôclo*. || O alvará de 4 de abril de 1755 falla de *Cabôculo* em logar de *Caboclo*, que é a forma actual do vocabulo, e prohibe o seu uso, como nome injurioso dado aos Portuguezes casados com Indias, ou aos que nasceem destes matrimonios (Moraes).

Cabóco, *s. m.* (*Bahia*) o mesmo que *Covócó*.

Cabóré (1º), *s. m. e f.* (*Mat. Gros.*) mestiço de negro e indio. É o que em varias provincias do norte chamam *Cafuz*, *Cafuzo* e *Carafuso*, e na *Bahia Cabo-verde*. || Tambem se diz *Caburé* (Couto de Magalhães). || *Pern. e R. Gr. do S.*) pessoa trigueira tirando a *Cabôclo*, e tambem applicam esse nome ao *Cabôclo* de pouca idade.

Cabóré (2º), *s. m.* (*Bahia*) boião, vaso pequeno de barro vidrado, com aza, bojo no centro, estreitado na base. || *Fig.* Homem gordo de baixa estatura.

Cabóré (3º), *s. m.* nome vulgar de diversas especies de aves nocturnas pertencentes talvez ao genero *Strix*. Montoya escreve *Caburé* e refere-se a duas especies. || *Ety.* É vocabulo tupi.

Cabortear, *v. intr.* (*R. Gr. do S., Paraná, S. Paulo*) proceder mal, como o faz um *Caborteiro*.

Caborteiro, *adj.* (*R. Gr. do S., Paraná, S. Paulo*) velhaco, manhoso, etc. Diz-se do homem e dos cavallos e burros (Coruja). Tambem dizem *Cavorteiro*.

Cabos-brancos, *adj. plur.* (*R. Gr. do S.*) cavallo *cabos-brancos* é o que tem brancos os quatro pés: Baio *cabos-brancos*. (Coruja).

Cabos-negros, *adj. plur.* (*R. Gr. do S.*) cavallo *cabos-negros* é o que tem negros os quatros pés: Baio *cabos-negros* (Coruja).

Cabouco, *s. m.* o mesmo que *Caboclo* (Moraes).

Cabo-verde, *s. m. e f.* (*Bahia*) o mesmo que *Cabóré* (1º).

Cábra, *s. m. e f.* mestiço de mulato e negra, e *vice-versa*. || No Ceará dão indistinctamente o nome de *Cabra* ao homem que anda habitual-

mente descalço (J. Galeno). Alli chamam tambem *Cabra topetudo* ao homem valente, audaz e altivo; e isso, talvez, por causa do topete de que usavam os famigerados mestiços, que, durante a reacção de 1825, espalharam-se pelo sertão do Norte, a afrontar os homens brancos patriotas (Araripe Junior). Em Sergipe dão ao valentão o nome de *Cabra-onça* (João Ribeiro). || *Etym.* Não havendo a menor analogia entre *Cabra-gente* e *Cabra-bicho*, nem sequer a respeito da côr, porque esta é inteiramente variavel no gado caprino, podemos affirmar que outra deve ser a origem da denominação dada aos mestiços de que nos occupamos. Qual será ella? Creio que *Cabra*, no caso de que tratamos, não é mais do que a corruptela de *Caboré* (1º), nome de outra classe de mestiços, de que tratei no logar competente. E não vemos nós estropiada essa palavra em *Cabriuva* e *Cabraíba*, arvore de construcção, cujo nome primitivo era *Caboréyba*?

Cabralhada, *s. f.* (*Sertões do Norte*) o mesmo que *Cabroeira*.

Cabrestear, *v. intr.* (*R. Gr. do S.*) sujeitar-se o animal a ser conduzido pelo cabresto, sem que faça a menor resistencia. Neste caso diz-se que o animal *cabrestêa* bem.

Cabroeira, *s. f.* (*Ceará*) malta de gente composta dos chamados *Cabras*: Reuniu-se na praça uma *Cabroeira* desenfreada. O delegado de policia marchou á testa de uma *Cabroeira* valente, e conseguiu aprisionar os saltadores (Meira). || Tambem dizem *Cabroeiro* (Araripe Junior.)

Cabroeiro, *s. m.* (*Ceará*) o mesmo que *Cabroeira*.

Cabróxa, *s. m. e f.* nome com que se designa o individuo ainda joven pertencente á casta dos *Cabras*: Tomei por criado um *Cabróxa* mui intelligente.

Cabrucádo, *s. m.* (*Bahia*) o mesmo que *Roçado*.

Cabruçar, *v. tr.* (*Bahia*) o mesmo que *roçar*.

Cabungo, *s. m.* bispote. || *Etym.* Parece-me termo importado de alguma parte da Africa. || *Fig.* pessoa desas-seiada, ou a quem não se liga a menor importancia.

Caburé, *s. m. e f.* o mesmo que *Caboré* (1º).

Cacerenga, *s. f.* (*Alagoas*) o mesmo que *Cacirenguengue*.

Cacháça, *s. f.* aguardente feita com o mel ou borras do melaço, differente da que fabricam com o caldo da canna, á qual chamam aguardente de canna ou canninha. || *Etym.* Aulete attribue a este vocabulo uma origem exclusivamente brasileira, entretanto que Moraes, citando a auctoridade de Sá de Miranda, o dá como portuguez, significando *vinho de borras*. Diz mais Aulete que tambem lhe chamam *tafiá*, o que não é exacto, quanto ao Brazil, onde esse termo, puramente francez, é completamente desconhecido do vulgo.

|| *Obs.* Na Bahia, e outras provincias do Norte, dão tambem o nome de *cachaça* á escuma grossa, que, na primeira fervura, se tira do succo da canna na caldeira, onde se alimpa, para passar ás tachas, depois de bem depurado, e ajudado com decoada de cãl ou cinza (Moraes). Esta especie de cachaça é distribuida ao gado, e muito concorre para engordal-o. || *Fig.* Paixão dominante: A cultura das flores é a minha cachaça.

Cachaceira, *s. f.* (*Pern.*) logar, onde se apara e ajunta a cachaça, que se tira das caldeiras de assucar, quando se alimpam da cachaça (Moraes).

Cachaceiro, *a, adj.* qualificativo da pessoa que é dada ao uso immoderado da cachaça, e que com ella se embriaga: Meu criado é um grande *cachaceiro*.

Cachear, *v. intr.* (*Bahia, Alagoas, Pern. e Ceará*) espigar o arroz.

|| *Obs.* E' verbo da lingua portugueza, no sentido de encher-se ou cobrir-se de cachos a parreira (Aulete). Quanto ao arroz é expressão brasileira (Aulete e Moraes).

Cachoeira, *s. f.* (*Maranhão*) o mesmo que *Corredeira*. || Em geral, tanto em Portugal como no Brazil, a palavra *Cachoeira* se applica ao salto mais ou menos elevado de um rio.

Cacique, *s. m.* (*Amaz.*) nome que, no Rio Negro e proximidades do Orenoco, dão ao chefe de tribu de

Indios; o mesmo que *Tucúua* (L. Amaz.)

|| *Etym.* Era o nome que davam ao seu rei os naturaes da ilha Hespanhola (Las-Casas, citado por Zorob. Rodrigues). No Brazil servem-se deste nome para designar vagamente os chefes de quaesquer tribus de selvagens. Se, como diz Lourenço Amazonas, os Indios do Rio Negro, que demoram nas proximidades do Orenoco, se servem deste titulo é porque, sem duvida, o receberam do exterior. Segundo Moraes, era o titulo dos chefes mexicanos antes da conquista. Zorob. Rodrigues o julga oriundo das Antilhas. Aulete não o menciona.

Cáco, *s. m.* tabaco de *caco*, ou simplesmente *caco*, é o pó de tabaco de fumo, depois de torrado ao fogo e moído em um caco de louça de barro, e d'ahi lhe veio o nome. || *Obs.* Ha outras variedades a que chamam *pô*, *amostrinha* e *canjica*.

Cacório, *adj.* *chulo*, sagaz, avisado, astuto. || *Rad.* Caco, no sentido figurado de cabeça, juizo. || *Obs.* Não duvido que seja vocabulo usado em Portugal; mas não o encontro em dictionario algum.

Cacumbí, *s. m.* (*R. de Jan.*) o mesmo que *Jiquí* (Silva Continho).

Cacumbú, *s. m.* (*R. de Jan.*) machado ou enxada já gasto e inser-vível. || A metade do dia-santo, que vai da quinta-feira á sexta-feira da semana-santa. || (*Bahia*) o mesmo que *Caxirenguengue*.

Cacunda, *s. f.* dorso ou costas. Sentir uma dor na *Cacunda* é sentir-a nas costas. E' termo geralmente usado pela gente inculta; e talvez provenha da deformidade conhecida pelo nome de giba ou gibosidade, a que vulgarmente chamam *corcunda*, e que o hajam applicado ao dorso mesmo são. O que torna mais plausivel esta idéa é que, em vez de *corcunda*, ha muita gente que diz *carcunda*. Entretanto, devo fazer observar que, em lingua bunda, *ricunda*, significa costas, cujo plural é *macunda* (Saturnino e Francina).

Cacundé, *s. m.* (*Provs. do N.*) especie de lavor com que se guarneceem as saias e camisas de mulher. Consiste

em coser tiras de panno sobre um desenho préviamente feito naquellas peças de roupa, com o sumo verde das folhas da faveira e outras, desenho que desaparece com a lavagem. Depois de cosidas as tiras sobre esse desenho, cortam o excedente, de modo que elle fica reproduzido em relevo (B. Maceió). || No Rio de Janeiro dão ao *Cacundé* o nome de *Picúdo*.

Cacurí, *s. m.* (*Pará*) o mesmo que *Jiquí*. || Na provincia do Amazonas chamam *Cacuri* ao Curral de pescaria (L. Amaz.).

Cadêna, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) maneira engenhosa de tirar dos chifres do touro bravo, sem perigo, o laço em que se acha preso, e isto se faz com o soccorro de um outro laço preso á argola d'aquelle em que se achava laçada: para se fazer esta *Cadêna* põe-se o touro no chão, e então se fôrma a laçada, a que se dá este nome. || *Etym.* E' voc. castelhano, significando cadeia (Coruja).

Cáecáo, *s. m.* (*R. de Jan.*) especie de rede de pescaria.

Cafajestáda, *s. f.* acto de Cafajeste. || Grupo de Cafajestes.

Cafajéste, *s. m.* homem da infima plebe e de pouco ou nenhum apreço. || *Obs.* Tanto em Pernambuco, como em S. Paulo, dão os estudantes das faculdades de direito esse nome a qualquer individuo sem prestimo.

Cafanga, *s. f.* *chulo*, (*Pern.*) desdem simulado por aquillo que se deseja; recusa apparente d'aquillo que é offerecido. A isso chamam *botor cafanga*: Offereci a José o meu cavallo por um preço razoavel; elle *botou cafanga*, mas afinal comprou-m'o (Meira). || *Obs.* S. Roméro o menciona como synonymo de embuste.

Cafezista, *s. m.* Commissario de café, no mercado do R. de Jan. e de Santos.

Cafife, *s. m.* (*Pern.*) serie de contrariedades: Ha tempos que vivo em constante *Cafife*. Estou em maré de *Cafife*. Deu-me o *Cafife*, e não me é possivel alcançar o que desejo (Meira). || Morrinha, molestia pertinaz, que torna o homem incapaz de qualquer serviço. || *Etym.* A esse re-

speito, apenas farei observar que na lingua bunda *Cafise* é o nome do sarrampo (Capello e Ivens).

Cafirôto-accesso, *s. m.* (Ceará) usa-se na seguinte locução adverbial: *de cafirôto-accesso*; isto é, *de candeias ás avessas* (Araripe Junior).

Cafundó, *s. m.* logar ermo e longinquo, de difficil accesso, ordinariamente entre montanhas: Logo que, pela perda de minha fortuna, reconheci a impossibilidade de viver na cidade, retirei-me para este *Cafundó*, onde habito tranquillamente ha muitos annos.

Cafuné, *s. m.* estalinhos que se dão com os dedos sobre a cabeça de outrem, como se se estivesse a matar piolhos. Chama-se a isto *dar Cafuné*. Aulete diz *fazer Cafuné*. || Na Bahia chama-se *Cafuné* aos mais pequenos côcos de dendê do cacho (Valle Cabral).

Cafuz, *s. m.* (Prov. do N.) o mesmo que *Caboré* (1º).

Cafuza, *s. f.* de *Cafuz* e *Cafuzo*.

Cafuzo, *s. m.* (Pará) o mesmo que *Caboré* (1º).

Cahatinga, *s. f.* (Amaz.) terra alagadiça ou meio alagadiça, na qual cresce a palmeira *Piassabeira* (Frz. de Souza). || Este vocabulo, já pelo modo por que se acha orthographado, e já pela sua definição, não pôde ter a mesma etymologia que a *Catinga* dos sertões entre Minas-Geraes e Maranhão.

Cahiva, *s. f.* (Paraná) matto cujo terreno tem pouco humus, o que o torna improprio para a cultura. Chama-m-lhe tambem *Catanduva* e *Matto-mêdu*, e se distingue do *Matto-bom* pela qualidade da vegetação. Naquelle são as arvoreds esguias e entremeadas de pastagens; neste são ellas corpulentas e contêm especies, que não se accomodam senão em terrenos reconhecidamente ferteis. A' simples vista d'olhos, pôde o lavrador experimentado distinguir perfeitamente o *Matto-bom* da *Cahiva*, isto é o bom terreno do mau terreno. || *Etym.* E' termo de origem tupi, composto de *Cai*, matto, e *ahiva*, mau.

Caiambóla, *s. m.* corruptela de *Lanhembóla*.

Caiaué, *s. m.* (Amaz.) Palmeira do gen. *Elaeis* (*E. melanococca*).

Cãibro, *s. m.* (Pern., Alagoas) um par de qualquer objecto, principalmente duas espigas de milho, presas entre si, com a propria palha. Vinte e cinco cãibros formam uma mão de milho (B. de Maceió). || Ha em portuguez o termo *Cambo* significando cambada, enfiada: Um *Cambo* de pescado (Moraes). Será essa o origem do nosso vocabulo? Na Par. do N. e R. Gr. do N. dão ao *Cãibro* o nome de *Atilho* (Meira).

Caipira, *s. m.* (S. Paulo) nome com que se designa o habitante do campo. Equivale a *Labrego*, *Aldeto* e *Campones* em Portugal; *Rocceiro* no R. de Jan., Mat. Gros. e Pará; *Tapiocão*, *Babaquira* e *Muxungo* em Campos dos Goytacazes; *Mattuto* em Minas-Geraes, Pern., Par. de N., R. Gr. do N. e Alagoas; *Casaca* e *Bahiano* no Piahy; *Guosca* no R. Gr. do S.; *Curau* em Sergipe; e finalmente *Tabaré* na Bahia, Sergipe, Maranhão e Pará. || *Etym.* Tem-se attribuido diversas origens ao vocabulo *Caipira*; duas ha, porém, que têm merecido mais particular attenção da parte d'aquelles que se dão a esses estudos, e são *Caipora* e *Curupira*, ambos vocabulos da lingua tupi: *Caapora*, cuja traducção litteral é *habitador do matto* (*Dic. Port. Braz.*), diz bem com a idéa que temos da gente rustica; mas cumpre attender a que o termo *Caipora*, tão usual no Brazil, já como substantivo e já como adjectivo, conserva melhor a fórma do vocabulo tupi, bem que tenha significação differente, como o discutirei no respectivo artigo. *Curupira* designa um ente phantastico, especie de demonio, que vaguêa pelo matto, e só como alcunha injuriosa poderia ser applicado aos campones. || Em Ponte-do-Lima, reino de Portugal, é vulgar o vocabulo *Caipira* não mais com a significação de rustico, se não com a de sovino, mesquinho (J. Leite de Vasconcellos). Não obstante esta differença de acceção, não podemos duvidar de que aquelle homonymo seja de origem brasileira, e é esse um phenomeno linguístico de facil explicação.

Em verdade, do Minho vem muita gente ao Brazil, e della não poucos individuos, depois de ter adquirido pelo trabalho uma tal ou qual fortuna, regressam para sua provincia. Durante os longos tempos que habitaram entre nós, familiarisaram-se com certos vocabulos, e é natural que, já restituídos à patria, usem delles machinalmente em suas conversações, e desta sorte os naturalisem no seu paiz, ainda que alterados em sua significação primitiva, como aliás acontece no Brazil a respeito de muitas palavras portuguezas, que têm aqui um sentido mui differente do que lhe dão em Portugal.

Caipirada, *s. f.* acto de caipira; rusticidade. || Grupo de Caipiras. || Generalidade dos Caipiras: A *Caipirada* manifestou-se toda contra o novo imposto.

Caipirismo, *s. m.* o mesmo que Caipirada, no sentido de acto de Caipira: Aquelle individuo commetteu um verdadeiro *Caipirismo*, em não aceitar o convite, que lhe foi tão graciosamente feito pela dona da casa.

Caipóra, *s. m. e f.* nome de certo ente phantastico, que, segundo a crendice peculiar a cada região do Brazil, é representado, ora como uma mulher unipede, que anda aos saltos; ora como uma criança de cabeça enorme, e ora como um caboclinho encantado. O *Caipóra* ou a *Caipóra* habita as florestas ermas, d'onde sahe à noute a percorrer as estradas. Infeliz d'aquelle que se encontra com esse ente sobrenatural. Nesse dia tudo lhe sahe mal, e outro tanto lhe acontecerá nos dias subsequentes, enquanto estiver sob a impressão do terror que lhe causou o encontro sinistro. || Fig., pessoa cuja presença ou intervenção pôde influir de um modo nocivo em negocios alheios: Aquelle homem tem sido o meu *Caipóra*. || E' tambem *Caipóra* o individuo malfadado, aquelle que, apesar de sua moralidade, de suas boas intenções e do desejo de melhorar de posição, se vê constantemente contrariado em suas aspirações: Sou um *Caipóra*. N'este sentido corresponde aos termos portuguezes *tumba* e *callisto*. || Adj. infeliz, desafortunado: Durante todo este mez

tenho sido *caipóra* no jogo. || *Obs.* Segundo Moraes, *Caipóra* é o «lume fatuo» que apparece nas mattas, e o vulgo diz que são almas de caboucos (*sic*) mortos sem baptismo. Não duvido que assim seja em alguma parte do Brazil; mas eu nada tenho ouvido que justifique essa asserção. || *Etym.* *Caipóra* é evidentemente a corruptela de *caópóra*, termo da lingua tupi, que significa *morador do matto*.

Caiporismo, *s. m.* má sorte, mau fado, infelicidade; estado d'aquelle que é constantemente contrariado em suas aspirações: E' tal o meu *caiporismo* que n'aquelle emergencia, em que me era tão necessaria a protecção dos meus amigos, achavam-se todos ausentes.

Cairí, *s. m.* (*Bahia*) guisado de gallinha temperado com azeite de dendê, pimenta e pevide de abóbora.

Caissára, *s. f.* (*Pern.*) especie de cerca morta, isto é, d'aquelle que é formada de forquilhas e garranchos. || Especie de armadilha para atrahir o peixe, a qual consiste em ramagens que se lançam ao fundo da agua, quer soltas, se a agua é estagnada, quer presas a moirões, se a agua é corrente. O peixe procura esse esconderijo, e, reunido em cardume mais ou menos numeroso, muito facilita a pesca ao anzol. Tambem pôde servir para a pesca à rede. N'este caso, lançam-se os ramos soltos ao fundo da agua, e quando se presume que a *caissára* está bem povoada, cercam-a com a rede, que se arrasta para a praia, depois de retirados os ramos. || Montoya, no artigo *Caí*, traz *Caicá* com a significação de cerca de ramos e ramadas, com que vão recolhendo o peixe como com redes. O *Dicc. Port. Bras.* escreve *Cayçara*, que traduz por trincheira; e Gabriel Soares falla em *cerca de caicá*, que os selvagens construam, para se pôrem ao abrigo do inimigo.

Caissúma, *s. f.* (*Valle do Amas.*) é o tucupi engrossado com farinha, cará ou outro qualquer tuberculo (J. Verissimo).

Caititú (1°), *s. m.* nome vulgar do *Dicotyles torquatos*, mamífero da ordem dos Pachidermes, e indigena da

America. Também lhe chamam *Tatêto* e *Taititú*.

Caititú (2º), *s. m.* (Ceará, Par. e R. Gr. do N.) nome que dão ao rodete de desmanchar a mandioca, em razão da roncaria que produz, semelhante à que faz o animal deste nome, desde que o enfurecem (Araripe Junior).

Cajá, *s. m.* fructa da Cajazeira, arvore do genero *Spondias*, familia das Terebinthaceas, de que ha varias espécies. A esta fructa chamam no Pará *Taperebá*, e em Mat. Gros. *Acajá*. Além das especies indigenas, temos mais o *Spondias dulcis* da India, a que dão vulgarmente no R. de Jan. o nome de *Cajá-manga*. Ha outra especie indigena de *Spondias*, que tem o nome particular de *Imbú*.

Cajetilha, *s. m.* (R. Gr. do S.) rapaz da cidade, que anda no rigor da moda (Cesimbra). || *Ety m.* Vem provavelmente de *Cajeta*, nome que na Republica Argentina dão ao peralta, ao peralvilho. O *j* do nosso voc. se pronuncia á hespanhola.

Cajú, *s. m.* fructa de diversas especies do Cajueiro, arvores, arvoretas e até plantas rasteiras do genero *Anacardium* (*A. occidentale*, *A. curatellifolium*, *A. humile*, etc.) da familia das Terebinthaceas. O *Cajú* se compõe de duas partes bem distinctas: da *castanha*, que é verdadeiramente a fructa e se come assada ou confeitada, e do seu receptaculo polposo e sumarento de que se usa erú, guisado, em doce, em xarope ou em vinho. || *Ety m.* Do tupi *Acajú*.

Cajuáda, *s. f.* bebida refrigerante feita do sumo do cajú, agua e assucar.

Caldeirão, *s. m.* (Prov. do N.) tanque natural nos lagedos, onde costuma ajuntar-se agua das chuvas (Meira).

|| No R. Gr. do S., é um buraco grande no meio do campo ou estrada, feito por chuvas ou pisada de animaes (Coruja).

|| No Amazonas é o redomoinho nos rios, formado por correntes circulares que se tornam muitas vezes perigosas aos navegantes (Castelnau). A estes accidentes fluviaes davam os aborigenes o nome de *Jupia*.

Caldeirões, *s. m. plur.* côvas atoladiças que se formam transversal e

parallelamente nas estradas frequentadas por tropas de animaes no tempo das chuvas. A's vezes chegam a impedir o transito, e pelo menos o difficultam muito. Em Pernambuco e Alagôas chamam a isso *camaleões*.

Caldo, *s. m.* nome que dão ao sumo da canna de assucar: *Caldo* de canna. Em S. Paulo e Pará o chamam *Garôpa*: mas este termo tem outra significação em algumas provincias do norte.

Calhambóla, *s. m.* corruptela de *Canhembóra*.

Calojí, *s. m.* (Pern. e Parí) o mesmo que *Zungú*. || *Ety m.* Talvez seja termo de origem africana.

Calombo, *s. m.* tumor, polmão, inchaço duro em qualquer parte do corpo. O *Dicc. Contemporaneo* o dá como termo do Brazil, significando *coágulo*, *sangue* ou *leite coagulado*, o que não é exacto. || *Ety m.* Terá talvez uma origem africana.

Calundú, *s. m.* mau humor que faz com que as pessoas delle acommettidas se tornem insupportaveis pela sua irascibilidade. Neste sentido se diz que um individuo está de *calundú*, ou com seus *calundús*, quando se acha em disposição de se impacientar com tudo e com todos. Qualquer pessoa pôde dizer áe si: — Não me importuem hoje, porque estou de *calundú*. || *Ety m.* Creio ser vocabulo africano. Na minha infancia ouvi-o muitas vezes pronunciar pelos escravos da raça angolense. || *Obs.* Na Par. e R. Gr. do N. dizem *lundú*: Fulano está de *lundú* (Meira).

Calunga (1º), *s. m.* (Pern.) bonecô ou boneca.

Calunga (2º), *s. f.* (Minas Geraes, Goyaz e serião da Bahia e Pern.) nome de uma planta da familia das Rutaceas (*Simaba ferruginea*).

Calunga (3º), *s. m.* (Bahia) o mesmo que *Camundongo*. No sentido figurado significa ratoneiro.

Calunga (4º), *s. m.* homonymo com tres significações differentes, na Africa occidental portugueza. Ora é o nome do mar; ora o de um rio affluente do Capororo; e finalmente um titulo de fidalguia na Jinga (Capello e Ivens).

Calungueira, *s. f.* (R. de Jan.) especie de embarcação de pescaria

no alto mar, semelhante á *Garoupeira* de Porto-Seguro || *Etym.* Parece ter a sua origem no termo angolense *Calungá*, que significa mar. || Também lhe chamam *Bângula*. || Nem *Calungueira*, nem *Bângula* se encontram no *Dicc. Mar. Braz.*

Camafonge, *s. m.* (*Pern., Par. e R. Gr. do N.*) moleque travesso. || (*Alagôas*) Ente vil. || *Etym.* Parece ser de origem africana.

Camaleões, *s. m. plur.* (*Pern. e Alagôas*) o mesmo que *Caldeirões*. || *Etym.* E' evidentemente corruptela de *Camalhões*, que são em Portugal não só a fôrma da lavra em que a terra fica disposta em taboleiros abahulados e parallelos, como também nas estradas a terra que fica entre dous sulcos abertos pelas rodas dos carros (Aulete).

Camalóte, *s. m.* (*valle do Paraguay*) porção de hervaçal que se destaca das margens dos rios; e, á maneira de ilhas fluctuantes, são impellidoas pela correnteza das aguas. E' analogo ao *Firiantán* do valle do Amazonas.

Camapú, *s. m.* (*Pará*) fructa de uma planta herbácea do genero *Physalis*, familia das *Solanaceas*, da qual ha varias especies no Brazil, todas comestiveis.

Camaráda, *s. m.* (*Paraná, S. Paulo, Minas-Geraes, Goyas, Mat.-Gros.*) homem assalariado para servir não só de conductor de animaes, como em trabalhos ruraes e domesticos. || No *R. de Jan.* e nas provincias que lhe ficam ao norte tem este vocabulo a significação portugueza de companheiro, amigo, collega, e é, como em Portugal, geralmente usado entre os militares.

Cambica, *s. f.* (*Ceará, Maranhão*) especie de alimento feito com a polpa do Murici, de mistura com agua, leite e assucar. || *Etym.* Na lingua tupi, *Cambý* significa leite. Talvez seja esta a origem do nosso vocabulo.

Cambíto, *s. m.* (*S. Paulo*) pernil do porco.

Cambôa, *s. f.* (*Pern.*) o mesmo que *Gambôa*.

Cambondo, *a, s.* (*Bahia*) amasio, concubinario (M. Brum).

Caminhatá (1º), *s. m.* (*R. de Jan.*) nome vulgar de uma especie de

peixe d'agua doce, a que em outras provincias chamam *Tamuatá*, pertencente ao genero *Cataphractus* (*C. callichthys*, ex Martius). Este peixe goza da curiosa faculdade de caminhar por terra; quando, esgotado o poço em que vivia, sahe á procura de outro, que lhe proporcione meios de existencia.

|| *Etym.* E' vocabulo tupi.

Cambuata (2º), *s. m.* (*R. de Jan.*) especie de arvore de construcção, do genero *Cupania* (*C. vernalis*) da familia das *Sapindaceas* (Rebouças).

Cambucá, *s. m.* (*R. de Jan.*) fructa do Cambucazeiro, planta de que ha duas especies pertencentes aos generos *Myrciaria* e *Rubachia*, da familia das *Myrtaceas* (*Fl. Bras.*)

Cambucí, *s. m.* (*S. Paulo*) fructa de uma arvore do mesmo nome, pertencente ao genero *Eugenia* (*E. Cambuci*) da familia das *Myrtaceas*.

|| *Etym.* E' vocabulo tupi.

Cambuhí, *s. m.* fructa do cambuhizeiro, planta de diversas especies, pertencentes geralmente ao genero *Eugenia*, da familia das *Myrtaceas*.

|| *Etym.* E' voc. tupi.

Cambuqueira, *s. f.* (*S. Paulo*) grelos da aboboreira, os quaes se guizam como outras quaesquerervas.

|| *Etym.* Esta palavra é evidentemente tupi. O *Voc. Bras.* traduz por *Yamýquirá* o gomo tenro ou olho de qualquer arvore ou herva; e o *Dicc. Port. Braz.* por *Çoankýra* o gomo tenro. || Em lingua bunda, chamam ao grelo da aboboreira *mu-enqueleca* (Cap. e Ivens).

Camina, *s. f.* (*Pará*) armadilha de pesca, que consiste em uma vara fincada no chão, por uma das extremidades. A outra extremidade, sendo fortemente acurvada a vara, é presa dentro da agua em um gancho de pau disposto em um pequeno cesto atado na mesma extremidade da vara, de sorte que, logo que o peixe toca na ceva, a vara desprende-se, e tornando ao seu estado natural, traz acima o peixe dentro do cesto (Baena). || *Etym.* E' provavelmente termo tupi.

Caminhão, *s. m.* (*R. de Jan.*) carro de carga de quatro rodas e almofada, onde toma logar o cocheiro, e é

puxado ordinariamente por muares. || *Etyrn.* Corruptela do francez *Camion*.

Campeão, *s. m.* (*Ceará*) cavallo do vaqueiro, quando este sahe em procura e tratamento do gado (J. Galeno). || Com a significação de combatente, é termo portuguez usual em todo o Brazil.

Campear, *v. tr.* andar a cavallo pelo campo em procura e tratamento do gado. Também se usa muito deste verbo na accepção de procurar qualquer cousa:—Vou ao mercado *campear* ovos. Por mais que *campeasse*, não pude encontrar uma só laranja em todo o pomar.

Campeiro, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) homem adestrado no trabalho do campo, em relação ao tratamento dos gados. O bom *Campeiro* é um empregado mui util nas fazendas de criação; elle tem a seu cargo procurar e arrebanhar as rezes perdidas, reanil-as nos *rodios*, etc. || O *Campeiro* do *R. Gr. do S.* é o mesmo que o *Vaqueiro* das provincias do Norte. || *Adj.* que tem relação com o campo: Freio *campeiro* é o que tem certa forma mais apropriada ao serviço do campo. Veado *campeiro*, especie do genero *Cervus* que vive habitualmente no campo (*C. campestris*).

Campo, *s. m.* nome que dão aos descampados mais ou menos accidentados, formando extensas pastagens apropriadas à criação de gados. A sua vegetação consiste em gramineas rasteiras e outras plantas herbaceas. || Corresponde ao que em portuguez chamam *Campina* (Aulete). || O campo contrapõe-se sempre à matta: Prefiro caçar perdizes no *campo*, do que macucos na *matta*. A minha fazenda compõe-se de *mattas*, donde tiro boas madeiras de construção; e de *campos* onde crio o meu gado. || *Campo dobrado* é aquelle que se desenvolve em terreno ondulado; *campo coberto* é aquelle que, offerecendo pastagens para os gados, está entretanto entremeadado de arvoredos escasso. A esta especie no Paraná e *R. Gr. do S.* chamam *fachina* ou *fachinal*. Ainda ha o *campo natural* e o *campo artificial*; aquelle é o campo primitivo; este o que se forma depois da derrubada de uma *matta*. || *Obs.* Em

todas as mais accepções, a palavra *campo* tem geralmente no Brazil as mesmas significações que em Portugal.

Camucim, *s. m.* (*Campos*) especie de boião feito de barro preto. || *Etyrn.* De *Camuci*, nome tupi de qualquer pote. (*Voc. Braz.*)

Camumbembe, *s. m.* (*Pern.*) vadio, mendigo, individuo que pertence a relê do povo (J. Alfredo).

Camundongo, *s. m.* (*R. de Jan., S. Paulo*) rato de especie pequena. Na Bahia lhe chamam *Calunga* (3^o), e em *Pern. Catia*. || *Etyrn.* E' vocabulo da lingua bunda. Em Angola também lhe chamam *Mundongo* (Capello e Ivens).

Camurim, *s. m.* (*Pern. e outras provs. do N.*) nome vulgar da *Sciaena undecimalis*, especie de peixe a que nas provs. do *S.* chamam *Robalo* (Martius).

Canarim, *s. m.* (*Pará*) homem magro de pernas compridas (C. de Albuquerque). E' o que em Portugal e também no Brazil chamam figuradamente *Espicho*. || Segundo Moraes, *Canarim* é o aldeão dos contornos de Goa. Auiete não o menciona.

Cancha, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) lugar nas charqueadas onde matam o boi. || Applicam o mesmo nome ao lugar onde um *paralheiro* está acostumado a correr. Estar na sua *Cancha* é estar em lugar conhecido, onde é mais forte, etc. (Coruja). || *Etyrn.* E' termo quichua usual no Chile, com a mesma significação que tem na nossa provincia (Zorob. Rodrigues).

Candêa, *adj.* (*Pern., Par. e R. Gr. do N.*) casquilho, elegante, bonito, não só em relação a pessoas, como a cousas: Uma moça *candêa*; uma sala *candêa*. || *Etyrn.* No dialecto guarani, *candêa*, synonymo de *catupirî*, se traduz em castelhano por *bueno*, *hermoso*, *galan* (Montoya). || Nos vocabularios que tenho podido consultar relativos ao dialecto tupi, nada encontrei a semelhança respeito; todavia, si attendermos a que o *Lupea Sebac*, notavel por sua formosura, tem, tanto no *R. de Jan.*, como na Bahia, o nome vulgar de *Siri-candêa*, devemos pensar que o nosso vocabulo, salvo a pronuncia, era commun tanto aos Guaranis do Paraguay, como aos

Tupinambás do Brazil. Em todo caso, não lhe podemos attribuir uma origem portugueza, porque essa especie de lampada a que chamamos candeia é certamente a antithese da formosura. No R. de Jan. dão ao casquilho o nome de *Siri-candêa*.

Candieiro (1º), *s. m.* (R. Gr. do S.) nome de uma das variedades desses bailes campestres, a que chamam geralmente *Fandango*.

Candieiro (2º), *s. m.* (provs. merid.) homem que, de ordinario, armado de aguilhada, vai adiante dos bois que puxam o carro, como que lhes ensinando o caminho (Coruja).

Candiubá, *s. m.* (Mat.-Gros.) o mesmo que *Ubá* (1º).

Candombe (1º), *s. m.* (R. de Jan.) especie de rede de pescar camarões, manejada ordinariamente por um só homem.

Candombe (2º), *s. m.* (provs. merid.) especie de batúque com que se entretêm os negros em seus folguedos.

|| E' analogo ao *quimbête*, ao *caxambú*, ao *jongo* e tambem ao *maracatú* de Pernambuco. Talvez seja semelhante ao *Candomblé* da Bahia, mas sem exercicios de feitiçaria.

Candombeiro, *s. m.*, dançador de *candombe*, frequentador, sucio (Macedo Soares).

Candomblé (1º), *s. m.* (Bahia) especie de batúque de negros com exercicios de feitiçaria. Como simples folguedo é semelhante ao *Candombe* das provincias meridionaes, e tambem ao *maracatú* de Pernambuco. || *Ety m.* Tanto *Candomblé* como *Candombe* devem ser vocabulos de origem africana.

Candomblé (2º), *s. m.* (R. de Jan.) quarto pequeno e escuro reservado para guardar trastes velhos, bahús, etc. (Macedo Soares).

Cangaes, *s. m. pl.* (Pern.) nome burlesco que dão á mobilia de pessoa pobre ou escravo (Moraes).

Cangaceiro, *s. m.* (Ceará) homem que carrega *Cangaço* (3º), isto é, armas em excesso, affectando valentia (J. Galeno).

Cangaço (1º), *s. m.* (Pern., Par. do N., R. Gr. do N., Ceará) pe-

dunculo e espatha do coqueiro, os quaes se desprendem da arvore, quando estão seccos. || *Ety m.* E' vocabulo portuguez que se applica ao pedunculo dos cachos da uva, e mais, com a significação de bagaço, á parte grosseira que fica dos productos expremidos (Aulete). || Em Alagoás dizem *Cangaraço* (B. de Macieio).

Cangaço (2º), *s. m.* (mesmas provs. acima citadas) objectos de uso de uma casa pobre. Neste sentido usa-se no plural, e vem a ser o mesmo que *Cangaças*.

Cangaço (3º), *s. m.* (mesmas provs.) conjuncto de armas que costumam conduzir os valentões:—Fulano vive debaixo do *Cangaço*, isto é, carregado de armas (Meira).

Cangambá, *s. m.* (Sertão da Bahia e outras provs. do N.) o mesmo que *Maritacêca*.

Cangapé, *s. m.* pancada que os meninos das escolas, no jogo da lucta, dão á falsa fê na barriga da perna do adversario para o fazer cahir. || No Ceará dão o mesmo nome ao pontapé que a mergulhar a criança, ligeira e geitosamente, dá no companheiro dentro d'agua, em animada brincadeira (J. Galeno). || *Ety m.* Parece que este vocabulo não é mais do que a alteração de *cambapé*, que em portuguez exprime a mesma idéa.

Cangaraço, *s. m.* (Alagoás) o mesmo que *cangaço* (1º).

Cangóte, *s. m.* nome vulgar do occiput. || *Ety m.* Talvez seja uma alteração de *cogote*, que tem em portuguez a mesma significação.

Cangueiro, *a, s. e adj.* preguiçoso, vagaroso, negligente: O meu criado é um *cangueiro*, e sua mulher ainda mais *canguieira*. || Em outras accepções é voc. portuguez; como *adj.* refere-se ao que traz canga, que está habituado á canga, ou pôde ser posto á canga: Bezerra *canguieiro*. Como *s. m.*, é o nome de uma especie de barco de fundo chato usado na navegação do Tejo (Aulete).

Cangussú, *s. m.* nome vulgar de uma especie de onça (*Felis onça*).

|| *Ety m.* Do tupi *Acangu-ussú*, cabeça grande.

Canháda, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) valle, planície estreita entre duas montanhas. || *Ety. m.* Do castelhano *Canháda*.

Canhambóla, *s. m. e f.* corruptela de canhembóra.

Canhambóra, *s. m. e f.* corruptela de canhembóra.

Canhembóra, *s. m. e f.* escravo que anda fugido e se acouta ordinariamente nesses escondedouros a que chamam *Quilombos* ou *Mocambos*.

|| *Ety. m.* E' voc. tupi, que se deriva do verbo *acanhem*, eu fujo; e os selvagens o applicavam tanto ao que andava fugido, como ao que tinha o costume de fugir. Quando se referiam áquelle que havia fugido, ainda que não fosse mais que uma vez, chamavam-lhe *Canhembóra* (*Anchieta*).

|| O termo *Canhembóra* está hoje muito viciado, tanto que muitas vezes se diz e se escreve *canhambóra*, *canhambóla*, *caimbóra* e *calhambóla*. || Ao escravo fugido também chamavam *Quilombóla* e *Mocambeiro*, cujos radicais são *Quilombo* e *Mocambo*.

Canicarú, *s. m.* (*Pará*) alcinha que os selvagens applicam aos Indios civilizados, que vivem mansamente em aldeias (*Baena*).

Canindé, *s. m.* especie de Arára.

Canjêrê, *s. m.* (*Minas-Geraes*) reunião clandestina de escravos com ceremonias de fetichismo, tendo por fim illudir os simplórios, ganhando-lhes o dinheiro, a pretexto de os livrar de molestias e outros males; e também com a intenção criminosa de se desfazerem dos que lhes são suspeitos, por meio de venefícios. || *Ety. m.* Talvez seja vocabulo de origem africana.

Canjica (1º), *s. f.* (*R. de Jan., S. Paulo, Paraná, Sta.-Cathar., R. Gr. do S., Minas-Geraes, Goyaz, Mat.-Gros.*) especie de frangolho feito de milho branco contuso, que geralmente se toma sem tempero algum, mas ao qual se pôde adicionar assucar, leite e canella. Assim temperado chamam-lhe *Mungunzá* na Bahia, Pern. e outras provs. do N. Também dizem *Mungunzá* e *Mucunzá*. || *Obs.* Os lexicographos, sem exceptuar *Aulete*, escrevem *Can-*

gica e não *Canjica*. Não vejo razão para isto. Se este voc. não tem, nem pôde ter, outra origem senão a de *Canja*, não ha motivo para escrevermos *Canjica*, quando em *Laranjinha*, diminutivo de laranja, não fazemos semelhante alteração.

Canjica (2º), *s. f.* (*Bahia e as demais provs. do N.*) especie de papas feitas de milho verde. A isso chamam *Curúu*, em S. Paulo e Mat. Gros., *Corá* em Minas-Geraes e R. de Jan., e nesta ultima provincia também a conhecem por *Papas de milho*.

Canjica (3º), *s. f.* (*R. de Jan. e outras provs.*) especie de tabaco de pó, feito com o famoso fumo da ilha de S. Sebastião.

Canjica (4º), *s. f.* (*Minas-Geraes*) especie de saibro grosso, claro, de envolta com pedra miuda. Também lhe chamam *Pirurúca* (*J. F. dos Santos*) e *Pururúca* (*Couto de Magalhães*).

Canjiquinha (1º), *s. f.* (*Minas-Geraes*) milho pisado e reduzido a fragmentos miudos, que se prepara á maneira de arroz, para as refeições.

Canjiquinha (2º), *s. f.* (*Minas-Geraes*) especie de tabaco de pó.

Canna-brava, *s. f.* (*R. de Jan.*) o mesmo que *Ubá* (1º).

Cannarana, *s. f.* (*Valle do Amaz.*) especie de graminea alta como a canna de assucar, com a qual de longe se parece. || *Ety. m.* E' voc. hybrido composto de *Canna* com o suffixo *rana*, semelhante, parecido (*J. Verissimo*). || A *Cannarana* é talvez a *Cannabrava* de que falla *Baena*, provavelmente uma especie de *Gynerium*.

Canninha, *s. f.* aguardente de canna de assucar.

Canôa, *s. f.* (*Minas Geraes*) nome que, nos trabalhos de mineração do ouro, dão a conductos abertos, cujo comprimento total é, pouco mais ou menos, de 10 a 13 metros, com a largura de 66 centímetros. Estes conductos, além de muito inclinados, são divididos em tres ou quatro porções chamadas *Bolinetes*, formados por tres taboas de que uma faz o fundo e as outras duas os lados (*Saint-Hilaire*).

Canôa de vôga, *s. f.* grande canôa, cujos remos são presos aos toletes. Esta canôa pôde ser feita de uma só peça de madeira cavada, ou com accrescentamento no fundo, entre as duas peças que formam o costado e bordas, para ficar mais larga.

Canoeiro, *s. m.* conductor de canôa. || Não encontro este vocabulo em dicionario algum da lingua portugueza, o que me faz suspeitar que não é usual em Portugal.

Canzá, *s. m.* (*Bahia, R. Gr. do S.*) instrumento musical de que usam as crianças, e serve tambem nos batuques. Consiste em uma taquára na qual se praticam regos transversaes, e se faz soar passando por elles uma varinha de taquára. || A este instrumento chamam em Sergipe *Quêrêquêwê* (João Ribeiro) e em outras provs. do N. *Caracaxá* (Meira), cousa differente do *Caracaxá* de S. Paulo.

Canzural, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) matto composto de arbusculos e mui prejudicial ao desenvolvimento das pastagens (Pereira de Carvalho).

Caólho, *adj. e subs.* zarolho, que é torto de um olho.

Capadoçada, *s. f.* acção de capadocio. Tambem dizem *Capadoçagem*.

Capadoçagem, *s. f.* o mesmo que *Capadoçada*.

Capadoçal, *adj.* à maneira de *Capadocio*: Linguagem *capadoçal*; modos *capadoçaes*.

Capadocio, *s. m.* parlapatão, fanfarrão, charlatão. || Applica-se geralmente este termo ao homem da plebe, que se dá ares de importancia, aparentando nos modos e nas fallas uma superioridade que lhe cabe mal.

Capanga (1º), *s. f.* (*Minas-Geraes, Bahia*) o mesmo que *Mocó* (2º).

Capanga (2º), *s. m.* valentão que se põe ao serviço de quem lhe paga, para lhe ser o guarda-costas; acompanhando-o sempre armado, em suas viagens; auxilia-o em obter satisfação de quem o offendeu; e servir-lhe de agente nas campanhas eleitoraes. || Na Bahia lhe chamam tambem *Jagunso* e *Peito-largo*, e em outras provincias *Espolêta*.

Capangáda, *s. f.* multidão de capangas.

Capangueiro, *s. m.* (*Minas Geraes*) nome que dão áquelle que tem por industria a compra de diamantes em pequenas partidas, havendo-as dos mineiros que se occupam dessa extracção.

Capão, *s. m.* bosque isolado no meio de um descampado. Podemol-o quasi comparar a um oásis, e assim o faz Saint-Hilaire na descripção que nos dá desse accidente florestal. Todavia, cumpre não esquecer que os oásis estão separados entre si por areas estereis, emquanto que os *capões* existem cercados de magnificas pastagens. || *Etyim.* Este vocabulo no sentido brasileiro, não tem de portuguez senão a fôrma. E' apenas a alteração de *Caápain*, que, tanto em tupi como em guarani, significa matta isolada. O *Voc. Braz.* o traduz por ilha de matto em campina.

|| *Obs.* Quasi sempre, para evitar equívocos, se diz *Capão de matto* e não simplesmente *Capão*. Aulete e Moraes nos dão desse voc. uma má definição, quando, confundindo-o certamente com *Capueira* (outra especie de accidente florestal) dizem que é uma «matta roçada que se corta para lenha, em opposição a matta virgem». O *Capão* pertence á classe das mattas virgens; compõe-se de arvoredos de todas as dimensões, e nelle se ostentam arvores colossaes.

Capêba (1º), *s. f.* (*Provs. do N.*) nome de uma ou mais especies de plantas da familia das Piperaceas. No R. de Jan. lhe chamam *Pariparôba*. || *Etyim.* E' contracção de *Caapêba*, que em lingua tupi significa *folha larga*.

Capêba (2º), *s. m.* camarada, amigo: E' seu *Capêba* (Moraes). || Nunca ouvi pronunciar neste sentido a palavra *Capêba*. Estimarei que alguém me possa esclarecer a semelhante respeito.

Capenga, *adj. e s. m. e f.* côxo, manco: Mais depressa se apanha um mentiroso que um *Capenga*. || Tortuoso: Um caibro *capenga*.

Capengar, *v. intr.* coxear.

Capêta, *s. m.* diabo, demonio. || *Fig.* diabrete, turbulento, traquinas.

Capetágem, *s. f.* diabrura.

Capiangagem, *s. f.* acção de capiango, furto.

Capiangar, *v. tr.* furtar com destreza, surripiar.

Capiango, *s. m.* gatuno, ladrão astuto e subtil. || *Obs.* Capello e Ivens servem-se deste vocabulo na accepção de ladrão, e como tal usual nos sertões da Africa; entretanto não o incluem em nenhum dos seus *Vocabularios*. Segundo o *Voc. bunda*, ladrão se traduz por *mu-ije*.

Capilossáda, *s. f.* (*Par. do N., R. Gr. do N.*) empreza arriscada, cavallarias altas: Não se metta em capilossadas (Meira).

Capim, *s. m.* nome commum ás diversas especies de gramineas rasteiras, que servem de pasto aos gados. Por extensão comprehendem-se na mesma denominação as cyperaceas, e em geral todas as hervas, de que tiram proveito os animaes, para a sua alimentação. || *Etym.* E' vocabulo de origem tupi. O *Dic. Port. Braz.* traduz herva por *Caapim*; o *Voc. Braz.*, herva qualquer por *Capii*; e Montoya, palha, feno, por *Capyi*. Aulete erra singularmente, quando, no seu empenho etymologico, o faz derivar de *Capitum* da baixa latinidade. || *Obs.* O Alvará de 3 de Outubro de 1758, citado por Moraes, e relativo a negocios do Maranhão, emprega o vocabulo *Capim*. Capello e Ivens usam d'elle, como de palavra corrente em linguagem portugueza. Cumpre-me entretanto dizer que illustrados Portuguezes me têm asseveração que, antes de sua vinda ao Brazil, ignoravam completamente a existencia de semelhante vocabulo.

Capina, *s. f.* mondadura, sacha, acto de limpar um terreno das hervas más: A minha horta está precisando de uma *capina*. A *capina* da minha roça me tem obrigado a grande despeza. || *Fig.* Reprehensão: Por causa do seu proceder leviano, soffreu aquelle official uma *capina* do commandante. || No sentido de operação agricola, tambem se diz *capinação*. || Em S. Paulo e outras provincias dizem *carpa*.

Capinação, *s. f.* o mesmo que *capina*, no sentido de sacha.

Capinadôr, *s. m.* mondador, sachador. No Paraná, S. Paulo, Goyaz e Mat.-Gros. dizem, no mesmo sentido, *Carpidôr*.

Capinal, *s. m.* o mesmo que *Capinzal*.

Capinân, *s. f.* (*Bahia*) especie de Myrtacea, que produz uma fructa comestivel. Foi introduzida no Rio de Janeiro pelo conselheiro Magalhães Castro, e é cultivada na sua chacara do Engenho-Novo.

Capinar, *v. tr.* mondar, esmondar, sachar, carpir; arrancar o capim ou qualquer herva má que cresce entre as plantas. Nas provincias de S. Paulo, Paraná, Minas-Geraes, Goyaz e Mat.-Gros. dizem, no mesmo sentido, *Carpir*.

Capineiro, *s. m.* (*R. de Jan.*) nome que dão áquelle cuja industria consiste em fazer do capim o seu negocio. || (*Par. do N., R. Gr. do N.*) Plantação de capim: Vou tratar de fazer um *capineiro*. Sem um bom *capineiro*, passam mal os animaes (Meira).

Capinzal, *s. m.* plantação de capim; terreno coberto de capim. || *Capinal*. || Na *Par. do N. e R. Gr. do N.* chamam a isso *capineiro* (Meira).

Capitão de entrada, *s. m.* chefe de uma *bandeira* que d'antes se dirigia aos sertões á conquista dos aborigenes, com o fim de os reduzir ao captiveiro.

Capitão do campo, *s. m.* (*Provs. do N.*) o mesmo que *Capitão do matto*.

Capitão do matto, *s. m.* (*R. de Jan. e S. Paulo*) agente de policia que tinha d'antes a seu cargo o aprisionamento dos escravos fugidos. Era, a mór parte das vezes, semelhante emprego exercido por negros livres. || Em algumas provincias do norte, lhe chamavam *Capitão do campo*.

Capitúva, *s. f.* (*S. Paulo, R. de Jan.*) nome vulgar de uma especie de graminea pertencente ao gen. *Panicum* (*P. Beaurepairei*, Hack e Glaziou). Cresce em grandes moutas á margem dos rios e nos logares humidos. || *Etym.* E' voc. de origem tupi e guarani. Montoya o traduz por *pajonal*; e o *Voc. Braz.* por *erocaal*.

Capivára, *s. f.* mamífero do genero *Hydrochoerus* (*H. Capyvara*) da ordem dos Roedores. || *Etym.* E' vocabulo de origem tupi.

Capixába, *s. f.* (*Esp.-Santo*) pequeno estabelecimento agricola. || *Etym.* Este vocabulo de origem tupi é corruptela de *Copicaba*, mencionado no *Dic. Port. Braz.*, como traducção de Quinta e de Roça. || Os habitantes da cidade da Victoria têm o appellido de *Capixabas*, por causa de uma fonte que alli existe, e d'onde bebem. || No Valle do Amaz. dizem os Indios *Cupiwaua* (Seixas). || Em S. Paulo e Paraná dão a esses estabelecimentos agricolas o nome de *Capuáva*.

Capoeira, *s. f.* (*R. de Jan.*) especie de jogo athletico introduzido pelos Africanos, e no qual se exercem, ora por mero divertimento, usando unicamente dos braços, das pernas e da cabeça para subjugar o adversario, e ora esgrimindo cacetes e facas de ponta, d'onde resultam serios ferimentos e ás vezes a morte de um e de ambos os luctadores. || *s. m.* homem que se exercita no jogo da *capoeira*. Este nome se estende hoje a toda a sorte de desordeiros pertencentes á relé do povo. São entes perigosissimos, por isso que, armados de instrumentos perfurantes, matam a qualquer pessoa inoffensiva, só pelo prazer de matar. || *Etym.* Como o exercicio da *capoeira*, entre dous individuos que se batem por mero divertimento, se parece um tanto com a briga de gallos, não duvido que este vocabulo tenha a sua origem em *Capão*, do mesmo modo que damos em portuguez o nome de capoeira a qualquer especie de cesto em que se mettem gallinhas.

|| *V. Capueira.*

Capoeirada, *s. f.* (*R. de Jan.*) malta de capoeiras: Adeante do batalhão ia uma numerosa *capoeirada*, a atropelar os transeuntes. || Acção de capoeira, capoeiragem.

Capoeiragem, *s. f.* (*R. de Jan.*) acção de capoeira: Aquelle rapaz, que era d'antes tão bem comportado, entregou-se ultimamente á *capoeiragem*, e tem dado que fazer á policia.

Capoeirar, *v. intr.* (*R. de Jan.*) fazer vida de capoeira.

Caponga, *s. f.* (*Ceará*) nome que na parte meridional desta provincia dão aos lagoeiros d'agua doce que se formam naturalmente nos areas do littoral. Ao norte da cidade da Fortaleza dão-lhe o nome de *Lago* (Marinho Falcão). E' o mesmo que nas provincias de Pern., Par. do N., R. Gr. do N. chamam *Maceió*, ou antes *Maçaió*.

Capóróca, *s. f.* o mesmo que Póróróca (3^o).

Captivo, *s. m.* especie de seixo roliço perfeitamente liso, de cor preta e ás vezes marmoreado, que acompaña ordinariamente as jazidas diamantinas, e a que por isso dão o nome de *captivo* de diamante.

Capuába, *s. f.* (*Par. do N., R. Gr. do N.*) cabana, chõga. || Por extensão, casa mal construida e arruinada: Tua casa é uma *capuába* velha (Meira).

|| *Etym.* E' vocabulo pertencente tanto ao dialecto tupi como ao guarani. Em guarani significa cabana (Montoya); em tupi, quinta ou herdade onde ha casa (*Voc. Braz.*). || Em S. Paulo e Paraná pronunciam *capuava*, e é esse o nome que dão a qualquer estabelecimento agricola com destino á cultura de cereaes, feijões, mandioca e outros mantimentos (Paula Souza). || Fig., qualquer industria que sirva de meio de vida: A clinica é a *capuava* do medico. || No *Esp.-Santo* dão á *capuava* o nome *capixaba*.

Capuáva, *s. f.* (*Paraná, S. Paulo*) o mesmo que Capuába.

Capúco, *s. f.* (*Bahia*) o mesmo que *Batuera*.

Capueira (1^o), *s. f.* nome que dão ao matto que nasce e se desenvolve em terreno outr'ora cultivado. || *Etym.* E' corruptela de *Copuêra*, significando, em linguagem tupi, roça extincta, matto que já foi roçado (*Voc. Braz.*); corruptela devida, sem a menor duvida, á semelhança phonetica deste vocabulo com o vocabulo portuguez capoeira. Sendo o adjectivo *puêra* synonymo de *cuêra*, os Tupinambás e Guaranis diziam indifferentemente *Copuêra* (*Voc. Braz.*) ou *Cocuêra* (Montoya). Se esta ultima fórma tivesse prevalecido, não se teria dado a confusão de *Copuêra* com *Capoeira*. || Por

extensão, chama-se *Capueira* a todo matto baixo que fica depois da extracção das grandes madeiras de construcção.

|| Geralmente se escreve *Capoeira* em logar de *Capueira*.

Capueira (2^o), *s. f.* (*R. de Jan.*) o mesmo que *Urú* (1^o).

Capueirão, *s. m.* antiga *Capueira* (1^o), cujo arvoredo tem adquirido grande desenvolvimento.

Capueiro, *adj.* que habita a *Capueira*: Veado *capueiro*. Lenha *capueira*. || Erra *Aulete* quando diz que no Brazil *capueiro* (*sic*) tem a significação de manso, em opposição ao que é do matto virgem. Tão selvagem é o animal silvestre que habita a *Capueira* como o que habita o matto virgem.

Cará (1^o), *s. m.* nome commum a diversas especies de *Dioscoreas* indigenas produzindo tuberculos comestiveis: *Cará* mimoso, *Cará* roxo; *Cará* do ar, etc.

Cará (2^o), o mesmo que *Acará* (2^o).

Cará (3^o), *s. m.* (*R. Gr. do S.*) nome de uma das variedades desses bailes campestres a que chamam geralmente *Fandangó*.

Carácára, *s. m.* nome commum a diversas especies de aves de rapina, e entre ellas o *Polyborus vulgaris* Vieill. ex Martius. || *Ety m.* E' voc. tupi.

Caracaxá, *s. m.* (*S. Paulo*) chocalho com que se entretêm as crianças. || De *Pern.* ao *Pará* dão a esse instrumento o nome tupi de *Maracá*. || Em algumas provincias do norte *Caracaxá* é o mesmo que *Cansá*. || *Ety m.* Parece ser voz onomatopáica.

Caracú (1^o), *s. m.* (*R. Gr. do S.*) tutano. || *Ety m.* E' vocabulo guarani (*Montoya*). || Os *Tupinambás* da costa meridional do Brazil davam ao tutano o nome de *Canga putuuma* (*Voc. Braz.*) é os da costa septentrional o de *Canguêra pôra* (*Dic. Port. Braz.*) || E' sem duvida por equívoco que o Sr. *Coruja* diz que *Caracú* é o osso da perna do animal.

Caracú (2^o), *adj.* (*S. Paulo, Minas-Geraes*) diz-se de uma raça de bois caracterizada por um pello curto: Um boi *caracú*; uma vacca *caracú*.

Carafuzo, *a, s.* (*Pará*) o mesmo que *Caboré* (1^o).

Carajé, *s. m.* (*S. Paulo*) grangeia com que se enfeita o pão-de-ló e doces. || Muito se assemelha este termo ao *Acarajé* da *Bahia*. Parecendo nascer ambos de um radical commum, cumpre entretanto advertir que *Acarajé* é termo da lingua yorúba, e exprime cousa mui differente do *Carajé*.

Caramburú, *s. m.* (*S. Paulo*) bebida refrigerante feita de milho. Corresponde ao que em outras provincias chamam *Aluá*.

Caraminguás, *s. m. plur.* (*R. Gr. do S.*) cacaréos, badulaques, cousas de pouco valor, que cada um traz consigo em viagem. || Nome que por modestia se applica á mobilia de uma casa: O que mais me custa é o transporte dos meus *caraminguás* para a minha nova habitação. || *Ety m.* Do guarani *Caramenguá*, significando cofre, caixa, etc. Os *Tupinambás* do Brazil diziam, no mesmo sentido, *Caramemoan*, e é esse ainda o nome de um rio da *Bahia*, que figura erradamente nas cartas geographicas com o de *Cramimuan*.

Caramomôm, *s. m.* (*Ceará, Par. e R. Gr. do N.*) trouxa que se adiciona á carga regular de um animal (*Meira*). || *Ety m.* E' evidentemente corruptela de *Caramemoan*.

Caramurú, *s. m.* (*Bahia*) especie de peixe a que o *Voc. Braz.* chama *Lampreia*, e *Gabriel Soares Morêa*. || Alcuinha que os *Tupinambás* deram na *Bahia* a *Diogo Alvares Correia*, o famoso naufrago portuguez que figura com honra na nossa historia. Não se sabe o motivo que determinou essa alcuinha; em todo caso, *Caramurú* nunca significou, nem podia significar *homem de fogo*, como o dizem *Moraes* e outros lexicographos ignorantes da lingua tupi.

Caraná, *s. m.* nome commum a diversas especies de palmeiras, pertencentes ao genero *Mauritia* (*M. Martiana*), *Orophoma* (*O. Caraná*), *Leopoldinia* (*L. pulchra*), *Trithrinax* (*T. brasiliensis*). || *Ety m.* E' voc. tupi.

Carandá, *s. m.* (*Matto-Grosso*) o mesmo que *Carnahúba*.

Carão, *s. m.* (*Serg.*) reprehensão dada em publico a uma criança.

Aquelle que a dá passa um *carão*; aquelle que a soffre leva um *carão* (João Ribeiro). || Antigamente em portuguez *Carão* significava a tez do rosto, a epiderme, cariz. Hoje toma-se por cara grande e disforme (Aulete).

Carapanân, *s. m.* (*Valle do Amaz.*) mosquito pernillongo, especie de *Culex*. || *Etym.* E' vocabulo do dialecto tupi da costa septentrional do Brazil. No sul davam-lhe os Tupinambás o nome de *Marigüi*.

Carapina, *s. m.* artifice em carpintaria que se occupa da construcção de casas, carros, etc., para o distinguir daquelle que se emprega exclusivamente de construcções navaes, e ao qual chamam *carpinteiro*: Na edificação de meu predio urbano tenho empregado os melhores *carapinas*; e confiei a construcção do meu navio a bons *carpinteiros*. || Mesmo a bordo dos navios podem ser empregados *carapinas*, cujo serviço especial consiste na promptificação dos arranjos internos, moveis e certas obras de ornato. (*Dic. Mar. Braz.*) || *Etym.* O *Dic. Port. Braz.* dá *Carapina* como termo tupi; mas a mim me parece que não é mais do que a corruptela de *carpinteiro*, devida á má pronuncia dos indios.

|| Tambem dizem *carpina*. || *Obs.* Na provisão do conselho ultramarino de 20 de Abril de 1736 se falla em *Carapina* (Moraes). Não me tem sido possível descobrir este documento em collecção alguma.

Carauño, *adj.* (*R. Gr. do S. e Alagôas*) diz-se do boi preto mui retinto (Coruja, B. de Maceió). || *Etym.* Nas duas ultimas syllabas, *uno* é manifesta a corruptela de *una* que na lingua tupi significa preto. Quanto ás duas primeiras syllabas, não lhe posso reconhecer a origem. Será por ventura *carauño* uma palavra hybrida formada do portuguez *cara*, por semblante, physionomia, e *unv*, preto?

Caribé, *s. m.* (*Pará*) especie de alimento preparado com a polpa do abacate.

Caribóca, *s. m. e f.* mestiço de sangue europeu e do aborigene brasileiro. || No Pará lhe chamam *Curibóca* (José Verissimo). || No Ceará o *Curibóca*

é o mestiço de cór avermelhada-escura, com cabellos lustrosos e annelados, provindo da mistura do sangue europeu, africano e americano (Araripe Junior).

|| *Etym.* O *Dic. Port. Braz.* apresenta *Carybóca* como traducção de mestiço, sem dizer a que mestiçagem se refere. Em todo o caso, ahi se revela a existencia do radical *Carahya*, nome que os Tupinambás deram aos Portuguezes e os Guaranis aos Hespanhoes, em allusão aos seus feiticeiros, aos quaes consideravam homens de summa habilidade e prestimo. *Curibóca* não é senão a corruptela de *Caribóca*.

Caríjo, *s. m.* (*Paraná*) armação de varas nas quaes se suspendem os ramos da Congonha, com fogo por baixo, para effectuar a operação da *sapêca*, isto é, da chamusca.

Carimán, *s. m.* massa de mandioca puba, reduzida a pequenos bolos seccos ao sol. Com o *Cariman* se fazem essas papas a que chamam *mingau*, e ao qual se pôde ajuntar *gemma de ovo* e leite. Serve tambem para toda a sorte de bolos doces. || *Etym.* E' vocabulo tupi (*Dic. Port. Braz.*). Gabriel Soares falla de *Cariman* como especie de farinha feita da mandioca puba, e a que elle attribue grandes vantagens, já como materia alimenticia, já como contra-peçonha. Segundo Agostinho Joaquim do Cabo, no valle do Amaz., tambem lhe chamavam *cayarimã*. Os guaranis davam o nome de *cañarimã* á mandioca secca ao fumo, e o de *cañarimãcui* á farinha feita da mandioca assim preparada (Montoya).

Carióca, *s. m. e f.* appellido dos naturaes da cidade do R. de Jan.

|| *Etym.* *Carióca* era o nome de uma ribeira que, passando no Cosme-Velho, percorre o bairro das Laranjeiras, atravessa o Catete, e deita-se na praia do Flamengo. Hoje lhe chamam rio das Caboclas, e o vejo tambem mencionado com o nome de rio do Catete, em uma carta topographica da mesma cidade. Era essa ribeira que fornecia agua potavel aos habitantes da recente cidade de S. Sebastião. Actualmente designa-se com o nome de *Carióca* a um chafariz que se construiu junto do morro de Santo Antonio, e cujas aguas procedem

das mesmas fontes em que tem a sua origem aquella ribeira. A' margem della, proximo ao mar, existia em 1557 uma aldêa de aborigenes. Vejamos o que diz Léry sobre a significação dessa palavra que elle, como francez, orthographa a seu modo: « *Kariauh*. En ce village ainsi dit ou nommé, qui est le nom d'une petite riviere dont le village prend le nô, à raison qu'il est assis près & est interpreté la maison des *Karios*, composé de ce mot *Karios* & d'*auq*, qui signifie maison, & en ostant *os*, & y adioustant *auq* fera *Kariauh* ». Em relação ao assumpto, não nós dá este auctor a significação da palavra *Karios*; mas no proseguimento da sua narrativa e enumeração das tribus selvagens de que tinha noticia, falla nos *Karios* como de gente habitando além dos Touaijaires (Tobajaras?) para as bandas do rio da Prata. Estes *Karios* não eram pois senão os *Carijós*, que occupavam a parte do littoral comprehendida entre a Cananéa e Santa Catharina (Gabriel Soares). Mas sendo os *Carijós* inimigos dos Tupinambás ou Tamoyos do R. de Jan., como admittir que houvesse aqui uma colonia delles? Ha materia para estudo.

Caritó, *s. m.* (*Pern.*) casinholo, habitação de gente pobre. || (*Alagôas*) Quarto ou compartimento acanhado nas casas de habitação (B. de Maceió). || (*Par.*, *R. Gr. do N.*, *Ceará*) cantoneira. || (*Fernando de Noronha*) especie de gaiola em que se prendem e se exportam os afamados Carangueijos daquella ilha.

Carlinga, *s. f.* (*Ceará*) taboleta com furos em baixo do banco da vela de uma jangada e na qual se prende o pé do mastro, mudando-se de um furo para outro, conforme a conveniencia da occasião (J. Galeno). || *Etym.* E' termo nautico portuguez, significando grossa peça de madeira fixa na sobre-quilha, tendo na face superior uma abertura por onde entra a mecha do mastro (*Dic. Mar. Braz.*)

Carnahúba, *s. m.* (*Pern.*, *Par.*, *R. Gr. do N.*, *Ceará*, *Piauhy*) Palmeira do genero *Copernicia* (*C. cerifera*). Nos sertões da Bahia chamam-

lhe *Carnahyba*, e em Matto-Grosso *Carandá* (*Flor. Braz.*). || *Etym.* E' voc. de origem tupi, que se decompõe em *Caraná-yba*.

Carnahyba, *s. m.* (sertão da Bahia) o mesmo que *Carnahúba*.

Carne de vento. *V. Charque.*

Carne do Ceará. *V. Charque.*

Carne do sertão. *V. Charque.*

Carne do sol. *V. Charque.*

Carne-secca. *V. Charque.*

Carneação, *s. f.* (*Rio Gr. do S.*) acto de carnear.

Carnear, *v. tr.* (*Rio Gr. do S.*) matar a rez, acondicionando-lhe a carne, couro, etc. (Coruja). || Valdez menciona este verbo como oriundo da America hespanhola. Aulete o define mal. *Carnear* nunca foi, como elle o diz, syn. de *charquear*.

Carôna, *s. f.* (*Provs. mérids.*) certa peça dos arreios, que consiste em uma sola ou couro quadrado, ordinariamente composto de duas partes iguaes cosidas entre si, a qual se põe por baixo do lombillo, e cujas abas são mais compridas que as deste (Coruja). || (*Par. e outras provs. do N.*) Especie de capa estofada que se põe por cima da sella (Meira). || *Etym.* E' vocabulo de origem castelhana. Valdez traduz *Carôna* por suadouro. No Brazil, porém, e em Portugal, o suadouro é cousa differente, sendo a peça dos arreios que assenta immediatamente sobre o lombo do animal.

Carpa, *s. f.* (*Paraná*, *S. Paulo*, *Minas Geraes*, *Goyas*, *Matto-Grosso*) o mesmo que *capina*, no sentido de sacha.

Carpína, *s. m.* o mesmo que *carapina*.

Carpinteiro, *s. m.* operario que se emprega na construcção e concertos do casco e mastreação dos navios, bem como no fabrico dos escaleres, lanchas, etc. (*Dicc. Mar Braz.*). || A isto se chamava dantes no Brazil *carpinteiro da ribeira*, para o distinguir do artefice em madeira que se occupa da construcção de casas, carros, etc., ao qual dão hoje o nome de *carapina*. Cumpre, entretanto, fazer observar que o voc. *carpinteiro*, em sua accepção

portugueza, é ainda usual em muitas provincias do Brazil, mesmo relativamente a obras que nada têm que ver com as construcções navaes.

Carpir, *v. tr.* (Paraná, S. Paulo, Minas Geraes, Goyaz, Matto Grosso) o mesmo que *capinar*, como se diz geralmente no Brazil, isto é, mondar, sachar, limpar a terra das hervas que prejudicam as plantas uteis. || *Ety m.* Tenho vacillado muito, quanto á origem deste verbo, no sentido em que o empregam entre nós. Antigamente em portuguez, o verbo *carpir*, do latim *carpere*, significava arrancar, colher: Carpir a herva que afoga o trigo (Aulete). Actualmente significa tão sómente prantear, lastimar, chorar, e nesta accepção o empregam tanto na litteratura portugueza como na brazileira. Póde-se pensar, portanto, que o verbo em questão é portuguez com a significação, hoje perdida em Portugal, de arrancar as hervas más. Entretanto militam razões para se lhe attribuir uma origem tupi. No dialecto dos Tupinambás que habitavam o Rio de Janeiro havia os verbos *Acapir* e *Aicapir* com a significação, o primeiro de andar mondando, e o segundo de mondar a planta (*Voc. Braz.*). Os Tupinambás do Norte diziam *Caá pyir* por limpar o matto baixo, sendo esta palavra composta de *caá* herva e *pyir*, limpar, varrer (*Dicc. Port. Braz.*). Os Guarani do Paraguay exprimiam a mesma idéa dizendo *Aicápi* (Montoya). Em vista do que tenho exposto, parece-me que ha tanto motivo para julgar que o nosso *Carpir* é originariamente portuguez, como que é um metaplasmo dos vocabulos dos dialectos tupis que citei.

Carrapicho, *s. m.* nome commum a diversas especies de plantas, cujas sementes se prendem á roupa dos que passeiam pelo campo. || Em Portugal, é o atado de cabello no alto da cabeça para do restante se fazerem tranças ou outro penteado (Aulete).

Carrasco, *s. m.* especie de matta anan composta de arbusculos de caule e ramos esguios, com quasi um metro de altura e geralmente chegados entre si (Saint-Hilaire). || E'

sempre indicio de um terreno esteril.

|| *Ety m.* Este vocabulo é portuguez, e, além da odiosa significação de algoz, é em Portugal o nome de um arbusto silvestre sempre verde, da familia das Cupulíferas, que nasce nos terrenos estereis (Aulete). || Segundo este lexicographo, *Carrasco* e *Carrasqueiro* são synonymos. Diz Saint-Hilaire que aos *Carrascos* de uma natureza mais vigorosa dão em Minas-Geraes o nome de *Carrasqueiros*, ou talvez *Carrasqueiros*.

Carrasqueino, *s. m.* V. *Carrasco*.

Carrasqueiro, *s. m.* V. *Carrasco*.

Caruára, *s. f.* (Pará) fraqueza das pernas: Estou soffrendo de *Caruára*, e mal posso dar alguns passos.

|| Tambem significa quebranto, mau olhado, molestia motivada por feitiços, mau estar, indisposição physica, achaque (J. Verissimo). || (*Da Bahia ao Ceará*) especie de paralysis ou tolhimento que ataca as pernas dos bezeros e outros animaes recém-nascidos (Aragão). || *Ety m.* E' vocabulo da lingua tupi significando *corrimentos* (*Dic. Port. Braz.*). Em guarani, *carugá*, traduzido para o castelhano, significa *dolores en las conjunturas* (Montoya). Yve d'Evreux escreveu *Karuare* e o traduziu para o francez em *goutte*.

Caruêra, *s. f.* (Rio de Jan.) o mesmo que *crueira*.

Carumbé, *s. m.* (Minas-Geraes) especie de gamella conica, feita de madeira e destinada a transportar para o logar da lavagem os minerios de ouro ou diamantes (Saint-Hilaire). Segundo Montoya, o vocabulo *Carumbé* é o nome guarani da tartaruga, e dão tambem esse nome a um cesto tosco su semelhante (sem duvida semelhante na forma ao casco da tartaruga). Devemos pensar que o *Carumbé* de Minas-Geraes teve a mesma origem. No Pará, *Jabutí-carumbé* é uma especie de Jabuti (*Testudo terrestris*) (B. de Jary).

Carurú, *s. m.* especie de esparregado de hervas e quiabo, a que se ajuntam camarões, peixe, etc.; e tudo temperado com azeite de dendê e muita pimenta. || Este voc. pertence tanto

ao tupi como ao guarani. Montoya traz *Cadrurúe* o traduz por *Verdolagas*, isto é, *Beldroéga*; mas, contrariamente ao seu costume, não decompõe a palavra. No *Dicc. Port. Braz.*, *Caú rerú* é também a tradução de *Beldroéga*, cumprindo, porém, advertir que este vocabulo é composto de *Caú* herva e *Rerú* vasilha; parecendo, portanto, significar uma vasilha, ou antes um prato deervas, o que quadra bem com a denominação desta iguaria. No Rio de Jan. e em outras partes do Brazil, o voc. *Carurú* designa, á excepção da *Beldroéga*, certas especies de ervas, sobretudo *Amaranthaceas* que se guisam. Na Bahia todas essas ervas têm a denominação geral de *Bredos*, e só adquirem a de *Carurú* depois de reduzidas ao estado da famosa iguaria, tanto assim que as ervas preparadas de outro qualquer modo não mudam de denominação. Uma cousa a notar é que, nas colonias francezas das Antilhas, dão o nome de *caloulou* a certo preparado culinario em que entra o quiabó (Alph. de Candolle).

Casáca, *s. m.* (*Pianhy*) o mesmo que *Caipira*. || *Etym.* Tem sua origem no uso que fazem os camponezes da *casaca de couro* ou antes *gibão* de que se vestem, para percorrerem as bre-nhas em procura do gado.

Casa-do-meio, *s. f.* (*Rio de Jan.*) o segundo dos tres compartimentos em que se divide um curral de pescaria. Na Par. do N. lhe chamam *Chiqueiro*.

Cascalho, *s. m.* (*Minas-Geraes, Goyaz, Matto-Grosso*) alluviões auríferas ou diamantíferas. Contêm em geral muitos seixos roliços (Castelnau). || Os depositos de cascalho distinguem-se em tres camadas, que os mineiros chamam: *cascalho virgem*, o mais antigo; *pururúca*, o mais recente e de formação contemporanea; e *corrido*, o deposito intermediario entre a *pururúca* e o *virgem* (Couto de Magalhães). || *Etym.* E' vocabulo de origem portugueza.

Caseira, *s. f.* concubina; mulher que vive na casa do seu amasio, á laia de mulher legitima. || *Etym.* E' voc. de origem portugueza; mas

tem em Portugal uma significação mais innocente. *Caseira* alli é a mulher do caseiro, e este o arrendatario de um predio ou herdade.

Casqueiro, *s. m.* (*S. Paulo*) o mesmo que *Sambaqui*.

Cassáco, *s. m.* (*Pern.*) o mesmo que *Saruê*.

Cassamba, *s. f.* balde ordinariamente preso a uma corda, e serve para tirar agua dos poços, dos rios ou do mar. || Corda e *cassamba*, locução popular para definir duas pessoas inseparaveis:— José e Joaquim são a corda e a *cassamba*. Corresponde á locução portugueza a corda e o caldeirão.

|| Especie de estribo em forma de chinellas, quer sejam de metal, quer de couro.

Cassuá (1º), *s. m.* (*De Alagoas ao Rio-Gr. do N.*) especie de cesto de cipó rijo, da feição de uma canastra sem iampa, com azelhas do mesmo cipó, para dellas se pendurarem nas cangalhas. Um par de *cassuás* com feijão, arroz, milho, melancias, etc. constitue a carga de um animal (Moraes). || No interior do Maranhão é o *cassuá* feito de couro (B. de Jary) e a isso chamam *brudca* em outras partes do Brazil.

Cassuá (2º), *s. m.* (*Rio de Jan.*) especie de rede de pescaria de malhas largas, nas quaes fica preso o peixe grande, como a corvina, quando intenta atravessal-a. Diz-se que ficou *malhado* o peixe preso desta sorte.

Cassúla, *s. m. e f.* filho ou filha mais moço de um casal. || *Etym.* E' voc. da lingua bunda significando filho ultimo (Capello e Ivens). Também dizemos *Cassulé*: Aquelle pejueno é o meu *cassula* ou *cassulé*.

Cassulé, *s. m. e f.* o mesmo que *cassula*.

Castanha, *s. f.* nome vulgar de diversas fructas indigenas, embora nenhuma relação tenham com a *Castanea vulgaris* proveniente da Europa; taes são, entre outras, a *Castanha de Cajú*, fructa do Cajueiro; a *Castanha do Maranhão*, semente da *Bertholletia excelsa*, que se deveria antes chamar *Castanha do Amazonas*; a *Castanha do Pará*, semente da *Pachira insignis* etc.

Cáta, *s. f.* lugar cavado nas terras e nas minas, onde já appareceu terra ou matriz de ouro de lavagem (Moraes). || Cova aberta em quadratura mais ou menos regular, para extrahir ouro das entranhas da terra (Costa Rúbim). || On appelle ainsi les excavations faites par les anciens mineurs (Saint-Hilaire). || *Etym.* Parece evidente que este voc. deriva-se do verbo catar, significando buscar, procurar, tanto mais que Moraes cita a seguinte phrase de Bern. Lyra:— A cobiça *cata* o ouro nas entranhas da terra. || *Obs.* No tempo das grandes minerações que se executavam nas provincias auríferas do Brazil, era muito usado este termo. Não sei se ainda hoje o empregam.

Catambuêra, *s. f. e adj. m. e f.* (Rio de Jan.) nome que dão a qualquer fructo vegetal atrophiado: Maçaroça *catambuêra*, melancia *catambuêra*, mandioca *catambuêra*, etc. || Nas fazendas de serra-abaxo, dizem indifferentemente *catambuêra* e *catanguêra* (Macedo Soares). || Tambem pronunciam *quitambuêra*. || Na Bahia e outras provincias do norte até o Pará, dizem *tambuêra* ou *tambuêra*, nos mesmos casos em que se servem no Rio de Jan. da palavra *catambuêra*. No Maranhão, porém, a *tambuêra* é a maçaroça do milho depois de debulhada, isto é, o sabugo a que em Portugal chamam tambem *carôlo*. Na Bahia dão particularmente o nome de *gangão* ou *dente de velha* á maçaroça que contém poucos grãos e estes dispersos. || *Etym.* *Catambuêra* é evidentemente voc. de origem tupi; *tambuêra* não é senão a apherese delle. || Tanto Moraes como Aulete escrevem *tambuêra*, e é essa talvez a pronuncia mais geral.

Catandúva (1º), (S. Paulo, Paraná) o mesmo que *Cahiva*.

Catandúva (2º), *s. f.* (Rio-Gr. do N.) especie de arvore que chega a ter onze metros de altura, a qual fornece madeira branca. Tem amago violaceo, folhas miudas e casca abundante de tannino (Meira).

Catanguêra, *s. f.* (Rio de Jan.) o mesmo que *Catambuêra*.

Catapóras, *s. f. pl.* nome vulgar da varicelle, erupção cutanea a que o vulgo chama igualmente *be-wigas doudas*. Tambem dizem *Tatapóras*.

Catêrête, *s. m.* (Prov. merid.) especie de batuque, que consiste em danças lascivas ao som da viola.

Catharinense, *s. m. e f.* natural da provincia de Santa-Catharina. || Adj. que é relativo a essa provincia.

Catimbáu, *s. m.* cachimbo pequeno, velho. || Homem ridiculo (Moraes). || *Obs.* Não me recordo de ter uma só vez ouvido usar deste voc. a não ser como nome de uma ilha na bahia do Rio de Jan., proximo ao Maruhi-grande. Entretanto, o *Dicc. Port. Braz.* o menciona no seu artigo *Sarro*, como pertencendo ao dialecto tupi do Amaz. || No Pará dizem *Catimbáua*.

Catimbáua, *s. m.* (Pará) o mesmo que *Catimbáu*.

Catimpuêra, *s. f.* (Alagôas) especie de bebida fermentada feita com a mandioca mansa ou aipim cozido, reduzido a pasta passada pela peneira e posta dentro de um vaso novo de barro ou pote, de mistura com uma quantidade sufficiente de agua, á qual se ajunta mel de abelhas. Deita-se o vaso em lugar aquecido, ordinariamente junto ao fogão e não mui longe do fogo. Depois de alguns dias, manifesta-se a fermentação, e, terminada ella torna-se potavel a bebida. Usam da *catimpuêra* como regalo e como remedio (B. de Maceió). Esta bebida é, mais ou menos, a mesma que o *Cauim*. || No Pará dão o nome de *Guariba* ou *Beiju-assú* a uma especie de *Catimpuêra*.

Catinga (1º), *s. f.* fartum, cheiro forte e desagradavel que se exhala do corpo humano, sobretudo do dos Africanos, de certos vegetaes e animaes, e de comidas mal preparadas ou deterioradas. || *Etym.* É voc. pertencente á lingua tupi. Os guaranis dizem *Cati*, por *catinga*, pelo mesmo motivo por que dizem *tá*, por *tinga*, variações dialecticas que não prejudicam a unidade da lingua. Na pessima edição do *Dicc. Port. Braz.*

impresso em Lisboa em 1795, não se encontra o voc. *Catinga*; mas no precioso manuscrito que lhe serviu de original, e que se acha na Bibliotheca Publica do Rio de Jan., lê-se *catanga* como traducção de *cheiro de raposinhos*. No *Voc. Braz.* pertencente ao mesmo estabelecimento encontra-se, na letra C, o seguinte: Cheiro de raposinhos = *caatinga*; e na letra R, Raposinhos, cheiro = *catanga*. Essa differença orthographica nas duas versões é certamente devida a erro de escripta, erro que não se encontra na copia que existe na Bibliotheca Fluminense, e foi extrahida do manuscrito pertencente à Bibliotheca de Lisboa. Errou, portanto, o sabio D. Francisco de S. Luiz attribuindo-o a Angola. Nesse engano o acompanham outros etymologistas. || Parece que é termo já acceito em Portugal, se attendermos a que Capello e Ivens o empregam constantemente no mesma acceção que lhe damos no Brazil. || Na Republica Argentina e no Estado Oriental do Uruguay, o voc. *catanga* é usual na mesma acceção que tem no Brazil, mas na Bolívia, *catanga*, *adj.* se traduz por elegante, catita (Velardo) e isto parece indicar que este homonymo tem alli uma origem mui differente da do nosso.

Catinga (2º), *s. m. e f.* avarento, tacanho, mesquinho. || *Etym.* Não sei que analogia possa ter este voc. com aquelle que significa mau cheiro, a menos que figuradamente se considere o avarento tão repulsivo como o fedorento, segundo judiciosamente pensa Macedo Soares.

Catinga (3º), *s. f.* nome commum a certas plantas pertencentes a differentes familias botanicas, e se distinguem entre si por denominações especificas. Provêm-lhes o nome de cheiro mais ou menos forte que exalam, e algumas ha que são de aroma agradável, como a *Catinga-de-mulata*, que cheira a anis.

Catinga (4º), *s. f.* especie de mattas enfezadas que se estendem, pelo interior do Brazil, desde a parte septentrional de Minas-Geraes, Goyaz e sertão da Bahia, até o Maranhão. Longe

de apresentarem massiços impenetraveis como esses que caracterizam nossas florestas primitivas, consistem geralmente as *Catingas* em arvoretas tortuosas, e a maior parte das vezes sufficientemente separadas umas das outras, de maneira a facilitar o transitio de um cavalleiro; e ha vaqueiros que, na perseguição de uma rez, correm por ellas a galope, bem que com manifesto perigo de vida. || *Etym.* Muito se tem discutido a etymologia de *Catinga*, como denominação das mattas de que tratamos. Pessoas ha que, firmando-se apenas na estructura actual deste vocabulo, o fazem derivar de *Cai-tinga*, matto branco. Esta interpretação não tem o menor fundamento. Com effeito, as *catingas* nada apresentam que justifique o emprego do adjectivo *branco* para as qualificar. O que as torna notaveis, como pude observar nas minhas viagens pelos sertões, é que, passada a estação das chuvas, perdem completamente a folhagem e ficam, durante parte do anno, com o aspecto de mattas seccas. Foi d'esse facto que parti para resolver a questão de um modo razoavel. *Catinga* não é mais do que a contracção do *Cai-tinga*, significando *mattas seccas, arvoredo secco*. Si algum achasse estranha esta etymologia, eu lhe faria observar que não é esse o unico exemplo de contracção que a corruptela tem introduzido em muitos termos da lingua tupi, o que torna hoje difficil, se não impossivel, a decomposição de muitos nomes de que nos servimos diariamente sem lhes conhecermos a primitiva significação. Entre outros, que deixo de lado, citarei *Cutinguiba*. Quem dirá, á primeira vista, que *Cutinguiba* é a contracção de *Ybby-cuitinga-tyba*, cuja traducção litteral é logar de pó branco de terra, que se resume em *areal*? Entretanto, assim é. Se bem firmado me achava com a etymologia proposta, muito mais o fiquei quando tive a occasião de ler a obra de Yves d'Evreux, *Voyage dans le Nord du Brésil*, na qual achei a mais plena confirmação da minha interpretação. Vejamos o que diz este escriptor, tão minucioso na narração dos acontecimentos que se effectuaram no Mara-

nhão, durante o dominio francez:—«En ce temps, la Nation des Tremembais, qui demeure au deçà de la montagne de Camoussy et dans les plaines et sables, vers la Rivière de Toury, non guère esloignée des arbres secs, sables blancs et l'Islette Sainte Anne, fit une sorti inopinee vers la forest où nichent les oyseaux rouges, etc.»— E mais adiante:

— « Ils se servent de ce lieu des arbres secs a prendre les Tupinambos comme on faict de la ratiere a prendre les rats. » — Esta bem claro que o illustre capuchinho não se serviu da expressão *arbres secs* para designar essa região ao oriente do Maranhão, a qual elle apenas conhecia de noticia, senão porque limitou-se a verter litteralmente para o francez o nome de *Caa-tinga* que lhe davam os aborigenes, como tambem em *sables blancs* o *ÿbÿ-cui-tinga*, e em *Oyseaux rouges* o *Guirã-piranga*, a formosa ave a que damos hoje o nome singelo de *Guarã*. Fica, d'esta sorte, tão patente a naturalidade da etymologia proposta, que nenhuma duvida pôde mais haver sobre a origem da palavra *Catinga*. Acrescentarei apenas que em Goyaz, segundo me informa um honrado fazendeiro daquella provincia (Correia de Moraes) dão indifferentemente a esses accidentes florestaes o nome de *Catingas* ou de *mattos secços*, e isto prova que a tradição tem alli conservado a primitiva significação do voc. tupi.

Catingar, v. intr. exhalar mau cheiro.

Catingoso, adj., que exhala mau cheiro. Tambem dizem *catinguento*.

Catingueiro, adj. habitante ou frequentador das mattas a que chamam *Catinga* (4º): Veado *catigueiro*; boi *catigueiro*.

Catinguento, adj. o mesmo que *catigoso*.

Catinginga, s. f. (*Pará*) o mesmo que *Pixirica*.

Catita, s. m. (*Pern., Par. do N., R. Gr. do N.*) o mesmo que *Camundongo*.

|| Em outras accepções, o voc. *Catita* é portuguez, e, como *adj.*, significa casquilho, peralvilho; e tambem airoso, elegante (fallando das cousas): Umás botas *catitas* (*Aulete*).

Catolé, s. m. (*Prov. do N.*) nome commum a Palmeiras de generos diversos. O *catolé* do Piahy pertence ao gen. *Cocos* (*C. Comosa*); e de outras provincias ao gen. *Attalea* (*A. humilis*). A esta ultima especie tambem chamam indifferentemente *Catolé* e *Pindóba* no Rio de Janeiro (*Glaziou*).

Cauába, s. f. (*Esp. Santo*) nome tupi e guarani da vasilha que contém o *cauim*. Saint-Hilaire ainda o encontrou em uso naquella provincia quando alli esteve em 1818.

Cauassú, s. m. (*Pará*) palmeira do genero *Manicaria* (*M. Saccifera*).

Cauhila, adj. m. e f. sovina, avaro, tacanho. || *Etym.* Ignoro a origem deste voc.; recorde-me, porém, que na minha infancia ouvi muitas vezes usarem d'elle os Africanos, dizendo indifferentemente *Cauhila* e *cauhira*. Na lingua bunda, avarento se se traduz por *ca-cória* (*Capello e Ivens*).

Cauhira, adj. m. e f. o mesmo que *cauhila*.

Cauim, s. m. especie de bebida preparada com a mandioca cozida, pisada e posta com certa quantidade de agua, dentro de um vaso, onde a deixam fermentar. Corresponde ao que em Alagoas chamam *Cutimpuêra* e no Pará *Guariba* ou *Beijú-assú*. Era o *cauim* a bebida predilecta dos selvagens do Brazil, no tempo da descoberta, e ainda hoje é usada na provincia do Esp. Santo e em outras. Os selvagens preparavam a massa da mandioca por meio da mastigação. Tambem o faziam com milho cozido e igualmente mastigado. Segundo Saint-Hilaire, no Esp. Santo, o chamavam igualmente *cauába*; mas *cauába* ou *caguába* é mais propriamente o vaso que contém o *cauim*. O voc. *cauim* se encontra no *Dicc. Port. Braz.* O *Voc. Braz.* escreve *caóy*, e Montoya *Câgûi*. No Pará dão os Indios á aguardente o nome de *cauim* (*B. de Jary*) ou *cauen* (*Seixas*). O *cauim* preparado com o milho é justamente o que chamam *Chicha* em Bolivia.

Cauxí, s. m. (*Amaz.*) materia que, no Rio Negro e em outros de aguas pretas, se agglomera nas raizes das arvores ás margens desses rios. O *cauxí* apresenta a fórma da esponja e tem

propriedades causticas. Os naturaes utilizam-se das cinzas desta materia, misturando-a com o barro, para fabricarem louça (F. Bernardino).

Cavalháda, *s. f.* porção de cavallos. Quando se trata de eguas, chama-se *eguada*; se de mulas, *mulada*. || Em referencia a torneios, usa-se no plural: *Cavalhadas*.

Cavallarião, *s. m.* (*Provs. do N.*) mercador de cavallos. || No Rio Gr. do S., soldado de cavallaria.

Cavallinho, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) couro curtido de cavallo. || Na accepção portugueza, geralmente seguida no Brazil, *cavallinho* não é senão o diminutivo de cavallo.

Cavorteiro, *adj.* (*R. Gr. do S., S. Paulo, Paraná*) o mesmo que *Caborteiro*.

Cavouco, *s. m.* (*Alagôas*) o mesmo que *Cóvoco*.

Caxambú, *s. m.* (*Minas Geraes*) especie de batuque de negros ao som do tambor. E' semelhante ao *Quimbête*, com a differença de que este se exerce nas povoações, e aquelle nas fazendas.

Caxarella, *s. m.* (*Bahia*) o macho da baleia (Valle Cabral).

Caxerenga, *s. f.* (*Serg.*) o mesmo que *Caxirenguengue*.

Caxingar, *v. intr.* (*Piauhy, sertão da Bahia*) coxear.

Caxinguelê, *s. m.* (*R. de Jan.*) nome vulgar de uma ou mais especie de pequenos mamíferos do genero *Sciurus*, da ordem dos Roedores. E' o esquilo do Brazil. || *Etym.* Parece ser corruptela de *Chit'njanquê*, nome que dão em Angola ao rato das palmeiras. || Em S. Paulo e Paraná lhe chamam *Sêrêlêpe* e tambem *Quatiãpe*; no Maranhão e Paraná *Quatipurú*, e creio que em Pern. *Quatimirim*. Parece ser o mesmo animal a que Gabriel Soares chama *Cotimirim*.

Caxirenga, *s. f.* (*Alagôas*) o mesmo que *Caxirenguengue*.

Caxirengue, *s. m.* (*Bahia, R. de Jan.*) o mesmo nome que *Caxirenguengue*.

Caxirenguengue, *s. m.* (*Provs. merid. e Matto-Grosso*) faca velha sem cabo. No Rio de Jan. tambem lhe chamam *Caxiri* e *Caxirengue*; na

Bahia Caxirengue e *Cacumbú*; em *Sergipe Caxerenga*; em *Alagoas Caxirenga* e *Cacerenga*; em *Pern.*, *Par.* do N. e R. Gr. do N., *Quêcê* e *Quicê*; no *Ceará Quicê*; no *Maranhão Cicica*; no *Pará Quicê-acica* ou simplesmente *Quicê*. || No sentido figurado, dá-se o nome de *Caxirenguengue* ao homem ou animal rachitico, enfezado. Cousa digna de notar-se é que, ao passo que as diversas regiões do Brazil tenham á porfia adoptado nomes especiaes para designar uma faca velha sem cabo, constituindo desta sorte uma extensa synonymia, não ha em toda a lingua portugueza um só vocabulo que lhe seja equivalente. E' facil dar a razão deste facto. O *Caxirenguengue*, sendo particularmente destinado a raspar a mandioca, não tem em Portugal a utilidade que lhe dá tamanha importancia no Brazil.

Caxiri (1º), *s. m.* (*Pará*) especie de alimento preparado com o beijú diluido em agua (Baena). || *Obs.* Agostinho Joaquim do Cabo, na *Memoria sobre a mandioca ou pão do Brazil* (ms. da Bibliotheca Nacional), dá o *Caxiri* ou *Cachiri* do Amazonas, como syn. de *Mô-córôro*.

Caxiri (2º), *s. m.* (*R. de Jan.*) o mesmo que *Caxirenguengue*.

Caxixi, *adj.* (*Alag., Pern., Par. do N., R. Gr. do N., Ceará*) diz-se da aguardente de qualidade inferior: Naquelle taverna não se vende senão aguardente *caxixi*.

Caxumba, *s. f.* (*R. de Jan.*) nome vulgar da Parotite, inflamação da Parótida. || *Etym.* Não sei donde nos veiu este vocabulo. Geralmente usam d'elle no plural, porque sempre inflamam-se as duas glandulas parotidas (B. de Maceió).

Cayaué, *s. m.* (*Valle do Amaz.*) palmeira do genero *Elaeis* (*E. melanococca*).

Cearense, *s. c.* natural da provincia do Ceará. || *Adj.* pertencente, relativo áquella provincia.

Cempasso, *s. m.* (*Ceará*) medida de superficie com cem passos em quadro. Dous *cem-passos* são dous quadros. Fiz um roçado com tres *cem-passos*, isto é, de tres quadros de *cem-passos* (J. Galeno).

Cercáda, *s. m.* (Rio de Jan.) o mesmo que *Curral de peixe*.

Cerrado, *s. m.* (Goyaz, Matto-Grosso) especie de matta composta de arvoretas enfezadas e tortuosas, entre as quaes vegetam gramineas apropriadas ao pasto do gado. E' *Cerrado fechado* quando as arvores estão mais proximas umas das outras, e *Cerrado ralo* quando distam entre si, de maneira a facilitar o transito dos animaes. Os *Cerrados* occupam quasi sempre esses terrenos elevados a que chamam taboileiros (Cesar. C. da Costa).

Chácara, *s. f.* (R. de Jan. e provs. merid.) especie de quinta nas vizinhanças das cidades e villas. Na Bahia lhe chamam *Roca*, no Pará *Rocinha* e em Pern. *Sítio*. No R. Gr. do S. estendem a denominação de *Chácara* ás pequenas herdades destinadas á criação de gados. || *Etym.* Do quichua *Chhacra*, significando herdade de cultura, granja (Zorob. Rodrigues). || Valdez escreve *Chacra*, e é essa realmente a pronuncia mais usual.

Chacareiro, *s. m.* (R. de Jan.) administrador ou feitor de uma *Chácara*. || (R. Gr. do S.) pequeno criador de gado.

Chacarinha, *s. f.* pequena *Chacara*; *Chacarôla*.

Chacaróla, *s. f.* o mesmo que *Chacarinha*.

Chalana, *s. f.*, pequena embarcação de fundo chato, lados rectos e prôa e pópa salientes, empregada no trafego dos rios e igarapés (*Dicc. Mar. Bras.*). || No R. de Jan. e outras prov. lhe chamam *Prancha*. || *Etym.* E' vocabulo castelhano, significando barco chato para transportar mercadorias (Valdez).

Chamarrita *s. f.* (R. Gr. do S.) nome de uma das variedades desses bailes campestres, a que chamam geralmente *Fandango*.

Chamboqueiro, *a*, *adj.* (*Serg. e Alag.*) chamboado, grosseiro, toscos: Um anel *chamboqueiro*. Uma pessoa de feições *chamboqueiras* (João Ribeiro, B. de Maceió). || *Etym.* E' voc. de origem portugueza.

Changueirito, *s. m.* (R. Gr. do S.) diminutivo de *Changueiro*.

Changueiro, *s. m.* (R. Gr. do S.) cavallo para pequenas corridas, parrelheiro regular. Valdez cita *Changueiro* como termo cubano, significando gracioso, divertido. Não me parece que isso nos possa conduzir á *etym.* do voc. rio-grandense. || Aulete escreveu erradamente *Changuero*.

Changüi, *s. m.* (R. Gr. do S.) usa-se deste vocabulo nas seguintes locuções: Dar *changüi*, ou não dar *changüi*, isto é, fazer, ou não concessões ao adversario. E' expressão mui empregada em relação ás corridas. Um corredor muitas vezes trata com outro uma corrida, tendo certeza de a perder, para depois ganhar uma melhor. Dizem a isto dar *changüi* (S. C. Gomes). || *Etym.* E' voc. castelhano, significando palavrório, palavras sem fundamento (Valdez).

Chapáda, *s. f.* planice no alto de uma montanha. || No Maranhão é qualquer planice de vegetação rasa, sem arvoredos. || Em Portugal é tambem qualquer extensa planice, sem relação nenhuma com as montanhas. Aulete cita a esse respeito a autoridade de Latino Coelho, quando se refere provavelmente aos desertos do Sahara. || A *Chapáda* dos Brazileiros é um caso particular de topographia, que nunca se deve confundir com o *Planalto* dos Portuguezes. Si tivessesmos, por exemplo, de descrever a cidade de Petropolis, diriamos acertadamente que ella está situada no *Planalto* central do Brazil; mas errariamos, sem duvida, se dissessemos que a edificaram em uma *Chapáda*. No *Planalto* de uma região podem-se observar montanhas e serras; a *Chapáda* é, pelo contrario, uma perfeita planice, ainda que de extensão limitada.

Chapadão, *s. m.* chapada mui extensa.

Chapeádo, *s. m.* (R. Gr. do S.) cabeçada guarneçada de prata, no todo ou em parte (Coruja).

Chapeirões, *s. m. pl.* nome que têm os recifes á flor d'água que guarnecem a costa ao Oéste dos Abrolhos, deixando entre estes um canal de fácil navegação. A formação destes re-

cifes é summamente fragil e semelhante a grandes chapéus, de que deriva o nome (*Dicc. Mar. Braz.*).

Chapelina, *s. f.* (*Ceará*) especie de chapéu usado pelas mulheres do sertão (J. Galeno).

Chapetão, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) sonso, tolo, que se deixa enganar (*Cesimbra*). || *Etym.* De *Chape*, voz araucana (*Zorob. Rodrigues*).

Chapetonada, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) engano. Pagar *chapetonada* é sahir-se de modo contrario ao que se esperava (*Cesimbra*).

Charque, *s. m.* carne de vacca salgada, disposta em mantas, qual a preparam, não só na provincia do Rio Gr. do S., como nas republicas platinas, e é objecto de avultado commercio de exportação e de muito consumo na maior parte das nossas provincias do littoral. Além do *Charque salgado*, ha tambem o *Charque de vento* ou antes *carne de vento*, que é ordinariamente preparado com carne de vitella, ou de vacca propriamente dita, e cujas mantas mais delgadas recebem pouco sal, são seccas á sombra, e, sendo de pouca duração, não são exportados (*Coruja*). *Etym.* Do araucano *Charqui*, e mais originariamente do quichua *Chharque*, significando *tassatho* e tambem *secco* (*Zorob. Rodrigues*). || Bem que este vocabulo seja geralmente conhecido no Brazil, todavia o nome do producto varia muito de uma a outra região. No Rio de Jan. e provs. adjacentes, assim como no Pará, lhe chamam *Carne-secca*; na Bahia *Carne do sertão*; em Pern. *Carne do Ceará*; Estes dous ultimos nomes são tradicionaes, desde o tempo em que a Bahia recebia do sertão, e Pern. do Ceará, a carne salgada; que foi mais tarde substituida pelo *Charque* do Rio Gr. do S. e Rio da Prata. No littoral, ao norte da Bahia e em Sergipe, lhe dão mais o nome de *Jabá*. O *Charque* fabricado no interior da Bahia e d'ahi até o Maranhão é chamado *Carne do sol*, e é incomparavelmente mais saboroso que o importado do sul, mas quasi que o não destinam senão ao consumo local. || Escrevendo *Charque* e não *Xarque*, adoptei a orthographia seguida por *Coruja*;

mas não estou longe de preferir a segunda, que é com effeito a mais geralmente seguida entre nós.

Charqueação, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) acção de preparar o charque.

Charqueada, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) grande estabelecimento em que se prepara o charque (*Coruja*).

Charqueador, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) proprietario de uma charqueada. || Fabricante de charque.

Charquear, *v. tr. e intr.* (*R. Gr. do S.*) preparar a carne da rez e della fazer charque (*Coruja*).

Chasqueiro, *adj.* (*R. Gr. do S.*) qualificativo do trote largo e incommodo. Trote *chasqueiro* é o que no Rio de Jan. chamam *Trote ingles* (*Coruja*).

Chata, *s. f.* embarcação de duas proas, fortemente construida, de fundo chato e pequeno calado. Na guerra entre o Brazil e o Paraguay, foram usadas estas embarcações como baterias fluctuantes (*Dicc. Mar. Braz.*). || *Etym.* E' vocabulo castelhano, correspondendo ao que em Lisboa chamam *Bateira*.

Chicha, *s. f.* o mesmo que *Cauim*.

Chico-da-ronda, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) nome de uma das variedades desses bailes campestres a que chamamos geralmente *Fandango*.

Chico-puxado, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) nome de uma das variedades desses bailes campestres a que chamam geralmente *Fandango*.

Chiéu, *s. m.* V. *Xiéu*.

Chilêna, *s. f.* (*R. Gr. do S.*, S. Paulo, *Paraná*) espora grande, de haste virada e grandes rosetas, de que usam os cavalleiros. || *Etym.* O nome parece indicar que o modelo desta especie nos veiu do Chile.

Chimarrão, *adj.* (*R. Gr. do S.*) nome que dão ao gado bovino que foge para os mattos e nelles vive fóra de toda a sujeição. Em algumas provincias do norte chamam-lhe *barbatão*. || *Etym.* Corruptela de *cimaron*, vocabulo da America hespanhola, com o qual se designam não só os escravos fugidos, como tambem as plantas silvestres (*Valdez*). E' certamente o sentido de cousa rustica que chamam de

chimarrão ao mate sem assucar. || Nas colonias francezas se diz *marron* tanto em relação ao escravo, como a qualquer animal domestico que foge para o matto (Costa e Sá).

Chimbé, *adj.* (*R. Gr. do S.*) diz-se do animal que tem o focinho chato, como os dogues. || Em S. Paulo dão o nome de *chimbéva* à pessoa que tem o nariz pequeno e achatado à semelhança daquelles cães. || *Ety.* *Chimbé* é de origem guarani, e *Chimbéva* vem do tupi. Estes vocabulos são a corruptela de *Timbé* e *Timbéva*. A mudança do *ch* ou *x* em *t* se observa muitas vezes nestes dialectos. Em guarani se diz infferentemente *chipá* e *tipá*: e eu ouvi mais de uma vez no sertão dizer *arawicü* por *araticü*.

Chimbéva, *adj.* (*S. Paulo*) o mesmo que *chimbé*.

China, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) muher de raça aborigene. || (*S. Paulo*) especie de raça bovina oriunda talvez da China (B. Homem de Mello).

Chininha, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) joven cabocla, caboclinha a que tambem chamam *Chinoca* e *Piguancha* (Cesimbra). Aos do sexo masculino dão o nome de *Pidá*.

Chinoca, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) o mesmo que *Chininha*.

Chiqueirá, *s. m.* (*R. de Jan.*) o mesmo que *Chiqueirador*.

Chiqueirador, *s. m.* (*Provs. do N.*) especie de chicote composto de um cacete com uma tira de couro torcida ou chata, em uma de suas extremidades. || E' o que no Rio de Jan. chamam *Chiqueirá*.

Chiqueiro, *s. m.* (*Pern., Par., do N., R. Gr. do N.*) o segundo dos compartimentos de um curral de pescaria, d'onde não pôde mais sahir o peixe que lá entrou. || Tapagem que se faz em um riacho para impedir que por elle desça o peixe *tingujado*. || (*Rio Gr. do S., e tambem nas prov. do N., onde se cultiva a industria pecuaria*) pequeno curral para bezerras, geralmente construido ao lado do das vacas. Serve tambem para ovelhas e cabras. || Com a significação portugueza de possilga, é termo geralmente empregado no Brazil.

Chiripá, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) baêta encarnada que os peões costumam trazer ao redor da cintura (Coruja). Corresponde na fórma à *tanga* dos africanos, e à *julata* dos Guaicurus de Matto-Grosso. Devo, porém, fazer observar que os peões do Rio Grande usam do chiripá sobre as calças; entretanto que os Africanos, os Guaicurus e outros aborigens de Matto-Grosso servem-se aquelles da *tanga* e estes da *julata* como unica roupa. || *Ety.* E' vocabulo da America hespanhola (Valdez).

Choça-de-caititu, *s. f.* (*Ceará*) casinholo onde os lavradores pobres manipulam a farinha de mandioca (Ararije Junior).

Chopim, *s. m.*, passaro do genero *Cassicus* (*C. icteronotus*) notavel por seu canto. Varia muito de nome vulgar: *Chopim* no Paraná, *Chico-preto* no Piauhy, *Caraina* em Pernambuco, *Vira-bosta* no Rio de Janeiro.

Choradinho, *s. m.* especie de toada musical ao som da qual se dança o lundú. E' tambem o nome de uma das variedades desses bailados a que chamam *samba*.

Chucro, *adj.* (*R. Gr. do S.*) bravio, selvagem; fallando dos animaes. || *Fig.*, bravio, selvagem, insociavel, aspero, inurbano; fallando dos homens e das crianças estranhas. || Quanto aos animaes, é quasi o mesmo que *chimarrão*. || *Ety.* E' contracção de *chúcaro*, palavra de origem peruana, geralmente usada em toda a America Meridional hespanhola (Valdez).

Churrasco, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) pedaço de carne assada nas brazas. || *Ety.* E' da America hespanhola (Valdez). || Capello e Ivens escrevem *Churasco*, e usam delle como de um termo vulgar na Africa.

Churrasquear, *v. intr.* (*R. Gr. do S.*) Preparar o churrasco e comel-o. || Por extensão se applica o verbo *churrasquear* a qualquer comida: Vamos churrasquear (Cesimbra).

Cica, *s. f.* (*R. de Jan.*) especie de adstringencia particular a certas fructas, e em geral áquellas que não estão perfeitamente maduras, d'onde

resulta causar um certo travo a quem as come. Corresponde ao que em Portugal chamam rascancia, em relação ao vinho mui carregado de tannino: O cajú seria a melhor das fructas. se não tivesse tanta cica. A goiaba verde tem cica. || *Etym.* Creio que virá de *ÿcyca*, nome tupi da resina.

Cicica, *s. f.* (Maranhão) o mesmo que *caxirenguene*.

Cidade, *s. f.* vasto formigueiro de Saúbas, composto de diversos alojamentos, a que chamam *panellas*.

Cilhão, *adj.* (R. Gr. do S.) assim se chama o cavallo que tem o espinhaço encurvado no meio, isto é, no lugar em que se poem os arreios mais baixo que a anca e as cruzeiras (Coruja).

|| E' o que em Portugal, e tambem em varias provincias do Brazil, chamam cavallo sellado. || (Portugal) *s. m.* cilha grande.

Cincêrro, *s. f.* (R. Gr. do S. Paraná, S. Paulo, Goyaz, Minas-Geraes, Matto-Grosso) campainha grande, que se pendura ao pescoço da eguamadrinha, ou da besta que serve de guia ás outras. || *Etym.* Do castelhano *cencerro*.

Cincha, *s. f.* (R. Gr. do S.) especie de cilha ou cinta, que serve para apertar os arreios de um cavallo encilhado. Compõe-se do *travessão* que se colloca no lugar em que tem de sentar-se o cavalleiro; *barrigueira*, que, presa ao travessão, cinge o cavallo pelo lado da barriga; quatro *argolas* nas duas extremidades do travessão e nas duas da barrigueira; *lâtego*, que, preso a uma das argolas do travessão, o une á argola da barrigueira, apertando; e *sobrelâtego*, que prende á barrigueira ao travessão pelo lado opposto, por meio das duas argolas (Coruja). || *Etym.* E' vocabulo castelhano, que se traduz em portuguez por *cinha*.

Cinchadôr, *s. m.* (R. Gr. do S.) peça de ferro ou couro presa á cincha, com uma argola, na qual se prende a extremidade do laço opposta á outra extremidade que tem uma argola. A parte do laço que prende o animal tem na ponta uma argola com que se forma a laçada; a outra, que se prende ao *Cinchador*, não a tem (Coruja).

Cinchão, *s. m.* (R. Gr. do S.) cinta larga de tecido e franja, que substitue a sobrecincha, e só se usa em arreios mais decentes (Coruja).

Cinchar, *v. tr.* (R. Gr. do S.) ter o animal preso pelo laço, e este preso á cincha (Coruja).

Cinto, *s. m.* (Pern., Par. do N., R. Gr. do N.) especie de bolsa comprida e estreita feita de tecido de malhas com fio de algodão, que os viajantes atam na cintura, ora por cima e ora por baixo da roupa, e tambem o trazem a tiracollo. E' aberta nas duas extremidades, e cada uma dessas boccas é guardada de cordões que servem não sómente para apertar-as, como para prender o cinto ao corpo. Usam delle para conduzir dinheiro; e para melhor accommodal-o, costumam dividil-o em duas partes iguaes, por meio de um arrocho na parte média (Meira). || Corresponde quasi ao que no Rio Gr. do S. chamam *Guaiáca*.

Cinto-de-couro, *s. m.* (R. Gr. do S.) meio que se emprega em viagem para impedir a fuga de um preso. Consiste em uma cinta larga de couro crú em cujas extremidades ha ilhós, por onde se aperta, com tiras de couro, pelas costas, á semelhança dos espartilhos de senhoras; e tem presilhas nos lados para ligar ao corpo os braços do paciente (Coruja). || Nas Alagoas chamam a isso *Colete de couro* (B. de Maceió).

Cipó, *s. m.* nome commum ás diversas especies de plantas sarmenosas e trepadeiras, e particularmente ás que se empregam á guisa de cordel ou barbante para amarrar entre si quaesquer objectos. Com elle tambem se fazem cestos. Na construcção das choupanas, serve igualmente para ligar umas ás outras as diferentes peças de madeira, donde resultu dizer-se que o *Cipó* é o prégo do pobre. || *Etym.* Deriva-se do tupi *ÿcipó* (Voc. Braz.).

Cipoáda, *s. f.* golpe dado com o cipó; chicotada.

Cipoal, *s. m.* matto abundante de cipós e tão enredados que difficul-tam o transitio. || *Fig.* Negocio intrincado em que alguem se metteu, sem mais saber como delle poderá sahir.

Cipoar, *v. tr.* açoutar com cipó.

Ciscar, *v. intr.* (*Par. do N., R. Gr. do N., Ceará*) estorcer-se no chão, apoz um golpe, ou nas vascas da morte. || (*Alagoas*) arredar, revolver o cisco, espalhá-lo, como o fazem as gallinh's, principalmente as que têm pintos, com o fim de descobrirem insectos e vermes. Outro tanto se diz de certas cobras que limpam o terreno para deporem os filhos em local desembaraçado (B. de Maceió). || Moraes menciona *ciscar*, *v. tr.*, como termo de agricultura, significando « alimpar a terra, que se vai arar, dos gravetos e ramos que o fogo não queimou » e figuradamente « *ciscar* a terra de ladrões-zinhos »; e mais ainda *ciscar-se*, *v. pr.*, termo chulo, « fugir sorrrateiramente, furtar-se, escapulir-se. »

Cisqueiro, *s. m.* ciscalhagem; lugar onde se accumula o cisco.

Clina, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) crina. || E' vocabulo castelhano; mas tambem assim o pronunciavam antigamente em Portugal.

Coandú. *V. Quandú.*

Coberta, *s. f.* (*Pará*) embarcação de duas toldas de madeira, uma avante e outra a ré. Armam-as a hiate e tambem a escuna.

Cóbocó, *s. m.* (*Bahia*) o mesmo que *Cóbocó*.

Cocáda *s. f.* doce secco dividido em talhadas, feito de coco ralado e assucar branco. || *Cocáda puca* (*Bahia*) é a mesma *Cocáda* preparada, porém, com assucar mascavo ou melação, e da consistencia da alfêoa.

Côcho, *s. m.* especie de vasilha oblonga feita ordinariamente de uma só peça de madeira e tambem de taboas, onde se põe agua ou comida para o gado. E' o que em Portugal chamam *ganêllo*. || Em Matto-Grosso é uma especie de viola grosseira (Ferreira Moutinho).

Côco (1º), *s. m.*, nome com que se designa geralmente a fructa de qualquer especie de Palmeira, quer indigena, quer exotica, acompanhando-o sempre de um epitheto especifico: *Coco* da Bahia (*Cocos nucifera*); *Coco* de dendê (*Elaeis guineensis*); *Coco* de catarrho (*Acrocomia sp.*), etc. || *Etym.*

E' vocabulo estrangeiro, talvez africano ou asiatico.

Côco (2º), *s. m.* especie de vasilha feita do endocarpo do Côco da Bahia, no qual se embebe, perto da bocca, um cabo torneado. Serve para tirar agua dos potes. Por extensão, dá-se o mesmo nome a vasilhas analogas feitas de metal ou de outra qualquer materia: Um *Coco* de prata, de cobre, de folha de Flandres, de madeira, etc.

Côco-de-catarrho, *s. m.* (*R. de Jan.*) o mesmo que *Macahuba*.

Côco-inchádo, *s. m.* (*Ceará*) nome de uma certa dança popular.

Cocoróte, *s. m.* carolo, pancadinha que se dá na cabeça de alguém com o nó dos dedos. || *Etym.* Como essa pancadinha se dá ordinariamente sobre o cocoruto da cabeça, nascerá dahi talvez o nosso vocabulo.

Cocumbí, *s. m.* (*provs. merid.*) especie de dança festival propria dos Africanos. || Tambem se diz *Cucumbi*.

Codório, *s. m.* gôle de vinho ou de aguardente: De quando em quando toma meu criado o seu *codório*. || *Etym.* Do latim *Quod ore*.

Côfo, *s. m.* especie de cesto oblongo de bocca estreita, onde os pescadores arrecadam o peixe, camarões e outros mariscos. E' o mesmo ou quasi o mesmo que o *Samburá*, pelo menos quanto á serventia. || No Rio de Jan. dão tambem o nome de *côfo* ao tipiti comprido.

Cogotilho, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) nome que dão ás crinas do cavallo tosadas, de maneira que, nas cruces e entre as orelhas, ficam mais curtas que no meio, para onde se vão elevando regularmente de um e outro lado. Assim tosadas as crinas, de ordinario se deixam junto ás cruces algumas compridas para segurança do cavalleiro. || *Etym.* Deriva-se de *Cogôte* (Coruja).

Coidarú, *s. m.* (*pará*) o mesmo que *Cuidarú*.

Coité, *s. m.* (*provs. do N.*) o mesmo que *Cuitê*.

Coivára, *s. f.* pilha de ramagens a que se põe fogo nos roçados, para desembaraçar o terreno e semeal-o. Um roçado consta sempre de numerosos *coivaras*, e estas se fazem em seguida

à queimada geral, a que se sujeitou a matta, depois da derrubada do arvoredo. || *Etyim.* E' vocabulo de origem tupi.

Coivavarar, *v. tr.* formar nos roçados essas pilhas de ramagens a que se chama *coivaras*. Tambem se diz *encoivavar*.

Cóla, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) cauda dos animaes. *Etyim.* E' vocabulo castelhano. Na lingua portugueza é neste sentido antiquado, entretanto que o empregam ainda nas seguintes phrases: — Ir na *cola* de alguém, seguil-o de perto. Andar na *cola* de alguém, espreitar os actos de outrem, de quem se desconfia.

Colête-de-couro, *s. m.* (*Alagoas*) o mesmo que *Cinto-de-couro*.

Colhéra, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) nome que dão ao ajuço por meio do qual se jungem dous animaes entre si. Consta de uma corda ou tira de couro cru, a qual em cada uma das extremidades tem o *anillo*, especie de colleira, que envolve o pescoço do animal e se prende por um botão. || *Etyim.* Do castelhano *Collera*, significando *Cadeia dos forçados das galés* (Valdez).

Colla, *s. f.* leitura ou copia da lição ou ponto de exame a que tem de responder o estudante, principalmente nas provas escriptas, sobre materia que deveria conhecer, sem essa leitura clandestina. || *Etyim.* Deriva-se do verbo *collar*, na supposição de que o estudante se serve desse meio, para fazer adherir ao seu livro as notas que lhe são uteis.

Colorádo, *adj.* (*R. Gr. do S.*) vermelho. || *Etyim.* E' vocabulo castelhano que se applica aos cavallos de pello avermelhado, assim como a outros objectos, como, por exemplo, baeta *colorada*, por baeta encarnada (Coruja).

Comboieiro, *s. m.* (*Alagoas, Piahy, Ceará*) conductor de um *comboio*.

Comboio, *s. m.* (*provs. do N.*) especie de caravana composta de bestas de carga, para o transporte de mercadorias, e a que nas provincias meridionaes chamam *Tropa*. || Em Matto-Grosso, Minas-Geraes e Goyaz, dava-se o nome de *Comboio* a uma leva de Africanos boças.

Compórtas, *s. f. plur.* (*Bahia, Pern.*) artificios de que se serve um pretendente para insinuar-se, introduzir-se. Quando se diz que um individuo é cheio de *compórtas*, equivale isso a dizer que tem muita labia, muito geito para captar a confiança daquella a quem se dirige, com a intenção de commovel-o. || *Etyim.* Tem talvez a sua origem no *v. pr.* *comportar-se*.

Congonha, *s. f.* nome vulgar da *Ilex paraguariensis*, arvore do Brazil e do Paraguay, com cujas folhas se fabrica o *Mate*. || Por antonomasia tambem lhe chamam *Herva*. || Cumpre advertir que ha outras plantas a que dão tambem o nome de *Congonha*, pertencentes umas ao genero *Ilex*, e algumas a generos e familias diversas. || *Etyim.* E' vocabulo de origem tupi. Os Guaranis do Paraguay lhe chamavam *Côgôî*.

Congonhar, *v. intr.* (*R. Gr. do S.*) tomar mate, bebida feita com a congonha: Vamos *congonhar*, enquanto não chegam os companheiros. || Tambem dizem *matear* (*Aulete*).

Contra-buzina, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) *V. Buzina*.

Contrapontear, *v. tr.* (*R. Gr. do S.*) contrariar, contradizer, causar aborrecimento na discussão: Não me *contraponteie* (*Cesimbra*).

Cópas, *s. f. plur.* (*R. Gr. do S.*) chapas redondas e convexas, de prata, as quaes se poem nas duas extremidades do bocal do freio campeiro. O que tem essa guarnição é chamado *freio de copas* (Coruja).

Copiá, *s. m.* (*algumas prov. do N.*) o mesmo que *copiar*.

Copiar, *s. m.* (*Pern. Ceará, Pará*) varanda, alpendre. || Na Par. do N., significa sala (Meira). || No Rio de Jan., é o nome que, nos telhados de quatro aguas, se dá aos telhados lateraes. E' o que em linguagem portugueza se chama *tacaniça*. || Nos sertões do Norte se pronuncia mais communmente *Copiá*. || O *Dicc. Port. Braz.* traduz varanda em *Copiára*, e nessa forma é tambem usado este vocabulo. || *Etyim.* E' de origem tupi.

Copiára, *s. m.* o mesmo que Copiar.

Corá, *s. m.* (*R. de Jan., Minas Geraes*) o mesmo que Canjica (2º).

Coração, *s. m.* (*R. de Jan.*) o mesmo que Varanda.

Cordeador, *s. m.* (*Pern., Par. do N.*) o mesmo que Arruador.

Cordiana, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) especie de gaita de que usam os camponeses (Cesimbra). || *Etym.* E' corruptela de *Acordium*, nome que nas republicas platinas dão á gaita de folles (S. C. Gomes).

Coréra, *s. f.* (*Valle do Amaz.*) o mesmo que *Crueira* (1º).

Cornear, *v. tr.* (*R. Gr. do S.*) escornar, marrar, ferir com os chifres. || O uso deste termo não é admittido na sociedade polida.

Cornêta, *adj.* (*R. Gr. do S.*) diz-se do boi ou vacca a que falta um dos chifres (Coruja). || Aulete menciona este vocabulo, sem designar a procedencia. Sendo sua definição a mesma que lhe dá Coruja, podemos pensar que houve descuido da sua parte, em não indicial-a como termo brasileiro, salvo se é tambem usual em Portugal.

Cornimbóque, *s. m.* (*provs. do N.*) ponta de chifre de boi servindo de caixa de tabaco em pó. || Em Alagoas dizem *Corrimbóque* e *Taróque*, sendo tambem este ultimo usual em Sergipe.

Coróca, *adj. m. e f.* adoentado. || Applica-se mais particularmente ás pessoas idosas: Um velho *coróca*; uma velha *coróca*. || *s. m. e f.*, pessoa adoentada: Aquelle *coróca* expõe-se ás intemperies, como se gozasse de plena saude.

Corredeira, *s. f.* parte de um rio na qual, por causa de uma differença de nivel, adquirem as aguas uma rapidez extraordinaria, impedindo ou, pelo menos, difficultando o transito de canoas, e expondo-as a perigos. E' o que os francezes chamam *un rapide*. No rio Itapicurú, no Maranhão, dão á *corredeira* o nome de *cachoeira*. Moraes dá á *corredeira* outra significação. Segundo elle, as *corredeiras* são os *bansos* sobre os quaes, nos engenhos de

assucar, correm os balcões, em que se expõe o assucar ao sol. Aulete não menciona este vocabulo, nem em uma, nem em outra accepção.

Corredór, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) jockey, individuo que cavalga nas corridas (Cesimbra).

Corrido, *s. m.* (*Minas-Geraes*) especie de cascalho.

Corrimbóque, *s. m.* (*Alagoas*) o mesmo que *cornimbóque*.

Corrução, *s. f.* o mesmo que *Maculo*. || *Etym.* Parece ser méra alteração de *corrupção*.

Corrupixel, *s. m.* (*Bahia*) instrumento de colher fructas, e sobretudo as mangas e outras que, estando maduras, despregam-se ao mais ligeiro contacto. Consiste em uma longa vara, em cuja extremidade superior se adapta um sacco, com a bocca guarneçada de um circulo de taquara, cipó ou arame, onde cai a fructa, sem se maguar (Aragão).

Córta-jáca, *s. m.* (*Minas-Geraes, Pará*) especie de dança sapa-teada.

Corteleiro, *s. m.* (*Serg.*) boi manso, que vem sempre ao curral, por opposição ao boi *barbatão*, que é amontado (S. Roméro). || *Etym.* Tem sua origem no radical *cóрте*, termo portuguez significando páteo, curral, casa destinada á habitação de animaes domesticos.

Cortiço, *s. m.* edificio construido com o fim de dar accomodação independente a grande numero de familias da classe pobre. Seu nome provém da analogia de semelhantes estabelecimentos com os cortiços de abelhas.

|| Em Portugal, além de synonymo de colméa, dá-se figuradamente o nome de cortiço a uma pequena casa habitada por muita gente (Aulete). Este autor se engana quando relativamente ao Brazil dá ao cortiço a significação de páteo.

Coscós, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) roseta de ferro, que se costuma pôr no meio do bocado do freio campeiro, para fazer bulha á proporção do movimento da lingua do cavallo. || *Etym.* Alteração do castelhano *Coscoja* (Coruja).

Cósta, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) margem, não só do mar, como de um rio: Acampámos na *costa* do rio Camaquã.

Costear, *v. tr.* (*R. Gr. do S.*) costear o gado é arrebanhal-o, de quando em quando, a pequenos intervallos, não só para impedir que se disperse, como para acostumar-o a reunir-se em certos e determinados pontos da fazenda, aos quaes chamam *rodeios*. || Nas provincias do norte dizem *vaquejar*. || *Obs.* Em portuguez, o verbo *costear* refere-se à navegação que se executa nas proximidades da costa.

Costêio, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) acto de *costear* o gado.

Costilhar, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) conjuncto de *costellas*, ou parte do corpo em que estão situadas. || *Ety m.* Do castelhano *Costillar*.

Cotrêa, *s. f.* (*Serg.*) o mesmo que *Mandurêba*.

Couceiro, *adj.* (*R. Gr. do S.*) couceador. Diz-se isso dos animaes acostumados a dar couces.

Couráça, *s. m.* (*Serg.*) Vestimenta de couro usada pelos sertanejos (João Ribeiro).

Courear, *v. tr.* (*R. Gr. do S.*) extrahir o couro de um animal (Coruja).

Cóva-de-mandiôca, *s. f.* (*R. de Jan. e outras provs. merid.*) o mesmo que *Matombo*.

Covanca, *s. f.* (*R. de Jan.*) terreno cercado de morros com entrada natural de um só lado. || E' ordinariamente o extremo de um valle ou varzea.

Cóvóco, *s. m.* (*Pern.*) caneiro ou levada, por onde despeja a agua que sahe dos cubos das rodas dos engenhos de moer cannas de assucar, e por elle sahe a rio ou baixa (Moraes). || Na Bahia dizem *Cabôco* e *Côbôco*, e em Alagôas *Cavouco*.

Coxilha, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) extensa e prolongada lomba ou lombada, cuja vegetação consiste emervas de pastagem. Quando as *coxilhas* se succedem parallelamente umas ás outras, tomam essas pastagens o nome de *campo dobrado*.

Coxinlho, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) tecido de lã tinto de preto, que se põe sobre os arreios, para commodo do

cavalleiro. || *Ety m.* Do castelhano *Coxinillo*, pequeno coxim.

Craúno, *adj.* (*R. Gr. do S.*) o mesmo que *caraino*.

Oriouláda, *s. f.* porção de crioulos: Em seu testamento, declarou o commendador livre sua numerosa *criouláda*.

Crioulo, *a, s. e adj.* negro nascido no Brazil. || Pessoa, animal ou vegetal nascidos em certa e determinada localidade: Eu sou *crioulo* desta freguezia. Tenho duas vaccas *crioulas* e um boi mineiro. A canna *crioula* é a que se cultivava no Brazil, antes da introdução da de Cayenna. || *Obs.* Os Francezes dão o nome de *creole* e os Hespanhoes o de *criollo* ao filho de Europeo nascido nas colonias.

Crueira (1º), *s. f.* fragmentos da mandioca ralada, que não passam pelas malhas da peneira, onde se apura a massa, para ir cozer no forno e convertel-a em farinha (V. de Souza Fontes). || Em S. Paulo lhe chamam *Quirêra*. || Em algumas fazendas do Rio de Janeiro, dizem tambem *Caruêra*, *Cruêra*, *Cruêra* (Macedo Soares). || No Pará dão-lhe o nome de *Crueira* (B. de Jary), e mais os de *Curuêra*, *Curueira* e *Curêra*, sendo esta ultima forma a mais geralmente usada (J. Verissimo). || *Ety m.* Não obstante a sua feição portugueza, *Crueira* não é mais do que a corruptela de *Curuêra* da lingua tupi, significando alimpaduras do joeirado; e se decompõe em *Curuba* = *curú*, pedaço, e *uêra*, forma do preterito, que, neste caso, significa abandonado, desprezado, sem serventia para aquillo a que se destina a mandiôca ralada; em uma palavra, refugo. Quando, porém, os Tupinambás se referiam ao farelo e tudo o que fica da farinha peneirada, davam-lhe o nome de *Mindô-curuêra* (*Voc. Braz.*) e os Guaranis o de *Myndocuré* (Montoya). A *Curêra* do Pará é uma ligeira alteração do *Corêra* do dialeto do Norte, significando farelagem, farelo, aparas (*Dicc. Port. Braz.*). || *Obs.* A *Crueira* serve ordinariamente de pasto ás criações. No Pará fazem-a tambem secar ao sol, e com ella preparam um *mingáu* grosseiro (B. de Jary).

Cruêira (2º), *s. f.* (*Pern.*) especie de tumor secco que ataca a cabeça das gallinhas. || *Etyim.* Não sendo natural que esta palavra tenha a mesma origem que o seu homonymo anterior, é licito pensar que seja a corruptela de *Caruira*.

Cruêra, *s. f.* (*R. de Jan.*) o mesmo que *Cruêira* (1º).

Cruêra, *s. f.* (*R. de Jan.*) o mesmo que *Cruêira* (1º).

Cruzádo, *s. m.* quantia de dinheiro igual tanto em Portugal como no Brazil, a 400 réis. Em Matto-Grosso o *Cruzado* é igual a 720 réis.

Cuandú. V. *Quandú*.

Cuatá. V. *Quatá*.

Cuatí. V. *Quatí*.

Cúba, *s. m.* (*Pern.*) individuo poderoso, influente, atilado, matreiro: Se queres obter o emprego que desejas, dirige-te ao commendador, que é o *Cúba* desta comarca. Quizeram illudil-o; mas elle se houve com perfeito *Cúba*. || Em Minas-Geraes dizem *Cuêbas*, e em S. Paulo *Mancuêba*. || Em portuguez, *Cuba* é uma vasilha grande, que serve para varios usos industriaes.

Cúca (1º), *s. f.* fazer *Cuca* ou *Cucas*, é procurar metter medo às crianças: Si continuas a chorar, chamarei a onça para que te coma. Procurei convencer meu vizinho do perigo a que se expunha se persistisse na sua tentativa; mas elle me disse que não tinha medo de *Cúcas*. || Moraes menciona *côco* no mesmo sentido. Aulete nada diz a tal respeito.

Cúca (2º), *s. f.* (*Pern., Alagoas*) mulher velha e feia, especie de feiticeira, que pôde com seus sortilegios causar males a gente (B. de Maceió). Tambem lhe chamam *corôca*, *curuca* e *curumba*.

Cucharra, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) colher de chifre de que usam no campo. || *Etyim.* E' vocabulo castelhano. || Tambem assim se chama um dos tres modos de pialar (Coruja).

Cucumbí, *s. m.* (*provs. merid.*) o mesmo que *cocumbi*.

Cuêbas, *s. m.* (*Minas-Geraes*) o mesmo que *cúba*.

Cuê-pucha: *int.* (*R. Gr. do S.*) o mesmo que *Eh-pucha*!

Cuêra, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) o mesmo que *Unheiro*.

Cuêrúdo, *adj.* (*R. Gr. do S.*) que soffre da *cuêra*. V. *Unheira*.

Cuía, *s. f.* especie da vasilha feita da fructa *Cuitê*. Partida ao meio no sentido longitudinal dá cada fructa duas cuias. A *Cuía* é applicada a diversos usos. Nas roças, serviam-se della os escravos, e serve-se a gente pobre tanto à guisa de prato para a comida, como de tigella ou copo para agua e outros liquidos. Nas mesas, ainda mesmo das pessoas abastadas, figuram as *Cuías* como pratos para farinha de mandiôca ou de milho; mas neste caso são ordinariamente preparadas com primorosa esculptura e envernizadas, quaes as fazem no Pará. A palavra *Cuía* tambem se applica a toda e qualquer vasilha que tem a forma e a serventia da *Cuía* natural; assim pois, ha a *Cuía* de prata, de madeira, de tartaruga, etc. || No *R. Gr. do S.* e *Paraná*, a *Cuía* é o vaso que serve para tomar o mate, e consiste em uma cebacinha especial chamada *porongo*, em cujo bojo, na parte superior, se pratica uma abertura circular, por onde se introduz a herva mate e a agua quente, e em seguida a *bomba*, por meio da qual se chupa o liquido. || Em *Pern.* e outras prov. do *N.* dava-se o nome de *Cuía* a uma medida de capacidade equivalente a $\frac{1}{32}$ do alqueire. No *Ceará* chamam *Cuía de vela* a uma concha de pau com a qual se molha a vela. || *Etyim.* O vocabulo *Cuía* pertence à lingua tupi. Montoya, mencionando o nome de diversas vasilhas que os guaranis faziam com a cabaça, cita *iacuê* com a significação de *calabaco como plato grande*. De todos os termos por elle apontados, é este o unico que mais se assemelha à nossa *Cuía*.

Cuiambúca, *s. f.* vaso feito de cabaça, com uma abertura circular na parte superior, e serve principalmente para conter agua e outros liquidos. Em algumas provincias do Norte, empregam para isso a fructa de uma especie de *Lagenaria*, e esta é de forma comprida e estreita. No Pará e outras provincias servem-se para isto da fructa da *cuiêira* ou *cuitêzeira*. || Por metaplasmo lhe chamam tambem

Cumbúca, e é esse o termo usado nas provs. merid., bem que eu o tivesse ouvido também no Piauíhy.

Cuidarú, *s. f.* (*Pará*) especie de clava de 1^m 40 de comprimento, chata, esquinada, de cinco centímetros de largura e mais grossa em uma das extremidades, e da qual usam certas hordas de selvagens do Pará. || Também dizem *Coidarú*. || E' semelhante à *Tamarána*.

Cuieira, *s. f.* o mesmo que *Cuitézeira*.

Cuí, *s. m.* alimpaduras do arroz (Costa Rubim). || *Etym.* Do tupi *Cuí*, que significa pó.

Cuité, *s. f.* fructa da Cuieira ou Cuitézeira.

Cuitézeira, *s. m.* arvoreta do genero *Crescentia* (*C. cujele*) da familia das Bignoniaceas, de cujas fructas se fazem as *cuias*. Também lhe chamam *Cuieira*. || *Etym.* E' vocabulo de origem tupi.

Cujubim, *s. m.* (*Valle do Amazonas*) gallinacea do genero *Penelope* (*P. Cumanensis*, Jacq. ex Martius). || *Etym.* E' provavelmente voc. do dialecto tupi do Amazonas.

Cumarim, *s. m.* pimenta do genero *Capsicum* (*C. frutescens*) da familia das Solaneas. || *Etym.* E' vocabulo tupi (G. Soares).

Cumarú, *s. m.* (*Valle do Amaz.*) nome vulgar da *Dipterix odorata*, grande arvore de construcção civil e naval, pertencente á familia das Leguminosas, notavel sobretudo pela sua semente aromatica. Também pronunciam *Cumbarú*.

Cumbarú, *s. m.* (*Valle do Amaz.*) o mesmo que *Cumarú*.

Cumbúca, *s. f.* o mesmo que *Cuiambúca*.

Cumbúco, *a, adj.* (*provs. do N.*) diz-se do animal *vaccum*, cujos chifres, na curva que descrevem, ficam com as pontas voltadas uma para a outra: Um boi *cumbúco*. Uma vacca *cumbuca*. Também se diz que um boi ou uma vacca têm neste caso chifres *cumbucos* (J. Coriolano). || *Obs.* Este auctor escreveu *combuco*; mas eu me cinjo á pronúncia na orthographia que adopto.

Cunca, *s. f.* (*Ceará*) especie de tuberculos sumarentos com cerca de

0,20 de diametro, que se desenvolvem nas raizes horizontaes do Imbuzeiro. Na estação calmosa, quando mais se faz sentir a falta de agua, são as *Cuncas* o refrigerio dos vaqueiros e caçadores, que com ellas matam a sede. Chupam-as como se faz com a canna de assucar (P. Nogueira).

Cunhã, *s. f.* (*Valle do Amaz.*) nome que dão ás meninas de raça aborigene. || Também e mais appropriadamente dizem *Cunhantaim*. || *Etym.* São vocabulos tupis significando, o primeiro, mulher, e o segundo, menina. || No Piauíhy, no tempo em que lá me achei, e ha disso mais de meio seculo, empregavam o vocabulo *Cunhã* em sentido depreciativo para com as mulheres daquella raça.

Cunhantaim, *s. f.* (*Valle do Amaz.*) o mesmo que *Cunhã*.

Cupim (1^o), *s. m.* nome commum a todas as especies de Termitas. || *Etym.* Do tupi *Cupiti*, e assim lhes chamavam também os Guaranis do Paraguay. Esta denominação vulgar é muito mais aceitavel do que a de *formiga branca*, que lhes dão na Europa. Bem que as Termitas tenham, pelos seus habitos, uma certa analogia com as *Formigas*, é, entretanto, sabido que na classe dos insectos pertencem a ordens diferentes.

Cupim (2^o), *s. m.* habitação de insectos do mesmo nome, tendo ora a fórma de monticulos arredondados, e ora a de cones de dous e mais metros de altura. Este mesmo nome se estende ás habitações que fazem nas arvores. Também lhe chamam *Cupinzeiro*.

Cupim (3^o), *s. m.* (*Piauíhy e outras provs. do N.*) nome que dão ao toutiço dos touros, pela semelhança que têm com esses pequenos montes de terra que constroem os cupins para a sua habitação, já no chão, e já nos ramos das arvores (J. Coriolano).

Cupinzeiro, *s. m.* o mesmo que *Cupim* (2^o).

Cupixáua, *s. f.* (*Valle do Amaz.*) o mesmo que *Cupixáua*.

Curabí, *s. m.* (*Pará*) pequena setta hervada, de que usam os selvagens dos sertões.

Curáú (1º), s. m. (*Matto-Grosso, S. Paulo*) o mesmo que *Canjica* (2º).

Curáú (2º), s. m. (*Serg.*) o mesmo que *Caipira*.

Curêra, s. f. (*Pará, Amaz.*) o mesmo que *Crueira*.

Curi, s. m. (*Pará*) especie de argila de tingir, que se encontra em diversas localidades (Baena). Este auctor não lhe menciona a côr.

Curiangú, s. m. (*S. Paulo*) ave nocturna do genero *Caprimulgus*, da ordem dos passeres. || *Etyim.* É' voz onomatopaica.

Curibóca, s. m. e f. o mesmo que *Caribóca*.

Curicáca, s. f. ave ribeirinha do genero *Ibis* (*I. albicollis*). Tambem lhe chamam *Curucáca*. || *Etyim.* É' voz onomatopaica.

Curimán, s. f. (*Bahia e outras provs. do N.*) peixe do mar do genero *Mugil* (*M. Curema* Cuv.). || Este nome era usual entre os Indios do Rio de Jan., quando aqui se achava Jean de Léry, em 1557; mas hoje ninguem mais o conhece aqui, e foi sem duvida substituido por algum nome portuguez, ao contrario do que aconteceu nas provincias do Norte.

Curimbó, s. m. (*Pará*) o mesmo que *Tabáque*.

Curixa, s. f. (*Matto-Grosso*) nome que dão aos sangradouros por onde correm, a despejarem-se nos rios, as aguas que se accumulam nos campos, ou procedem de lagoas que transbordam. Corresponde ao portuguez *desaguadeiro, sangradouro, valla para desaguar campos, etc.*, com a differença, porém, que estes termos envolvem a idéa de um expediente artificial, entretanto que a *Curixa* é obra da natureza.

Curral-de-peixe, s. m. armadilha de pesca. Divide-se em tres compartimentos: o 1º tem no R. de Jan. o nome de *varanda* ou *coração*, e na Par. do N. o de *sala*; o 2º no R. de Jan. *casa do meio* e na Par. do N. *chiqueiro*; o 3º no R. de Jan. *viveiro* e na Par. do N. *gré*. E' neste ultimo que se effectua a pesca, por meio de rede apropriada. Da entrada do primeiro compartimento até a praia vai uma cerca

em linha recta, e é por ella que o peixe caminha até entrar na *varanda* ou *coração*, donde passa para o segundo e terceiro compartimento. || Ao *Curral de peixe* tambem chamam *Cercada*.

Curumbá, s. m. (*Pern.*) o mesmo que *Sambongo*.

Curuá, s. m. (*Pará*) palmeira do gen. *Attalea*, de que ha tres variedades: *Curuá-piranga, Curuá-pixuna* e *Curuá-tinga* (*Flor. Bras.*)

Curúba, s. f. (*Pará*) sarna. || Dão tambem esse nome ao bicho da sarna (B. de Jary). || *Etyim.* É' vocabulo tupi.

Curúca, s. f. (*provs. do N.*) o mesmo que *Corôca, Curumba* e *Cúca* (2º).

Curucáca, s. f. o mesmo que *Curúca*.

Crueira, s. f. (*Pará, Amaz.*) o mesmo que *Crueira* (1º).

Curuêra, s. f. (*Pará, Amaz.*) o mesmo que *Crueira* (1º).

Curumba, s. m. (*Par. do N.*) titulo depreciativo dado aos homens de baixa condição, que, a pé ou a cavallo, e mal trajados, transitam pelas estradas: Quem será aquelle *Curumba* de chapéo de couro? || (*Bahia*) s. f. mulher velha, a que tambem chamam *Corôca, Curúca* e *Cúca* (2º).

Curumí, s. m. (*Pará*) menino. || *Etyim.* É' vocabulo puramente tupi.

Curupíra, s. m. (*Pará*) ente phantastico que habita as mattas e consiste, segundo a superstição popular, em um tapuio com pés ás avessas, isto é, com os calcanhares para diante e os dedos para traz. Outros o chamam *Caipóra*. || *Etyim.* É' o nome tupi de uma das especies desse demonio a que elles chamavam *Anhanga*.

Cururú (1º), s. m. nome generico do sapo na lingua tupi. Hoje só o applicam a certas especies destes *Batrachios*.

Cururú (2º), s. m. (*Matto-Grosso*) especie de batoque usado pela gente da plebe, no qual os homens e ás vezes as mulheres formam uma roda e volteando burlescamente cantam á porfia, ao som de insipida musica, versos improvisados, e tudo isso animado pela cachaça (*Ferreira Moutinho*).

Cutia (1^o), *s. f.* pequeno mamífero do genero *Dasyprocta* (*D. Aguti*) da ordem dos roedores. || *Etym.* Corruptela de *Acuti*, nome tupi deste animal.

Cutia (2^o), *s. f.* (*R. Gr. do S.*) especie de madeira de construcção.

Cutitiribá, *s. m.* (*Pará*) nome de uma Sapotacea fructifera, pertencente talvez ao genero *Lucuma* (*L. revicoides*?). No Maranhão e Piauí lhe chamam *Tuturubá*. || *Etym.* E' provavelmente corruptela de *Oiti-turubá*.

Cutuca, *s. f.* (*Goyaz*) especie de sellim com dous arções alto destinado principalmente aos cavallos que se trata de domar, por offerecer maior segurança ao domador (Valle Cabral). || E' o que chamam em Portugal *sella à gineta* (*Aulete*). No Ceará e no Piauí dizem *sella ginete*, ou simplesmente *ginete*.

Cutucão, *s. m.* cutilada, facada, || *Etym.* Do tupi *cutuca*, significando golpe.

Cutucar, *v. tr.* tocar ligeiramente alguém com o dedo ou com o cotovelo para lhe fazer uma advertencia que se não quer fazer oralmente. Tem este verbo a sua origem no verbo *cutuca* da lingua tupi, que significa palpitar, picar, tocar de leve, e é nesta ultima acceção que o empregamos. O seu equivalente na lingua portugueza é cotovelar, no sentido de tocar com o cotovelo, para excitar a attenção ou reparo.

Cuvú, *s. m.* (*Alagoas*) o mesmo que *Juquá*.

Cuxá, *s. m.* (*Maranhão*) especie de comida feita com as folhas da vinagreira (*Hibiscus sabdariffa*) e quiabo (*Hibiscus esculentus*) a que se ajunta gergelim (*Sesamum orientale*) torrado e reduzido a pó, de mistura com farinha fina de mandioca. Depois de bem cozido deitam-o sobre o arroz, e a isso chamam *Arroz de cuxá* (*D. Braz.*).

Cuxilar, *v. intr.* toscanejar, escadelecer, estar a cahir com somno abrindo e fechando os olhos, e tudo isto antes sentado ou de pé do que deitado: Tenho estado a *cuxilar* a espera de meu amo. || *Etym.* Creio ser voc. de origem africana, e' provavelmente de Angola.

Cuxilo, *s. m.* acto de *cuxilar*.

De deo em deo, *loc. adverbial* (*R. de Jan.*) diz-se que anda *de deo em deo* a pessoa ou cousa que não se fixa em ponto algum. Aquelle que tem ensaiado diversas industrias sem dellas tirar proveito; que tem sido successivamente marinheiro, criado, cocheiro, carroceiro, e sempre a procura de melhor posição, anda *de deo em deo*. Uma cousa sem dono, que passa de uma mão para outra, sem que ninguem a queira, anda *de deo em deo*.

Dente-de-velha, *s. m.* (*Bahia. e Serg.*) o mesmo que *Gangão*.

Derrubada *s. f.* operação agricola que se segue à *roçada*, e consiste em abater as grandes arvores de uma matta, com o fim de preparar o terreno para plantações. || Fig. demissão em massa de todos os empregados de ordem politica, que não são da confiança do governo: Com a ascensão do novo ministerio, houve geral *derrubada* || *Etym.* Do verbo *derrubar*.

Descachaçar, *v. tr.* (*provs. do N.*) alimpar da cachaça, ou escumas grossas e sujas o succo, ou caldo da canna de assucar, a qual vem acima com a fervura, e com a decoada; e se deixa esborrar, ou se alimpa com a escumadeira (Moraes). Este auctor escreve erradamente *Descachar*, por *Descachaçar*, entretanto que, no artigo *Melladura*, usa do verbo *Descachaçar*. *Aulete* menciona *Descachar* como termo brasileiro. *Lacerda* o menciona como contracção de *Descachaçar*.

Descalábros, *s. m.* damno, contratempo, prejuizo, perda, desgraça, derrota: A guerra foi a causa do *descalabro* das nossas finanças. A anarchia reduziu a nação ao maior *descalabro* que se pôde imaginar. No encontro que tivemos com o inimigo soffreu este o mais completo *descalabro*. || *Etym.* E' voc. castelhano.

Descambáda, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) declive de uma coxilha ou lomba, por onde se executa a descida para o valle.

Descaxelado, *adj.* (*Serg.*) diz-se do individuo que se mostra admirado, espantado, desapontado, ou, como dizem vulgarmente, *de queixo cahido*: Como vem *descaxelado* aquelle sujeito! (*S. Roméro.*)

Desencaiporar, *v. tr.* fazer cessar a infelicidade de alguém: Fulano, depois de ter solicitado em vão um emprego, durante muitos annos, já se achava de todo desanimado, quando o ministro actual o *desencaiporou*, nomeando-o para um bom logar. || *v. intr.* cessar a infelicidade de alguém: Com a entrada do novo ministerio, José *desencaiporou*. || *Etym.* E' o contrario de *encaiporar*.

Desencilhar, *v. tr.* dessellar, tirar a sella e em geral os arreios do animal. || *Etym.* Do castelhano *desencilhar*.

Desmanivar, *v. tr.* (Ceará) aparar a rama da mandioca, com o fim de melhorar o producto (F. Tavora). || *Fig.* desembaraçar um negocio, vencer uma difficuldade: Entrega a tua questão a um bom advogado, que elle *desmaniva* isto. || Tambem se emprega na accepção de desbaratar: Aquelle sujeito *desmanivou* a legitima materna em menos de seis mezes (Araripe Junior).

Despencar, *v. tr.* separar do cacho as diversas pencas de bananas. || *v. intr.* cahir desastrosamente de grande altura: Quando o rapaz se achava no ponto o mais elevado da arvore, perdeu os sentidos, *despencou* e morreu da queda.

Destabocádo, *adj.* (Ceará) diz-se do individuo adouado, que, sem respeitar as conveniencias, dá por paus e por pedras.

Destopetear, *v. tr.* (R. Gr. do S.) cortar o topete do cavallo, para que lhe não caia sobre os olhos.

Destratar, *v. tr.* insultar, maltratar com palavras: Fui lhe pedir o meu dinheiro, e elle, em lugar de me pagar, *destratou-me* (Escr. Taunay).

Dindinha, *s. f.* forma infantil de madrinha.

Dindinho, *s. m.* forma infantil de padrinho: *Dindinho* me deu um canario, e *Dindinha* uma bonca.

Disparáda, *s. m.* (provs. merid.) dispersão do gado, quando corre de repente e em varias direcções (Valdez). || *Etym.* Segundo este auctor, é termo da America hespanhola.

Disparadôr, *adj. m.* que é acostumado a disparar. Diz-se do animal

que foge a correr, quando o querem prender.

Disparar, *v. intr.* dispersar-se de repente uma manada.

Doce-de-pimenta, *s. m.* (provs. do N.) o mesmo que *Fruita*.

Douradilho, *adj.* (R. Gr. do S.) côr do cavallo, a que no Rio de Jan. chamam castanho. || Segundo Aulete, *douradilho*, côr de ouro, vermelho-claro [Diz-se dos cavallo].

Dunga, *s. m.* (Pern.) valentão. || Não só nesta provincia como em outras partes do Brazil, dão tambem o nome de *Dunga* ao dous de paus no jogo da rodinha e outros.

Durasnal, *s. m.* (R. Gr. do S.) pomar de pecegueiros abandonado e reduzido ao estado silvestre. || *Etym.* De *Durasno*, nome castelhano do pecegueiro, ou pecego durazio (Valdez).

Ecô! *int.* brado de que se servem os caçadores para açular os cães.

Ecóxupé! *int.* (Pará) voz do caçador mandando os cães seguir a caça. No *Dict. Port. Braz.*, ha *ixupé* por *A elle!*

Efó, *s. m.* (Bahia) especie de guizado de camarões e herbas, e temperado com azeite de dendê e pimenta.

Eguáda, *s. f.* (R. Gr. do S.) porção de eguas.

Ema, *s. f.* nome vulgar da *Rhea americana* ou *Abestruz* do Brazil e de outras partes da America. || *Etym.* Seu nome primitivo em linguagem tupi era *Nhandú*, que Montoya escreve á castelhana *Nandú*, e que os Francezes adoptaram sob a forma *Nandou*. O voc. *Ema* foi introduzido pelos Portuguezes, e é talvez o nome asiatico ou africano de alguma ave semelhante á nossa, provavelmente da *Abestruz* do antigo continente. Segundo Aulete, deriva-se do arabe *Neâma*, nome de uma ave pernaltá do genero *Casuarus*. No Rio Gr. do S. a *Ema* é geralmente conhecida pelo nome de *Abestruz* ou *Avestruz*.

Embeaxió, *s. m.* (Pará) gaita de taboca, de som plangente, que os caboclos tocam nas canoás (B. de Jary). Cumpre advertir que Baena dá a esse mesmo instrumento o nome de *Momboia-wió*. Qual dos dous termos será o

mais vulgar. Em ambos elles, nota-se a existencia de dous radicaes do dialecto tupi do Amazonas; a saber: *membú*, gaita; e *iazió*, chorar (Seixas).

Embiára, *s. f.* (*Valle do Amaz.*) a presa, o que se colheu na caça, na pesca ou na guerra. || *Etym.* E' a forma vulgar de *mbiára*, voc. tupi (Anchieta). Em guarani, *tembiára* tem a mesma significação (Montoya).

Embigo - de - freira, *s. m.* (*Bahia*) especie de biscoutos doces que se servem ao chá.

Embira, *s. f.* nome commum a todas as fibras vegetaes que pôdem servir de liame, quer provenham das camadas corticaes, como acontece a diversas especies de malvaceas e outras, quer provenham de folhas como as de caraguatá, de certas palmeiras, pandanus, etc. || *Etym.* Do tupi *ybyra*, nome que se estende a qualquer especie de estopa (*Voc. Braz.*). || A muitas arvores do Brazil que offerecem materia prima para cordas e estopa se dá o nome de *Embira*, taes são a *Embira-branca*, a *Embira-vermelha*, a *Embirê*, a *Embiriba*, o *Embirussú*, etc. || Tem-se escripto tambem *Envira*, e assim o fazem Gab. Soares e Baena; porém o mais geral é *Embira*. || Fig. Estar nas *embiras*, se diz de quem se ácha em difficuldades pecuniarias. Corresponde ao portuguez *estar na espinha*.

Embira-branca, *s. f.* o mesmo que *Jangadeira*.

Embiriba, *s. f.* (*Alagoas*) o mesmo que *Biriba*.

Embirussú, *s. m.* (*Bahia, Pern.*) especie de Bombacea ou Lecythidea, de cuja casca se extrahê *embira*.

Embondo, *s. m.* (*R. de Jan.*) difficuldade, embaraço: Com a baixa do cambio, acha-se o commercio em um *embondo*. A tua candidatura ao lugar de deputado me colloca em um *embondo*, porque já eu havia promettido meu voto a outro.

Embromadôr, *s. m.* (*provs. merid.*) o que embroma, trapaceiro, enganador. || *Etym.* E' voc. castelhano, syn. de *Bromista* (Valdez).

Embromar, *v. intr.* (*provs. merid.*) demorar a solução de qualquer

negocio, fazendo, porém, crer aos interessados que se procura activar a terminação d'elle (Coruja). || *Etym.* E' voc. castelhano, significado caçoar, gracejar a custa de alguém, e tambem illudir com palavras e trapaças. (Valdez).

Embruacádo, *adj.* mettido em Bruaca: Tenho todo o feijão *embruacádo*.

Embruacar, *v. tr.* arrecadar cousas em *Bruaca*: Mandei *embruacar* o milho.

Embuáva, *s. m. e f.* (*S. Paulo, Paraná, Minas-Geraes, Goyaz, Matto-Grosso*) alcinba com que se designa o natural de Portugal, a qual, porém, nada tem de injuriosa, e é o resultado de tradições historicas, desde os tempos coloniaes.

Embuçalar, *v. tr.* (*R. Gr. do S.*) pôr o buçal no animal. || Enganar: Quizeram *embuçalar-me*; mas não o conseguiram (Coruja).

Empacadôr, *adj.* diz-se do cavallo ou burro que tem por habito empacar. E' o que os francezes chamam *cheval rêtif*. || *Etym.* O termo *Empacon*, com a significação de contumaz, é da America Meridional hespanhola (Valdez). Sem duvida o recebemos dos nossos visinhos do Rio da Prata.

Empacar, *v. intr.* emperar o cavallo ou burro; parar firmando manhosamente as patas, sem que possa o cavalleiro obrigar-o a proseguir na viagem. || *Etym.* Do v. pron. castelhano *empacarse*, com a significação de obstinar-se. E' usual neste sentido, em relação ao cavallo teimoso, em toda a America hespanhola (Zorob. Rodrigues). || Ha, tanto em portuguez como em castelhano, o homonymo *empacar*, no sentido de empacotar, enfiar, encaixotar, etc. || Nas nossas provincias do norte, em lugar de *empacar* o cavallo ou burro, servem-se do verbo portuguez *acuar* (Meira).

Empaiolar, *v. tr.* (*provs. merid.*) arrecadar cousas em um paiól. || Este verbo, aliás muito usado entre nós, não o encontro em nenhum dos nossos lexicographos, bem que seja mui expressivo e de origem portugueza.

Empalamádo, a, *adj.* pallido, como o são as pessoas opiladas, hydropicas ou de uma gordura frouxa e descorada. || *Etym.* Moraes o dá como termo usual no Brazil, o que é bem verdade; e o faz derivar de *empale-mado* (emplastado, cheio de doença). Aulete, por sua vez, o dá como *adj.* popular e familiar, significando *coberto de emplastos*, e, por extensão, *coberto de chagas*. Neste sentido não o empregamos. Segundo elle, é corruptela do castelhano *emplumado*.

Empapuçado, a, *adj.* inchado, opado dos que tendem à hydropisia. || *Etym.* Do castelhano *papujado* (Moraes).

Encaiporar, v. tr. encalstar (no sentido mais geral deste vocabulo); influir nocivamente na sorte de alguém, infelicitá-lo: Havia uma hora que eu jogava com felicidade; veio Fulano sentar-se ao meu lado, e *encaiporou-me* de tal modo que não pude mais ganhar uma só mão. || *Etym.* De caipóra.

Encallir, v. tr. (*Alag.*) sujeitar a uma fervura preparatoria os intestinos do boi, afim de limpá-los melhor. || Este verbo é usado no Minho com a significação de assar a meio a carne ou peixe para conservá-lo (Moraes, Lacerda), e neste sentido corresponde ao verbo brasileiro *moquear*. Aulete não o menciona.

Encangalhar, v. tr. arrear com a cangalha a besta de carga. || Aulete menciona o verbo encangalhar com duas significações diferentes, nenhuma, porém, com relação á cangalha das bestas de carga. A primeira, como *v. tr.* é de embaraçar, prender; a segunda como *v. pron.*, atracarem-se dous navios, de modo que fiquem enrascados os cabos de um com os de outro; e por extensão é prender-se com outro, sem poder separar-se d'elle immediatamente.

Encanoar, v. intr. (*R. de Jan.*) empenar-se a taboa no sentido transversal, affectando a fórma de uma canôa: A taboa ainda verde *encanôa*, se é exposta ao sol (J. Norberto).

Encarrapichar-se, v. pron. encher-se de carrapichos: No

meu passeio ao campo, *encarrapichei-me* de tal sorte que tive de mudar de roupa.

Encérria, s. f. (*R. Gr. do S.*) especie de curral feito no meio do campo para apanhar baguaes. São, em feito, mui semelhantes aos curraes que fazem os pescadores nos logares de pouca agua para apanhar peixe (Coruja). || *Etym.* Do verbo *encerrar*. Moraes menciona *encerro* com a significação de encerramento, clausura, prisão, etc.

Encestamento, s. m. acto de encestar.

Encestar, v. tr. arrecadar em cesto quaesquer objectos.

Enchiqueirar, v. tr. metter no chiqueiro: Enchiqueirar os bezeros. || *v. intr.* (*littoral de Pern.*) entrar o peixe no repartimento do curral de pescaria a que chamam chiqueiro.

Encoivarar, v. tr. o mesmo que *coivarar*.

Encompridar, v. tr. (*R. Gr. do S.*) alongar alguma cousa, tornando-a mais comprida: *Encompridar* o lóro do estribo; *encompridar* o *rabicho*, etc. (Coruja).

Encontros, s. m. pl. (*R. Gr. do S.*) peito do animal entre as espaldas. || Em portuguez, este vocabulo significa a espada, o hombro. Nas aves, os *encontros das azas* são a parte superior d'ellas, onde vai fazendo a volta e d'onde nascem as pennas maiores (Moraes). Em todas as mais accepções, é termo usual no Brazil.

Encourádo, s. e adj. (*provs. do N.*) designativo daquelle que se veste com roupa de couro, segundo o uso dos vaqueiros no sertão. || Em portuguez, este *adj.* se applica a qualquer objecto que é coberto de couro: Arcas e caixas *encouradas* (Aulete).

Enfrenar, v. tr. (*R. Gr. do S.*) enfrear. || *Etym.* E' vocabulo castelhano, não geralmente usado.

Engá, s. m. V. *Ingá*.

Engambelador, a, adj. e *s.* embelecador.

Engambelar, v. tr. embelecar, engodar, embalar com esperanças vãs, com caricias, com dadivas e outros meios de que se pôde tirar proveito

para attrahir a confiança de alguém. || No Pará dizem *engrambelar* (B. de Jary).

Engambêlo, *s. m.* embeleco.

Engangorrado, *adj.* (*Piauhy*) preso a uma *gangorra* (2^o) (*José Coriolano*).

Enganjento, *adj.* (*Bahia*) o mesmo que *Ganjento*.

Engarapar, *v. tr.* (*Pern.*) dar garapa a. || *Fig.* fazer a bocca doce a alguém para o reduzir áquillo que queremos (*Moraes, Aulete*).

Engenheiro, *s. m.* (*S. Paulo, Paraná e Matto-Grosso*) proprietario de um engenho de assucar; senhor de engenho. || Este vocabulo tem o inconveniente de confundir cousas que são bem distinctas entre si. Por engenheiro se entende em toda a parte aquelle que professa a *Engenharia*, sciencia que se divide em varios ramos, donde resulta que ha engenheiros geographos, hydraulicos, militares, civis, machinistas, etc. Um *senhor de engenho* não tem nada disto. E' simplesmente o proprietario de um engenho de moer canna para a fabricação de assucar, ou de moer a congonha para a preparação do mate. A respeito do mais pôde ser completamente ignorante. Recordo-me que uma vez na camara dos deputados, em uma discussão que interessava a lavoura, um representante da Nação servia-se repetidamente da vocabulo *engenheiro*, em lugar de *senhor de engenho*. Seu discurso foi um verdadeiro destampatorio; ninguem sabia o que queria elle dizer. Seria a desejar que as pessoas bem educadas não sancionassem com sua auctoridade esse erro vulgar.

Engenho, *s. m.* estabelecimento agricola destinado á cultura da canna e á fabricação do assucar. Na provincia do Paraná, onde não ha por ora engenhos de assucar, dão esse nome aos estabelecimentos dotados de machinas e apparelhos proprios para moer a congonha com que se fabrica o mate.

Engenhôca, *s. f.* pequeno engenho que, sendo destinado principalmente á fabricação de aguardente, serve tambem para a de assucar e rapaduras.

Engrambelar, *v. tr.* (*Pará*) o mesmo que *engambelar*.

Enlaçar, *v. tr.* (*R. Gr. do S.*) o mesmo que *laçar*.

Entabular, *v. tr.* (*R. Gr. do S.*) acostumar um garanhão a certo numero de eguas, para formar a manada: Entabular uma manada (*Coruja*).

Entaipáva, *s. f.* (*Amaz.*) o mesmo que *Itaipáva* (*Castelnaud*).

Entijucado, *a, adj.* sujo de barro ou lama a que vulgarmente chamam *Tijuco*. || Tambem dizem *entujucado*.

Entijucar, *v. tr.* enlamear. || *v. pron.*, enlamear-se. || Tambem dizem *entujucar*.

Entrepeçado, *adj.* (*R. Gr. do S.*) que tem pelo de tres côres, preto, branco e vermelho; quasi rosaceo; diz-se do cavallo (*Coruja*). || *Etym.* E' vocabulo castelhano, que se traduz em portuguez por interpolado (*Valdez*).

Entreverar, *v. intr.* (*R. Gr. do S.*) entremetter, misturar. Isto se diz na guerra, quando dous corpos de partidos differentes se atacam com tal impeto que se misturam no furor do combate e continuam a peleja, da qual resulta sempre grande mortandade. || *Etym.* E' vocabulo puramente castelhano.

Entrevéro, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) recontro de dous corpos de cavallaria em acção de combate, de tal sorte que ficam misturados. || *Etym.* E' termo da America Meridional hespanhola (*Valdez*).

Entrosar, *v. intr.* (*Ceará*) impôr: *Entrosar* de valentão; querer figurar com impostura, parecer o que não é (*J. Galeno*). || Ha em portuguez o verbo *entrosar* no sentido transitivo de *engranzar*, metter os dentes da roda nos vãos do entroz ou carrete; metter por entre os dentes de um eixo dentado os dentes de outro, para lhe communicar o movimento. No sentido intransitivo, *engranzar*, metter os dentes de um eixo por entre os do outro para o mover e, figuradamente, ordenar bem cousas complicadas (*Aulete*).

Entujucado, *adj.* o mesmo que *entijucado*.

Entujucar, *v. tr.* o mesmo que *entijucar*.

Enveredar, *v. intr.* (*provs. merid.*) seguir com destino exclusivo a certo e determinado logar: Logo que soube do desastre, *enveredei* para a casa da victima. || Corresponde á locução adverbial portugueza—*ir ou vir de frecha*, ir directamente, em linha recta, sem torcer caminho. || *v. tr.* guiar, encaminhar: Meu amigo tinha seus negocios tão complicados que nem mais sabia por onde devia principiar o pleito: eu o *enveredei*, e desde então tudo lhe correu bem.

Envira, *s. f.* o mesmo que *Embira*.

Exergão, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) o mesmo que *Baixeiro*.

Enxerido, *a, adj.* (*Par. do N., R. Gr. do N.*) intromettido: Ha homens mui *enxeridos* em todos os negocios alheios. || *influido*, enthusiasnado: Elle anda actualmente mui *enxerido* com a filha do visinho (Santiago, Meira). || *Etym.* Talvez provenha do verbo *ingerir-se*.

Epúcha! *int.* (*R. Gr. do S.*) expressão de admiração: *epucha!* que lindo cavallo! que homem valente!

|| E' usual no Chile e em outras partes da America Meridional. Segundo Zorob. Rodrigues, este vocabalo baixo e grosseiro é oriundo da Hespanha.

Escaldádo, *s. m.* especie de *Pirão*.

Escangálho (1º), *s. m.* (*R. de Jan.*) parede escarpada, cujo fim é suster as terras de um monte.

Escangálho (2º), *s. m.* (*provs. do N.*) desordem, dismantelo, confusão ruina: Aquelle individuo foi á villa, e promoveu desordem de que resultaram ferimentos e outros damnos; foi um *escangalho* de todos os diabos (Meira). || *Etym.* Do verbo *escangalhar*.

Escarnar, *v. tr.* (*Ceará*) preparam as armas, quando se tem de fazer uso dellas. *Escarnar* a espingarda é armar-lhe o cão; *escarnar* o punhal é desembainhal-o (J. Galeno. || *Obs.* Ha em portuguez o verbo *escarnar* significando descobrir um osso, tirando-lhe a carne que o cobre; e, figuradamente,

descobrir, investigar, analysar por miudo (Aulete). Não vejo analogia entre os dous vocabulos.

Esgurido, *a, adj.* o mesmo que *arado*.

Esmolambádo, *adj.* esfarripado, que tem o fato em *molambos*.

Esparramádo, *a, adj.* estovado, desregrado, inconsiderado: E' um homem de vida *esparramada*. || Desalinhado, mal assentado: Uma vassoura *esparramada*. Uma barba *esparramada* (Meira).

Esparramar, *v. tr. e intr.* esparralhar, dispersar, separar cousas que devem estar juntas. E' vocabulo applicado, sobretudo, a tropas de animaes, que, pouco adestrados, se dispersam pelo campo, em vez de seguirem reunidos em determinada direcção. || *Etym.* E' verbo castelhano.

Esparrame, *s. m.* acção e effeito de esparramar; espalhamento, debandaça, dispersão: Com as descargas da artilharia, assustou-se a cavallhada e houve um completo *esparrame*.

|| Apparato, ostentação: Por occasião do casamento da filha, offereceu o Comendador aos seus amigos uma festa de *esparrame*. A Condessa apresentou-se com um vestuario de *esparrame*. Houve um jantar de *esparrame*.

Espéques, *s. m. pl.* (*Ceará*) nome dos tres paus encavilhados nos da jangada, e formando o *Aracambus* (Camara).

Espingoládo, *s. m.* (*Pern.*) homem alto, magrizona e desageitado (S. Roméro).

Espinhel, *s. m.* apparelho de pescaria, que consiste em uma extensa corda em que se prendem de distancia em distancia, linhas armadas de anzoes. || Em castelhano esse apparelho tem o nome de *Espincl* (Valdez). Nenhum dictionario portuguez o menciona.

Espipocar, *v. tr. e intr.* o mesmo que *pipocar*.

Espirito-Santense, *s. m. e f.* natural da provincia do Espirito-Santo. || *adj.* que é relativo á mesma provincia.

Espocar, *v. tr. e intr.* o mesmo que *pipocar*.

Espojeiro, *s. m.* (*Ceará*) pequeno cercado em torno da casa (*Ara-ripe Junior*). || *Aulete* menciona este vocabulo com a seguinte definição: logar onde a besta se espoja. E' essa certamente a origem do termo cearense. || *Fig.* Pequena roça: Aquelle pobre homem fez um *espojeiro* e plantou-o (*Meira*).

Espolêta, *s. m.* o mesmo que *capanga* (2º).

Esquipádo, *s. m.* andadura do cavallo, a que em Portugal chamam tambem *Furta-passo*. Em diversas provincias do Brazil dão ao *esquipádo* o nome de *guinilha*. Os francezes lhe chamam *amble*. || Consiste o *esquipádo* em levantar o cavallo ao mesmo tempo o pé e mão do mesmo lado. E' uma marcha ligeira e mui agradável ao cavalleiro: O meu cavallo tem um excellentem *esquipádo*. Da villa ao meu sitio fui em um *esquipádo* (sem parar). || *Etym.* O vocabulo *esquipádo* é um adjectivo da lingua portugueza, o qual, além de outras accepções, que nada têm que ver com a hippiatrica, significa tambem ligeiro, rapido, veloz (*Aulete*); e é esse justamente o caracteristico da andadura que definimos.

Esquipadôr, *s. m.* e *adj.*, cavallo que usa do passo chamado *esquipádo*. || No Rio Gr. do S. e outras provincias tambem lhe chamam *andador*, cavallo de guinilha. || *Aulete* não menciona este vocabulo.

Esquipar, *v. intr.* executar o cavallo a especie de marcha a que chamam *esquipádo*, o mesmo que *andadura*. || Segundo *Aulete*, é correr ligeiramente a embarcação, o cavallo, etc.

|| No sentido transitivo, tem este verbo muitas outras significações tanto em Portugal como no Brazil: *Esquipar* um navio.

Estaleiro, *s. m.* (*de Pern. ao Ceará*) leito de paus sobre forquilhas, de mais ou menos 1^m,50 de altura, e no qual se põe a secçar milho, carne, etc. E' propriamente fallando um *Jirau* alto. || *Etym.* E' vocabulo de origem portugueza.

Estancia, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) fazenda destinada à criação do gado vaccum e cavallar. Nesta accepção é

vocabulo da America Meridional hespanhola (*Valdez*). Em Cuba dão o mesmo nome a uma casa de campo com horta, proxima das povoações (*Valdez*). No Rio de Janeiro, chamam *Estancia* ao mercado de lenha.

Estancieiro, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) proprietario de uma estancia.

|| (*R. de Jan.*) proprietario de uma estancia de lenha. Na primeira accepção, deriva-se o nosso vocabulo de *estanciero* de origem hispano-americana (*Valdez*). Em Portugal ao dono de uma estancia de madeira, lenha ou carvão dão o nome de *estanceiro* (*Aulete*).

Estanciôla, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) pequena estancia, chacara (*Cesimbra*).

Estaquear, *v. tr.* (*R. Gr. do S.*) estender um couro e entesal-o por meio de estacas fincadas no chão para o fazer secçar. || A essas estacas chamam em Portugal *espichos*, e dahi nasce o verbo *espichar* com a mesma significação de *estaquear*. || *Estaquear* um homem é amarral-o de pés e mãos a estacas fincadas no chão, ficando o paciente estendido de costas. E' um meio horrendo de impedir a fuga de um preso. || (*Pern. e outras prov. do N.*) Collocar estacas a prumo, para construcção de cercas (*Meira*). || *Aulete* cita o verbo *estaquear*, sem o attribuir exclusivamente ao Brazil, bem que a sua definição seja evidentemente extrahida, com pequena alteração, da *Colleção de vocabulos e phrases* de *Coruja*.

Estrafegar, *v. tr.* estraçoar, fazer em pedaços, espedaçar (*Silva Coutinho*).

Estrafêgo, *s. m.* (*Campos*) despedaçamento, laceração de cousas (*Silva Coutinho*).

Estumar, *v. tr.* assanhar, aqular, excitar os cães, por meio de gritos e assovios apropriados. || Não encontro este vocabulo em dicionario algum da lingua portugueza. Quer me parecer que não é senão uma contracção de *estimular*. || No Rio Grande do Sul dizem *iscar* os cães.

Etê, *adj.* vocabulo tupi que serve de suffixo a substantivos da mesma lingua, quando se trata de exprimir a superioridade qualitativa de alguma cousa sobre outras da mesma especie,

como se observa em muitos nomes que ainda fazem parte da linguagem vulgar: Tatú, Tatuêtê; Igára, Igarêtê; Cuia, Cuiêtê, e outros mais.

Exe! *int.* (*Pará*) o mesmo que *Axi!*

Faca-de-rasto, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) grande faca ou facão, cujo destino é abrir caminho no matto, cortar cipó, etc. (*Coruja*).

Faceirar, *v. intr.* ostentar elegancia tanto no vestuario, como nas maneiras.

Faceirice, *s. f.* tafalaria, ostentação de elegancia. || Ar pretencioso: As *faceirices* da rapariga afugentaram o pretendente. || Aspecto risosinho: Que aguas tão azues (as do lago de Como), que areias tão brancas, quantos palacetes a se mirarem com *faceirice!* (*Escr. Taunay*).

Faceiro, *a, adj.* tiful, elegante. || Em Portugal *faceiro* tem a significação de bonacheirão, loiraça, enfeitado com ornatos de mais vista que valor (*Aulete*); donde se vê que o vocabulo portuguez tem uma significação mui diferente da do Brazil.

Fachina, *s. m.* o mesmo que *Fachinzl*.

Fachinal, *s. m.* (*S. Paulo, Pará, Santa-Cath., R. Gr. do S.*) campo de pastagem entremado de arvoredo esguio. || Tambem lhe chamam em alguns logares *Fachina*. || *Etym.* E' vocabulo de origem portugueza. Além de sua significação brasileira, o termo *Fachina* é entre nós usado em todas as accepções que lhe dão em Portugal.

Fachudáço, *a, adj. sup.* (*R. Gr. do S.*) mui lindo, lindissimo (*Cesimbra*).

Fachúdo, *a, adj.* (*R. Gr. do S.*) lindo (*Cesimbra*).

Falha, *s. f.* interrupção casual de uma viagem: Tive dous dias de *falha*, por causa da chuva.

Falhar, *v. intr.* interromper accidentalmente uma viagem, por causa de qualquer contrariedade: Por me terem faltado os animaes, ou por causa da chuva ou de molestias, etc. tive de *falhar* durante alguns dias.

Famanaz, *adj.* (*Serg. e Ceará*) pessoa mui afamada por seu valor,

proezas ou influencia: F. é o *famanaz* daquella villa.

Fandango, *s. m.* (*prov. merid.*) nome de certos bailes ruidosos, de que usa a gente do campo, cantando, dançando e sapateando ao som da viola. São muitas as variedades destes bailes, e se distinguem pelos nomes de Anú, Bambáquerê, Bem-zinho-amór, Cará, Candieiro, Chamarrita, Chará, Chico-puxado, Chico-da-ronda, Feliz-meu-bem, João-Fernandes, Meia-canha, Pagará, Pega-fogo, Recortada, Retorcida, Sarrabalho, Serrana, Tatú, Tyranna e outras, cujos nomes se resentem da origem castelhana (*Coruja*).

Fandanguero, *adj.*, o que gosta do *Fandango* (*Coruja*).

Fangapema (Todos os dictionarios portuguezes que tenho á mão, inclusive o modernissimo de *Aulete*, com excepção do *Dicc. Prosodico*, trazem este vocabulo com a significação de « instrumento de que o gentio do Maranhão usa para cantar pedra »; mas é isso evidentemente um erro. Este vocabulo não pôde pertencer á lingua tupi, onde não existe a letra F. Provém, portanto, o erro de se ter trocado a letra T por um F. *Tangapema*, ou antes *Itangapema*, como escreve *Anchieta*, tem a significação de *espada de ferro*. Pôde acontecer que os Tupinambás do Maranhão dessem esse nome ao instrumento de ferro que lhes forneceram os Francezes ou Portuguezes para cortar a pedra; mas, em todo o caso, semelhante denominação está inteiramente perdida e bem pôde ser excluída dos dictionarios, ainda que a corrijam como o indiquei.)

Farinha-queimada, *s. f.* (*Ceará*) especie de bailado popular (*Araripe Junior*).

Farinháda, *s. f.* (*Par. do N., Rô Gr. do N., Ceará*) fabrico da farinha de mandioca: Estou occupado na *farinháda*. Convidou-me um amigo a ajudal-o na *farinháda*. O mez de agosto é tempo proprio da *farinháda*. Acabei a *farinháda* (*J. Galeno, Meira*).

Farinheira, *s. f.* vaso especialmente destinado á farinha de mandioca ou de milho, que se serve ás

refeições. A *farinheira* pôde ser de louça, de vidro ou de metal. A mais geralmente usada é a cuia.

Farófa, *s. f.* especie de comida feita de farinha de mandioca ou de milho, que, depois de humedecida com agua, é frita ou antes cozida em toucinho ou manteiga. Come-se a farófa, á guisa de pão, com a carne, peixe e mariscos. || *Etym.* Não encontro este vocabulo em dictionario algum da lingua portugueza. Aulete menciona *farofia* como vocabulo portuguez designando uma especie de doce feito de claras de ovos batidos com assucar e cannela, igualmente chamado *basofias*, *globos de neve e espumas*. Tambem diz que no Brazil a *farófa* é uma especie de comida feita de farinha de pau bem misturada com qualquer môlho. Aceitando a definição, porque, afinal de contas, pôde haver muitos modos de preparar essa comida, devo, entretanto, fazer observar que a isso chamam no Brazil *farófa* e não *farófia*. Capello e Ivens tambem fallam da *farófia* como de uma comida usual na parte da Africa portugueza que visitaram, e dizem que é a simples mistura da farinha com vinagre, azeite ou agua, a que se ajunta pimenta do Chile ou *d'jindungo*. Como se vê, é isso apenas uma variedade da *farófa* do Brazil. Segundo Aulete, o termo *farófia* em Portugal tem, no sentido figurado, a significação de cousa ligeira, de pouca importancia, insignificancia. No Brazil, *farófa* não tem esse alcance.

Farrambamba, *s. f.* (*provs. do N.*) fanfarronada, bravata, jactancia, vangloria, vaidade: Deixa-te d'essas *farrambambas* (S. Roméro).

Farráxo, *s. m.* (*Bahia*) especie de terçado sem gume, com o qual se mata peixe á noute. A pesca que assim se faz, attrahindo-se o peixe por meio da luz, se chama *pesca de farraxo* (Aragão). || *Obs.* Este meio de pescar corresponde ao que no Pará chamam *pesca da pirahéra* (B. de Jary).

Fazenda, *s. f.* herdade com destino á grande cultura. Ha *Fazendas de criação* e *Fazendas de lavoura*. Nas primeiras se cuida de gados, sobretudo do bovino e cavallar, e são particularmente conhecidas no Rio Gr.

do S. pela denominação de *Estancias*. Nas segundas, se cultiva café, canna d'assucar, algodão, cereaes, etc. As de canna são geralmente chamadas *Engenhos*.

Fazendóla, *s. f.* pequena fazenda, herdade menor que uma fazenda, dando porém logar á grande cultura.

Feliz-meu-bem, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) nome de uma das variedades desses bailes campestres a que chamam geralmente *Fandango*.

Ferradôr, *s. m.* (*Minas-Geraes*) o mesmo que *Araponga*.

Ferragista, *s. m.* ferrageiro; negociante de ferragens.

Fiadôr, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) buçal, sem foinheira (Coruja).

Filante, *s. m. e f.* nome que dão áquelle que procura obter as cousas sem gastar dinheiro. || *Etym.* Parece ser oriundo do verbo *filar*, em sentido figurado. || No Rio Gr. do S. tambem dizem, no mesmo sentido, *passuca* (Cesimbra).

Fióta, *s. e adj.* (*Pern., Par. do N., Rio Gr. do N.*) janota, casquilho, elegante (Claudio).

Fluminense, *s. m. e f.* natural da cidade e provincia do Rio de Janeiro. || *Obs.* Ao natural da mesma cidade dão mais particularmente o nome de *Carióca*. || *Etym.* Do latim *flumen*.

Fogo-morto.—Dizem que um engenho de assucar está de *fogo morto*, quando, por qualquer circumstancia, deixa de funcionar.

Folheiro, *adj.* (*R. Gr. do S.*) airoso, de boa apparencia: Como vem *folheiro* o gaúcho no seu bual! || Applicam-o tambem para exprimir tudo quanto vem com facilidade, sem encontrar embaraço (Cesimbra).

Fona, *s. f.* (*Serg.*) especie de jogo, consistindo em um prisma de madeira, alongado, que se atira ao ar; na queda, a face superior, grosseiramente gravada, indica se o jogador perdeu ou ganhou (João Ribeiro).

Fôrno, *s. m.* especie de bacia chata de cobre ou ferro a semelhança de uma grande frigideira, que se colloca sobre uma fornalha especial, e onde se põe

a massa da mandioca para a fazer secar e reduzil-a a farinha, havendo o cuidado de a revolver constantemente até ficar prompta. Serve tambem para a fabricação da farinha de tapioca, em que se emprega a fecula da mandioca, e ainda mais para se fazer beijús e seus congeneres. || Aulete escreveu *fome* por forno.

Fórróbódó, *s. m.* (Rio de Jan.) baile, sarau chinfrim. O baile dado pelos carnavalescos não passou de um *fórróbódó*.

Franqueiro, *s. m.* (R. Gr. do S.) raça de bois de corpo e aspas grandes (Cesimbra). || Em S. Paulo lhes chamam *bois da Franca*, por serem oriundos d'aquelle municipio.

Frécha, *s. f.* nome que dão á canna dos foguetes. || Tambem dizem *flecha*.

Frége, *s. m.* (Rio de Jan.) especie de tasca, cujo nome se deriva da principal industria, que consiste em exhibir peixe frito aos freguezes. || *Obs.* Este nome não é mais do que a abreviação do de *Frege-moscas*, pelo qual se designam geralmente esses estabelecimentos.

Frigideira, *s. f.* nome que dão a qualquer fritada: Uma *frigideira* de camarões, etc.

Fructa-de-Conde, *s. f.* (Rio de Jan.) o mesmo que *Ata*.

Fruita, *s. f.* (provs. do N.) especie de bolo feito de farinha de mandioca, assucar e pimenta da India. Tambem lhe chamam *doce de pimenta* (João Ribeiro).

Fuá, *adj.* (R. Gr. do S.) o mesmo que *Aruá*.

Fubá, *s. m.* farinha de milho ou de arroz moída na mó. || No Algarve chamam *Xerêm* a essa farinha de milho, de que se fazem papas (Aulete).

|| *Ety m.* Tem origem no termo *Fuba* da lingua bunda; mas na Africa se dá esse nome a qualquer especie de farinha (Capello e Ivens, Serpa Pinto). No Brazil o *fubá* de milho é cousa differente da farinha de milho. Esta se consegue pisando o milho no pilão, e dessecando-a ao fogo. O *fubá* de milho é preparado a frio. Engana-se Aulete, quando, em referencia ao Brazil, inclue a fa-

rinha de mandioca na denominação de *fubi*.

Fubéca, *s. f.* (Minas-Geraes) sóva (D. Müller).

Fumo, *s. m.* nome vulgar não só do tabaco de fumo, como da propria planta em vida.

Funca, *s. e adj. m. e f.* (S. Paulo) pessoa ou cousa de pouco prestimo, mau, ruim: Aquelle homem é um *funca*. Tivemos hoje um jantar *funca*.

Fura-bôlo, *s. m. e f.* intro-metido, curioso, que procura ingerir-se em todos os negocios. || *Fura-bolo* é tambem o nome popular do dedo indicador. Em Portugal dizem, n'este caso, *Fura-bolos* (Aulete).

Furado, *s. m.* (Bahia) o mesmo que *Furo*.

Furo, *s. m.* estreito entre duas ilhas, ou entre uma ilha e a terra firme. Corresponde áquillo a que em terra chamam *atalho*, porque torna mais breve o trajecto das canoas e outras embarcações pequenas. No Pará, quando o *furo* comprehendido entre uma ilha e a terra firme é muito extenso no sentido do comprimento, lhe chamam *Paranámirim*. Na Bahia dão ao *Furo* o nome de *Furado*.

Furrundú (1º), *s. m.* (S. Paulo) especie de doce feito de cidra ralada, gengibre e assucar mascavo. Tambem dizem *Furrundum*.

Furrundú (2º), *s. m.* (S. Paulo) especie de dansa, de que usam os camponeses.

Furrundum, *s. m.* (S. Paulo) o mesmo que *Furrundú* (1º).

Futicar, *v. tr.* (Rio de Jan.) co-ser ligeiramente e a grandes pontos qualquer roupa, ou seja para disfarçar alguma rasgadura accidental, ou seja para terminar qualquer costura que não admitte demora. Em S. Paulo, Bahia e Pernambuco dizem *fucicar*.

Fuxicar, *v. tr.* o mesmo que *futicar*.

Fuxíco, *s. m.* (Serg.) mexerico, intriga (João Ribeiro).

Gajão, *s. m.* titulo obsequioso de que usam os Ciganos para com as pessoas extranhas á sua raça. Meu *gajão* equivale a meu senhor, ou cousa semelhante.

Galaláu, s. m. (*Bahia*) homem de elevada estatura. Corresponde ao *Manguari* de S. Paulo.

Galpão, s. m. (*R. Gr. do S.*) varanda, alpendre, ou galeria aberta adherente a uma casa de habitação. Sob a forma *Galpon*, é usual em todos os estados americanos de origem hespanhola, e foi delles que o recebemos. || *Etyim.* E' voc. da lingua azteca (*Zorob Rodriguez*).

Gambá, s. f. (*R. de Jan.*) o mesmo que *Saruê*.

Gambôa, s. f. (*littoral*) pequeno esteiro que enche com o fluxo do mar e fica em secco com o refluxo. Em Pernambuco, como em Portugal, chamam a isso *Cambôa*; e no littoral do Piahy e Maranhão, *Igarapé*. || Em Portugal *Gambôa* é a fructa do Gamboeiro, variedade do Marmeleiro (*Aulete*).

Gangão, s. m. (*Bahia*) espiga de milho atropiada, contendo poucos grãos, e esses dispersos pelo sabugo. Também lhe chamam *Dente de velha*, e *Tambueira*. No Rio de Janeiro dão-lhe o nome de *Catambuêra*, que entretanto se estende a todos os fructos vegetaes mal desenvolvidos.

Gangorra (1º), *s. f.* (*Rio de Jan. e outras provs.*) nome de um aparelho destinado ao divertimento de rapazes, e consiste em uma trava apoiada pelo meio em um espigão, sobre o qual gira horizontalmente e em cujas estremidades cavalgam. Em Portugal lhe chamam *Arreburinho*; no Ceará e outras provincias do norte *João-Galamarte*; em Pernambuco *Jangalamaste*; e em Minas-Geraes *Zangaburrinha*. || Moraes menciona *Gangorra* como termo obsoleto de significação incerta, talvez designando alguma molestia, o que não me parece de bom conceito. G. Soares, na descripção das madeiras de construção da Bahia, falla muito da *Gangorra* como de peça necessaria nos engenhos de assucar. Attentemol-o no seguinte trecho. — « Juquitibá é outra arvore real, façanhosa na grossura e comprimento, de que se fazem *Gangorras*, mesás de engenhos e outras obras, e muito taboado; e já se cortou arvore destas tão comprida e grossa, que deu no comprimento e grossura

duas *Gangorras*, que cada uma, pelo menos, ha de ter cincoenta palmos de comprimento, quatro de assento e cinco de alto »

Gangorra (2º), *s. f.* (*Piahy*) especie de armadilha que, para prender os animaes bravios, se estabelece ordinariamente entre desfiladeiros e boqueirões. Consiste em um pequeno curral em redor de uma cacimba ou aguada, com uma entrada ou porteira por onde facilmente entra o animal, e com uma sahida que é para elle um labyrintho. O animal engangorrado, ou se deixa pegar, ou terá de romper ou de saltar a cerca (*J. Coriolano*).

Ganja, s. f. vaidade, presumpção: Tua *ganja* não tem razão de ser. Deixa-te dessas *ganjas*, que mal cabem a um homem serio. Não dê *ganja* áquella mulher, já tão disposta a se julgar o prototipo da perfeição. || *Obs.* Moraes não menciona este vocabulo. *Aulete* da-o como nome de resina extrahida de uma especie de canhamo, e é a base do haschisch. Isto nada tem que ver com o nosso vocabulo, do qual é apenas o homonymo.

Ganjento, adj. vaidoso, presumido: Depois que o irmão entrou para o ministerio, ficou José tão *ganjento* que mal o podem abordar seus amigos. Minha filhinha está toda *ganjenta* com o vestido que lhe deu de festa a madrinha. || *Obs.* Moraes escreve *ganjento*; mas, como o radical deste adjectivo é seguramente *ganja*, parece-me que a orthographia que adopto é mais razoavel. Este auctor não menciona este vocabulo como exclusivamente brasileiro; mas *Aulete* o supprimiu, o que me faz pensar que não é usado em Portugal.

Gapuia, s. f. (*Valle do Amas.*) modo de pescar que consiste em fazer o que chamam *Mucudca*, isto é, atravessar o riacho com *avinga* e *tujuco* encostados em paus cravados a prumo, atim de não passar toda a agua; e em bater o *timbó*, para fazer sobrenadar o peixe se o logar é algum tanto fundo; e se o não é, toma-se o peixe á mão, sem o auxilio do *timbó* (*Baena*).

Gapuiar, v. intr. (*Valle do Amas., Maranhão*) pescar nos baixios

um pouco ao acaso, lançando o harpão para o pirarucú ou a flecha para o tambaqui, tucunaré e outros peixes aqui e alli; apanhar camarões em cestos nas pequenas lagoas; tomar pequenos peixes à aventura nos baixos; procurar uma cousa qualquer ao acaso da sorte (J. Verissimo). || Esgotar a agua que resta na vasante do pequeno rio tapado, por meio do *Parí*, para pegar o peixe miudo que nelle fica (B. de Jary). || Esgotar uma lagoa, para deixar o peixe em secco. || Extrahir a agua de pequenos poços ou riachos, com o fim de apanhar o peixe (Seixas).

Garajáu, *s. m.* (*Pern.*) especie de cesto oblongo e fechado, em que os camponeses conduzem gallinhas e outras aves ao mercado. || No R. Gr. do N. é o *Garajáu* um aparelho para conduzir peixe secco. Compõe-se de duas peças chatas e quadrangulares, com cerca de 66 centímetros de comprimento e 55 de largura, formada cada peça por quatro varas presas pelas extremidades, cheio o intervallo com embiras ou palhas de carnahuba tecidas em malhas largas. Sobre uma dessas peças deitada no chão arrumam cuidadosamente o peixe secco e o cobrem com a outra peça, atando as extremidades, para que não se desliguem durante a marcha (Meira). || Moraes menciona *Garajão* e *Aulete Garajáu*: o primeiro como ave maritima da costa de Guiné; o segundo como ave palmípede, com o nome zoologico de *Sterna fluviatilis*. Não lhe encontro analogia possível com o nosso vocabulo.

Garápa, *s. f.* nome commun a diversas bebidas refrigerantes. Em S. Paulo, Goyaz e Matto-Grosso dão esse nome ao caldo da canna, e tambem lhe chamam *Guarápa*. Em algumas provincias do norte *Garápa picada* é o caldo da canna fermentado, e o nome de *Garápa* se applica tambem a qualquer bebida adoçada com melão. Segundo Simão de Vasconcellos, *Garápa* é o termo com que os Tupinambás designavam uma certa bebida feita com mel de abelhas. Em Angola, no dizer de Capello e Ivens, entende-se por *Garápa* uma especie de cerveja feita de milho e outras gramineas, a qual

dão tambem os nomes de *Ualúa* e *quimbombo*, conforme as terras.

Garimpar, *v. intr.* (*Minas-Geraes*) exercer o officio de *Garimpeiro*.

Garimpeiro, *s. m.* (*Minas-Geraes*) nome que se deu outr'ora a uma especie de contrabandistas, cuja industria consistia em catar furtivamente diamantes nos districtos em que era prohibida a entrada de pessoas estranhas ao serviço legal da mineração. Para exercerem seu arriscado officio, os garimpeiros penetravam em magotes nos lugares mais ricos em diamantes e os procuravam. Enquanto uns executavam este serviço, outros se postavam de sentinella nos pontos altos, afim de avisal-os da approximação de soldados. Então se refugiavam nas montanhas mais escarpadas, onde não podiam ser alcançados. || *Étym.* Pelo que diz St. Hilaire, o nome de *Garimpeiros* não é mais do que a corruptela de *Grimpeiros*, que foi dado a esses aventureiros em allusão à *Grimpa* das montanhas em que se occultavam. *Aulete*, mencionando esse vocabulo, o dá como pouco usado, mas nada diz a respeito de sua nacionalidade.

Garôa, *s. f.* (*provs. merid.*) chuvisco. || *Étym.* E' vocabulo de origem peruana. No Perú dizem *Gariúa*, e assim tambem no Chile e em outros paizes hispano-americanos.

Garoar, *v. intr.* (*provs. merid.*) chuviscar. Tambem dizem *garuar*.

Garoupeira, *s. f.* especie de embarcação que se emprega na pesca da garoupa nos baixos dos Abrolhos, e da qual fazem grandes salgás, constituindo a industria capital de Porto-Seguro, e seu maior commercio de exportação. E' armada com um mastro a meio, e um outro pequeno à pópa, onde se içá uma vela chamada *burriquete* (*Dicc Mar. Bras.*).

Garrão, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) nervo da perna do cavallo. || *Étym.* Do castelhano *Garron*, significando esporão das aves, e em Aragão calcanhar.

Garróte, *s. m.* bezerro de dous a quatro annos de idade. || O homonymo portuguez significando arrocho,

coto de páu com que se dá volta ao laço posto no pescoço, para estrangular, não pôde ser a origem do nosso vocabulo.

Garroteado, a, adj. (R. Gr. do S.) diz-se do couro que, convenientemente sovado e batido, torna-se ninamente macio: Couro *garroteado* (Coruja).

Garrotear, v. tr. (R. Gr. do S.) sovar e bater o couro, até amaciar-o bem. || *Etym.* E' verbo antiquado da lingua castelhana, significando dar arrochadas, pauladas, bastonadas (Coruja).

Garrucha s. f. pistola de grande dimensão. || Tanto em portuguez, como em castelhano, aquillo a que chamam *garrucha* é cousa mui diferente. || No R. Gr. do S. a *garrucha* é o bacamarte de bocca de sino; e figuradamente dão esse nome á india velha (Cesimbra).

Garúa, s. f. o mesmo que *Garôa*.
Garuar, v. intr. o mesmo que *Garoar*.

Gassába, s. f. o mesmo que *Igassába*.

Gateado, adj. (R. Gr. do S.) diz-se do cavallo baio com as crinas côr de flexa (Coruja). || Segundo Cesimbra, é o cavallo de pêlo amarello-avermelhado.

Gato do matto, s. m. o mesmo que *Maracajá*.

Gaúchada, s. f. (R. Gr. do S.) acção própria de gaúcho; astucia, ardil (Valdez).

Gaúchar, v. intr. (R. Gr. do S.) praticar o gaúcho os seus costumes, ou imital-os um estranho (Valdez).

Gaúchito, s. m. (R. Gr. do S.) dim. de gaúcho, gaúchinho, pequeno gaúcho (Cesimbra).

Gaúcho, s. m. (R. Gr. do S.) habitante do campo, oriundo, pela maior parte, de indigenas, portuguezes e hespanhóes. São naturaes não só das republicas platinas como do R. Gr. do Sul. Dão-se á criação do gado vacum e cavallar, e são notaveis por seu valor e agilidade.

Gaudério, a, adj. parasita, amigo de viver á custa alheia. || *Etym.* Ainda que pareça ser termo portuguez

de origem latina, não o encontro em dicionario algum da nossa lingua. Aulete menciona *Gaulio* com a significação de alegria, regosijo, folia e brinquedo.

Generoso, s. m. (R. Gr. do S.) ente phantastico que, segundo a cren-dice popular, era o terror das familias no territorio das Missões. Entrava invisivelmente nas casas, fazia barulho pelos quartos, tocava instrumentos musicaes, qual a viola, e nas noutes de baile, no calor da dança, sentiam-lhe as pisadas, e aproximando-se do tocador da viola cantava esta quadrinha:

Eu me chamo Generoso,
Morador em Pirapó;
Gosto muito de dançar
Com as moças de paletot (Cesimbra).

Genipápo, s. m. V. *Jenipápo*.

Geraes (1º), s. m. pl. diz-se que alguem está nos seus *geraes*, quando vive satisfeito com a posição que occupa. Equivale a não caber em si de contente: Aquelle sujeito, que tanto desejava um emprego publico, está nos seus *geraes*, depois que o nomearam inspector das escolas municipaes.

Geraes (2º), s. m. pl. (Ceará, Piahy) lugares longinquo, ermos e invios, onde não costuma penetrar gente: Perdi-me naquelles *Geraes*, sem mais poder atinar com a direcção que me cumpria seguir (J. Galeno).

Geral, s. m. (Par. do N., R. Gr. do N.) logar coberto de matto: Aquella parte da provincia é um *geral*. Meu roçado, dantes tão bem cultivado é hoje um *geral* (Meira).

Geralista, s. m. e f. (provs. merid.) nome que muitas vezes dão ao natural da provincia de Minas-Geraes, em lugar de *Mineiro*.

Gerebíta, V. Jerebíta.

Gia, V. Jia.

Gibão, s. m. (provs. do N.) especie de veste de couro, de que usam os vaqueiros, no exercicio de sua profissão. || *Etym.* E' voc. portuguez, salvo a applicação que lhe dão no Brazil.

Giboia, s. f. V. *Jibóia*.

Giló, s. m. V. *Jiló*.

Gimbo, s. m. V. *Jimbo*.

Ginetáço, s. m. (R. Gr. do S.) ginete que cavalga bem e com garbo

(Coruja). || Aulete escreve erradamente *Gin-taco*.

Ginête (1º), *s. m.* cavalleiro: Aquelle sujeito é um bom *ginete*. || Também designa, como em Portugal, um cavallo de boa raça.

Ginête (2º), *s. m.* (*Ceará*) especie de sella grosseira fabricada no paiz, e da qual usam os vaqueiros no exercicio da sua profissão. E' de assento raso, sem coxim, nem relevo algum atraz, nem dos lados. As abas terminam quasi sempre em linha recta e não curva, como as das sellas ordinarias (Meira).

Giqui. *V. Jiqui*.

Girau. *V. Jiráu*.

Giz, *s. m.* (*Pern., Par. do N., Ceará*) traço rectilineo, a ferro quente, com que se assignala o animal vaccum, indicando, por occasião de inventario, que esse animal já foi contado. E' também a contra-marca que se põe em um animal, logo que passa para outro possuidor.

Gizar, *v. tr.* (*Pern., Par. do N., Ceará*) assignalar o animal vaccum, por meio do traço a ferro quente, chamado *Giz*.

Goyão, a, *s.* natural da prov. de Goyaz. || *adj.* que pertence á prov. de Goyaz.

Gomma, *s. f.* (*Bahia e outras prov. do N.*) o mesmo que *Tapioca*.

Gongá (1º), *s. m.* (*Rio de Jan.*) especie de cestinha com tampa. || *Etym.* Vem da lingua bunda *Ngonga*. || Também lhe chamam *Quitungo* (*V. de Souza Fontes*).

Gongá (2º), *s. m. e adj.* (*provs. do N.*) nome de uma especie de Sabiá pouco apreciado: *Sabiá-Gongá*.

Gorgulho, *s. m.* (*Minas-Geraes*) fragmentos das rochas ainda angulosas, no meio das quaes se encontra o ouro nas lavras chamadas de *gupiára* (*St. Hilaire*). || Pequenos seixos de grês, de quartzo e de sillex roliços, ora soltos e ora ligados entre si, por meio de uma argila amarella e vermelha da natureza da ganga (*Castelnau*). || Na mais geral accepção, *Gorgulho* é, tanto no Brazil como em Portugal, o nome vulgar de um pequeno Coleoptero, que ataca os colleiros.

Gramádo, *s. m.* terreno plantado de grama, com destino á pastagem ou á ornamentação de jardins. || *adj.*, coberto de grama: Um campo *gramado*.

Gramar, *v. tr.* cobrir de grama um terreno: Occupo-me agora em *gramar* o meu jardim. || Afóra a significação brazileira, o verbo *gramar* é portuguez em outros sentidos, e como tal usual também entre nós, como, por exemplo, *gramar* um susto, *gramar* uma sóva; mas n'este caso não pôde, como o nosso, ter a sua origem, na graminea a que damos particularmente o nome de *grama*; e é portanto erronea a etymologia affirmada por Aulete.

Granar, *v. intr.* engracecer o milho.

Graxear, *v. intr.* (*R. Gr. do S.*) namorar (*Coruja*). E' expressão usual entre a gente do campo.

Gré, *s. m.* (*Par. do N.*) o ultimo dos tres compartimentos de um curral de pescaria, e onde, por meio de uma rede apropriada, se apanha o peixe (*Souza Rangel*). No Rio de Jan. lhe chamam *viveiro*.

Grógójó, *s. m.* (*Alagôas*) especie de cucurbitacea semelhante ou identica ao porongo do Sul, de que se fazem as cuias de mate (*Severiano da Fonseca*). || E' a *Cucurbita ovoide* dos botanicos (Aulete).

Gróta, *s. f.* terreno em plano inclinado na intersecção de duas montanhas. E' mui apropriado á cultura das bananeiras, por tel-as ao abrigo das ventanias. || *Etym.* Parece ser uma modificação de *gruta*. || Aulete, referindo-se, sem duvida, a Portugal, define gróta: «Abertura na margem do rio, que fazem as aguas das enchentes, por onde se lançam para dentro dos campos e se despejam na descida.

Grumixá, *s. m.* (*Minas-Novas*) especie de casulo corneo que se encontra nos rios, pertencente a uma larva. Tem de comprimento meia pollegada (0^m,01875). São lisos, lustrosos e negros. Com elles fazem braceletes os selvagens Macunís (*St. Hilaire*). || Cumpre fazer observar que ha na prov. do Esp.-Santo, com o nome de *Crubixá*, um ribeiro que desce da cordilheira dos Aimorés

por entre rochedos, nos quaes se encontra certa especie de coral mui fragil, de côr escura, com que as mulheres dos Botocudos costumam enfeitar a cabeça, pescoço, braços e pernas (Cesar Marques). Não duvido nada que as palavras *Grumiwá* e *Crubiáá*, se differencem apenas pela pronuncia, e sejam ambas a corruptela de *Curubiáá*. Poucas leguas ao norte da villa do Prado, na prov. da Bahia, ha uma enseada denominada *Curumuwatyba* por uns, e *Curubuwatyba* por outros, havendo até quem lhê chame *Crumuwatyba*. Tudo isso parece indicar que são todos a corruptela de um radical commum, e que esse radical é o termo *Curubi*. Tanto mais o creio assim, que Cesar Marques menciona tambem, no seu *Dicc. hist. geogr. e estat. da prov. do Esp. - Santo*, um ribeiro com o nome de *Curubiáá-mirim*.

Grumixama, s. f. fructa da Grumixameira, arvoreta do genero *Eugenia* (*E. brasiliensis*) da familia das Myrtaceas. || *Etym.* Do tupi *ÿbãmizãna* (*Voc. Braz.*).

Guabijú, s. m. (*R. Gr. do S.*) fructa do Guabijueiro, arvoreta do genero *Eugenia* (*E. Guabijú*), da familia das Myrtaceas. || *Etym.* E' voc. tupi.

Guabirába, s. f. fructa da Guabirabeira, nome commum a duas especies de Myrtaceas, pertencentes ao genero *Abbevilia* e *Eugenia*, sendo esta natural do Ceará, e a outra da Bahia e Pernambuco. || *Etym.* E' voc. tupi.

Guabiróba, s. f. fructa da Guabirobeira, nome commum a diversas especies de Myrtaceas pertencentes aos generos *Psidium* e *Eugenia*. || *Etym.* E' nome tupi.

Guabirú, s. m. (*Pern. e outras provs. do N.*) nome vulgar do Rato de casa, de grande especie (*Mus tectorum*?). || *Etym.* E' voc. tupi. || Houve em Pernambuco um partido politico ao qual seus adversarios, os Praieiros, deram por mofa o nome de *Guabirú*.

Guacá, s. m. (*S. Paulo, Rio de Jan.*) nome vulgar de duas especies de Sapotaceas fructíferas. || *Etym.* E' voc. tupi.

Guachító, s. m. (*R. Gr. do S.*) diminutivo de Guacho (Cesimbra).

Guácho, s. m. (*R. Gr. do S.*) cavallinho ou bezerro criado em casa. Equivale a engeitado, por não ser alimentado pela propria mãe (Coruja). || E' usual em todos os Estados da America Meridional. No Perú e Bolivia dizem *guacha*. || *Etym.* Tem a sua origem em *Huaccha*, da lingua quichua, significando orphão, pobre. Em aimará, *huajcha* tambem significa orphão. Em araucano *huachu* se traduz por filho illegitimo, e animais mansos e domesticados (Zorob. Rodriguez). || Em guarani *guachã* é o equivalente de menina, empregado no vocativo (Montoya).

Guajerú, s. m. arbusto fructífero do genero *Chrysobalanus* (*C. Icaco*) da familia das Rosaceas. Tambem lhê chamam *Guajurú*, e no Pará *Uajurú*. E' o *Abajerú* de Gab. Soares. Vegeta nos areas do littoral. || *Etym.* E' voc. de origem tupi.

Guajurú, s. m. o mesmo que *Guajerú*.

Guampa, s. f. (*R. Gr. do S., Paraná, S. Paulo*) nome que no campo dão geralmente ao chifre do boi; e mais particularmente quando o preparam á guiza de copo para beber agua em viagem. || *Etym.* Este nome nos veio por intermedio das republicas platinas, onde é usual. No Chile dizem *Guamparo* (Zorob. Rodriguez); mas este auctor nada diz a respeito de sua origem.

Guando, s. m. (*Rio de Jan.*) fructa do Guandeiro (*Cytisus cajanus*), arbusto da familia das Leguminosas. Come-se-lhe a semente á guiza de ervilhas. Em Pernambuco lhê chamam *Guandú*, e na Bahia *Andú*. E' planta exotica e provavelmente introduzida da Africa.

Guandú, s. m. (*Pern.*) o mesmo que *Guando*.

Guapéba, s. f. nome commum a diversas especies de plantas fructíferas pertencentes á familia da Sapotaceas. Tambem dizem *Guapéva*.

Guapetão, adj. m. (*R. Gr. do S.*) augmentativo de guapo, valentão (Cesimbra).

Guapéva, s. f. o mesmo que *Guapéba*.

Guapíto, *adj. m.* (*R. Gr. do S.*) diminutivo de guapo.

Guapurunga, *s. f.* (*S. Paulo, Paraná*) fructa da guapurungueira, arbusto do genero *Maritiera* (*M. tomentosa*) da familia das Myrtaceas. || No Paraguay e em Bolivia é esse o nome que dão á jabuticaba, outra Myrtacea do genero *Myrciaria*. || *Etym.* E' voc. de origem tupi.

Guapuica, *s. f.* (*Rio de Jan.*) planta fructifera pertencente ao genero *Eugenia* da familia das Myrtaceas. || *Etym.* E' provavel que este vocabulo seja de origem tupi.

Guará (1º), *s. m.*, nome vulgar de uma especie de mamífero pertencente ao genero *Cavis* (*C. jubatus*). || *Etym.* E' alteração de *Aguará*, nome que lhe davam os aborígenes tanto do Brazil meridional, como do Paraguay.

Guará (2º), *s. m.*, nome vulgar de uma especie de ave do genero *Ibis* (*I. rubra*) pertencente á ordem das Pernaltas. || *Etym.* Do tupi *Guyrá-piranga*, ave vermelha.

Guaraná, *s. m.*, especie de massa durissima feita com a fructa de uma planta do Amazonas chamada guaraná (*Paullinia sorbilis*). E' invenção dos indios Manés, os quaes faziam disso um myst rio. Hoje, porém, está no dominio de todos. Usa-se desta preparação como bebida refrigerante. Para isso rala-se de cada vez uma colherada da massa, a qual se deita em um copo com agua e assucar, mexe-se e toma-se. As propriedades medicinaes do *Guaraná* são notaveis.

Guarápa, *s. f.* (*S. Paulo*) o mesmo que *Garra*.

Guarda-peito *s. m.* (*Sertões do N.*) pedaço de pelle que se ata ao pescoço e cintura; resguarda o peito do vaqueiro e lhe serve de collete.

Guaríba (1º), *s. f.*, nome commum as duas especies de Quadrumanos do genero *Mycetes*, aos quaes no Rio Gr. do Sul e em Matto-Grosso chamam *Bugio*. Creio tambem que em algumas partes do Brazil os conhecem por *Barbados*. || *Etym.* E' vocabulo tupi, mencionado por G. Soares. Não tratam, porém delle nem o *Voc. Braz.*, nem o *Dicc. Port. Braz.*, e nem tão pouco Mon-

toya. || No Pará dão á Coqueluche o nome de *Tosse de Guariba*.

Guaríba (2º), *s. f.* (*Pará*) o mesmo que *Catimpuêra*.

Guariróba, *s. f.*, nome vulgar de uma especie de Palmeira do genero *Cocos* (*C. oleracea*), a qual fornece um palmito amargoso mui apreciado.

Guasca (1º), *s. f.* (*R. Gr. do S.*) tira ou correia de couro cru (*Coruja*). || *Etym.* Do quichúa *huasca* significando sogra, cordel (*Zorob. Rodriguez*).

Guasca (2º), *s. m.* (*R. Gr. do S.*) o mesmo que *Caipira*. || *Obs.* E' de notavel injustiça a alcunha de *Guasca* applicada aos habitantes do campo naquella provincia. *Guasca*, com a significação de tira de couro cru, é o instrumento o mais grosseiro que se póde imaginar; entretanto que o camponez d'alli, ainda mesmo o da classe mais humilde, é notavel pela polidez de que usa para com todos. Não só nas republicas platinas como no Chile e outras partes da America Meridional dão ao homem do campo o nome de *Guaso*, cuja origem é *huasa* da lingua quichua, segundo *Zorob. Rodriguez*. Devemos pensar que *Guasca*, no caso de que se trata, não é mais do que a corruptela de *Guaso*.

Guascaço, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) golpe ou pancada dada com a guasca.

Guasquear, *v. tr.* (*R. Gr. do S.*) açoutar com a guasca.

Guassú, *adj.* voc. tupi, significando *grande*, e do qual nos servimos muitas vezes para distinguir certos objectos maiores que outros. Os menores distinguimol-os pelo *adj.* da mesma lingua *mirim*: *Arassá guassú*, *Arassá mirim*; *Tamanduá guassú*, *Tamanduá mirim*. || Tambem, por motivo de euphonia se pronuncia *assú*, *uassú*, *ossú* e *ussú*. Quando a penultima syllaba do substantivo é aguda se usa de *ussú* (*Anchieta*): *Taquára*, *Taquarussú*, etc.

Guaxe, *s. m.*, nome vulgar do *Cassicus haemorrhous*, especie de passere commum a todas as provincias do Brazil e em geral á America intertropical. Vive em grandes bandos, e é notavel, não só pelo canto que lhe é proprio, como pela facilidade de imitar o de

outras aves e a voz de quaesquer animaes. Seus ninhos têm a forma de uma bolsa pendurada nos ramos das arvores altas. Tem outros nomes vulgares conforme as provincias Xexéu, Xiéu, Japú, Japujuba, Japim, João-Congo, etc. Além da especie comprehendida nesta extensa synonymia, conta-se mais o Japú-assú (*Cassicus cristatus*) e o Japú-mirim (*Cassicus icteronotus*).

Guaxíma, *s. f.* nome commum a diversas especies de Malvaceas, de cuja fibra se fazem cordas. Em alguns logares lhe chamam *Guaxuma*. || *Etym.* E' corruptela do tupi *Aguaiwýma* (*Voc. Braz.*).

Guaxinim, *s. m.* especie de mamífero do genero *Galictis* (*G. vittata* ex-Martius) da ordem dos Carniceiros.

Guaxúma, *s. f.* o mesmo que *Guaxima*.

Guayába, *s. f.* fructa da Guayabeira, de que ha varias especies indigenas, pertencentes ao genero *Psidium*, da familia das Myrtaceas, e se compõe de arbustos, arvoretas e arvores. || *Etym.* Não sei se este vocabulo, geralmente usado no Brazil, é indigena ou exotico. O certo é que os mais antigos escriptores das cousas do Brazil, como G. Soares, Gandavo e outros, não o mencionam e só fallam do *Arassá*, nome ainda vulgar entre nós, designando a fructa de outras especies de *Psidium*.

Guayabáda, *s. f.* doce secco feito com a guayába á maneira da marmellada. E' o que em Portugal chamam tambem *doce de tijolo*. Na Bahia lhe chamam *Doce de arassá*.

Guayáca, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) bolsa de couro presa a uma cinta, e na qual o viajante guarda dinheiro e outros objectos de pequenas dimensões. || *Etym.* Do quichua *huayaca* (*Zorob. Rodriguez*).

Guenzo, *adj.* (*Campes, S. João da Barra*) diz-se do individuo que, por fraqueza ou outro qualquer soffrimento, anda penso de um lado (*Coutinho*). || (*Pern., Par. e R. Gr. do N.*) *s.*, e *adj.*, magriço, enfesado, pernillongo.

Guinilha, *s. f.* (*Rio Gr. do S.*) o mesmo que *Esquipado*.

Gupiára, *s. f.* (*Minas-Geraes*) nome que nas regiões auríferas dão a uma especie de cascalho em camadas inclinadas nas fraldas das montanhas, e donde se extrahе ouro.

Gurí (1º), *s. m.* (*R. Gr. do S.*) denominação geralmente dada ás crianças. || *Etym.* Do guarani *Ngyri*, titulo que dão os pais ás crianças do sexo feminino (*Montoya*).

Gurí (2º), *s. m.* (*Rio de Jan. e algumas prov. do N.*) nome que dão ao bagre pequeno. Em Alagôas ao bagre grande chamam *Guri-guassú*. || *Etym.* E' *voc. tupi*.

Guriba, *adj. m. e f.* (*Rio de Jan.*) que tem as pennas arripiadas: Gallinha *guriba*. Gallo *guriba*.

Guriri, *s. m.* (*Rio de Jan., Bahia*) nome vulgar de uma especie de Palmeira pertencente ao genero *Diplotermium* (*D. maritimum*). || *Etym.* E' *voc. tupi*.

Gurita, *s. f.* (*sortão da Bahia*) egua velha.

Gurugumba, *s. f.* (*Campes, S. Fidelis*) especie de cacete. || *Etym.* E' o nome de certa madeira mui rija, propria para bengalas (*S. Coutinho*).

Gurupêma, *s. f.* o mesmo que *Urupêma*.

Haragãno, *adj.* (*R. Gr. do S.*) diz-se do cavallo difficil de pegar-se, por isso que foge, quando delle se aproximam. || *Etym.* E' vocabulo castelhano, com a significação de mandão, ocioso, preguiçoso, e diz-se de quem foge ao trabalho e vive no ocio. Ha uma certa analogia entre o sentido moral desta expressão e o mau habito do animal que, não se deixando prender, foge ao serviço a que o querem obrigar.

Hechôr, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) asno ou burro que serve de garanhão em uma manada de eguas, afim de promover a hybridação, de que resulta o gado muar. || *Etym.* E' vocabulo castelhano antiquado, com a significação de *fazedor*.

Hep! *int.* (*R. Gr. do S.*) Usa-se no campo para excitar os animaes a andar. O *h* é aspirado (*Coruja*).

Herva, *s. f.* (*R. Gr. do S., Paraná*) antonomasia da *Congonha*. || Tambem

chamam *Herva* a qualquer planta venenosa que se encontra nas pastagens, e essa denominação é geral a todo o Brazil.

Herval, *s. m.* (*R. Gr. do S.*, *Paraná*) matta em que domina a *Hervamate* ou *Congonha*.

Hervateiro, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) individuo que negocia em *hervamate*.

Hiapiruára. V. *Iapiruára*.

Hôscó, *adj.* (*R. Gr. do S.*) designativo do animal *vaccum* de cor escura, com o lombo tostado. || *Etym.* E' vocabulo castelhano, significando *fusco*. (*Coruja*).

Iáca, *s. f.* (*Maranhão*) o mesmo que *inháca*.

Iapiruára, *s. m.* (*Pará*) nome que os indios do Baixo Tapajoz dão aos que habitam o Alto Tapajoz, e significa *gente do sertão* (Baena). Este auctor escreve *Hiapiruára*; mas eu entendi dever supprimir o *H*, por desnecessario.

Iapó, *s. m.* (*Pará*) pantano, charco, brejo coberto de mattos. || *Etym.* E' vocabulo de origem tupi e mui usado naquella provincia. Em guarani, *Yapó* tem tambem a significação de pantano. Na provincia do Paraná, temos o rio *Yapó*. || O nome de *Oyapoc*, dado ao rio que nos serve de limite ao norte com a Guiana-Franceza, tem a mesma origem, tanto mais que ha cartas em que, em logar daquelle nome, se usa de *Iapoc* e *Yapoc* (J. C. da Silva).

Igåra, *s. f.* fôrma vulgar de *ygára*, nome que em lingua tupi se applica genericamente a todas e quaesquer embarcações, salvo os designativos especiaes para as distinguir umas das outras, conforme o systema e materiaes adoptados em sua construcção. Como tal, ainda hoje entra na composição de muitos vocabulos usuaes, como *Igarapé*, *Igarité*, etc.

Igarapé, *s. m.* (*Pará*) rio pequeno ou riacho navegavel. || Longo e estreito canal comprehendido entre duas ilhas ou entre uma ilha e a terra firme.

|| No littoral do Maranhão e Piahy, dão este nome áquelles pequenos esteiros a que em outras provincias chamam *Gambôa* ou *Cambôa*, e cuja navegabili-

dade depende do estado da maré.

|| *Etym.* E' vocabulo do dialecto tupi do norte do Brazil, significando *Caminho de canôa*, isto é, *Rio*; e assim o trazou o *Dicc. Port. Braz.*

Igarité, *s. m.* (*Pará*) pequena embarcação, cujo fundo, como as canôas, é de um só madeiro, alteada de falcas e chanfradas à proa e pôpa, tendo à ré uma tolda, a que chamam *Panacarica* (H. Barbosa). || Em Matto-Grosso dão o mesmo nome a uma especie de *Chata* (Cesario C. da Costa). || *Etym.* E' vocabulo tupi ligeiramente alterado pela substituição do *itê* em *itê*. Os Tupinambás davam o nome de "garité à canôa construida de uma só peça de madeira, para a differencar da *ypé-ygira*, que erafeita de casca de pau; da *ygapeba*, jangada; e da *Piripiriygåra*, que o era de junco. A palavra *ygarete* decompõe-se em *ygára*, canôa, e *itê*, expressão de superioridade qualitativa. Tambem lhe chamavam *ib'j'ragára*, canôa de madeira.

Igarvana. Encontro este vocabulo em Moraes e em Aulete, com a significação de *homem navegador*. Moraes funda-se na auctoridade de Vieira. Ha, porém, manifesto erro de escripta; e deve-se ler *Igaruána*, cuja traducção litteral é *morador na canôa*, e portanto navegador.

Igassába, *s. f.* (*Pará*) pote de barro de bocca larga geralmente, quer se destine a agua, quer sirva para guardar farinha, ou outros quaesquer generos. Tambem se applica o mesmo nome a grandes cabaças preparadas para o mesmo fim. D'antes se serviam os selvagens do Brazil (e talvez outro tanto façam as tribus que nos são pouco conhecidas) das *Igassabas* de barro á guisa de urnas funerarias, que enterravam com os despojos de seus defuntos. Ainda hoje se encontram dessas urnas nos seus antigos cemiterios. Em Montoya ha *yaçá*, correspondendo ao tupi *Igassaba*. || Tambem dizem *Gassaba*.

Ilhápa, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) nome que dão à parte mais grossa do *Laço*, a qual tem proximamente 2^m,2 de comprimento e é presa na argola do laço (Cesimbra).

Imbondo, *s. m.* (S. Paulo, Rio de Jan.) difficuldade, embaraço, obstaculo: Custou-me a sahir d'aquelle *imbondo*, em que me haviam collocado as minhas relações politicas.

Imbú, *s. m.* (provs. do N.) fructa do Imbuzeiro (*Spondias tuberosa*), arvore da familia das Terebinthaceas. Tambem dizem *Umbú*.

Imburí, *s. m.* (Bahia) o mesmo que *Buri*.

Imbuzáda, *s. f.* (sertões do Norte) nome de um alimento feito de leite misturado com o sumo da fructa *Imbú*. Tambem dizem *Umbuzáda*.

Inajá, *s. m.* (Pará, Maranhão) palmeira do gen. *Maximiliana* (*M. regia*). || *Etym.* E' voc. tupi, identico a *Indaiá*, bem que se applicuem às vezes a palmeiras de generos diversos. || Os Tupinambás davam tambem o nome de *Inajá* á fructa da palmeira *Pindoba*.

Inambú, *s. f.* nome commum á diversas especies de aves do genero *Crypturus*, da familia das *Perdices*. Tambem lhe chamam *Nambú*, *Nhambú*, e *Inhambú*. || *Etym.* E' voc. de origem tupi.

Indaiá, *s. m.*, palmeira do genero *Attalea* (*A. Indayá*). || *Etym.* E' voc. de origem tupi.

Indaiá-rasteiro, *s. m.* (Goyaz) palmeira do genero *Attalea* (*A. ewigua*).

Indio, *s. m.* nome que se applica geralmente aos aborigenes da America, o que os confunde com os naturaes das Indias Orientaes. E' um erro ethnographico que se commetteu desde a descoberta da America, pela creença em que ficára Colombo de ter chegado á India. Modernamente tem sido propostos diversos nomes para distinguir os aborigenes americanos dos asiaticos, mas parece que a esse respeito nada se tem resolvido. No Brazil o vocabulo *Indio* é geralmente usado, mas ha outros alcunhas com que os designam, taes são *Tapuio*, *Cabôclo* e *Bupre*.

Ingá, *s. m.* fructa da Ingazeira, arvore do genero *Inga* da familia das *Leguminosas*, de que ha varias especies. || *Etym.* E' nome tupi. G. Soares lhe chama *Engá*.

Ingurúnga, *s. f.* (Bahia) terreno mui accidentado, com subidas e descidas ingremes por entre morros, e de difficil transito (Aragão).

Inháca, *s. f.* mau cheiro particular a certas cousas. A *inháca* da barata, da cobra, do persevejo, da febre (S. Roméro). || No Maranhão dizem *Iáca* (B. de Jary).

Inhambú, *s. m.* o mesmo que *Inambú*.

Inhúma, *s. f.* (Valle do Amaz.) o mesmo que *Anhuma*.

Intaipába, *s. f.* corruptela de *Itaipáva*.

Intaipáva, *s. f.* corruptela de *Itaipava*.

Intân, *s. f.* corruptela de *Itân*.

Inubia.— Os poetas, nos seus versos, têm fallado de *inubia*, cousa que nem os guaranis das Missões, nem os tupis da costa, nem os omaguas do sertão conheceram: o nome generico de flauta em *abañeênga* era *mimby*, que, escripto *mûbu* e tambem *mubu*, depois tornou-se *inubie*, expressão que a meu ver ajunta letras de um modo avesso á indole do *abañeênga* (Baptista Caetano).

Invernáda (1º), *s. f.* (provs. do N.) chuvas rigorosas e prolongadas durante a estação pluvial, a que chamam *Inverno*, bem que tenha lugar no estio e outono do hemispherio austral.

|| Em Portugal, a palavra *Invernada* tem a significação de inverno rigoroso, invernias; longa duração de m u tempo; chuviros, frios, neves, ventos tempestuosos como ha no inverno (Aulete).

Invernáda (2º), *s. f.* (provs. merid.) nome que dão a certas pastagens convenientemente cercadas de obstaculos naturaes ou artificiaes, onde se guardam animaes cavallares, muares ou bovinos, para descansarem e recuperarem as forças perdidas nas viagens ou nos serviços que prestaram. Nas estancias do R. Gr. do S. a *Invernada* é tambem destinada para, durante o inverno, engordarem os novilhos, e fazer-se ás vezes alguma criação especial, como cruzamentos, etc.

Invernista, *s. m.* nome que dão áquelle que tem por industria proporcionar campos de pastagens para a *invernada* de gados.

Inverno, *s. m.* (*provs. do N.*) estação das chuvas, as quaes principiam ordinariamente em janeiro e vão até junho, julho e ás vezes até agosto.

Ipú, *s. m.* (*Ceará*) o mesmo que *ÿpú*.

Ipueira, *s. f.* (*Sertões da Bahia, e de outras provs. do N.*) o mesmo que *ÿpueira*.

Irára, *s. f.* nome vulgar de uma especie de mamífero carniceiro do genero *Galictis* (*G. Barbara*). Tambem lhe chamam *Papa-mel*, pela preferencia que dá a esse genero de alimento.

Iriz, *s. m.* (*Macahé, prov. do R. de Jan.*) nome de certa epiphytia particular ao caféero (*Corréa Netto*).

Irizar, *v. intr.* (*Macahé*) ser o caféero atacado da epiphytia a que dão vulgarmente o nome de *Iris*: Este anno *irizou* grande parte dos meus caféiros (*Corréa Netto*). || Em portuguez, o *v. tr. irizar* significa abrilhantar com as côres do arco iris, o que não tem relação alguma com a molestia do caféero.

Isca: *int.* Voz com que se estimulam os cães: Isca! Isca!

Isca, *v. tr.* (*R. Gr. do S.*) o mesmo que *estumar*. || Ha na lingua portugueza o homonymo *iscar*, com varias significações tambem usuaes no Brazil.

Isqueiro, *s. m.* pequena caixa de algebeira de ponta de chifre, onde os fumantes guardam a isca. || Moraes menciona *isqueiro* como synonymo de *Eriophoro bastardo*: *Cardo isqueiro*. Aulete não trata deste vocabulo.

Issá, *s. f.* (*S. Paulo*) *V. Saúba*.

Itá, *s. m.* voc. tupi significando pedra, rochedo. Não usamos delle senão em nomes compostos, applicados sobretudo a localidades: Itaúna, Itáporanga, Itápuân, Itápéva, Itápuca, etc. Ha, entretanto, muitos nomes que se acham estropiados pela erronea anteposição do *I*; taes são Tapémirim, Tapétininga, Tapirussú, Tapirapuan; hoje convertidos em Itapémirim, Itapétininga, etc. o que lhes transtorna completamente a significação, e põe em embarços os etymologistas menos adestrados na interpretação dos vocabulos de origem tupi.

Itacuân, *s. m.* (*Pará*) nome de certa pedra amarella, que serve para alisar as panellas feitas á mão (*Baena*).

|| *Etym.* Em guarani, é esse o nome que dão á pedra que serve de prumo ao anzol; e se decompõe em *Itá*, pedra, e *cuân*, cascalho, e assim dizem *Pindá itacuân*, que se traduz litteralmente por *cascalho de pedra do anzol* (*Montoya*).

Itaimbé, *s. m.* (*R. Gr. do S. Paraná*) despenhadeiro, precipicio: O monte Corcovado do lado do mar termina por um *Itaimbé*. || Em *Matto-Grosso* lhe chamam *Itaimbé* ou *Tromba* (*J. S. da Fonseca*). Em varias provincias do Brazil ha logares denominados *Itaimbé*, visivel corruptela de *Itaimbé*.

|| *Etym.* E' voc. tupi, composto do *Itá*, pedra, rochedo: e *aimbé*, añado, e tambem aspero como pedra pomes para raspar (*Montoya*). Tambem dizem *Taimbé*.

Itaipáva, *s. f.* recife que, atravessando o rio de margem a margem, o torna vadeavel nesse logar. Como expressão topographica, é termo util e digno de ser adoptado. || *Etym.* E' voc. tupi. Em guarani dizem *Itaipá* (*Montoya*). || Em *Goyaz* dão-lhe o nome de *Intaipava* e *Intaipaba* (*Couto de Magalhães*), o que não é mais do que uma corruptela. Leite de Moraes escreve *Itaipava*, quando se refere á navegação do Araguaya, e diz que é synonymo de *Travessão*. Nos rios do Maranhão, o *Travessão* é formado de areia. || No Amazonas dizem *Entaipava* (*Castelnau*).

Itaimbé, *s. m.* (*Matto-Grosso*) o mesmo que *Itaimbé*.

Itân, *s. f.* (*Pará*) nome de certos ornatos de pedra polida que se encontram nas urnas funerarias de antigos povos aborigenes (*Couto de Magalhães*).

|| *Especie de conchas bivalves* que se encontram nas areias dos rios. || *Etym.* E' voc. tupi e guarani. || *Obs.* A estas conchas chamam geralmente *intan*, por corruptela (*Meira*).

Itapéva, *s. f.* (*Maranhão*) especie de recife paralelo á margem do rio.

|| *Etym.* E' voc. tupi, significando pedra chata, pedra larga. || E' nome de varias localidades do Brazil, e entre ellas a de uma villa em *S. Paulo*.

Ité, *adj.* (*S. Paulo*) insípido, insulso, sem gosto: Uma comida *ité*. Uma fructa *ité*.

Itupáva, *s. f.* (*S. Paulo*) corredeira, encachoeiramento nos rios (B. Homem de Mello).

Ixe! *int. ironica* (*S. Paulo e R. de Jan.*) Pois não! Essa é boa! || Em Montoya ha *yché* ou *niché* com a significação de *certamente*, parecendo porém ser no sentido serio.

Jabá, *s. m.* (*Bahia, Serg.*) o mesmo que *Charque*.

Jabutí, *s. m.* nome commum a diversas especies de tartarugas terrestres. || *Ety m.* E' voc. tupi.

Jabuticába, *s. f.* fructo da Jabuticabeira, de que ha varias especies, arvores, arvoretas e arbustos pertencentes ao genero *Myrciaria*, da familia das Myrtaceas. || No Paraguay e em Bolivia lhe chamam *Guapurunga*, nome que no Brazil pertence a outra especie de Myrtacea. || *Ety m.* E' voc. de origem tupi.

Jacá, *s. m.* especie de cesto de fórma variavel, feito de taquara ou cipó, para conduzir, ás costas de animaes, carnes salgadas, peixe, toucinho, queijos, etc. || *Ety m.* E' corruptela de *Aiacá* vocabulo tanto tupi, como guarani.

Jacamim, *s. m.* (*valle do Amaz.*) nome commum a diversas especies de aves ribeirinhas, do genero *Psophia*, todas notaveis pela facilidade com que se domesticam. || *Ety m.* E' voc. tupi.

Jacaré, *s. m.* nome commum a diversas especies de *Crocodilus* que vivem nos rios. || *Ety m.* E' voc. tupi.

Jacatirão, *s. m.* (*R. de Jan., S. Paulo*) arvore do gen. *Miconia* (*M. Candoleana* Triana) da familia das Melastomaceas (Glaziou). Como madeira de construcção, serve para caibros. Em S. Paulo extrahem d'ella uma resina que empregam como verniz.

Jacatupé, *s. m.* planta trepadeira do genero *Pachirrhizus* (*P. angulatus*) da familia das Papilionaceas, e cuja raiz tuberosa é comestivel. || *Ety m.* E' provavelmente de origem tupi.

Jacitára, *s. f.* (*Pará*) nome commum a diversas plantas do genero *Desmoncus*, da familia das Palmeiras.

Na Bahia e outras provs. do N., lhes chamam *Titára*, e em Matto-Grosso *Urumbamba*. || *Ety m.* Todos esses synonymos são provavelmente de origem tupi.

Jacú, *s. m.* nome commum a diversas aves do genero *Penelope*, da ordem das Gallinaceas: *Jucú-tinga*, *Jacúcaca*, *Jacú-pemba*, *Jacú-assú*, etc.

Jacúba, *s. f.* especie de alimento ralo feito de farinha de mandioca, que se deita em agua fria. No Pará e Maranhão, tambem lhe chamam *tiquára* e *axibé*. Usam della os viajantes do interior para appacar a fome, enquanto não ha outro meio de a satisfazer. Quando as circumstancias o permittem, addicionam-lhe assucar e summo de limão, o que a torna um refresco mui agradável. || *Ety m.* *Jecucúba*, em tupi, e *Jecoacú*, em guarani, significam jejum. Não duvido que d'ali provenha o vocabulo *jacúba*, attendendo a que, em falta de pão de trigo, é provavel que os jesuitas sujeitassem seus penitentes, em dias de jejum, ao uso da farinha de mandioca molhada em agua fria. J. Verissimo pensa, porém, que é voc. de origem africana.

Jacumân, *s. m.* (*valle do Amaz.*) pópa da canôa e por extensão o leme, que o selvagem não conhecia. || O homem do *jacumân*, o arraes. || No Pará não se dá ao leme o nome de *jacumân*, e simplesmente se emprega este termo, em relação a pequenas canôas (montarias e pequenos igarités) que o não tem e são governadas por diversos movimentos que dá ao remo o sujeito sentado á pópa. A expressão usada é *pegar o jacumân*: Este curumim já sabe pegar o *Jacumân*, isto é, este rapazinho já sabe governar uma canôa (J. Verissimo). || Os Tupinambás da costa do Rio de Janeiro davam o nome de *jacumân* ou *nhacumân* á balisa de pescaria ou a umas varas a que se atava a embarcação, enquanto se pescava (*Voc. Braz.*).

Jacumaúba, *s. m.* (*Pará*) piloto de uma canôa. || *Ety m.* E' voc. tupi. O *Dic. Port. Braz.* escreve *jacumayba*. Segundo Montoya, *Igaropitá cocára*, em guarani, é a traducção de piloto. Diz J. Verissimo que o termo

Jacumaíba é hoje desusado, sendo substituído pela expressão *homem do jacumãin*.

Jacutinga (1º), *s. m.* nome de uma ave da ordem das gallinaceas, pertencente ao genero *Penelope* e uma das melhores caças do Brazil.

Jacutinga (2º), *s. f.* (*Minas-Geraes*) schisto ferruginoso e manganiífero decomposto, ou pelo menos facilmente alteravel, o qual serve de ganga ao ouro (Cartelnaud). Este autor escreveu erradamente *jacotinga*.

Jaguané (1º), *s. m.* nome de um pequeno cão bravo, refeito e com riscas (Costa Rubim).

Jaguané, (2º) *adj.* (*R. Gr. do S.*) qualificativo do boi ou vacca que tem branco o fio do lombo, preto ou vermelho o lado das costellas e de ordinario a barriga branca (Coruja). || Tambem se pronuncia *Jaguanés* (B. Homem de Mello). || No Chile, dizem *Aguanés*: Um hermoso toro *aguanés* (Blest Gana).

Jaguapéba, *s. m.* (*S. Paulo*) nome de uma variedade de pequenos cães domesticos de pernas curtas. || *Ety.* E' vocabulo tupi que se decompõe em *Jaguá*, cão, e *péba*, chato.

Jaguára, *s. m.* nome que em lingua tupi se dá indifferentemente ao cão e á onça, e que muitas vezes se estende a mammiferos de outros generos, distinguindo-se, porém, uns dos outros por meio de epithetos. || Em S. Paulo, ainda é usual o nome de *jaguára* applicado ao cão que não tem prestimo para a caça.

Jagunso, *s. m.* (*Bahia*) o mesmo que *Capanga* (2º). || Aulete menciona este vcc. brasileiro; mas escreve *jagunço*.

Jamanta, *s. m.* jangaz, homenzarrão mal feito de corpo, desageitado. || Em algumas provincias do Norte, dão esse nome ao calçado proprio para andar por casa: Um par de *jamantas* (Meira).

Jamarú, *s. m.* (*Valle do Amazonas*) especie de cucurbitacea grande, preparada como cuiambuca, afim de servir de vasilha para agua (J. Verissimo).

Jandiróba, *s. f.* V. *Andiróba*.

Jangáda, *s. f.* especie de balsa de sete a oito metros de comprimento sobre 2^m,60 de largura, feita de seis paus de uma certa madeira mui leve, ligados entre si por meio de cavilhas de madeira rija. A jangada é principalmente destinada á pesca desde o norte da Bahia até o Ceará. Tambem a empregam como meio de transporte de passageiros, e neste caso são guardadas de um toldo, o dão-lhe o nome de *paquete*. Os dous paus do centro são os *meios*; os dous immediatos os *bordos*; e os dous ultimos as *memburas*. Segundo Juvenal Galeno, de próa a pópa, as suas partes accessorias são: 1º, *Banco de vela*, que serve para sustentar o mastro; 2º, *Carlinga*, taboleta com furos em baixo do banco de vela e em que se prende o pé do mastro, mudando-o de um furo para outro, conforme a conveniencia da occasião; 3º, *Bolina*, taboa que, entre os dous meios e junto ao banco de vela, serve para cortar as aguas e evitar que a jangada descaia para sotavento; 4º, *Vela*, uma grande e unica vela cosida em uma corda junto ao mastro, o que se chama palombar a vela; 5º, *Ligeira*, corda presa á ponta do mastro e nos espeques para segurar aquelle; 6º, *Retranca*, vara que abre a vela; 7º, *Escôta*, corda amarrada na ponta da retranca e nos caçadores. Para encher a vela de vento, puxa-se a escôta. 8º, *Caçadores*, dous tornos pequenos na próa; 9º, *Espeques*, dous tornos de 0^m,22, com uma travessa e no meio uma forquilha. Na forquilha cada pescador amarra uma corda, e, quando é preciso, nella segura-se derreando o corpo para o mar, e assim *aguentando a queda da jangada*. Nos espeques e forquilha, colloca-se o barril d'agua, o *tauassú*, a *quimanga*, a *cua* de vela, a *tapinambaba*, o *samburá* e a *bicheira*; 10, *Tauassú*, pedra furada, presa a uma corda, e serve de ancora; 11, *Quimanga*, cabaça que guarda comida; 12, *Cua de vela*, concha de pau, com que se molha a vela; 13, *Tapinambaba*, maçame de linhas com anzoos; 14, *Samburá*, cesto de bocca apertada em que se guarda o peixe; 15, *Bicheira*, grande anzol preso a um cacete, com que se

puxa o peixe pesado para cima da jangada, afim de não quebrar a linha; 16, *Banco de governo*, banco à pópa em que se assenta o mestre; 17, *emfim*, macho e femêa, dous calços a pópa, onde se mette o remo, servindo este de leme. || *Etym.* E' termo usual em Portugal, bem que a *Jangada* de lá não tenha a applicação que lhe dão no Brazil. Parece que este vocabulo é relativamente moderno na lingua portugueza. E' certo que, em 1587, já delle se serve Gabriel Soares; mas anteriormente, em 1500, Vaz de Caminha, descrevendo a *Jangada* que vira em Porto-Seguro, lhe dá o nome de *Almadia*. Em tupi tem a *Jangada* o nome de *Igapêba*, que se traduz em *Canoa chata*.

Jangadeira, *s. f.* (provs. do N.) nome vulgar da *Apeiba cymbalaria*, arvore da familia das Tiliaceas, e cuja madeira, notavelmente leve, serve para a construcção das jangadas. Tambem lhe chamam *Embira-branca*. Os Tupinambás a denominavam *Apeyba*.

Jangadeiro, *s. m.* dono ou patrão de uma *Jangada*.

Jangalamaste, *s. m.* (Pern.) o mesmo que *Gangorra* (1°).

Janipába, *s. m.* V. *Jenipapo*.

Janipápo, *s. m.* V. *Jenipapo*.

Japá, *s. m.* (Valle do Amaz.) esteira tecida de folhas de palmeira. Serve de tolda à canoa, de tecto à barraca improvisada e de porta à casa (J. Verissimo). || E' tambem usual no Maranhão (B. de Jary).

Japecanga, *s. m.* nome commum a diversas plantas medicinaes de genero *Smilax*, da familia das Smilacaceas, e portanto congeneres da *Salsaparrilha*.

Japim, *s. m.* o mesmo que *Guaxe*.

Japú, *s. m.* o mesmo que *Guaxe*.

Japujuba, *s. m.* o mesmo que *Guaxe*.

Jaracatiá, *s. m.* nome commum a duas ou mais especies de arvores do genero *Caryca*, da familia das Papayaceas, e cuja fructa é comestivel.

Jaraiúva, *s. f.* (Amaz.) palmeira do genero *Leopoldinia* (*L. pulchra* Martius).

Jaramacarú, *s. m.* (Valle do Amaz.) o mesmo que *Mandacarú*.

Jararáca, *s. f.* nome commum a diversas especies de serpentes, e entre ellas o *Cophia atrox*. || *Etym.* Segundo Gab. Soares, os Tupinambás lhe chamavam *gereraca*. A descripção que elle faz deste ophidio cabe bem á chamada *jararáca preguiçosa*.

Jareré, *s. m.* o mesmo que *Jereré*.

Jarivá, *s. m.* o mesmo que *Jerivá*.

Jassanân, *s. f.* pequena ave ribeirinha do genero *Parra* (P. Jaçana).

Jatahi (1°), *s. m.* especie de Mellipona, cujo mel é mui apreciado. Tambem lhe chamam *Jati*.

Jatahi (2°), *s. m.* nome commum a diversas especies de arvores do genero *Hymenaea*, da familia das leguminosas. Ha especies congeneres, a que chamam *Jatobá*.

Jatí, *s. m.* o mesmo que *Jatahi* (1°).

Jatobá, *s. m.* o mesmo que *Jatahi* (2°).

Jauára-icica, *s. f.* (Pará) especie de resina ou breu de côr escura, cheiro activo e sabor acre, o qual se emprega como betume (F. Bernardino de Souza). || *Etym.* E' vocabulo do dialecto tupi do Amazonas e significa *resina de cão*.

Jauarí, *s. m.* (Amaz.) palmeira do genero *Astrocaryum* (*A. Javari*).

Javevó, *adj.* (S. Paulo) de aspecto desagradavel, em relação ás pessoas; feio, mal amanhado no vestuario; de gordura balofa: O noivo é bonito; mas a noiva é *javevó*. Apresentou-se *javevó* no baile; isto é, mal arranjado. — F., depois da molestia, ficou *javevó* (D. Anna Azevedo).

Jembé, *s. m.* (Minas-Geraes) nome de um espernegado de quiabo e outraservas, com lombo de porco salgado e angú. E' quasi o mesmo que o *Carurú* da Bahia, sem azeite de dendê.

Jenipapáda, *s. f.* (Alagôas) nome de uma especie de doce feito de *Jenipapo* cortado em pequenos pedaços e misturado com assucar a frio (B. de Maceió).

Jenipápo, *s. m.* fructa do Jenipapeiro, arvore do genero *Genipa*, da familia das Rubiaceas, de que ha varias especies. || *Etym.* E' vocabulo de origem tupi. || No Pará lhe chamam *Janipápo* (Baena), e assim se encontra em alguns chronistas antigos. Tambem se tem escripto *Janipápo* e *Genipápo*.

Jerebita, *s. f.* o mesmo que *Manduréba*. || Moraes e Aulete escrevem *Gerebita*.

Jêrêré, *s. m.* (*Pern. Par. e Rio Gr. do N.*) especie de redefolle para pescar camarões. Tem a rede a forma de um sacco preso a um semicirculo de madeira com uma travessa diametral, e é munido de um cabo de madeira no meio no arco. O pescador segurando nesse cabo e mergulhando o *Jêrêré*, passaia com elle pela agua e colhe a porção de camarões que lhe convem. || No Rio de Jan. lhe chamam *Pussá*. Na Bahia o *Pussá* é um pequeno *Jêrêré*, destinado à pesca do siri. || Ao *Jêrêré* tambem chamam *Jarêré*.

Jerimú, *s. m.* o mesmo que *Jirimú*.

Jerivá, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) Palmeira do gen. *Cocos* (*C. Martiana*, Drude, Glaziou). *Etym.* Origina-se do tupi *Jara"bá*, nome que tambem lhe davam, ou a alguma especie congenere os Guaranis do Paraguay. Entre nós ha quem lhe chame *Jarivá*. No Rio de Jan. é mais conhecido por *Baba-de-boi Na* prov. de Matto-Grosso lhe chamam indifferentemente *Jerivá* ou *Juruvá*.

Jevúra, *adj. m.* (*S. Paulo*) nome que dão ao feijão plantado em fevereiro ou março, que é a estação da secca (*S. Villalva*).

Jia, *s. f.* (*Bahia*) nome vulgar da Ran. || *Etym.* E' alterção de *Juy*, um dos nomes que, tanto no Brazil como no Paraguay, davam os aborigenes a essa especie de Batracio.

Jibóia, *s. f.* especie de ophidio de grande dimensão, pertencente ao genero *Boa*. E' congenere do *Sucuri*, mas vive em terra, entretanto que o outro habita as aguas doces.

Jiló, *s. m.* fructa do Jiloeiro, planta hortense do genero *Solanum* (*S. Gilo*), da familia das Solaneas. || *Etym.* E' de origem africana tanto

o producto como o respectivo nome.

|| Tambem se tem escripto *Giló*.

Jimbelê, *s. m.* (*S. Paulo*) nome que dão a *Canjica* (2º) (*B. Homem de Mello*).

Jimbo, *s. m.* dinheiro. || *Etym.* E' voc. da lingua bunda, e é o nome que no Congo dão à moeda representada por uma certa especie de concha. A outra qualquer especie de dinheiro chamam *Qui-tare* (*Capello e Ivens*). Tambem dizem *Jimbongo*. || *Obs.* E' tão somente por gracejo que nos servimos do termo *Jimbo*: Si eu tivesse *Jimbo*, compraria uma casa para minha residencia. || Moraes escreve *Gimbo* e *Gimbongo*. Aulete menciona *Gimbo* como nome de um passaro africano.

Jimbongo, *s. m.* o mesmo que *Jimbo*.

Jiquí, *s. m.* (*De Alagôas até o Pará*) especie de nassa, que consiste em um cesto mui oblongo e afunilado, feito de varas finas e flexiveis. Para que o *Jiquí* funcione convenientemente, praticam os pescadores uma cerca que toma toda a largura do riacho, deixando no meio uma abertura na qual collocam a parte larga daquella nassa, ficando a estreita no sentido da corrente. O peixe impellido pela força da correnteza precipita-se no *Jiquí* e ahi fica preso. || No Pará lhe chamam *Cacuri* (*Baena*) e tambem *Jequi* (*J. Verissimo*); no R. de Jan. *Cacumbi* (*Silva Coutinho*); em Matto-Grosso *Juquiá* (*Cesario C. da Costa*), nome que, no Espirito-Santo, se applica a outra especie de nassa, e em Guarapuava a uma armadilha para tomar passaros. || Nas provincias do Norte, dão tambem o nome de *Jiquí* a uma entrada mui estreita nos curraes de pescaria, pela qual entra o peixe, sem mais poder sahir; e figuradamente a qualquer passagem nimamente estreita. || *Etym.* E' voc. de origem tupi, tanto usual entre os Tupinambas do Brazil, como entre os Guaranis do Paraguay.

Jiquitáia, *s. f.* pó de qualquer pimenta do genero *Capsicum*, que, depois de bem madura e secca, é convenientemente triturada. Este pó, lançado em caldo, vinagre ou sumo de limão, serve de tempero à mesa. || *Etym.* Do

tupi *Juquitáia*, significando *sal ardente*.

|| E' o que em Portugal chamam *sal-pimenta*.

Jiráu, *s. m.* especie de grade de varas sobre esteios fixados no chão, e mais ou menos elevados, segundo o mister a que se deve prestar. Ora é destinado a leito do dormir nas casas pobres; ora serve de grelha para *moquear* a carne ou peixe, ora para nelle expor ao sol objectos quaesquer. Tambem dizem *Juráu*. || Em algumas provincias do Norte, applicam igualmente o nome de *Jiráu* a uma esteira suspensa e presa ao tecto da casa por quatro ou mais cordas, e serve para nella se guardarem queijos e outros generos, que ficam desta sorte ao abrigo dos ratos e demais alimarias damninhas (Meira). || *Etym.* E' voc. da lingua tupi, e parece corruptela de *Juráu*. Tem-se escripto *Giráo* e *Giráu* (Moraes, Aulete).

Jirimú, *s. m.* nome que, sobretudo nas provincias do Norte, dão á abobora amarella, especie de cucurbitacea de que existem muitas variedades. || *Etym.* E' voc. de origem tupi, que se pronuncia diversamente segundo as localidades: *Jirimú*, *Jirimum*, *Jurumú*, *Jurumum*. Gabriel Soares, tratando das variedades indigenas desta planta, a chama *Gerumú*. E' essa sem duvida a origem do *Giromon* dos Francezinhos, embora Larousse a vá procurar no Japão.

Jirimum, *s. m.* (Pern. Alagôas) o mesmo que *Jirimú*.

Jissára, *s. f.* o mesmo que *Assahi*.

João-Congo, *s. m.* o mesmo que *Guaxe*.

João-Fernandes, *s. m.* (R. Gr. do S.) nome de uma das variedades desses bailes campestres a que chamam geralmente *Fandango*.

João-Galamarte, *s. m.* (Par. do N., R. Gr. do N., Ceará) o mesmo que *Gangorra* (1°).

Johô, *s. m.* (Goyaz, Matto-Grosso) ave do genero *Cryturus* (*C. noctivagus*) da familia das *Perdices*. Em outras provincias lhe chamam *Zabêlê*. || *Etym.* E' vocabulo onomatopaico, que se deriva do canto desta ave, que mais se faz

ouvir durante a noite. Será talvez o *Inambú-hôhô* dos Guaranis, e o *Inambú-torô* do Pará. || Esta ave pertence tambem á Fauna do Mexico; mas ignoro o nome vulgar que alli tem.

Jongar, *v. intr.* (Rio de Jan., Minas-Geraes, S. Paulo) dançar o jongo (B. Homem de Mello).

Jongo, *s. m.* (Rio de Jan., Minas-Geraes, S. Paulo) especie de dança de que em seus folguedos usam os negros nas fazendas. E' acompanhado por seus rudes instrumentos musicaes, como a puita, o tambor, etc. (B. Homem de Mello). || E' analogo ao *candomba*, que se pratica nas mesmas provincias, e ao *Maracatu* de Pernambuco.

Juá, *s. m.* (Bahia e outras provs. do N.) fructa do Juazeiro, arvore do genero *Zizyphus* (*Z. juazeiro*) da familia das *Rhamnaceas*. || Tem o mesmo nome nas provs. do Sul diversas fructas da familia das *Solaneas*.

Júba, *adj. m. e f.* vocabulo tupi significando *amarello*. Este adjectivo não se manifesta senão em nomes compostos, cuja etymologia bem poucas pessoas conhecem, taes como *Juru-júba*, *Guarajúba*, *Piracanjúba* e outros. || No dialecto amazoniense, em vez de *júba* diziam *taguá* (*Dicc. Port. Braz.*) || *V. Tauá*.

Juláta, *s. f.* (Matto-Grosso) especie de panno em que se envolvem os Indios e Indias em falta de outra qualquer roupa. Corresponde á *Tanga* dos Africanos. || *Etym.* Parece-me ser vocabulo guaicurú.

Jundiá, *s. m.* nome commum a diversas especies de peixes d'agua doce, e entre elles o *Platystoma Spatula*. Tambem lhe dão o nome portuguez de *Bagre*. || *Etym.* E' vocabulo tupi.

Jupatí, *s. m.* (Valle do Amazonas) palmeira do genero *Rhaphia* (*R. vinifera*) de que ha uma sub-especie ou variedade com o nome botanico de *R. taedigera* (Flor. Bras.). || *Etym.* E' voc. tupi.

Jupiá, *s. m.* remoinho nas aguas de um rio, especie de voragem, que o navegador deve evitar para se não expôr a grande perigo. A respeito deste accidente fluvial, Silva Braga, na sua memoria *A bandeira do Antanguêra a*

Goyaz em 1772, diz o seguinte : « A minha canôa se viu perdida, porque, sahida das pedras, deu em um *Jupiá*, donde depois de dezesete ou dezoito voltas que nelle deu, a mesma violencia da agua a lançou para fóra (*Gazeta Litteraria*). » Ainda em 1846, navegando eu nas aguas do Paraguay, deram os tripolantes da minha canôa o nome de *Jupiá* a um remoinho junto do qual passámos. Creio, porém, que esse vocabulo já não se conserva allí na linguagem popular. Em Goyaz está de todo perdido. Como nome proprio de localidade, existe em certa paragem do rio Paraná, abaixo da foz do Tieté. || No valle do Amazonas chamam-lhe *Caldeirão*.

Juquiá, *s. m.* (*Esp. - Santo*) especie de nassa feita de ubá e aberta nas duas extremidades. Terá uns 0^m,80 de altura. E' destinado á pescaria nos logares rasos e lodosos dos rios e lagoás. O pescador levanta-o e fal-o cahir rapidamente na agua assentando no fundo a parte larga. Se acontece ficar preso um peixe, introduz o braço pela estreita abertura superior e o toma á mão (*Saint-Hilaire*). || Na prov. de Alagôas, dão a essa nassa o nome de *Cuvi* (*B. de Maceió*). Em Guarapuava, no Paraná, o *Juquiá* é uma especie de ratoeira ; mas designa-se mais particularmente com este nome uma certa armadilha para apanhar passaros, a qual consiste em um cestinho redondo com uma abertura de forma conica por onde entra o animalzinho, e cuja extremidade interior termina por lascas ponteadas de taquara, que lhe impedem o regresso (*L. D. Cleve*). || Em Matto-Grosso, como instrumento de pesca, o *Juquiá* é o mesmo que *Jiqui*.

Juráu, *s. m.* o mesmo que *Jiráu*.

Jurubéba, *s. f.* (*Pern.*) planta medicinal do genero *Solanum* (*S. paniculatum*) da familia das Solaneas. || *Ety m.* E' provavelmente de origem tupi

Jurumbéba, *s. f.* (*R. de Jan.*) planta da familia das Cactaceas. || *Ety m.* Alteração de *Ururumbéba*, nome tupi deste vegetal.

Jurumú, *s. m.* (*Pará*) o mesmo que *Jirimú*.

Jurumum, *s. m.* (*Pará*) o mesmo que *Jirimú*.

Jurupêma, *s. f.* o mesmo que *Urupêma*.

Jururú, *adj.* triste. Applica-se sobretudo ás aves e outros animaes que se conservam tristes, sem que nada os desperte, nem mesmo o pasto. Entretanto, se usa ás vezes deste vocabulo em relação ao homem : Que tens que te vejo tão *jururú*? || *Ety m.* E' vocabulo de origem tupi e guarani. Os Tupinambás diziam *Xe arurú*, por estar tristonho (*Voc. Braz.*).

Juruté, *s. m.* (*S. Paulo*) nome de uma planta fructifera da familia das Cordiaceas.

Jurutí, *s. f.* nome de uma ou mais especies de aves do genero *Columba*, da familia das Gallinaceas.

Juruvá, *s. m.* (*Matto-Grosso*) o mesmo que *Jerivá*.

Jussára, *s. f.* o mesmo que *Assahi*. || No Pará dão o nome de *Jussára* á fasquia do caule da palmeira *Assahi*, de que se fazem ripas.

Laçoço, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) golpe dado com o laço. Dar *laçoços* é açoutar com elle (*Coruja*). || *Ety m.* E' termo que recebemos dos nossos vizinhos platinos.

Laçador, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) homem dextro no exercicio de laçar (*Cesimbra*).

Laçar, *v. tr.* apprehender um homem, um cavallo ou boi por meio do laço, que se lhe atira quando vai a correr. || Tambem dizem *enlaçar* (*Cesimbra*). || *Fig.* Embair, adquirir predominio sobre alguem (*Meira*). || *Ety m.* Tanto *laçar* como *enlaçar* são verbos portuguezes, salvo o sentido peculiar que têm no Brazil.

Láço, *s. m.* arma de apprehensão que consiste em uma corda de couro trançado, de 15 a 25 metros de comprimento, com um nó corredio em uma das extremidades, ficando a outra extremidade presa ao *cinchador*, por meio de uma presilha, se o laçador está montado. Joga-se o laço ao pescoço ou aos pés do homem ou do animal, e desta sorte o seguram. || *Obs.* Segundo *Cesimbra*, o laço era uma arma usual entre os aborigenes, e delles o receberam os primeiros povoadores de raça

portugueza. || Chesnel, citando Pausanias, diz que os antigos Sarmatas prendiam e subjugavam seus inimigos atirando-lhes o laço. || Dá-se o nome de *tiro de laço* ao acto de jogar o laço com o fim de laçar o individuo que se quer segurar.

Lageádo, *s. m.* (*R. Gr. do S., Paraná*) arroio ou regato, cujo leito é de rocha.

Lambamba, *s. m.* (*Srg.*) beberão de cachaça (João Ribeiro).

Lambança, *s. f.* (*provs. do N.*) jactancia, bazofia de que usam aquellos que se querem inculcar.

Lambanceiro, *s. m.* (*provs. do N.*) individuo que se inculca, contando de si grandes proezas, e sempre disposto a fazer de tudo questão, a fallar longamente e a ralarhar.

Laranjinha (1º), *s. f.* aguardente de canna aromatizada com casca de laranja.

Laranjinha (2º), *s. f.* (*Bahia, Serg., Alagoas, Pern.*) como instrumento de entrudo, o mesmo que *Cabacinha*.

Laranjinha (3º), *s. f.* (*Pern.*) especie de arvore de construção, cuja madeira é de cor amarella (Rebouças).

Laranja, *adj.* laranjado, alaranjado; diz-se do animal vaccum que tem cor de laranja; *Boi laranja*. || Nas provincias do norte, tambem se diz *boi laranja* (Meira).

Largádo, *adj.* (*S. Paulo, R. Gr. do S.*) abandonado, desprezado; diz-se do cavallo de que ninguem mais cuida, por ser indomavel, ou tambem d'aquelle que, sendo manso, ha muito tempo não é montado. Figuradamente applicam-o, no primeiro sentido, ao homem, quando se perdeu a esperança de o corrigir (Coruja).

Látigo, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) tira de couro cru que terá 1^m,30 de comprimento sobre 0^m,04 de largura, com a qual se apertam os arreios; faz parte da cincha (Coruja). || *Obs.* Este voc. é usual em Portugal, já com a significação de acoite de correia ou de corda, e já com a de corda da cilha da sobrecarga, a que se chama tambem *inquerideira* (Aulete). || *Etym.* Deriva-se do castelhano *látigo*.

Lavarinto, *s. m.* (*Ceará e outras provs. do N.*) trabalho de agulha, a que, tanto em Portugal como nas nossas provincias meridionaes, chamam *crivo*. || *Etym.* Talvez venha do portuguez *lavor*, obra feita com agulha e por desenho, como rendas, bordados, tecidos, etc. Não me parece acertada a opinião d'aquelles que o fazem derivar de *labyrintho*.

Leite-de-côco, *s. m.* nome que dão ao sumo da amendoa do côco (*Cocos nucifera*), depois de ralado. E' um tempo mui usado em muitas preparações culinarias.

Liamba, *s. f.* o mesmo que *Pango*.

Libambo, *s. m.* cadêa de ferro a que se liga pelo pescoço um lote de condemnados, quando tem de sahir das prisões a serviço. || *Etym.* E' voc. da lingua bunda.

Ligá, *s. m.* (*S. Paulo, Minas-Geraes, Goyaz, R. Gr. do S. e Matto-Grosso*) couro erú de boi, com o qual se cobrem as cargas transportadas por animaes, afim de as pôr ao abrigo da chuva. || *Etym.* Tem provavelmente origem no verbo *ligar*.

Ligeira, *s. f.* (*Par. do N.*) especie de chicote de que usam os vaqueiros para açutar os cavallos (Santiago). || O mesmo nome dão nas provincias do norte a uma corda que prende o chifre do boi por uma de suas extremidades, e é a outra amarrada a um fueiro do carro, com o fim de dirigir e amansar o boi novo (Meira).

Ligeiro, *s. m.* (*Amaz.*) remador de *Igarité*, *Montaria*, etc. (*L. Amazonas*).

Limão-de-cheiro, *s. m.* (*R. de Jan.*) o mesmo que *Cabacinha*.

Lindáço, *adj. sup.* (*R. Gr. do S.*) mui lindo (Cesimbra).

Lingua-de-vaca, *s. f.* (*Bahia*) o mesmo que *Maria-Gomes*.

Listário, *s. m.* (*Minas-Geraes*) nome que davam antigamente ao feitor incumbido de escrever o numero e peso dos diamantes achados (Saint-Hilaire).

Lobúno, *adj.* (*R. Gr. do S.*) qualificativo do cavallo que tem cor de lobo. || *Etym.* E' voc. castelhano.

Logradôr, *s. m.* (*Ceará*) nome que dão a uma secção da fazenda de criação, em logar retirado no qual se

estabelecem curral, aguada, , etc. e onde vai o vaqueiro tratar do gado e principalmente das vacas feridas que alli se estabelecem. Todas as grandes fazendas têm seus *logradores*. || *Etyim.* E' corruptela de *logradouro*.

Lombeira, *s. f.* molleza de corpo; quebrantamento de forças: Estou hoje de *lombeira*, e não posso trabalhar (J. Norberto).

Lombar, *v. tr.* (*Paraná*) ferir a sella o lombo do animal (S. Roméro).

Lombilho, *s. m.* (*prov. merid.*) nome do apeiro que substitue, nos arreios usados nesta parte do Brazil, a sella, o sellim e o serigote. || *Etyim.* De *Lombo*.

Lonca, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) couro de que se rapou o pêlo (Coruja).

Lonquear, *v. tr.* (*R. Gr. do S.*) rapar o pêlo de um couro enquanto fresco (Coruja).

Lóte, *s. m.* grupo de bestas de carga, cujo numero não excede ordinariamente a dez. Essas caravanas, a que no Brazil chamam *Tropas*, são divididas em *lotes*, e cada *lote* tem seu conductor. A esse conductor dão, conforme as regiões, o nome de *Camarada*, *Tocador* e *Tangedor*. || Nas provincias do norte onde ha criação de gados, dão tambem o nome de *lote* a uma certa porção de eguas a cargo de um garanhão (Meira). A isso chamam no R. Gr. do S. *Manada de eguas*. || Boi de *lote* se diz para distinguir o touro do boi manso acostumado ao trabalho.

Luminária, *s. f.* (*S. Paulo*) especie de doce de côco contido em um pequeno vaso feito de massa de farinha de trigo. No Rio de Janeiro chamam a isso *Viuva*. No norte *Queijadinha*.

Lunanco, *adj.* (*R. Gr. do S.*) náfego; diz-se do cavallo mal conformado dos quartos, por ter uma anca mais alta que a outra. || *Etyim.* E' voc. castelhano.

Lunarêjo, *adj.* (*R. Gr. do S.*) nome que dão ao animal que se distingue por qualquer signal no pêlo: Um cavallo *lunarejo*. Um novillo *lunarejo* (Cesimbra). || *Etyim.* Este vo-

cabulo é evidentemente importado das republicas platinas, tanto que no Rio Grande do Sul o pronunciam á castelhana. Entretanto o seu radical *Lunar* é tanto portuguez como castelhano.

Lundú (1º), *s. f.* nome de uma dança popular que se executa ao som de musica mui attrahente. Entre gente grosseira é dança mais ou menos indecente; mas, entre pessoas moralizadas, é sempre praticada de modo conveniente. O mesmo nome tem a musica que a acompanha. || *Etyim.* Segundo Moraes, é voc. da lingua congueza e bunda. Pôde ser que assim seja; mas Capello e Ivens não a mencionam em parte alguma da sua obra.

Lundú (2º), *s. m.* (*Par. do N. e R. Gr. do N.*) o mesmo que *Calundú*.

Macáco, *s. m.* (*R. de Jan.*) pilar em cuja construcção se empregam apenas dous tijolos por camada. || Além desta accepção, tem no Brazil este vocabulo todas as significações usuas em Portugal, tanto applicadas a certas especies de quadrumanos, como a machinas bem conhecidas.

Macahíba, *s. f.* (*Pern.*) o mesmo que *Macahiba*.

Macahúba, *s. f.* (*Minas-Geraes*) palmeira do genero *Acrocomia*, de que se contam tres especies em todo o Brazil intertropical, variando, porém, de nome vulgar conforme as provincias: No Pará e Maranhão, *Mucajá*; em Pernambuco, *Macahiba*; em Matto-Grosso, *Bacayuba* e *Bocayuba*; e finalmente no Rio de Jan. *Coco de catarrho*. || *Etyim.* Afóra este ultimo nome, são os mais de origem tupi. O de *Côco de catarrho*, vem, segundo dizem, de se empregar a polpa mucilaginoso d'esta fructa no tratamento do catarrho.

Macamba, *s. m. e f.* (*R. de Jan.*) nome com que as quitandeiras designam seus freguezes (Valle Cabral). || E' vocabulo frequente entre os escravos do littoral do Rio de Janeiro para designarem os seus parceiros, conviventes na mesma fazenda, ou sujeitos ao mesmo senhor (Macedo Soares). || *Etyim.* Na lingua ou dialecto da Lunda, em Africa, este voc. é o plural de *e-camba*, amigo (Capello e Ivens).

Macaná, *s. m.* (*Valle do Amaz.*) instrumento de guerra offensiva e defensiva, especie de maça feita de madeira rija e pesada, da qual usam os selvagens, e é semelhante áquella de que se serviam os Romanos nos circoos (F. Bernardino).

Macauã, *s. m.* (*Piauí*) o mesmo que *Acauã*.

Macaxeira, *s. f.* (*provs. do N.*) o mesmo que *Aipim*.

Macéga, *s. f.* (*provs. merid.*) nome que dão ao capim dos campos, quando está secco e tão crescido que fôrma um massiço cuja altura excede a da metade de um homem e se torna desta sorte de difficil transitio. E' nestas circumstancias que se lhe põe fogo para que, brotando de novo, possa servir de pasto ao gado. || *Etym.* E' vocabulo portuguez significando, segundo Aulete, herva brava e damuinha que nasce nas terras semeadas.

Macegal, *s. m.* (*provs. merid.*) grande extensão de terreno coberto de Macéga.

Maceió, *s. m.* (*Pern., Par. e R. Gr. do N.*) lagoeiro que se fôrma no littoral, por effeito das aguas do mar nas grandes marés, e tambem das aguas da chuva. || Ordinariamente pronunciam *Massaió*. || Maceió é tambem o nome da capital da provincia de Alagoas. || A essa especie de lagoeiros chamam *Caponga* no Ceará, ao sul da cidade da Fortaleza.

Macêta, *adj.* (*R. Gr. do S.*) diz-se do cavallo doente das mãos ou com defeito nellas, isto é, que tem os machinhos mais grossos do que é ordinario (Coruja). Ha tanto em portuguez como em castelhano o vocabulo *Macêta*, não, porém, com a significação que lhe dão no Rio-Grande do Sul.

Macóta, *s. m.* homem de prestigio e influencia na localidade: Se queres ser eleito vereador, procura a protecção do Commendador, que é o *Macóta* do municipio. || *Etym.* E' vocabulo da lingua bunda, significando fidalgo, conselheiro do sóva ou chefe da tribu (Serpa Pinto).

Macúco, *s. m.* ave do genero *Tinamus* (*T. brasiliensis*), da ordem das Gallinaeas, familia das Perdiceas. Vive

nas mattas, e é uma das melhores caças do Brazil. || *Etym.* E' abreviação de *Macucaguá*, nome tupi.

Macúlo, *s. m.* especie de diarrhéa com prolapso da mucosa do anus, caracterizada principalmente pelo relaxamento do esphincter e dilatação da abertura respectiva (B. de Maceió). || Tambem lhe chamam *Corrução*. || *Etym.* E' de origem africana, e nui provavelmente pertence á lingua bunda. Capello e Ivens fallam desta molestia e indicam-lhe o tratamento usado na Africa; mas não a incluem em nenhum dos seus vocabularios.

Macurú, *s. m.* (*Valle do Amaz.*) balanço formado por dous circulos de grossas talas ou madeira flexivel, separados de 0^m,22 um do outro, e ligados por cordas que o suspendem do tecto, onde deixam as crianças na primeira infancia entregues a si proprias. Os dous arcos são revestidos de panno, sendo o de baixo forrado de modo a que a criança fique assentada com as perninhas pendentes. Collocam-a debruçada sobre o primeiro arco, e ella, com o movimento natural das pernas, tem esta armadilha em continuo movimento, sem haver risco de bater-se e magoar-se (J. Verissimo).

|| *Etym.* Segundo o auctor deste artigo, é vocabulo de origem tupi, que elle decompõe em *mã*, atar, ligar, envolver, amarrar, prender, e *Kyry*, o pequerrucho, a criancinha.

Madeireiro, *s. m.* negociante de madeiras. Chamam-lhe em Portugal *Estanceiro de madeiras*.

Madrijo, *s. f.* (*Bahia*) nome que dão á baleia mãe, para a distinguir do baleão (Aragão).

Madrinha, *s. f.* nome que dão á egua que serve de pastora e guia de uma tropa de bestas muares. Penduram-lhe ao pescoço uma especie de campainha a que chamam *cincerro*. E' singular a influencia que este animal exerce sobre todos os outros da tropa, evitando desta sorte que se dispersem e extraviem.

Maduro, *s. m.* (*R. de Jan.*) especie de bebida fermentada feita com mel de tanque misturado com agua. Constitue uma especie de cerveja que

dizem ser pouco sadia. || *Etym.* Em Portugal dão o nome de vinho *maduro*, ao que é feito em geral de uva bem madura; mas isto não me parece poder ser a origem do nosso vocabulo. Quero antes crer que seja o metaplasmo de *Maluvo*, que na lingua bunda significa vinho, tanto mais que o *Maluvo* dos Africanos é feito com mel fermentado.

Mãe-d'agua, *s. f.* o mesmo que *Uyára*.

Maguarí, *s. m.* (*Pará*) o mesmo que *Baguarí*.

Maláca, *s. f.* (*S. Paulo*) molestia. || *Etym.* Talvez seja uma alteração de *Maldácia*, no sentido pathologico deste termo.

Malacafento, *adj.* adoentado: Tenho estado ha dias *malacafento*. || *Etym.* Parece originar-se de *malca*.

Malacára, *adj. e s. m. e f.* (*R. Gr. do S.*) diz-se do cavallo que tem a testa branca com uma listra da mesma côr, desde o focinho até o alto da cabeça. Exceptua-se, porém, desta denominação o cavallo de côr escura, ao qual, ainda que tenha o mesmo signal, se chama *picaço*. Do boi se diz *malacára bragado*. || *Etym.* Do castelhano *mala cara* (Coruja).

Malampansa, *s. f.* (*R. de Jan.*) o mesmo que *Manampansa*.

Malandéu, *s. m.* (*Bahia*) malandrim.

Mal-arrumado, *s. m.* (*S. Paulo*) terreno coberto de grandes pedações de rocha, por meio dos quaes se transita com difficuldade. E' o que no Piahy e outras provincias chamam *Bôrôcôtô*.

Malcasado, *s. m.* (*Serg.*) especie de Beijú, a que tambem chamam *Malcassá*. Fazem-o de tapioca, a que se ajunta leite de côco, e assam-o a fogo brando, envolto em folhas de bananeira (João Ribeiro).

Malcassá, *s. m.* (*Serg.*) o mesmo que *Malcasado*.

Mal-de-escancha, *s. m.* (*Maranhão*) o mesmo que *Quebra-bunda*.

Mal-de-vaso, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) ferida cancerosa na raiz dos cascos dos cavallos ou bestas muars. || *Etym.* *Vaso* em castelhano, além de outras acepções, significa casco de cavallo, e

dahi vem a denominação da molestia de que se trata.

Malóca, *s. f.* (*Valle do Amaz.*) aldeia composta de indios, quer selvagens quer mansos. || (*Ceará*) magote de gado que os vaqueiros ajuntam, por occasião das vaquejadas, e conduzem para os curraes; ou daquelle que costuma pascer em certos e determinados pastos nas fazendas de criação. || Em geral, magote de gente de pouca confiança: Uma *malóca* de ciganos. Uma *malóca* de desordeiros. Uma *malóca* de selvagens. || *Etym.* E' vocabulo de origem araucana com a significação de correrias em terras inimigas (Zorob. Rodriguez). Nós o devemos, sem duvida, a qualquer das republicas nossas vizinhas; mas não sei por que ponto da fronteira entrou elle para o Brazil. Em todo o caso, nesse trajecto, alterou-se-lhe muito a primitiva acepção.

Malpinguinho, *s. m.* (*Alagôas*) o mesmo que *Mapinguim*.

Malungo, *s. m.* camarada, companheiro, titulo que os escravos africanos davam áquelles que tinham vindo para o Brazil na mesma embarcação. Depois da extincção do trafico, tem perdido este vocabulo a sua antiga razão de ser; todavia, na linguagem vulgar, tem-se mantido como expressão depreciativa na acepção de companheiro da mesma laia: Elles são *malungos*, lá se avenhun. Não me tome por seu *malungo*. || *Etym.* E' provavelmente palavra africana, mas não a vejo mencionada em vocabulario algum.

Mamalúco (1^o), *s. m.* o mesmo que *Mamelúco*.

Mamalúco (2^o), *s. m.* (*Alagôas*) nome vulgar de uma especie de arvore de construcção.

Mamelúco, *s. m.* mestiço filho de europeu e de mulher india. || *Etym.* Este vocabulo, de origem arabe, era aquelle com que se designava a celebre milicia do Egypto, que depois de ter adquirido a maior preponderancia naquelle paiz, teve de ser destruida como unico meio de pôr um paradeio aos desacatos que commettia. Achou-se sem duvida toda a analogia entre os Mamelucos do Egypto e os mestiços do

Brazil, os quaes eram com effeito mui accusados de insubordinação, e foi por isso que lhes consagraram aquelle nome historico. || Tambem se diz *Mamulico*. || No Pará, o *Mameluco* provém da mistura do sangue branco com o *Curibóca* (J. Verissimo).

Mamparras, *s. f. pl.* subterfugios, evasivas: Executa as minhas ordens, e deixa-te de *Mamparras*.

Mamulengos, *s. m. pl.* (*Pern.*) especie de divertimento popular, que consiste em representações dramaticas, por meio de bonecos, em um pequeno palco alguma cousa elevado. Por detraz de uma empannada, escondese uma ou duas pessoas adestradas, e fazem que os bonecos se exhibam com movimento e falla. A esses dramas servem ao mesmo tempo de assumpto scenas biblicas e da actualidade. Tem logar por occasião das festividades de Igreja, principalmente nos arrabaldes. O povo applaude e se deleita com essa distração, recompensando seus auctores com pequenas dadas pecuniarias. Os *Mamulengos* entre nós são, mais ou menos, o que os Francezes chamam *Marionette* ou *Poli-chinelle*. Em outras provincias, como no Ceará e Piauhy, dão a esse divertimento a denominação de *Presepe de calungas de sombra*. Ahi os bonecos são representados por sombras, e remontam-se á historia da criação do mundo (J. A. de Freitas). Na Bahia dão aos *mamulengos* o nome de *Presepe*, e representam grotescamente as passagens mais salientes do Genesis.

Manáda, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) magote de eguas ou de burras (trinta a quarenta) dominadas por um garanhão. || *Etym.* E' vocabulo portuguez, com a significação de rebanho de gado grosso. Nas provincias do norte, em logar de *Manáda* de eguas, dizem *Lote de eguas*.

Manampansa, *s. f.* (*R. de Jan.*) especie de beijú espesso feito da massa da mandioca, temperado com assucar e herva doce, o qual se colloca entre folhas de bananeira e se põe a tostar no forno da farinha de mandioca. Tambem se diz *Malampansa*. E' isto o que, em Pernambuco, Alagóas, Pará e tal-

vez em outras provincias do norte, se chama *Beijú*, com a unica differença de ser a massa simplesmente temperada com sal e se chama *Beijú pagão*, e as vezes misturada com côco ralado, sem nenhum outro tempero, e é isto o *Beijú de côco*.

Manangüêra, *adj. m. e f.* (*S. Paulo*) magro, fanado. Diz-se do homem e da mulher. || *Etym.* Parece ser alteração de *Manen-cuêra*; e tem muita analogia com *Mandingüêra*, bem que este se applique especialmente aos leitões que nascem acanhados.

Manapussá, *s. m.* (*Ceará*) arvore fructifera, talvez do genero *Mourirria*, da familia das Melastomaceas.

Manauê, *s. m.* especie de bolo feito de fubá de milho, mel e outros ingredientes. Dão o mesmo nome á *Pamonha de mandioca-puba*. Em Pernambuco e Alagóas lhe chamam *Pê de moleque*.

Mancuêba, *s. m.* (*S. Paulo*) o mesmo que *Cuba*.

Mandacarú, *s. m.* nome comum a diversas plantas do genero *Cactus* da familia das Cactaceas. Segundo o *Voc. Braz.*, seu nome tupi era *Nhamandacariú*. No Pará lhe chamam *Jaramacarú*.

Mandingüêra, *s. m.* (*S. Paulo*) nome com que, em relação ao gado suino, se designam os leitõesinhos que nascem acanhados, e que por isso os bons criadores supprimem desde logo para vingarem melhor os outros mais robustos (B. H. de Mello).

Mandioca, *s. f.* planta do genero *Manihot* (*M. utilissima*) da familia das Euphorbiaceas, da qual ha muitas especies. || *Etym.* E' voc. de origem tupi, hoje universalmente adoptado, ainda que variando de fórma de uma para outra lingua européa; em francez e inglez *manioc*, em italiano *manioca*; Os hespanhoes lhe chamam, porém, *yuca*, nome que não se deve confundir com o do genero *yucca*, da familia das Liliaceas.

Mandiocal, *s. m.* terreno plantado de mandioca. || Em *Pern.* lhe dão especialmente o nome de *roça*.

Mandubí, *s. m.* nome tupi do *Arachis hypogæa*, planta da tribu das

Papilionaceas, familia das Leguminosas. Hoje dizem geralmente *Mendubi* e tambem *amendoí*, como já no seu tempo o fez G. Soares. || No Ceará lhe chamam *Mudubim* (P. Nogueira).

Manduréba, *s. f.* (Ceará) nome chulo da cachaça (Araripe Junior). Tambem lhe chamam em diversas provincias do norte *Branca*, *Branquinha*, *Bicha*, *Jerebita*, *Piloia*, *Teimosa*, *Cotrêa*, etc.

Mané, *s. m.* individuo inepto, indolente, desdeixado, negligente, palerma. || Tambem dizem *Manécôco* e no Amazonas *Manembro*. || *Etym.* E' a apocope do termo *Manêma*, que, tanto em tupi como em guarani, significa frouxo (Montoya) e mofo (Voc. Braz.), o que está de accôrdo com a nossa definição.

|| E' syn. de *Bocó* o *Bocôria*, de que igualmente se usa no mesmo sentido depreciativo. || *Obs.* Ha o termo homonymo *Mané*, de que se serve a gente da plebe, como diminutivo de Manoel.

Manêa, *s. f.* (R. Gr. do S.) correia de couro trançada com que se peiam os animaes, ou pelas mãos, o que é mais usual, ou pelos pés. As melhores são as que têm argola, botão, etc.

Maneadór, *s. m.* (R. Gr. do S.) tira de couro crú garroteada, que serve no Fiador ou Buçal. Quando é trançado, a trança é achatada (Coruja).

Manear, *v. tr.* (R. Gr. do S.) prender o cavallo com a manêa. || *Etym.* E' verbo castelhano. || Em portuguez, *manear* exprime o mesmo que manejar (Aulete).

Manécôco, *s. e adj. m.* o mesmo que *Mané*.

Manêma, *s. e adj. m. e f.* o mesmo que *Mané*.

Manembro, *s. m.* (Valle do Amaz.) o mesmo que *Mané*.

Manga (1^o), *s. f.* fructa da Mangueira (1^o).

Manga (2^o), *s. f.* (Bahia) pequeno pasto cercado, onde se guardam cavallos e bois. || (*Piavhy*) extenso cercado com pasto, onde se põe o gado em certas occasiões (Meira).

Mangába, *s. f.* fructa da Mangabeira, arbusto do genero *Hancornia* (*H. speciosa*), da familia das Apocyneas. || *Etym.* E' termo tupi.

Mangabal, *s. m.* terreno geralmente coberto de mangabeiras, que nelle crescem espontaneamente.

Mangangá, *s. m.* especie de insecto da ordem dos Dipteros, pertencente talvez ao genero *Asilus*. E' o terror dos outros insectos; e sua ferroadá no homem produz uma dôr intensa, acompanhada de calafrios e febre (B. de Maceió). || Em Sergipe dão figuradamente o nome de *Mangangá* ao maioral da localidade, ao homem de prestigio pela influencia de que gosa (S. Romêro). || *Etym.* E' voc. commum ao tupi e guarani.

Mangará (1^o), *s. m.* nome que davam os Tupinambás aos tuberculos comestiveis de diversas especies de plantas do genero *Caladium*, familia das Aroideas.

Mangará (2^o), *s. m.* (Pern.) ponta terminal da inflorescencia da bananeira, constituida pelas bractees que cobrem as pequenas pencas de flores abortadas (Glaziou).

Mangará, *s. f.* planta do genero *Caladium* (*C. sagittae-folium*) da familia das Aroideas, cujos tuberculos são comestiveis. || *Etym.* E' vocabulo de origem tupi. Seu nome primitivo era *Mangará-mirim*.

Manguá, *s. m.* (Bahia) correia com que se açoutam os animaes. Tambem lhe chamam *Táca*.

Manguára, *s. f.* (Bahia) especie de bastão mais grosso na parte inferior, e mui usado para auxiliar a marcha em terreno escorregadió (E. de Souza).

Manguarí, *s. m.* (S. Paulo) o mesmo que *Galalau*.

Mangue, *s. m.* (*littoral*) nome que dão ás margens lamacentas, não só dos portos, como dos rios até onde chega a acção da agua salgada, e onde vegetam os bosques dessas plantas a que tambem dão o nome de *Mangue*, pertencentes aos generos *Rhizophora*, *Avicenia*, *Laguncularia*, etc. Esses lamaçoes são o viveiro de diversas especies de carangueijos. || Aulete erra nas tres primeiras definições que dá de *Mangue*. Não cabe o nome de *Mangue* a qualquer terreno pantanoso, nem á manga, fructa da mangueira, nem tampouco é synonymo de mangueira.

Manguear, *v. tr.* (R. Gr. do S.) repontar os animaes no intuito de os dirigir e fazer entrar nessa especie de curral a que chamam *Mangueira*. Outro tanto se diz quando, em canôa, se repontam os animaes, no acto de atravessar a nado algum rio (Coruja).

Mangueira (1^o), *s. f.* arvore fructifera do genero *Mangifera* (*M. Indica*) da familia das Terebinthaceas, oriunda das Indias Orientaes, e geralmente cultivada nas provincias intertropicaes do Brazil.

Mangueira (2^o), *s. f.* (R. Gr. do S.) curral grande para onde se podem manguear (dirigir) animaes, tanto mansos como bravos. Fazem-a no prolongamento de uma cerca, por onde os animaes seguem como illudidos. Differe do que se chama propriamente *curral*, não só no tamanho, como porque ao curral só acodem os animaes mansos (Coruja).

Mangúxo, *s. m.* (Bahia) o mesmo que *Bambão*.

Maníca, *s. f.* (R. Gr. do S.) nome da menor das tres bolas, na qual se péga para manejar as outras duas. || *Etym.* Vem do castelhano *mano* ou do portuguez *mão* (Coruja). || V. *Bolas*.

Manicuéra, *s. f.* (Pará) succo de uma especie de mandioca assim chamada, com a qual fazem cozinhar o arroz, e é tão doce que dispensa o asucar. || Em Pern. e outras provs. do N., o succo de qualquer especie de mandioca tem geralmente o nome de *Manipueira*, significação identica à de *Manicuéra*, salvo as qualidades especiaes desta. Aulete escreve erroneamente *Maniqueira*.

Manipueira, *s. f.* (Pern. e outras provs. do N.) liquido que, por meio da pressão, se extrahê da mandioca ralada. Neste liquido se contém todo o veneno da raiz da mandioca, veneno analogo ou semelhante ao acido cyanhydrico, o qual, sendo exposto à acção do sol ou do fogo, evapora-se; e então torna-se a *Manipueira*, convenientemente temperada com pimenta e outros condimentos, um excellente molho, ao qual no Pará chamam *Tucupi*. || *Etym.* Fôrma vulgar do tupi *Manipuéra*.

Manissôba, *s. f.* (Pern. e outras provs. do N.) a folha da mandioca. || *Etym.* E' vocabulo tupi composto de *Mani* e *sôba*. Em guarani *Mandii hoba* tem a mesma significação. || Naquellas provincias chamam tambem *Manissôba* a um esparregado preparado com a folha da mandioca, e a que se ajunta carne e peixe. || *Manissôba* é tambem o nome de uma planta semelhante pela folha à mandioca e de cuja raiz se faz farinha em tempos de penuria. Ha tambem com este nome uma especie de *Jatropha* de que se extrahê gomma elastica.

Maníva, *s. f.* (provs. do N.) caule da mandioca. || A *maníva*, dividida em pedaços de uns vinte centimetros de comprimento, e plantada de estaca, reproduz o arbusto, cuja raiz é a materia prima para a fabricação da farinha. || No Rio de Janeiro e outras provincias do Sul dão à *maníva* o nome de *rama de mandioca*. || *Etym.* Este voc. de origem tupi decompõe-se em *mani*, cuja significação é duvidosa, e *yba*, arvore; e portanto quer dizer *arvore do mani*. Os guaranis lhe chamavam *mandiy yba*. A differença que se observa entre *mandiy* e *mani* é méra questão de pronuncia.

Manja, *s. f.* (Ceará) folguedo de crianças semelhante ao *Tempo-será*. || Moraes menciona *Manja*, com a significação de cousa que se destructa sem trabalho. Aulete não trata deste vocabulo em sentido algum.

Manjaléco, *s. m.* (Pern. e Ceará) marmanjo.

Manjangôme, *s. m.* (Pern. e Par. do N.) o mesmo que *Maria-Gomes*.

Manjúba (1^o), *s. f.* (R. de Jan.) especie de peixe miudinho, talvez o mesmo a que na Bahia chamam *pititinga* (C. Lellis). || A *manjúba* de Pern. é a mesma *pititinga* da Bahia (Valle Cabral).

Manjúba (2^o), *s. f.* (Bahia) comida: São horas da *manjúba*. Meu cozinheiro nos deu hoje uma boa *manjúba*. || *Etym.* Parece ser alteração de *mânjua* (Moraes).

Manóca, *s. f.* (Bahia) mólho de cinco a seis folhas de tabaco, assim dispostas para as fazer seccar (Aragão).

|| Em Moraes encontro *Manojo*, termo derivado do castelhano, com a significação de mólho ou rolo pequeno manual, por exemplo, de folhas de tabaco atadas. Moraes e Aulete trazem também *manólho* com a significação de *manojo*.

Manocar, v. tr. (*Bahia*) fazer manôcas de folhas de tabaco (Aragão).

Manotáço, s. m. (*R. Gr. do S.*) pancada que dá o cavallo com a mão para adiante ou para o lado. Sendo contra o chão é *patáda* (Coruja). || *Ety m.* Do castelhano *Manotázo*, que também se diz *Manotáda*, significando palmada, bofetada, pancada com a mão (Valdez).

Manotear, v. tr. e intr. (*R. Gr. do S.*) dar manotaços o cavallo. || *Ety m.* E' verbo castelhano.

Mapiação, s. f. (*Matto-Grosso*) o mesmo que pauteação.

Mapiar, v. intr. (*Matto-Grosso*) o mesmo que pautear. || *Ety m.* E' talvez corruptela de *papear*.

Mapinguim, s. m. (*Ceará*) nome que dão ao tabaco de fumo importado das provincias do sul, para o distinguir do fumo da terra, producto daquella provincia (J. Galeno). || Em Alagóas é esse o nome do tabaco em *rôlo fino*, importado do sul. Também lhe chamam *Malpinguinho* (B. de Maceió) e *Mapinguinho* (Meira).

Mapinguinho, s. m. (*Ceará*) o mesmo que *Mapinguim*.

Maqueira, s. f. (*Valle do Amaz.*) especie de rede de dormir que os Indios fazem com a fibra de *Tucum*, e ornem com pennas de aves. || A rede de *Maqueira* não é, como o diz Aulete, uma rede de pescar.

Mará, s. m. (*Pará*) vara que serve tanto para impellir a canôa, quando ella é posta em movimento, como para prendel-a no porto fixando-a no chão. || *Ety m.* E' corruptela de *ymyrd*.

Maracá, s. m. (*Pern. e outras provs. do N.*) chocalho com que brincam as crianças. || *Ety m.* E' o nome que os aborígenes, tanto no Brazil como no Paraguay, davam aos chocalhos feitos de cabaça óca com pedrinhas dentro, e de que usavam como instrumento musical nas suas danças e festas. || Em

S. Paulo dão a esse chocalho o nome de *Caracawá*.

Maracajá, s. m. nome vulgar de uma especie de gato indigena e silvestre (*Felis Pardalis*, Neuw.) || *Ety m.* E' vocabulo tupi. || Também lhe chamam *Gato do Matto*.

Maracanân, s. m. nome commum a diversas especies de aves pertencentes á familia dos Papagaios. || *Ety m.* E' vocabulo tupi.

Maracatim, s. m. (*Pará*) embareação do tamanho da *Igarité*, mais geralmente usada nas costas da região oriental desta provincia. || *Ety m.* De *maracá*, chocalho; e *tim*, nariz, rostro. As antigas canôas dos indios traziam á prôa aquelle instrumento, e assim se chamavam. Comquanto elle tenha desaparecido, o nome, embora em decadencia de uso, ainda existe (J. Verissimo).

Maracatú, s. m. (*Pern.*) especie de dança, com que se entretém os negros boçaes (Abreu e Lima). || E' analago ao *candombe* e ao *jongo* das provincias meridionaes. || *Ety m.* Deve talvez seu nome ao uso que fazem do *maracá*, como instrumento musical.

Maracujá, s. m. fructa do Maracujazeiro, planta do genero *Passiflora*, da familia das Passifloraceas, de que ha innumerables especies, umas sarmentosas e outras arboreas. || *Ety m.* Alteração do tupi *Murucujá*.

Marajá, s. m. (*Pará*) nome commum a duas palmeiras, sendo uma do genero *Astrocaryum* (*A. aculeatum*) e outra do genero *Bactris* (*B. Marajá*), e cujas fructas são comestiveis. || *Ety m.* E' vocabulo tupi.

Marandúva, s. f. (*Maranhão*) péta, fabula, conto: Isto que me dizes é uma *marandúva*. Não creias em taes *marandúvas*. || *Ety m.* Corruptela de *moranduba*, vocabulo tupi e guaraní, com a significação de noticia, historia, narração, relação, etc. Em ambos os dialectos é indifferente dizer *moranduba* ou *poranduba*. || Na *Bahia* *póssoca* é o equivalente de *marandúva* (Valle Cabral).

Maranhense, s. m. e f. natural da prov. do Maranhão. || *adj.* que é relativo á mesma provincia.

Marca-de-Judas, *s. m. e f.* (provs. do N.) pessoa de baixa estatura.

Marcádo, *s. m.* (R. Gr. do S.) homem que gosta de enganar os outros, e mais especialmente se applica áquelle que negocia. Os habitantes da roça chamam tambem *marcádos* aos da cidade, suppondo-os sempre dispostos a illudil-os (Coruja).

Maré, *s. f.* (Pará) nas viagens fluviaes em que se faz sentir a acção do fluxo e do refluxo do mar, designa-se por *maré* a distancia itineraria de um ponto a outro. Tendo, por exemplo, de subir ou descer um rio, aproveita-se, no primeiro caso, da enchente, e no segundo, da vasante, e viaja-se até que cesse o fluxo ou refluxo, parando então, á espera de outra *maré*, e assim por diante, até atingir o ponto a que se destinava. Assim, pois, quando se diz que entre o sitio tal e tal ha uma, duas, ou mais *marés*, dá-se uma idéa do tempo que se gasta em vencer essa distancia.

Maria-Gómes, *s. f.* (R. de Jan.) planta hortense do gen. *Talinum* (*T. patens*) da familia das Portulacaceas. Tambem lhe chamam *Mariangombe*. E' o *Manjangóme* de Pernambuco e a *Lingua de vacca* da Bahia. Cresce tão espontaneamente por toda a parte que ninguem se dá ao trabalho de a cultivar.

Maria-molle, *s. f.* (Paraná) o mesmo que *Umbú* (2º).

Maria-mucanguê, *s. f.* (R. de Jan.) certo divertimento de crianças.

Maria-Rósa, *s. f.* (Minas-Geraes) palmeira do gen. *Cocos* (*C. Procopiana*, Glaz.). || O nome especifico desta palmeira lhe foi dado pelo illustre classificador, em memoria de Mariano Procopio Ferreira Lage, em cujas terras a encontrou.

Mariangombe, *s. m.* (R. de Jan.) o mesmo que *Maria-Gómes*.

Marianinha, *s. f.* (Pará, Maranhão e Bahia) o mesmo que *Trypóeraba*.

Maribondo, *s. m.* nome commum a todas as especies de vespas, menos no Maranhão e valle do Amazonas, onde é ainda usual o nome tupi de *Caba*, e em S. Paulo onde se servem geralmente de denominação portugueza de *vespa*. || *Etym.* E' vocabulo da

lingua bunda, e nella se diz indifferente-mente *Maribondo*, *Maribundo* e *Malibundo*. || Aulete define mal o nosso vocabulo, dando-o como nome de uma só especie de vespão.

Marímarí, *s. m.* (Pará) nome vulgar de uma arvore fructifera do genero *Cassia* (*C. brasiliana*). || *Etym.* Pertence ao dialecto tupi do Amazonas.

Maritacáca, *s. f.* (Pern. e outras provs. do N.) nome vulgar do *Mephitis suffocans*, pequeno mamifero da ordem dos Carniceiros, o qual, quando é atacado, despede de si tamanho fedor que faz recuar tanto o homem como qualquer fera. Em algumas partes chamam *Cangambá*, e no Rio Gr. do S. *Zorrillo*.

Maromba, *s. f.* (Piahy e outras provs. do N.) nome que os vaqueiros dão a um magote de bois. || Em portuguez, o termo *Maromba* significa a vara comprida com que se equilibram os dançarinos de corda, e esse termo é tambem neste sentido usual em todo o Brazil. || Em Niteroy dão a certa variedade de sardinha grande o nome de *Sardinha maromba* (J. Norberto).

Marruá, *s. m.* (provs. do N.) touro.

Martinica, *s. f.* (Piahy) calças. || Diz Costa Rubim que, no Maranhão, é uma especie de calça larga de que usa a gente miuda; e dahi vem o ditado: *homem de martinica e jaqueta*, com que se designa a gente rustica.

Mascataria, *s. f.* profissão do mascate: A *mascataria* me tem feito ganhar bastante dinheiro.

Mascate, *s. m.* mercador ambulante que percorre as ruas e estradas, a vender objectos manufacturados, pannos, joias, etc. || Este nome figura na historia do Brazil desde o anno de 1710, em que houve a celebre *Guerra dos Mascates*, entre os habitantes de Olinda e os *Mascates* do Recife.

Mascateação, *s. f.* acção de mascatear.

Mascatear, *v. intr.* exercer a profissão de mascate.

Massa, *s. f.* mandioca rallada, a qual, depois de expremida no tipiti, é peneirada antes de ir ao forno, onde

pelo cozimento se completa a fabricação da farinha e das diversas espécies de beijús. A parte mais grossa da massa, que não passa pelas malhas da peneira, dão, conforme as provincias, o nome de *crueira* e outros mais, todos derivados do tupi. || V. *Crueira*.

Massaió, *s. m.* (Pern., Par. do N., Rio Gr. do N.) o mesmo que *Maceió*.

Massapé, *s. m.* nome que dão a certas qualidades de terras notáveis por sua fertilidade, em consequencia dos alcalis de que são abundantes. O *Massapé* da Bahia é o resultado da decomposição de schistos cretaceos, e é mui proprio para a cultura da canna de assucar. O das provincias do Sul é uma argila que resulta da decomposição de certas rochas graniticas, e é mui proprio para a cultura do café, e tão boa como a terra roxa de S. Paulo. Moraes escreve *Maçapé*, e Aulete *Mas-sapéz*. Este ultimo auctor, alem de dizer do *Massapé* o mesmo que diz Moraes do *Maçapé*, acrescenta mais: «Pozzolana dos Açores, formada à custa da decomposição das rochas volcanicas.»

Massará, *s. m.* (Pará) especie de *Pari*, com porta, por onde entra o peixe.

Massarandúba, *s. f.* nome commum a diversas arvores pertencentes à familia das *apocaceas*, e cujas fructas são comestiveis. || *Etym.* E' vocabulo tupi.

Máta, *s. f.* (R. Gr. do S.) matadura; ferida no lombo do animal feita pela sella, cangalha e outros arreios.

Matabói, *s. m.* (R. Gr. do S.) correia de couro cru, que nas carretas prende o eixo ao leito, para que em algum salto os cocões não saiam fóra do eixo (Coruja).

Matádo, *adj.* (R. Gr. do S.) cheio de mataduras; diz-se dos cavallo (Coruja).

Matáime, *s. m.* (Pará) o mesmo que *matáime* (B. de Jary).

Matáime, *s. m.* (R. de Jan. e outras provs.) recortes angulares na extremidade de folhos, camisas de mulher, toalhas, lenços, lençoes e outras roupas brancas. || No Pará lhe chamam *matáime*; na Bahia *bicão*; e no Maranhão *sirito*.

Matapí, *s. m.* (Pará) especie de nassa semelhante ao *Cacuri*, sendo porém mais oblonga. No *Dicc. Port. Braz.*, *Matapí* tem a significação de *cóvos de peixe miúdo*.

Matarú, *s. m.* (Matto-Grosso) especie de vaso de barro destinado à fabricação de azeite de peixe (Cesario C. da Costa).

Máte, *s. m.* folha de Congonha, que, convenientemente preparada e posta de infusão, constitue uma bebida usual em grande parte da America Meridional. || *Máte chimarrão* é aquelle que se toma sem assucar. || *Obs.* No Paraguay, onde me achei anteriormente à guerra, dão ao *Máte* o nome de *yerbz*, e chamam *Máte* a vasilha em que o tomam, e a que damos no Brazil o nome de *Cuia*. Segundo o Sr. Zorob. Rodriguez, o vocabulo *Mate* ou *Mati* pertence à lingua quichua e significa cabaça.

Matear, *v. intr.* (R. Gr. do S.) o mesmo que *congonghar*.

Materialista, *s. m.* (R. de Jan.) nome burlesco com que são designados os mercadores de materiaes de construcção.

Mathambre, *s. m.* (R. Gr. do S.) carne magra que ha no costilhar do boi, entre o couro e a carne. Este *Mathambre* tira-se do couro com facilidade, e não se come sinão depois de bem amaciado. || *Etym.* Vem do Castellano *Mathambre*, *meta* fome, por ser a primeira parte que se pôde tirar da rez depois da lingua (Coruja). || A esta etymologia, do Sr. Coruja, accrescentarei que Valdez menciona *Mathambre* como termo cubano significando *Maçapão* feito de farinha de mandioca com assucar e outros ingredientes.

Matintapêrera, *s. f.* (Pará) nome vulgar de uma ave, cujo canto só se ouve à noute. Dá dous assobios *fifi, fifi*, e logo em seguida, em voz mais cantada, profere as syllabas *matintapêrera* (B. de Jary).

Matirí, *s. m.* (Pará) especie de sacco feito da fibra do tucum (Baena).

Matolão, *s. m.* (provs. do N.) especie de surrão ou alforge de couro, em que os serranejos conduzem ás costas a roupa e utensilios de viagem

(Araripe Junior). Ordinariamente são feitos de couro de carneiro cortido com a lan, tendo bocal de couro cortido sem lan, e correias para o fechar. || *Etym.* O vocabulo portuguez *Molotão* significa mala grande, em que se mette a roupa ou a cama para ser transportada nas jornadas. Malotão e *Matolão* envolvem a mesma idéa. Parece-me evidente que o vocabulo brazileiro não é senão o resultado de uma metathese.

Matombo, *s. m.* (*Pern. e outras provs. do N.*) pequena leira circular, em que se planta a estaca da mandioca. || Tambem dizem *Matumbo* (Meira). No R. de Jan. dão ás leiras com destino a esta cultura o nome de *Cóvas de mandioca*; mas são oblongas e parallelas entre si.

Matto, *s. m.* (*Pern. e outras provs. do N.*) o mesmo que *Roça* (1º).

Matto-Grossense, *s. m. e f.* natural da prov. de Matto-Grosso. || *adj.* que pertence á mesma provincia.

Matto-bom, *s. m.* (*Paraná*) matto cuja vegetação robusta revela a fertilidade do terreno em que se desenvolve, e o torna proprio, depois da derrubada, para a cultura do feijão, dos cereaes e de outras plantas economicas. *Matto-bom* tem sempre a significação de terreno fértil.

Matto-mau, *s. m.* (*Paraná*) o mesmo que *Cahiva*.

Mattutice, *s. f.* (*Pern.*) apparencia, modos e acção de mattuto.

Mattuto, *s. m.* o mesmo que *Caipira*.

Matumbo, *s. m.* (*Pern. e outras provs. do N.*) o mesmo que *Matombo*.

Matungo, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) cavallo velho, sem prestimo algum, ou que para pouco presta (Coruja). || *Etym.* E' termo provincial de Cuba, e significa enfestado, debil, fraco, definhado, applicado particularmente aos animaes (Valdez).

Matupá, *s. m.* (*Valle do Amaz.*) grupo consideravel e compacto de capim aquatico, que se encosta á beira dos rios e lagos. Tambem lhe chamam *Periantan*. || *Etym.* E' vocabulo tupi (J. Verissimo).

Maturí, *s. m.* (*Piahy, e de Pern. até o Ceará*) castanha ainda verde do

cajú, de que se fazem diversas iguarias e confeitoms. Na Bahia lhe chamam *Muturi*. || *Etym.* E' provavelmente de origem tupi.

Maturrango, *adj.* (*R. Gr. do S.*) mão cavalleiro. || *Etym.* E' termo provincial da America hespanhola (Valdez). || Tambem dizem *Maturrengo* (Cesimbra).

Maturrengo, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) o mesmo que *Maturrango*.

Maxixe (1º), *s. m.* fructa hortense de genero *Cucumis* (*C. angyria*) da familia das Cucurbitaceas.

Maxixe (2º), *s. m.* (*R. Gr. do S.*) especie de batuque.

Mazanza, *s. m. e f.* (*Pern., Par. e R. Gr. do N.*) indolente, preguiçoso, relaxado, toleirão.

Mazombo, *s. m.* (*Pern.*) filho de portuguez nascido no Brazil. Moraes o dá como termo injurioso, sem dizer porém d'onde partia a má intenção de alcunhar desta sorte aquelles que eram della objecto. O termo não é tupi, e mais parece africano. Como quer que seja, creio que este voc. cahiu em desuso.

Mbayá, *s. m.* (*Matto-Grosso*) caçada de *mbayá* é aquella em que o caçador se envolve em ramagens verdes, afim de que, com a apparencia de arbustos, possa illudir os animaes e approximar-se delles, sem os fazer desconfiar. Este meio de caçar é sobretudo applicado ás perdizes. Neste caso o caçador arma-se de uma vara, de cuja extremidade pende um laço que passa ao pescoço da ave, e desta sorte a apanha viva. O termo *Mbayá* é guarani, e o encontro em Montoya com a significação de *empleitas grandes* (tiras grandes) de *paja que sirven de reparo en las casas*; e ainda mais *Cad mbayá* com a de *cerca que hazen de ramones en los arroyos para coger pescado*.

|| *Mbayá* é tambem o nome que os Paraguayos dão á nação de aborigenes a que chamamos Guaicurú.

Mbetára, *s. f.* o mesmo que *Me-tára*.

Mêcê, (*S. Paulo*) forma pronominal de tratamento correspondente a *você* ou *vossemecê*, e mui usada nas relações familiares, sobretudo entre pessoas da classe baixa.

Medeixes, *s. m. pl. (Bahia)* esquivaça, desdém, desprezo pela pessoa que nos procura (F. Rocha). || *Etyim.* Não é mais do que a contracção da locução *Me deixez*, com que ordinariamente repellimos aquelles que nos aborrecem.

Meia-canha, *s. f. (R. Gr. do S.)* nome de uma das variedades desses bailes campestres a que chamam geralmente *Fandango*. No Paraguay ha tambem uma dança a que chamam *Media-caña*.

Meia-cára, *s. m. e f.* nome que davam aos africanos que, depois da abolição do trafico, eram introduzidos, por contrabando, no Brazil. || Ainda se usa deste vocabulo para designar a acquisição de um objecto sem dispendio de dinheiro: Este chapéu tive-o de *meia cára*.

Mel, *s. m.* nome que dão á calda do assucar que se filtra das formas que estão a purgar, para se lavar o assucar e alvejar (Moraes). Para as diversas especies de *Melles*, V. *Melado* (1º). || *Mel de pau*; nome vulgar do mel de abelhas, por isso que a generalidade das abelhas do Brazil fazem seus cortijos nas cavidades de arvores. E' a traducção litteral do guarany *ÿbÿraci*. || Descobridor de *mel de pau* diz-se do individuo que depára facilmente com aquillo que deseja: Tu que és descobridor de *mel de pau*, me poderás indicar um protector para com o presidente do conselho.

Melado (1º), *s. m.* nome do caldo da canna de assucar, limpo na caldeira e pouco grosso; depois passa ás tachas onde se engrossa mais, e se diz *mel de engenho*: o liquido, que se destilla do assucar bruto, quando leva barro, ou cevadura do barro de purgar e agua na casa de purgar, chama-se *mel de furo*; e quando sahe claro do assucar quasi purgado, *mel de barro* (Moraes). Ao *mel de furo* chamam no Rio de Janeiro *mel de tanque*. || Com o novo sistema de engenhos de assucar, tendem a desaparecer todas estas denominações.

Melado (2º), *adj. (R. Gr. do S.)* diz-se do cavallo que tem o pêlo e a pelle brancos. Nota-se que essa variedade de cavallos tem os olhos ramelosos e pequenas sarnas ao redor delles.

Para os differençar dos *melados* que tem o pêlo branco e a pelle preta, e não são sujeitos a essa enfermidade, dá-se-lhe tambem o nome de *melado sapiróca* (Coruja). || Nas provincias do norte, dão o nome de *melado* ao cavallo que tem côr de mel (Moraes).

Meladúra, *s. f. (provs. do N.)* nome que dão á quantidade de caldo de canna, que, nos engenhos de assucar, leva a caldeira onde primeiro se limpa, ou descachaça e escuma, logo depois de expremido. Assim dizem:—Faz este engenho oito meladúras por tarefa, isto é, em 24 horas. || Nos engenhos movidos por animaes, chama-se tambem *meladúra* o tempo que se gasta em moer ou exprimer a canna cujo caldo enche a caldeira. Assim se diz:—Estes animaes já tiraram uma *meladúra* (B. de Maceió).

Meleiro, *s. m. (provs. do N.)* homem que compra mel nos engenhos; almocreve que o leva e conduz delles para distillar, etc.; o que trata em mel (Moraes). || Dão o mesmo nome ao individuo que costuma embriagar-se com aguardente (B. de Maceió).

Membéca, *adj.* vocabulo tupi significando molle, brando, tenro, e do qual nos servimos em composição com outras palavras da mesma lingua: *Caá-membéca*, *Capim-membéca*, etc. Em guarani *membeg*.

Membúra, *s. f. (litoral do N.)* nome que dão a cada um dos páos que formam os extremos lateraes da Jangada (J. Galeno). || *Etyim?* Em lingua tupi, ao filho em relação ao pae chamam *taÿra*, e em relação á mãe *mem-bÿra*. Não sei por que especie de figura se dará áquelles páos da jangada o nome correspondente á filha da mulher.

Mendácula, *s. m. (Bahia)* senão, defeito moral. || *Etyim.* Talvez tenha origem no vocabulo portuguez *Mendas*, com a significação de mentiroso, falso.

Mendubí, *s. m.* o mesmo que *Mandubi*.

Mesquinho, *adj. (R. Gr. do S.)* diz-se do cavallo que não consente que se lhe ponha o freio, senão com muita difficuldade (Coruja).

Metára, *s. f.* rodella de pedra que os Tupinambás traziam no beico inferior, previamente furado desde a infancia. Chamavam-lhe também *Tametára* (Dicc. Port. Braz.), *Mbetára* e *Tembetára* (Anchieta). || Ha ainda no Brazil outras hordas de selvagens que usam desse singular ornamento, a que chamamos *Botóque* e são feitos de madeira.

Milongas, *s. f.* (Pern.) enredos, mexericos, desculpas mal cabidas: Conta-me a cousa como ella se deu, e deixa-te de *milongas*. || *Etym.* E' vocabulo de origem bunda. *Milonga* é o plural de *Mulonga*, e significa *palavras* (Saturnino e Francina). Em certos casos póde ter a acceção de *palavrório*. || Segundo Cannecatim, tem também a significação de *questão*.

Mineiro, *a, s. e adj.* natural da provincia de Minas-Geraes: F. foi um *Mineiro* que se illustrou pelos serviços prestados á sua provincia. Fiz a acquisição de um excellente cavallo *mineiro*. || Afóra estes casos especiaes, o termo *Mineiro* tem a significação commum de explorador de minas.

Minéstra, *s. f.* (*Bahia*) nome que dão a certo geitô, certo artificio para se obter as cousas que se cubiçam (F. Rocha).

Minéstre, *s. m.* (*Bahia*) pessoa geitosa nos meios que emprega para conseguir seus intentos (F. Rocha).

Mingáu, *s. m.* nome commum ás papas feitas de qualquer especie de farinha, de amido, de fecula ou da polpa de certas fructas, simplesmente temperadas com assucar e a que se póde ajuntar também leite e gemma de ovo: *Mingáu* de tapióca, de carimán, de sagú, etc. || No Pará, onde é aliás usual o termo *Mingáu*, dão comtudo o nome portuguez de *papas* ás que são feitas de farinha de trigo. || Em Pernambuco chamam *Mingáu-petinga* o que é feito com a mandioca *píba* e temperado com pimenta e hortelã (Moraes).

|| No Pará dão o nome de *Tacacá* a uma especie de *Mingáu* de tapioca que se tempera com o molho de *tucupí*. || *Etym.* E' vocabulo de origem tupi e guarani. A primitiva pronunção era *Mingau*.

Mingólas, *s. m.* (*Serg.*) avarento (João Ribeiro).

Minjólo, *s. m.*, o mesmo que *Munjôlo* (2º).

Minuão, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) vento do sudoeste, secco e frigidissimo, que se manifesta no inverno depois de chuvas. || *Etym.* Provém de vir do lado que babitavam os selvagens *Minuanos*, hoje extinctos.

Mirim, *adj.* vocabulo tupi significando pequeno, e de que nos servimos para distinguir certos productos menores que outros. Os maiores distinguimol-os pelo adjectivo *guassú*: *Arassá-mirim*, *Arassá-guassú*, *Tamandua-mirim*, *Tamandua-guassú*.

Mirinzal, *s. m.* (*Maranhão*) matagal composto especialmente da planta chamada *Mirim*. || *Etym.* E' vocabulo oriundo da lingua tupi.

Missioneiro, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) indigena ou habitante das antigas missões jesuíticas.

Mixira, *s. f.* (*Pará*) conserva de carne ou de peixe, que, depois de cozido e frito, e estando frio, é posto em potes com azeite de tartaruga ou de peixe-boi. || *Etym.* E' voc. tupi, de que também se serviam os guaranis do Paraguay, sob a fórma *mbixi*.

Móbica, *s. m. e f.* (*Bahia*) liberto, forro, individuo que deixou de ser escravo. || *Etym.* Farei apenas observar, como elemento de estudo, que, em lingua bunda, *M'bica* significa escravo.

Mocamáus, *s. m. plur.* (*provs. do N.*) negros fugidos que vivem nas mattas refugiadas em *Mocambos* (Moraes, Aulete). || *Obs.* Nunca tive occasião de ouvir pronunciar este nome, mas sim o de *Mocambeiro*, com a mesma significação. Moraes escreveu *Mocamdos*, e Aulete *Mocamds*.

Mocambeiro, *s. m.* escravo fugido ou malfeitor refugiado em mocambo. || No Ceará chamam *mocambeiro* ao gado acostumado a esconder-se naquellas moutas do sertão, a que chamam *mocambo* (J. Galeno).

Mocambo (1º), *s. m.* o mesmo que *Quilombo*. || *Etym.* Desconheço a origem deste vocabulo e dos seus homonymos abaixo mencionados. Segundo

Bluteau, era o nome de um antigo bairro de Lisboa. Ha na Africa occidental portugueza uma serra com a denominação de *Mocambe*.

Mocambo (2^o), *s. m.* (*Ceará e Matto-Grosso*) grandes moutas no sertão nas quaes se esconde o gado.

Mocambo (3^o), *s. m.* (*Pern. e Alagôas*) cabana ou chõça, quer sriva de habitação, quer apenas de abrigo aos que vigiam as lavouras. Ao *mocambo* de duas aguas tambem chamam *Tijupá*, na Bahia e outras provincias.

Mocó (1^o), *s. m.* (*provs. do N.*) nome vulgar de uma especie de mamífero, pertencente á ordem dos Roedores (*Kerodon rupestris*).

Mocó (2^o), *s. m.* (*provs. do N.*) especie de pequena bolsa, a que tambem chamam *Bocó*, e em Minas-Geraes e Bahia *Capanga*. Usam delle a tiracollo os viajantes, para levarem pequenos objectos necessários para a jornada. No *Mocó* levam os meninos de escola seus papeis e livrinhos de estudo. Serve tambem de embornal para dar a ração do milho ás bestas. || *Ety.* Como, além de outras pelles, se emprega geralmente a do *Mocó* (1^o) para a fabricação desta bolsa, talvez desta circumstancia lhe provenha o nome (Meira).

Mócóróró (1^o), *s. m.* (*provs. do N.*) nome commum a diversas bebidas refrigerantes. A de que usam no Ceará é feita com o sumo de cajú (Santos Souza). No Maranhão é preparada com arroz contuso de que se fazem papas grossas pouco cozidas, as quaes se deitam em uma vazilha de barro com agua e algum assucar e fica a fermentar durante dous dias; corresponde ao *Aluã* das outras provincias (D. Braz). No Pará é feita de mandioca e della usavam os aborígenes (*Thes. do Amazonas*).

Mócóróró (2^o), *s. m.* (*sertão da Bahia*) nome que, nas minas de Assuruá, comarca de Xique-Xique, dão ao limonito concrecionado. Naquellas minas o cascalho aurífero tem a possança media de um metro, é coberto por camadas de argila e de limonito, tendo a espessura media de 4^m,50, sendo 1^m,50 para a argila, e 3^m para o *Mócóróró* (P. de Frontin).

Mócótó (1^o), *s. m.* mãos de vacca ou boi ainda cruas, ou depois de guisadas. É um prato geralmente destinado ao almoço.

Mócótó (2^o), *s. m.* (*Pará*) especie de sapo (Baena).

Mofina, *s. f.* insistencia em alguma idéa de interesse publico ou particular; empenho na realisação de algum projecto: Cada um tem a sua *mofina*; a minha é a extincção da escravidão. A construcção de uma ponte naquelle rio é a minha *mofina*. || Publicação repetida diariamente nos jornaes contra certa e determinada auctoridade ou pessoa: Ha dias que a *Gazeta* traz uma *mofina*, relativamente á demora na distribuição das esmoladas deixadas pelo Commendador.

Mojica, *s. f.* (*Valle do Amaz.*) processo de engrossar um caldo com uma fécula qualquer (J. Verissimo). || Tambem se pôde engrossar o caldo com peixe moqueado e esfarelado (B. de Jary). || *Ety.* Do tupi *moajyca*, significando engrossar o liquido (*Dicc. Port. Braz.*).

Mojicar, *v. tr.* (*Valle do Amaz.*) engrossar um caldo com qualquer fécula. É mais usado o substantivo *Mojica*, com um auxiliar, do que esta forma verbal (J. Verissimo).

Molambo, *s. m.* trapo, farrapo, andrajos. || Nem Moraes, nem Lacerda tratam deste vocabulo. Aulete o menciona como voz brazileira, sem nada dizer de sua etymologia, a qual eu tambem não conheço.

Moléca, *s. f.* menina negra.

Molecáda, *s. f.* magote de moleques.

Molecagem, *s. f.* procedimento mau, digno de moleque. Tambem dizem *molequeira*.

Molecão, *s. m.* moleque taludo. Tambem dizem *molecote*.

Molecar, *v. intr.* proceder ou divertir-se como moleque.

Molecote, *s. m.* o mesmo que *molecão*.

Moléque (1^o), *s. m.* nome que davam ao negro no tempo da escravidão. Era injuria applical-o aos negrinhos livres. || *Fig.* pessoa de maus sentimentos, de procedimentos baixos,

dignos de um pobre escravinho sem educação, nem moralidade. || *Etym.* Segundo Fr. Francisco de S. Luiz, *Molêque* e *Molêca* são termos angolenses, com a mesma significação que lhe dão no Brazil.

Molêque (2^o), *s. m.* (*Minas-Geraes*) barra de iman com a qual se extrahem as particulas de ferro, que estão de mistura com o ouro em pó.

Molequeira, *s. f.* o mesmo que *molecagem*.

Molequinho, *a, s. dim.* de *molêque* e *molêca*.

Molleirão, *adj. e s. m.* mollanguerirão, individuo vagaroso, preguiçoso, negligente. || *Etym.* Deriva-se, sem duvida, do radical *molle*, tomado no sentido moral. Posto que seja usualissimo no Brazil; não o mencionam nem Moraes, nem Aulete e outros, o que me faz pensar que não é corrente em Portugal. || *E'* syn. de *Molongó*, de que usam no Pará.

Molleirona, *s. e adj. f.* de *Molleirão*.

Molongó, *adj. e s. m.* (*Pará*) o mesmo que *Molleirão*.

Momboia-xiô, *s. f.* (*Pará*) especie de gaita de que se servem os caçobos, e é feita com uma tabôca de tres furos e uma lingua de tucano em logar de palheta. Produz sons maviosos e que têm provocado em algumas pessoas tristeza e pranto (Baena). V. *Embeaciô*.

Monarca, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) homem do campo, vestido como tal e carregado de armas. *E'* gente sem educação, tanto que a seu respeito ha o seguinte proverbio: Moço *monarca* não assigna, mas risca a marca; isto é, não sabe ler nem escrever (Cornuja).

Mondé, *s. m.* (*Bahia e outras provs. do N.*) o mesmo que *Mundé*.

Mondéu, *s. m.* o mesmo que *Mundé*.

Mondongo, *s. m.* (*Pará*) nome que na ilha de Marajó dão ás baixas que occupam grande extensão das campinas, e são cheias de atoleiros, de ordinario occultos sob a espessura de plantas palustres. Dá-se, porém, especialmente este nome a um extensissimo pantanal que, distando da costa norte

dez a doze milhas, prolonga-se de oeste a leste, desde as cabeceiras do rio Cururú até mui perto da costa oriental (Ferreira Penna). || *Obs.* Este vocabulo, com a significação de intestinos miudos de carneiro, do porco e de outros animaes, pertence tanto ao portuguez como ao castelhano.

Montádo, *adj.* diz-se do animal domestico, que se tornou bravo e vive fóra de qualquer sujeição. || *Etym.* *E'* corruptela de *amontádo*. || No Pará e outras provincias, dizem, como em Portugal, *amontádo*.

Montaria, *s. f.* pequena canôa ligeira, construida de um só madeiro. Na maior parte dos casos, é seu destino, nas viagens fluviaes, acompanhar as canôas de voga e servir para a pesca e caçada. || *Etym.* Seu nome primitivo era *canôa de montaria* || *E'* mui usada no valle do Amazonas, em Matto-Grosso, Goyaz e outras provincias.

Moponga, *s. f.* (*Pará*) meio de pescar, que consiste em bater a agua com os braços, affim de fazer o peixe remontar o riacho até o logar onde está estendida a rede, ou onde intentam construir *Mucuôca* (Baena).

Moqueação, *s. f.* acto de *moquear*.

Moquear, *v. tr.* assar a meio a carne ou peixe, para melhor conserval-os, operação que se executa sobre uma grade de pãos a que dão o nome de *Moquem*. || No Minho, em Portugal, dizem encallar, por *moquear* (Moraes). || *Etym.* *E'* voc. de origem tupi, como o é tambem o verbo *boucaner* que Jean de Léry introduziu na lingua franceza, facto este que ainda hoje é ignorado pelos respectivos lexicographos, sem exceptuar os mais modernos, como Larousse e Littré. Em prova disto, atentemos para o que nos diz aquelle estimavel viajante, tão sagaz em suas observações, quanto exacto em suas descrições: « Touchant la chair de ce *Tapiroussou*, elle a presque même gout que celle de bœuf; mais quant à la façon de la cuire & aprestar nos Sauvages, à leur mode, la font ordinairement *Boucaner*. Et parece que i'ai ia touché ci deuant, & faudra encor que ie réitere souvent

ci apres ceste façon de parler *Boucaner*: afin de ne plus tenir le lecteur en suspens, joint aussi que l'occasion se présente maintenant ici bien à propos, ie veux declarer quelle en est la manière. Nos Ameriquains, doncques, fixans assez auant dans terre quatre fourches de bois, aussi grosses que le bras, distantes en quarré d'environ trois pieds, & esgalement hautes eleuees de deux & demi, mettans sur icelles des bastons à trauers, à vn pouce ou deux doigts pres l'vn de l'autre, font de ceste façon vn grande grille de bois, laquelle en leur langage ils appellent *Boucan*. Tellement qu'en ayant plusieurs plantez en leurs maisons, ceux d'entr'eux qui ont de la chair, la mettans dessus par pieces, et auez du bois bien sec, qui ne rend pas beaucoup de fume, faisant vn petit feu lent dessous, en la tournant & retournant de demi quart en demi quart d'heure, la laissent ainsi cuire autant de temps qu'il leur plaist. »

Moquéca, *s. f.* especie de iguaria feita de peixinhos ou camarões, tudo bem apimentado e envolto em folhas de bananeira. No Pará lhe chamam *Poquéca*. Além dessa especie de *Moquéca*, que é secca, ha tambem outra feita de peixe ou mariscos, com molho de azeite e muita pimenta.

Moquem, *s. m.* grade de paus em forma de grelhas, com uns 0^m,60 de altura, e sobre a qual se põe a carne ou o peixe, que deve ser *moqueado*, isto é, assado a meio para se conservar. || *Etym.* E' vocabulo de origem tupi, como o é tambem *Boucan*, adoptado pelos francezes, como se pôde reconhecer pelo testemunho de Léry.

Morcilha, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) murcella. || *Etym.* Do castelhana *Morcilla*.

Moringa, *s. f.* o mesmo que *Moringue*.

Moringue, *s. m.* bilha de barro para agua. Ha *Moringues* de duas especies: o de um só gargalo, e o de dous gargalos, sendo um mais largo por onde se introduz a agua, e outro mais estreito por onde se bebe; e entre estes dous gargalos ha uma asa, a que se applica a mão para suspendel-o. || Tambem dizem *Moringa*.

Morobixába, *s. m.* o mesmo que *Tuzáua*.

Morotinga, *adj.*, o mesmo que *tinga*.

Mosquête, *s. m.* (*Sergipe*) cavallo de pequena estatura e bom corredor (*S. Roméro*).

Mouro, *adj.* (*R. Gr. do S.*) diz-se do cavallo que tem o pêlo mesclado de preto e branco. O cavallo *mouro* é mais escuro que o tordilho negro (*Coruja*).

Muamba, *s. f.* (*Ceará e outras provs. do N.*) velhacaria, patranha, fraude. Negocio illicito que consiste em comprar e vender objectos furtados: « Temos aqui uma tal Rita dos Santos, que, segundo consta, negocia ha tempos em *Muambas*. » (*Jornal do Commercio*.)

Muambeiro, *s. m.* (*Ceará e outras provs. do N.*) velhaco, patranheiro, fraudulento. Pessoa que faz negocios illicitos comprando e vendendo objectos furtados. Este nome era especialmente applicado áquelles que, durante a ultima secca do Ceará (1877 - 1880), tiravam proveito da sua posição para se locupletarem, desviando do seu destino os generos alimenticios e outros recursos, que o governo mandava ás victimas daquella calamidade.

Mucajá, *s. m.* (*Pará e Maranhão*) o mesmo que *Macahúba*.

Mucâma, *s. f.* o mesmo que *Mucamba*.

Mucamba, *s. f.* escrava predilecta e moça, que servia ao lado de sua senhora e a acompanhava aos passeios. Tambem lhe chamavam *Mucâma* e em Pernambuco *Mumbanda*. || *Etym.* Talvez se derive de *Mocambuara*, voc. tupi, significando *ama de leite* (*Voc. Braz.*). No guarani ha no mesmo sentido *Poro mocambuara* (*Montoya*). A *Mucamba* não tinha certamente por officio amamentar crianças; mas pôde acontecer que, por uma degeneração de sentido, se lhe dêsse o nome que era d'antes o attributo da ama de leite. Na Bahia, por exemplo, dão á criada o nome de ama, sem que lhe incumba amamentar quem quer que seja.

Muchácho, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) pontalete que sustenta horizontalmente

o cabeçalho do carro, quando está parado, e é preso ao mesmo cabeçalho por meio de uma tira de couro. Em lingua portugueza lhe chamam *burro*.

|| *Étym.* E' voc. castelhano, com a significação de *rapaz*; e é no sentido figurado que o empregam. O Sr. Coruja escreve *Mochacho*, e o faz derivar de *Mocho*, com o que não concordamos.

Mucíca, *s. f.* (*Pern. e Par. do N.*) sacadela, empuxão que o pescador dá à linha, quando sente que o peixe mordeu a isca. || (*Piauíhy*) Derribar de *mucica*, é derribar uma rez torcendo-lhe a cauda com força até fazel-a cahir. || *Étym.* E' voc. de origem tupi e vem de *Aimocic*, significando dar sacadela (*Voc. Braz.*). O *Dicc. Port. Braz.* menciona *Cehy*, como traducção de puxar.

Mucujé, *s. m.* (*Bahia*) fructa primorosa de uma arvore do mesmo nome pertencente à familia das *Apocyneas*. || G. Soares lhe chama *Macujé*, e, a não ser isso devido a um erro de copia ou de imprensa, provavel é que seja o nome primitivo dessa fructa em lingua tupi.

Mucunzá, *s. m.* o mesmo que *Canjica* (1°).

Mucuóca, *s. f.* (*Pará*) cerca ligeiramente construida nos riachos, por meio de paus fincados a prumo, ramos de *aninga* e *tujuco*, afim de paralyzar um tanto a corrente da agua, e dar logar à pesca chamada de *Gapuia* (Baena). || *Étym.* Deriva-se de *Mocoóca*, termo do dialecto tupi do Amazonas (Seixas).

Mucúra, *s. f.* (*Pará e Maranhão*) o mesmo que *Saruê*.

Mudubim, *s. m.* (*Ceará*) o mesmo que *Mandubi*.

Mujangüê, *s. m.* (*Pará*) especie de massa feita de ovos de tartaruga ou de tracajá e farinha de agua, e depois desfeita em agua, para ser bebida (F. Bernardino).

Muláda, *s. f.* porção de mulas.

Muláto-vélho, *s. m.* (*R. de Jan.*) o mesmo que *Patwéba*.

Mumbáca, *s. f.* (*Valle do Amaz.*) palmeira do genero *Astrocaryum* (*A. Mumbaca*) (*Flora Bras.*).

Mumbanda, *s. f.* (*Pern.*) o mesmo que *Mucamba*. || *Étym.* Em lingua bunda, na Africa Occidental

portugueza, *Mi-n'banda* significa mulher (Capello e Ivens). Talvez seja essa a origem de *Mumbanda*.

Mumbávo, *s. m.* (*Paraná*) o mesmo que *Xerimbábo*.

Mumbíca, *s.* (*Ceará*) bezerro de anno, magro, enfezado (S. Roméro).

Mumúca, *s. f.* (*S. Paulo*) ente phantastico, que chamam para metter medo às crianças quando choram. Equivale a *Tutú* (2°).

Munân, *s. f.* (*Sertão da Bahia*) nome que, na giria dos vaqueiros, significa *Egua*.

Mundé, *s. m.* especie de armadilha para apanhar caça, esmagando-a com o peso que lhe cahe em cima, logo que desloca o pinguêlo. || *Étym.* E' vocabulo commum a todos os dialectos da lingua tupi, e comprehendia d'antes diversas especies, algumas das quaes apanhavam vivos os animaes; taes eram o *Mundé-aratáca* e o *Mundé-pica* de passarinhos (*Voc. Braz.*). || Tambem se diz *Mundêu*, *Mondê* e *Mondêu*. || *Fig.* applica-se a uma casa velha, arruinada, que ameaça cahir e esmagar os que nella habitam. Ainda no sentido figurado se diz que *cahiu no mundé*, aquelle que, mal aconselhado, se arriscou em maus negocios.

Mundéu, *s. m.* o mesmo que *Mundé*.

Munganga, *s. f.* (*provs. do N.*) tregeito, careta, momice (S. Roméro).

|| *Étym.* Talvez seja corruptela de monganguice, ou mogiganga.

Mungunsá, *s. m.* o mesmo que *Canjica* (1°).

Mungunzá, *s. m.* (*provs. do N.*) o mesmo que *Canjica* (1°).

Munjólo (1°), *s. m.* (*provs. merid.*) especie de machina rustica, a qual movida por agua serve para pulverizar o milho e tornal-o idoneo para a fabricação da farinha.

Munjólo (2°), *s. m.* (*algumas provs. do N.*) bezerrinho. Tambem dizem *Minjólo*. Quando chega a ter chifres chamam-lhe *Garrote*.

Munjólo (3°), *s. m.* (*R. de Jan.*) nome vulgar de uma arvore da familia das Leguminosas.

Munjólo (4°), *s. m. e f.* (*R. de Jan.*) nome de uma nação de Africanos

que eram d'antes importados como escravos.

Munzuá, *s. m.* especie de côvo, feito de fashuias de taquára com uma boeca afunilada, a que chamam no norte *sanga* e no Rio de Janeiro *nassa*, por onde entra o peixe sem mais poder sahir. || *Etym.* E' provavelmente de origem africana.

Mupicar, *v. intr.* (*Pará*) remar amiadada e ligeiramente, para apressar o andamento da canôa. || *Etym.* Deriva-se de *mupica* e *mopyp̄yc*, verbos da lingua tupi significando *remar apressadamente* (*Dicc. Port. Braz.*).

Muquirâna, *s. f.* piolho do corpo, tambem chamado piolho da roupa (*Pediculus vestimentī*). || *Etym.* Do tupi *Moquyrana* (*Voc. Braz.*).

Murassanga, *s. f.* (*Valle do Amaz.*) o mesmo que *Burassanga*.

Murici, *s. m.* nome commum a diversos arbustos e arvoretas do genero *Byrsonima*, da familia das Malpighiaceas, cuja fructa, segundo o faz observar G. Soares, sabe a queijo do Alemejo, e macerada em agua fria com assucar se converte em um alimentô a que no Ceará chamam *Cambica*, e é geralmente apreciado.

Muriti, *s. m.* (*Valle do Amaz.*) o mesmo que *Buriti*.

Muritim, *s. m.* (*Maranhão*) o mesmo que *Buriti*.

Muritzal, *s. m.* (*Maranhão*) o mesmo que *Buritzal*.

Murucú, *s. m.* (*Valle do Amaz.*) especie de lança feita de pau vermelho com a ponta remontada de diversa madeira delgada, frangivel e hervada. Della se servem os Muras e outras hordas de selvagens (*Baena*, F. Bernardino).

Murucujá, *s. m.* nome antigo do *Maracujá*. || *Etym.* E' vocabulo tupi. || Os guaranis do Paraguay lhe chamam *Mburucuyá* (*Montoya*).

Murumurú, *s. m.* (*Valle do Amaz.*) nome commum a diversas plantas do genero *Astrocaryum*, da familia das Palmeiras (*Flora Bras.*). || *Etym.* E' voc. tupi.

Murumuxáua, *s. m.* (*Amaz.*) o mesmo que *Tuxáua*.

Murundú, *s. m.* (*Rio de Jan.*) montão de cousas: *Murundú* de roupa, de pedras, de estercos, etc. || *Etym.* E' corruptela de *Mulundú*, monte, na lingua bunda.

Mururú, *s. m.* (*provs. do N.*) usa-se na phrase *estar de mururú*, em relação à pessoa que se conserva na cama, com achaque ou atacado de mal periodico, intermittente (F. Tavora).

Murutí, *s. m.* (*Valle do Amaz.*) o mesmo que *Buriti*.

Muruxába, *s. f.* (*Maranhão*) nome que dão à brancarana de mau comportamento (J. Serra).

Muruxáua, *s. m.* (*Valle do Amaz.*) o mesmo que *Tuxáua*.

Mussununga, *s. f.* (*Bahia*) nome de certos terrenos fofos, arenosos e humidos (J. Przewodowski).

Mutá, *s. m.* (*Valle do Amaz.*) especie de estrada construido no matto, com assento alto, na qual se colloca o caçador á espera da caça. Havendo uma arvore idonea para esse fim, pôde o assento ser construido nella. || *Etym.* E' voc. tupi (*Voc. Braz.*). || No dialecto do Amazonas dizem *Metá* (Seixas). O Sr. J. Verissimo lhe chama *Mutân*; e diz que serve tanto para a caçada no matto, como para a pesca á beira d'agua.

Mutamba, *s. f.* nome vulgar de uma planta do genero *Guazuma* (*G. ulmifolia*) da familia das *Büttneriaceas*. || *Etym.* Em lingua bunda, *Mutamba* é o nome do Tamarindeiro. Sem duvida, foram os Africanos de origem angolense os que impuzeram este nome à planta brasileira, pela analogia que lhe acharam com aquella arvore do seu paiz. Seu nome tupi, segundo Piso e Maregraf, era *Ibixuma*.

Mutân, *s. m.* (*Valle do Amaz.*) o mesmo que *Mutá*.

Mutirão, *s. m.* (*S. Paulo, Paraná e Minas-Geraes*) o mesmo que *Muxirom*.

Mutirom, *s. m.* (*S. Paulo, Paraná*) o mesmo que *Muxirom*.

Mutirim, *s. m.* (*Pará*) o mesmo *Muxirom*.

Mutum, *s. m.* ave do genero *Crax*, da familia das Gallinaceas, da qual ha diversas especies.

Muturí, *s. m.* (*Bahia*) o mesmo que *Maturí*.

Muxíba, *s. f.* pelhancas, carne magra. || *Etym.* Na lingua bunda, o termo *Muxíba* significa arteria, veia (Francina e Oliveira). E' provavel que d'ahi nos venha este vocabulo ainda que alterado em sua significação.

Muxinga, *s. f.* surra, sóva. || Azorrague. || *Etym.* E' voc. da lingua bunda com a mesma significação que lhe damos no Brazil. || *Obs.* Aulete escreve *Muchinga*; e Moraes *Mowinga* e *Muinga*.

Muxirom, *s. m.* (*S. Paulo, Paraná*) auxilio que se prestam mutuamente os pequenos agricultores em tempo de fazer suas roças, plantações ou colheitas, mas principalmente serviço de roçar. Dura este auxilio invariavelmente um só dia, em que todos trazem sua ferramenta de trabalho e fazem o serviço gratis, sendo regalados pelo dono da casa com uma boi ceia e o indispensavel sandango, ou outro qualquer divertimento. Costumam fazer taes ajuntamentos para o trabalho, quando escassea o tempo e vai se fazendo tarde para effectuar as queimas, plantações, etc. Se, porém, o serviço dura mais de um dia, então não é *muxirom*, é *ajutorio* (adjutorio) e neste caso os dias de trabalho devem ser restituídos (L. D. Clève). || Este vocabulo tem uma extensa synonymia. No Paraná e S. Paulo, além de *Muxirom*, dizem tambem *Mutrom*, *Mutirão*, *Putirão* e *Puxirom*; no Pará *Potírom*, *Putirom*, *Puxirom*, *Mutirum*; em Minas-Geraes, *Mutirão*; no R. Gr. do S., *Puxirão*; na Bahia e Sergipe, *Batalhão*; na Par. do N., *Bandeira*. || *Etym.* Afóra *Batalhão* e *Bandeira*, todos os synonymos apontados pertencem a diversos dialectos da lingua tupi, e derivam-se do mesmo radical, embóra tenham por iniciaes uns a letra *P* e outros a letra *M*, o que não é raro nesta lingua, como se observa em *Pián* e *Mián*; *Peréba* e *Meréba*, etc. Da mesma sorte, o *T* é muitas vezes substituido por *X*: *Ara-tixú*, *Arawixú*. No guarani, *potyrom* significa *pôr mãos á obra* (Montoya), significação que está bem no espirito dessa associação ephemera. || O traba-

lho executado por este systema é de grande vantagem para os lavradores pobres, porque os liberta do salario. O que pôde ter de reprehensivel é o divertimento nocturno, que se lhe segue, em logar do somno reparador. A policia municipal deveria prohibir que esse folguedo se prolongasse além de certa hora da noute.

Muxôxo, *s. m.* estalo dado com os beijos á semelhança de um beijo, para mostrar desdem ou pouco caso de alguem ou de qualquer cousa: Aquelle individuo, a quem fiz tão cordialmente a offerta dos meus serviços, mostrou-se tão ingrato que me respondeu com um *muxôxo*. || Em Sergipe dizem *Tunco* (S. Roméro).

Muxuango, *s. m.* (*Campos*) o mesmo que *Caipira*.

Nambí, *s. m.* orelha, em lingua tupi. No R. Gr. do S., este nome adjectivado se applica ao cavallo que tem uma das orelhas cahida: Cavallo *nambi*. E' uma abreviação do tupi *nambi woré*, ou do guarani *nambi yerodé*, com a significação de orelhas cahidas ou derrubadas. Nos sertões da Bahia e de outras provincias do norte, o nome de cavallo *nambi* designa aquelle que tem a cauda curta (Aragão). Neste caso, não vejo o fundamento de semelhante denominação.

Nambú, *s. m.* o mesmo que *Inambú*.

Naná, *s. m.* nome tupi do *Ananas* (*Ananassa sativa*).

Nanân, *s. f.* (*provs. merid.*) o mesmo que *Nhanhân*.

Napéva, *adj.* (*S. Paulo*) nanico; gallo ou gallinha de pernas curtas: Gallo *napéva*, Gallinha *napéva*.

Neblinar, *v. intr.* choviscar quasi que imperceptivelmente.

Negreiro, *adj.* dizia-se do navio que d'antes se empregava no trafico de escravos. || applica-se tambem ao homem branco, que tem predilecção pelas negras.

Nhá, *s. f.* o mesmo que *Nhóra*.

Nhambú, *s. m.* o mesmo que *Inambú*.

Nhandiróba, *s. f.* V. *Andiróba*.

Nhandú, *s. m.* nome tupi da *Ema*.

Nhanhân, *s. f.* (prov. merid.) tratamento familiar das meninas. || *Etym.* E' a fôrma infantil de senhora. || Tambem se diz, *Nanân, Nhâzinha, Sinhâ, Sinhâzinha, Sinhâra, Sinharinha.* || Nas provs. do N., a partir da Bahia, dizem universalmente *Yayá, Yayázinha, Yazinha*; e estes vocabulos já se têm introduzido nas prov. meridionaes.

Nhâzínha, *s. f.* diminutivo de *Nhanhân*.

Nhô, *s. m.* o mesmo que *Nhôr*.

Nhonhô, *s. m.* (prov. merid.) tratamento familiar dos meninos. || *Etym.* E' a fôrma infantil de senhor. || Tambem se diz *Nonô, Nhôzinho, Sinhô, e Sinhôzinho.* || Nas prov. do N., a partir da Bahia, dizem universalmente *Yoyô*, o que, segundo penso, não é senão a fôrma adocicada de *Nhonhô*.

Nhôr, *s. m.* abreviatura popular da palavra senhor: *Nhôr João, Nhôr Joaquim.* Tambem dizem *Nhô*.

Nhóra, *s. f.* abreviatura popular da palavra senhora: *Nhóra Maria, Nhóra Anna.* Tambem dizem *Nhá*.

Nhôzinho, *s. m.* (prov. merid.) abreviatura popular do diminutivo *Senhorzinho*.

Nonô, *s. m.* o mesmo que *Nhonhô*.

Noruéga, *s. f.* (R. de Jan.) encosta meridional de montanha ou cordilheira. Os terrenos de *noruêga* são sombrios, frescos e até frios, e pouco idoneos para certas culturas. A elles se contrapõem os terrenos soalheiros, que, no hemispherio austral, occupam as vertentes septentrionaes das montanhas. || *Etym.* E' provavelmente uma allusão ao clima frio da Noruêga.

Oigalé!, *int.* (R. Gr. do S.) voz de admiração: *Oigalé!* moço lindo (Cesimbra).

Oitáva, *s. f.* (Matto-Grosso) quantia de dinheiro igual a 1\$200. || *Etym.* No tempo em que a industria capital daquella provincia consistia na extracção do ouro, todas as transacções, na falta absoluta de moeda cunhada, se faziam por meio de ouro em pó, regulando a 1\$200 o preço de cada oitava (3 gr., 586). Hoje ellas se fazem por meio do papel-moeda, mas nem assim se perdeu o uso de tomar por unidade

a oitava, e dividil-a em fracções: *Meia oitava* = 600 rs.; *um quarto* = 300 rs. Ao quarto tambem chamam *pataca-aberta*, distinguindo-se deste modo da *pataca-fexada* = 320 rs.; o cruzado = 720 rs.; *um vintem* = 40 rs. A todo esse systema pecuniario dão o nome de *Conta do ouro*.

Oititurbá, *s. m.* o mesmo que *Cutitiribá*.

Orear, *v. tr.* (R. Gr. do S.) arejar, expôr ao ar a roupa humida para seccar. || *Etym.* E' vocabulo castelhano.

Origône, *s. m.* (R. Gr. do S.) talhadas de pecego seccas ao sol, com as quaes se faz um doce de calda. Essas talhadas são sobrepostas umas às outras formando um solido de alguns centimetros de comprimento. || *Etym.* Provirá ou do termo antiquado portuguez *Orijones* (Moraes) ou do castelhano *Orejon*, que Valdez traduz por *Orijão*. Aulete nada diz a semelhante respeito.

Orelha-livre, (R. Gr. do S.) locução usada nas parelhas. Se os cavallos empatam na carreira, aquelle que apostou que o cavallo do contrario só lhe ganharia com *orelha-livre*, ganha a aposta, porque o outro não se adiantou um pouquinho mais quanto fosse bastante para da raia se distinguir se *sacou a orelha* ou não, isto é, se se adiantou (Coruja).

Orelhão, *a, adj.* (R. Gr. do S.) diz-se do boi ou vacca que não tem marca ou signal na orelha ou orelhas, como se costuma fazer, antes de ser definitivamente marcado a ferro (Coruja). E' tambem expressão do Paraná. Nos sertões da Bahia chamam a isso *Orelha-redonda*, e no Ceará *Orelhudo*. || *Etym.* O termo *Orelhano* procede de *Orejano*, que Valdez menciona como vocabulo americano. || Erra Aulete dizendo que orelhão é o gado vaccum que tem marca ou signal na orelha. E' justamente o contrario.

Orelha-redonda, *s. m.* (sertão da Bahia) o mesmo que *orelhano*.

Orelhudo, *adj.* (Ceará) o mesmo que *orelhano*.

Ossú, *adj.* o mesmo que *guassú*.

Ostreira, *s. f.* (*S. Paulo, Esp.*) o mesmo que *Sambaqui*.

Ota: *int.* (*R. Gr. do S.*) voz de admiração: *Ota!* cavallo arisco. *Ota!* cavallo bom (*Cesimbra*).

Ouriço-cacheiro, *s. m. V.* *Quandú*.

Ovado (1º), *adj.* (*R. Gr. do S.*) diz-se do cavallo doente dos machinhos (*Coruja*). || *Etym.* Provavelmente vem de *ovas*, certa molestia que ataca os cavallos.

Ovado (2º), *adj.* (*algumas provs. do N.*) diz-se do peixe que se acha com ovas: Estamos na estação em que o peixe está geralmente *ovado*. Tive ao jantar uma tainha ovada (*Meira*).

|| *Etym.* Vem de *ova*, ovario do peixe.

Oveiro, *adj.* (*R. Gr. do S.*) diz-se do cavallo ou boi que tem malhas vermelhas ou pretas sobre o corpo branco ou *vice-versa* (*Coruja*). || *Etym.* Do castelhano *overo*. || *Obs.* Em Portugal a palavra *oveiro* tem outras significações, usuaes tambem no Brazil. Neste caso origina-se do radical *ovo*.

Pá, *s. f.* (*R. de Jan.*) o mesmo que *Quibando*.

Pabulágem, *s. f.* impostura, pedantismo: Aquelle homem é notavel pela sua *pabulagem*. Deixa-te dessas *pabulagens*, que te fazem perder a estima da gente: seria (*João Ribeiro*).

|| *Etym.* Do portuguez *pabulo*, com a significação figurada de materia e assumpto para maledicencia ou escarneo.

Páca, *s. f.* mamífero do genero *Cœlogenyx* (*C. Paca*) da ordem dos Roedores, e uma das melhores caças do Brazil. || *Etym.* E' vocabulo tupi. || Os guaranis do Paraguay lhe chamam *Pag* (*Montoya*).

Pacará, *s. m.* (*Pará, Goyaz*) especie de pequeno bahú ou cesto construido de fôlhetas de madeira leve, forradas por dentro e por fóra de palha do grelo de palmeiras. Tambem os fazem simplesmente tecidos de palhas, as quaes, em um e outro caso, são provavelmente tintas de diversas côres, o que torna mui elegante o matiz (*Baena*).

Pacóba, *s. f.* nome que davam os povos da raça tupi, ás especies de Bananas naturaes do Brazil e do Paraguay. Este nome, sob a forma *Pacóva*,

ainda é usual no Piauhý, Maranhão e Pará. Nesta ultima provincia, só dão o nome de Banana ás especies exóticas. No Rio de Janeiro se applica exclusivamente o nome de *Pacóba* a uma especie notavel pelo grande desenvolvimento da fructa. No Paraguay dizem *Pacová*, e bem que *Montoya* tivesse escripto *Pacobá*, cumpre attender a que o *b* hespanhol é igual ao *v* portuguez.

Pacóva, *s. f.* o mesmo que *Pacóba*.

Pacová, *s. m.* (*S. Paulo*) nome vulgar da *Alpinia nutans*, planta da familia das *Arômaceas*, a que se attribuem qualidades medicinaes (*Martius*).

|| *Etym.* Provavelmente resulta seu nome da tal ou qual semelhança da planta com a da bananeira, a que os aborigenes assim chamavam.

Pacú, *s. m.* (*Matto-Grosso, valle do Amaz.*) nome commum a diversas especies de peixes d'agua doce, dos generos *Trochilodus* e outros. || *Etym.* E' vocabulo tupi e guarani.

Pacuêra, *s. f.* (*S. Paulo*) fresura de boi, carneiro ou porco. || *Etym.* E' termo de origem tupi. Em guarani *Piacuê*; e i so me faz crer que o nosso vocabulo não é senão a syncope de *Piacuêra*. || Bater a *pacuêra*, phrase mineira correspondendo a estas outras mui usuaes em todo o Brazil: Bater a bota; dar á casca; bater a linda plumagem; bater as azas e voar; rebentar; dar com tudo em pantânas; e tudo isto com a significação de acabar, morrer, ir-se embora, botar fóra os bens, arruinar-se, ficar destruido, quer da vida, quer da fortuna (*Macedo Soares*).

Pagará, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) nome de uma das variedades desses bailes campestres, a que chamam geralmente *Fandango*.

Pagos, *s. m. pl.* (*R. Gr. do S.*) os lares penates, a habitação de cada um: Depois de tamanha ausencia, regresso emfim aos meus *pagos*, onde me esperam a mulher e filhos. || *Etym.* Do latim *pagus*, significando aldêa, logar pequeno.

Paina, *s. f.* nome da felpa sedosa contida na fructa capsular de diversas especies de *Bombaceas*, ás quaes são por isso chamadas *Paineiras*. Serve a

Paina para enchimento de colxões, almofadas, etc.

Paíol, *s. m.* (S. Paulo, Paraná, Minas-Geraes) nome que dão os lavradores ao compartimento ou dependencia da casa de habitação, onde arrecadam o milho em casca. Em S. Paulo tambem chamam *Paíol* à casa que o fazendeiro faz longe da sua residencia como ponto de arrecadação dos generos alli colhidos. Corresponde ao *Retiro* das fazendas de criar (B. Homem de Mello).

|| Nas provincias do norte, o *Paíol* é a casa em que se arrecadam quaesquer productos da grande lavoura: algodão, milho, farinha, etc. (Meira). || *Etym.* E' vocabulo portuguez, significando, tanto em Portugal como no Brazil, divisões internas de um navio onde se arrecadam diversos artigos. Ha *Paíol* de polvora, de bombas, de mantimentos, do panno, das amarras (*Dicc. Mar. Braz.*). Em Portugal e assim tambem no Brazil, dá-se o nome de *paíol* da polvora à casa em que se arrecada esse genero tanto nas fortificações, como fóra dellas.

Pajé, *s. m.* (Pará) feiticheiro. || *Etym.* E' voc. oriundo tanto do dialecto tupi como do guarani, e com o qual designavam os selvagens aquelles que exerciam um certo sacerdocio, tendo tambem a missão de curar as enfermidades.

Pála, *s. m.* (R. Gr. do S.) especie de poncho feito de uma fazenda mais fina que a do *bizará*, com as pontas arredondadas, mais leve, mais curto, e considerado mais decente na campanha (Coruja). || *Etym.* Provavelmente tem este nome a sua origem no castelhano *Pálio*, com a significação de capa. Por sua vez, o *Pálio* dos hespanhoes não é mais do que o *Pallium* dos latinos.

Palanque, *s. m.* (R. Gr. do S.) mourão de dous metros, mais ou menos, de altura, fideado no meio do curral, ou na frente d'elle, e ao qual se prende o potro ou cavallo bravo, para arreal-o (Coruja). || Com diversa accepção, o termo *palanque* é portuguez: significa cadafalso com degraus de que se cercam os corros, para os espectadores verem os touros, sem perigo (Moraes).

Palêta, *s. f.* (R. Gr. do S.) nome do osso das mãos que compõe as cruzes, tanto no boi, como no cavallo (Coruja). Como expressão anatomica, *Paleta* é termo castelhano significando *Pá*, nome vulgar da espada ou omoplata (Valdez).

Paletear, *v. tr.* (R. Gr. do S.) esporear o animal na paleta (Coruja).

Palha, *s. f.* (Minas-Geraes) o mesmo que *Tigüera*.

Palhada, *s. f.* (Minas-Geraes) o mesmo que *Tigüera*.

Palmito, *s. m.* rebento central das Palmeiras, de que se usa como legume, tanto nos guisados, como nas empadas, e até crú em salada. Bem que todas as plantas desta familia produzam *palmitos* comestiveis, todavia algumas especies ha a que se dá a preferencia, e a estas dão por excellencia o nome de *Palmito*; taes são o *Palmito-molle* (*Euterpe edulis*), o *Palmito-amargoso* (*Cocos Mikianiana*), aos quaes tambem chamam, o primeiro, *Assahi*, *Jissára* ou *Jussára*, e o segundo *Guariróva*. || O voc. *Palmito* é bem antigo na lingua portugueza, e ha perto de quatrocentos annos que d'elle se serviu Vaz de Caminha, na carta que, de Porto-Seguro, em 1 de Maio de 1500, dirigiu a el-rei D. Manoel, relatando-lhe a descoberta do Brazil.

Pamonân, *s. m.* (S. Paulo, Mato-Grosso) especie de comida que consiste na mistura de farinha de mandioca ou de milho com feijão, carne ou peixe, e constitue uma excellente matolotagem para aquelles que viajam em logares ermos e faltos de recursos, por isso que dura em bom estado muitos dias. || *Etym.* E' voc. de origem tupi e guarani. No guarani *Apamonân* e no tupi *Aiapamonân* significam misturar. || Ao *Pamonân* tambem chamam *Virádo* e *Revirádo*. No R. de Jan. ao *Pamonân* de feijão chamam *Tutú*.

Pamonha, *s. f.* especie de bolo feito de fubá de milho ou de arroz, e tambem de tapioca ou de mandioca puba, a que se ajunta assucar e leite de vacca ou de côco, e é envolto em folhas de bananeira. || A' *Pamonha* de mandioca puba dão particularmente, tanto no R. de Jan. como na Bahia e

outras provincias, o nome de *Manauê*; e em Pernambuco e Alagoas e de *Pê-de-moleque*. || Em Pernambuco e Alagoas chamam *Pamonha de garapa* ao *Açassá*. || *Fig. s. m. e f.*, pessoa inerte, desmazelada: Meu criado é um *pamonha*, e sua mulher a maior *pamonha* que conheço.

Pampa (1^o), *s. f.* nome que, na America Meridional de origem hespanhola, dão ás vastas campinas que servem de pastagem a gados e animaes silvestres. A esses accidentes naturaes damos no Brazil o nome de *Campo*; e só nos servimos do termo *Pampa* quando nos referimos aos paizes em que é elle usual: A *pampa* argentina; a *pampa* do Sacramento, etc. || *Etym.* E' voc. quichua (Zorob. Rodriguez).

Pampa (2^o), *adj. (provs. merid.)* nome que dão ao cavallo que tem orelhas de côres differentes, ou que tem um lado do corpo de côr diversa do outro, ou o corpo de uma côr e a cabeça de outra, ou qualquer parte notavel do corpo de uma côr e o resto de outra; mas este ultimo melhor se pôde chamar *bragado* ou *oveiro*, segundo a posição das manchas (Coruja).

Pampeiro, *s. m.* nome de um vento violento de sudoeste, em parte da costa do Brazil e Rio da Prata. || *Etym.* E' assim chamado porque sopra do lado da pampa meridional da Republica Argentina.

Panacarica, *s. f. (Pará)* toldo de palha nas embarcações chamadas *Igarité*. || Dão o mesmo nome ao chapéu de palha de abas largas, para resguardar do sol e da chuva. || *Etym.* E' voc. do dialecto tupi do Amazonas (Seixas, *Dicc. Port. Braz.*).

Panacú, *s. m. (provs. do N.)* especie de condeça oblonga, de fundo oval, com a competente tampa, para arrecadar roupa; e tambem o empregam como berço de crianças. || No Pará dão o mesmo nome a um cesto de talas em uso nas roças (J. Verissimo). || E' voc. tupi. Montoya o menciona com a significação de canastra comprida.

Panásio, *s. m. (Pern.)* pranchada, pancada dada com a espada de prancha.

Pancas, *s. f. plur.* Dar *pancas* é distinguir-se, brilhar em qualquer acto, fazer proezas; e não só se diz assim dos actos louvaveis, como tambem d'aquelles que tem a moral repelle. O saltador que tem assolado a região, sem que a policia o tenha podido impedir, tem dado *pancas*. || Em Portugal, ver-se ou andar em *pancas* é ver-se em dificuldade, andar aos tramboihões (Aulete).

Pandórga, *s. f. (R. Gr. do S.)* papagaio de papel com que se divertem os rapazes, e a que os Francezes chamam *Cerf-volant*, e os Hespanhões *Comêta*. || *Etym.* E' termo oriundo de um provincialismo hespanhol. || Em portuguez, *Pandorga*, tem a significação de musica descompassada e ruidosa, charivari; e ainda mais a de mulher gorda e barriguda (Aulete), e nesta ultima accepção é tambem popular nas provs. do N. do Brazil.

Paneiro, *s. m. (Pern.)* o mesmo que *Tipiti*. || *Etym.* E' voc. portuguez com a significação de cesto, e neste sentido é usado no Pará: Um *paneiro* de farinha (B. de Jary).

Panella, *s. f.* nome que dão a cada um dos compartimentos subterraneos de que se compõe um formigueiro de saúba, e onde se acham as respectivas larvas. Ao conjunto dessas *Panellas*, ligadas entre si por meio de galerias, chama-se *Cidade*. || *Etym.* Deve o nome de *Panella* á forma aproximada do vaso de barro deste nome.

Panêma, *adj. m. e f. (Pará)* infeliz, desditoso. Applica-se particularmente áquelle que, tendo ido á caça ou á pesca, nada colheu. || Tambem significa mollangueirão, indolente (B. de Jary). || No Ceará se traduz por poltrão, podre, sem espirito (Araripe Junior). || *Etym.* E' vocabulo tupi e guarani e synonymo de *Manêma*.

Pangaré, *adj. m. e f. (R. Gr. do S.)* diz-se do cavallo mais claro que o douradillo (Coruja). || *s. m. (S. Paulo)* cavallo estragado, sem mais prestimo algum: Mandaram-lhe para o regresso um *Pangaré* que lhe deu que fazer. (B. Homem de Mello).

Pango, *s. m.* nome angolense do canhamo (*Cannabis sativa*). Usam os

Africanos das folhas desta planta à guisa do tabaco de fumo, para cachimbarem; mas, sendo esse uso pernicioso à saúde, é prohibido, pelas posturas municipaes da cidade do Rio de Janeiro, a venda desse producto no mercado. Em lingua bunda tambem lhe chamam *Liamba e Riamba*.

Pantim, *s. m.* (*Par. do N.*) boato, ou noticia que pôde incutir temor. || Fazer *pantim*: ser novidadeiro (Santiago).

Papagaio, *s. m.* (*Rio de Jan.*) nome que dão, nas secretarias de estado e outras repartições, a uma tira de papel contendo uma ordem, uma recomendação ou uma pergunta dirigida a algum empregado do estabelecimento, o qual a devolve com a sua resposta.

Papa-mel, *s. m.* o mesmo que *Irara*.

Papocar, *v. tr. e intr.* (*Ceará*) o mesmo que *pipocar*.

Papôco, *s. m.* (*Ceará*) o mesmo que *pipôco*.

Papúco, *s. m.* (*Bahia*) o mesmo que *Batuêra*.

Paqueiro, *s. e adj. m.* diz-se do cão adestrado na caçada da paca.

Paquete, *s. m.* (*de Alagôas até o Ceará*) jangada com tolda, especialmente destinada ao transporte de passageiros.

Paraense, *s. m. e f.* natural da provincia do Pará. || *adj.* que é relativo ao Pará: A industria *paraense* consiste principalmente na extracção da gomma elastica e outros productos vegetaes.

Parahybano, *a, s.* natural da prov. da Parahyba do Norte: Dizia o general Labatut que os *Parahybanos* eram os melhores soldados de infantaria que elle conhecêra. || *adj.*, que é relativo à Parahyba do Norte: A industria *parahybana* consiste na cultura da canna de assucar, e na criação de gados.

Paranaense, *s. m. e f.* natural da prov. do Paraná. || *adj.* relativo à mesma provincia.

Paranamirim, *s. m.* (*valle do Amaz.*) rio pequeno; braço de rio; porção estreita de um grande rio formada e apertada entre ilhas durante o

curso; furo que communica entre si dous rios, ou as aguas de um mesmo rio, no meio do qual se atravessam ilhas. || *Etym.* Do tupi *Paraná*, rio, e *mirim*, pequeno. Começa a agglutinar-se em *parani* = *paranan* (J. Verissimo).

Parati (1^o), *s. m.* nome vulgar de uma especie de peixe menor, porém mui semelhante à nossa tainha (*Mugil brasiliensis*). Não tenho podido saber se o *Parati* é apenas o filhote da tainha ou se é especie distincta do mesmo genero. O que é certo é que os Tupinambás chamavam *Parati* ao peixe a que hoje chamamos tainha (*Dicc. Por-Braz.*, G. Soares). Actualmente só damos o nome de *Parati*, ao peixinho semelhante ou congenere da tainha. J. de Lery tambem falla do *Parati*, como especie de Mugem.

Parati (2^o), *s. m.* aguardente de canna de primorosa qualidade, fabricada no municipio deste nome.

Parelheiro, *s. m. e adj.* (*R. Gr. do S.*) diz-se do cavallo acostumado a correr parelhas, e para isso ensinado (Coruja).

Parí, *s. m.* nome de certa armadilha que fazem nos riachos, para apanhar peixe. Consiste em uma cerca transversal à corrente do riacho, com uma abertura no meio, à qual se adapta do lado inferior um extenso cesto. O peixe impellido pela correnteza da agua, precipita-se por essa abertura e fica em secco no cesto. Fazem-se pescarias immensas por esse modo, tendo porém o inconveniente de apanhar, com o peixe grande que se utiliza, grande quantidade do pequeno, de que ninguém se aproveita. || No Pará, é o *Parí* uma esteira feita de marajá, com a qual se intercepta o riacho, atando-a em varas cravadas a que chamam *Paritá* (Baena). || *Etym.* E' voc. tupi e guarani. Montoya o define *zarzo en que cae el pescado*.

Paricá, *s. m.* (*Pará*) arvore do genero *Mimosa* (*M. acacioides*, Bth.), da familia das Leguminosas, e de cuja fructa torrada e triturada usam os selvagens à guisa de tabaco em pó.

Pariparóba, *s. f.* (*Rio de Jan.*) o mesmo que *Capêba*.

Paritá, *s. m.* (*Pará*) nome que dão ás varas a que se atam as extremidades do *Parí*. || *Etym.* E' voc. do dialecto tupi do Amazonas.

Parnahiba, *s. f.* (*Bahia*) especie de terçado com cabo de madeira, de que se usa nos açougues para retalhar a carne. || *Etym.* Como denominação de diversos rios do Brazil, é o voc. *Parnahiba* de origem tupi; mas como instrumento cortante, não lhe posso descobrir a etymologia.

Partido, *s. m.* certa extensão de terreno plantado de canna de assucar. Nas terras de um engenho, pôdem-se cultivar diversos *partidos*, segundo as forças do proprietario, e serem uns maiores que os outros (Soriano, Saldanha da Gama).

Passageiro, *s. m.* (*provs. merid.*) nome que dão ao encarregado de dar passagem, em canoa ou balsa, aos que têm de atravessar um rio. Equivale ao termo portuguez *passador*. Entretanto no Brazil o termo *passageiro* tem tambem a geral significação que lhe dão em Portugal, quando se refere aos que seguem em viagem a bordo de uma embarcação, ou transitam pelas estradas.

Passagem, *s. f.* local por onde os viandantes atravessam ordinariamente um rio, quer a vau, quer embarcado: Cada *Passagem* tem sua denominação particular que a distingue das outras: Na *Passagem* do Juazeiro é o rio de S. Francisco mui largo. || No Rio-Grande do Sul dão a isso o nome de *Passo*.

Passarinhar, *v. intr.* espantrar-se o cavallo. || No sentido de andar á caça de passaros, é verbo portuguez, mui usado no Brazil.

Passarinheiro, *alj.* espantadiço; diz-se do cavallo que, montado e em viagem, se espanta de qualquer cousa (Coruja). || Moraes, mencionando este vocabulo, cita a auctoridade de Antonio Pereira Rego na sua obra *Instrucção de cavallaria e Simula de Alveitaria*, impressa em Coimbra em 1673. A vista disto, era natural suppor-o de uso portuguez; Aulete, porém, o considera exclusivamente brasileiro, o que me faz pensar que cahiu em desuso

em Portugal. Valdez, no seu artigo *Pajarero*, além do sentido em que o empregam na Hespanha, o indica como termo da America meridional significando *fogoso*, em relação ao cavallo forte e brioso; e diz tambem que no Mexico o applicam ao cavallo espan-tadiço, o que está de accôrdo com a accepção em que o empregamos no Brazil.

Passo, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) o mesmo que *Passagem*.

Passôca, *s. f.* especie de comida feita de carne, que, depois de assada, é pisada de mistura com a farinha de mandioca ou de milho, constituindo assim um alimento mui usual e precioso para o viajante que caminha por logares ermos, por isso que dura em bom estado durante quarenta e mais dias e della pôde servir-se ou fria como está ou aquecida. O fallecido Marquez do Herval considerava a *passôca* como um grande recurso para um exercito em marcha. || No Pará dão o nome de *passôca* a um alimento feito de castanha do Maranhão torrada e pisada com farinha de mandioca e assucar. || *Etym.* E' voc. de origem tupi e guarani.

Pastôr, *s. m.* garanhão de uma manada de eguas ou burras. O mesmo nome se applica ao touro em relação ás vaccas mansas (Coruja). || Em algumas provincias do Norte, dão ao garanhão o nome de *Alotadôr*.

Patáca, *s. f.* quantia de dinheiro igual a 320 réis. D'antes havia a pataca de prata, a qual, porém, desapareceu da circulação. || Em Matto-Grosso ha a *pataca-aberta* = 300 réis, e a *pataca-fechada* = 320 réis.

Patacão, *s. m.* moeda de prata do valor intrinseco de 960 réis, e hoje recunhada com o de 2\$000.

Pataúá, *s. m.* (*Pará*) palmeira do genero *Cenocarpus* (*C. Bataúá*). || Em Matto-Grosso chamam-lhe *Bataúá*.

Patetear, *v. intr.* (*provs. merid.*) ficar como pateta, sem saber deliberar em occasião opportuna, quando aliás toda a actividade é necessaria, como em algum perigo. Assim, pois, quando, por exemplo, um navio se mette entre recifes, dizem que o capitão *pateteou*, se, vencido pelo medo, não soube lançar

mão dos recursos mais apropriados para evitar o naufragio. || Ha em portuguez o verbo *patetar* com a significação de estar pateta; dizer ou fazer pateticos (Aulete).

Patí, *s. m.* palmeira do genero *Syagrus* (*S. Botryophora*, Mart.). || *Etym.* E' voc. tupi.

Patife, *s. e adj. m. e f.* (*S. Paulo*) pessoa debil, fraca, timida, e neste sentido nada tem de injurioso este vocabulo; todavia, no geral, o termo *patife* importa um insulto áquelle a quem é dirigido.

Patiguá, *s. m.* o mesmo que *patuá*.

Patóta, *s. f.* pronuncia brazileira do termo portuguez *batota*; e outro tanto se observa em *patoteiro* por *batoteiro*.

Patuá, *s. m.* nome commum a diversas especies de receptaculos moveis, onde se arrecadam e transportam objectos quaesquer. || Em algumas provincias do norte, é uma bolsa de couro, de que se servem os sortanejos para o transporte de favos de mel. || No Pará, é uma especie de cesto ou balaio, e dão particularmente o nome de *Patuá-balaio* a uma caixa com repartimentos para comida, louça, vidros, falheres, de que se usa nas viagens fluvias (B. de Jary). || Especie de amuleto que consiste em um saquinho de couro, contendo cabeças de cobras e outras cousas a que attribuem virtudes milagrosas, e que os credulos trazem pendurado ao pescoço, para os livrar de maleficios (Abreu e Lima). || Entre os Indios da região amazonica significa bahú, caixa (Seixas).

|| Em S. Jorge de Ilhéos, na provincia da Bahia, é uma caixa com tampa de forma elliptica feita de palha de palmeira; mas allí lhe dão o nome de *Patiguá* (Ennes de Souza). || *Etym.* *Patuá* e *Patiguá* são pronuncias diferentes do mesmo voc., pertencente á lingua tupi. No dialecto do Amazonas, se pronuncia *Patia* (Seixas). Os tupis do Brazil meridional davam á canastra o nome de *Patuguá* (*Voc. Braz.*).

Patuguá, *s. m.* o mesmo que *Patuá*.

Paturéba (1º), *s. f.* (*Rio de Jan.*) nome que dão ao bagre salgado de

Laguna. Tamt em lhe chamam *Mulato-Velho*.

Paturéba (2º), *s. e adj. m. e f.* diz-se da pessoa, sem prestimo, tola, etc.

Paturí, *s. m.* (*provs. do N.*) nome vulgar do marreco domestico (*Querquedula crecca*?). || *Etym.* Terá a sua origem no vocabulo *Pato*, ou, como me parece mais provavel, será alteração de *Potery* (*Dicc. Port. Braz.*), *Potiri* (*Voc. Braz.*) ou *Putiri* (Seixas), nomes estes que em linguagem tupi significam *Marreca*, *Adem* ou *Ganço*?

Pau-a-pique, *s. m.* (*provs. merid.*) parede construida de ripas ou varas, umas verticaes e outras horizontaes, presas entre si por meio de cipós ou pregos, e tudo isto emboçado com barro. A parede de *pau-a-pique* é o que em Portugal chamam parede de sebo ou taipa de sebo. Na Bahia e outras provincias do norte lhe chamam parede de taipa, o que é diferente da taipa usada em S. Paulo. || Em Pern. e outras provincias do norte chamam cerca de *pau-a-pique* a que é feita de paus verticalmente collocados (Meira).

Paulicéa, *s. f.* nome poetico da provincia de S. Paulo: Para a *Paulicéa* foi um ponto de honra a extincção do elemento servil.

Paulista, *s. m. e f.* natural da provincia de S. Paulo: A' intrepidez dos antigos *Paulistas* devemos nós a aquisição desses territorios, que formam hoje algumas das nossas mais vastas provincias. || *adj.*, que é relativo á provincia de S. Paulo: A industria *paulista* consiste principalmente na cultura do café.

Pauteação, *s. f.* conversação futil: Em vez de executarem o trabalho que lhes havia emcommendado, gastaram todo o tempo em *pauteação*. || Em Matto-Grosso dizem, no mesmo sentido, *mapiação*.

Pautear, *v. intr.* entreter-se por mero passa-tempo em conversação futil: A chuva me impediu de ir ao trabalho, e levei toda a manhã a *pautear* com meu compadre. || Em Matto-Grosso dizem, no mesmo sentido, *mapiar*. || Não descubro estes dous voc. em dictionario algum da lingua portugueza e

devo pensar que não pertencem a Portugal.

Paxiúba, *s. f.* (*Pará*) palmeira do genero *Iriarteia* (*I. exorrhiza*). || *Etym.* E' voc. de origem tupi.

Payauarú, *s. m.* (*Pará*) especie de bebida feita do sumo de fructas, de mistura com o beijú, e da qual usam os selvagens (Baena).

Peão, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) homem ajustado para fazer o serviço do campo, nas fazendas de criação ou estancias, denominação que se estendia aos proprios escravos exclusivamente occupados nesse mister. || Em outras provincias do Brazil, o *Peão* é o amansador de cavallos. || *Etym.* No sentido em que o empregamos, é o vocabulo *Peão*, segundo Valdez, oriundo da America meridional hespanhola. Nós o recebemos dos nossos vizinhos. Nos mais casos, tanto em castelhano como em portuguez, *Peon* e *Peão* se referem a quem anda a pé.

Pecêta, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) cavallo de mau commodo, lerdo, feio, inferior (Coruja). || *Fig.* Homem malicioso, velhaco, trataute. Neste sentido é o mesmo que *Pezeta* das outras provincias. || *Etym.* Segundo Valdez, *Pezeta*, applicado ao homem, é voc. da America Meridional. E' essa a origem do nosso *Pecêta*. || Em Portugal, *Peceta* significa *Peça pequena*.

Pecháda, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) acção de se encontrarem impetuosamente ou esbarrarem dous cavalleiros vindo de lados oppostos. || *Etym.* E' voc. americano, significando golpe ou encontrão dado no peito (Valdez).

Peconha, *s. f.* (*valle do Amaz.*) ligas de embira que mettem nos pés aquelles que querem subir ás arvores sem galhos, como palmeiras e outras. (J. Verissimo). || *Etym.* E' de origem tupi. || No dialecto amazonico, dizem *Peconha* (Seixas). Em guarani *Picôu* ou *Mbitôu* significa *trabas de los piés para subir algum arbol* (Montoya). O *Voc. Braz.* menciona *Pycôya* com a significação de *Peia que serve para trepar*.

Pé-de-moléque ^(1º), *s. m.* (*R. de Jan., S. Paulo*) especie de doce secco e achatado feito de rapadura e mendubi torrado.

Pé-de-moléque ^(2º), *s. m.* (*Pern., Alagôus*) o mesmo que *Manauê*, ou *Pamonha de mandioca puba*.

Péga, *s. m.* (*Ceará*) modo de designar o recrutamento forçado: Tem havido um péga extraordinario. Nenhum rapaz escapa do péga. || No *Pará* dizem, no mesmo sentido, *péga-péga* (*B. de Jary*). || *Etym.* Do verbo *pegar*.

Péga-fôgo, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) nome de uma das variedades desses bailes campestres, a que chamam geralmente *Fandango*.

Pegamento, *s. m.* (*Rio de Jan.*) especie de renda estreita sem recortes, a que chamam em portuguez *entre-meio*.

Péga-péga, *s. m.* (*Pará*) o mesmo que *Péga*.

Peítica, *s. f.* (*de Pern. ao Ceará*) especie de ave, cujo canto se assemelha a esse nome. || Termo familiar com que se designa a pessoa impertinente. Também chamam assim ao duende que nos persegue dia e noute (Araripe Junior). Insistencia incommoda (*S. Roméro*).

Peito-largo, *s. m.* (*Bahia*) o mesmo que *Capanga* ^(2º).

Pejerecum, *s. m.* o mesmo que *Pijerecum*.

Pelechar, *v. intr.* (*R. Gr. do S.*) mudar o animal o pêlo; e quando isto acontece, dizem que está *pelechando*. || *Etym.* Do castelhano *pelechar* (Coruja).

Pellêgo, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) pelle de carneiro, quadrada e com lã. Para gente pobre, substitue o coxnilho. O uso mais ordinario é pol-o sobre o lombo do cavallo, quando se monta em pêlo, isto é, sem arreios. Quando se diz que uma cousa tem *pellêgo*, isso corresponde á phrase portugueza *tem dente de coelho*, isto é, cousa difficil. || *Etym.* Do castelhano *pellejo*, couro, pelle de animal (Coruja).

Pêlo-a-pêlo, *loc. adv.* (*R. Gr. do S.*) viajar de *pêlo-a-pêlo* é fazer uma viagem sem mudar de animal (Coruja).

Pelóta, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) especie de vaso em fôrma de cesto, feito de um couro inteiriço de boi, e serve de barquinho na passagem dos rios, em falta de outro qualquer meio de conducção. Este barquinho é levado a

reboque por um nadador, que segura com os dentes a extremidade da corda que o prende, e desta sorte garante da agua sua roupa, armas, etc. Pôde também a *Pelôta* dar passagem a gente, e ser rebocada por um cavallo montado por um conductor. Direi, para terminar, que a *Pelôta* não é dos barquinhos o menos sujeito a sossobrar. || *Etym.* A nossa *Pelôta*, não tendo a menor analogia com as diversas cousas a que em Portugal dão aquelle nome, é natural o pensar que seja outra a sua origem. Creio que seu radical é *pelle*, e portanto, a seguir a orthographia etymologica, deveríamos escrever *Pellota*.

Penca, *s. f.* nome que dão a cada um dos grupos fructiferos, de que se compõe um cacho de bananas. Cada penca consta de duas ordens de bananas, dispostas á semelhança dos dedos da mão.

Pendenga, *s. f.* pendencia, no sentido de rixa, contenda, briga, luta, conflicto: Tiveram os dous soldados uma *pendenga*, da qual resultou serem ambos presos. Para evitar *pendengas*, accedi a tudo quanto me propoz o vizinho. Sirvamo-nos de meios suasorios, para evitar *pendengas*. || *Etym.* Talvez seja corruptela de *pendencia*.

Pendoar, *v. intr.* (*Bahia*) o mesmo que *Apendoar*.

Peneirar, *v. intr.* chuveisar brandamente, como se a agua cahisse das malhas de uma peneira fina. Não encontro este verbo, aliás mui usual no Brazil, em nenhum dos dictionarios portuguezes que tenho consultado, nem mesmo em Aulete, senão no sentido de passar pela peneira, separar o mais fino do mais grosso. Todavia, recordo-me de o ter visto algures em Moraes, com a significação que aqui lhe dou. Entretanto, Aulete menciona *peneira* com a significação de chuva miuda, comparavel ao pó que cahe de uma peneira. Neste sentido é também usado no Brazil.

Pepuíra, *s. f.* (*S. Paulo*) galinha pouco desenvolvida.

Peráu, *s. m.* differença subita, para mais, do fundo do mar, lago ou rio, proximo ás praias, de modo a formar uma cova em que ordinaria-

mente não se toma pé, e é do maior perigo para as pessoas que, não sabendo nadar, se precipitam nelle: A infeliz senhora cahiu no *Perau* e morreu afogada. || *Etym.* E' corruptela de *Apeirão*, vocabulo portuguez que cahiu em tal desuso que o não menciona dictionario algum da nossa lingua, nem mesmo o *Elucidario* de Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo. Tive a felicidade de deparar com elle no *Voc. Braz.*, com a significação tupi de *Tÿpÿ apÿababa*, cuja traducção litteral é *descida do fundo*, o que dá uma idéa bem clara deste accidente hydrographico. Tanto Moraes, como Lacerda, Aulete e outros lexicographos definem pessimamente o *Peráu*, dizendo que é uma poça profunda de agua; e ainda mais erram os dous primeiros dando ao voc. uma origem franceza.

Peréba, *s. f.* erupções cutaneas pustulosas. Em alguns logares é o designativo da sarna. || *Etym.* E' voc. tupi. Em guarani significa signal ou manchas de sarnas (*Montoya*). No dialecto amazoniense dizem *peréua* (*Seixas*) ou *meréua* (*B. de Jary*). No Rio Grande do Sul dizem *pereva*, para designar certa ferida cascuda, que ataca tanto os animaes como a gente.

Perebento, *a*, *adj.* e *s.* atacado de *perébas*.

Perendengues, *s. m. plur.* (*Pern.*, *Pará*) penduricalhos que servem de ornato ás mulheres. || Correntes de relógio, como se usava antigamente (*B. de Jary*). || E', neste caso, o que, em linguagem portugueza, se denomina *Berloques*.

Perêréca, *s. f.* pequeno batracio de côr verde, pertencente ao genero *Hyla* (?). E' provavelmente o mesmo animal de que falla Gabriel Soares com o nome tupi de *Juï-peréca*. || *Fig.*, *s. m.* e *f.* pessoa ou animal de pequena estatura, franzino, de mesquinho aspecto.

Pererocar, *v. intr.* mover-se vertiginosamente de um lado para outro, ficar desnordeado: Com o susto que tomou, o cavallo *pererocou* de tal sorte que não foi possivel montal-o. Logo que o puzeram no tanque, o peixe entrou a *pererocar* a procura de uma

sahida. As andorinhas *pererecam* em torno da casa. || Cahir e revirar (Couto de Magalhães). || Diz-se também que *perêreca* aquelle que, vencido na argumentação, continúa a articular palavras a esmo, não se querendo dar por derrotado (B. Homem de Mello). || *Etym.* Terá talvez a mesma origem que *piriricar*. || Em portuguez ha o verbo *saracotear*, de significação analogá, no habito de não parar em um lugar, andar vagando, girando inquieto (Moraes).

Peréva, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) o mesmo que *Perêba*.

Perí, *s. m.* o mesmo que *Piri*.

Periantân, *s. m.* (*Valle do Amaz.*) agglomeração de canarana, especie de graminea, que se encosta á margem dos rios, ou desce por elles, como ilha fluctuante arrastada pela correnteza. || *Etym.* De *Peri*, junco, e *antan*, duro, tesó, resistente (J. Verissimo). || Ao *Periantân* dão no Paraguay o nome de *Camalote*. No valle do Amaz. lhe chamam também *Matupá*.

Perlenga, *s. f.* disputa, controversia, rixa: Por occasião daquelle casamento, houve tal *perlenga* no seio da familia que ninguem mais se entendia. || *Etym.* Corruptela de *Perlongas*.

Perlengáda, *s. f.* grande perlenga, disputa renhida: Daquella *perlengáda* resultou a inimizade dos dous irmãos.

Perlongo, *s. m.* (*R. de Jan.*) telhado de um e outro lado da cumieira: Mandei retelhar minha casa: o *perlongo* da frente já está prompto.

Pernambucão, a, *s.* natural da provincia de Pernambuco: Os *Pernambucanos* zelam muito os interesses de sua provincia. || *Adj.*, que é relativo a Pernambuco: A imprensa *pernambucána* discutiu calorosamente as vantagens da extincção do elemento servil.

Perneira, *s. f.* (*R., Gr. do S.*) especie de bota de couro crú garroteado, de que os cavalleiros usam no campo, e que tiram inteiriço da perna do potro, pelo que também lhe chamam *botas de potro* (Coruja).

Perneiras, *s. f. plur.* (*provs. do N.*) especie de calças de couro cor-

tido, de que usa o sertanejo, quando monta a cavallo, em serviço pecuario.

Peróba, *s. f.* nome commum a diversas arvores de construcção do genero *Aspidosperma*, familia das Apocynneas. || *Etym.* E' provavelmente a contracção de *Ipé*, casca de pau, e *rôba*, amargosa.

Perrengue, *adj. m. e f.* (*R. de Jan.*) encanzinado, raivoso, emperado, birrento: Meu chefe é tão *perrengue* que a todos desgosta. || *Etym.* E' voc. castelhano (Moraes). || (*R. Gr. do S.*) frouxo, cobarde. Applica-se ao cavallo mau, e neste caso vem de *pé*, seguido do *adj. rengu* (Cesimbra).

Perú, *s. m.* (*R. de Jan.*) grande embarcação com a fórma de canôa e de bocca aberta, tendo um mastro vertical enfundado em uma bancada fixa no centro, e um grande redondo (Camara).

Pessá, *s. m.* (*Pará*) o mesmo que *Pussá*.

Petéca, *s. f.* (*S. Paulo*) especie de volante feito ordinariamente de palha de milho, e que os rapazes impellem com a palma da mão. || *Etym.* O voc. tupi *petéca* e guarani *peteg* significa pancada, golpe; e dahi vem o nome dado ao volante, pela maneira por que é elle posto em movimento. || *Fig.* Jogoete, ou alvo de mofa e zombaria: Não pensem que eu possa servir de *petéca* a quem quer que seja. Não façam de mim sua *petéca*.

Pêtêma, *s. f.* o mesmo que *Petúme*.

Petequear, *v. intr.* (*Minas-Geraes, S. Paulo*) jogar a *petéca* (Couto de Magalhães).

Petiço, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) cavallo de pernas curtas (Coruja). || *Etym.* De *Petiso*, voc. da America meridional hespanhola (Valdez). || Diferre do *Piquira*, em ser este um cavallo de pequena estatura, mas bem proporcionado.

Petúme, *s. m.* nome tupi do Tabaco (G. Soares). O *Dicc. Port. Braz.* escreve *Pytyma*, Montoya *Petyma*, Léry *Petun*; e este ultimo voc. transmittido á França pelos companheiros de Villegagnon é ainda hoje usado na Bretanha sob a fórma *Bétun*

(F. Denis), e delle se serviram os botanistas para designar o genero *Petunia*, da tribu das Nicotianeas. Enganam-se Le Maout e Decaisne, dizendo que o voc. *Petun* é de origem caraiba. No dialecto tupi do Amazonas lhe chamam *Pêtema* (Seixas).

Pétún, *s. m.* o mesmo que *Petúme*.

Petyma, *s. f.* o mesmo que *Petúme*.

Pezêta, *s. m.* o mesmo que *Pecêta*.

Piá, *s. m.* (prov. merid.) caboclinho (1º) de quatorze annos para baixo. A's caboclinhas chamam no R. Gr. do S. *Chininha*. || *Etyim.* E' termo tanto tupi como guarani; significa coração, e era o titulo amoroso dos paes para com seus filhinhos (Anchieta, Montoya). || Nessas provincias o *Piá* serve ordinariamente de criadinho.

Piába, *s. f.* nome de uma ou mais especies de peixe d'agua doce.

Piága. Nome que, por ignorancia absoluta da lingua tupi, tem sido empregado por alguns litteratos nossos, e que entretanto não é mais do que o resultado de erro typographico, como se observa em certas chronicas a respeito das cousas do Brazil. Baptista Caetano, depois de ter censurado o erro que se commettia com o uso da palavra *inubia*, que não é mais do que o estropiamento de *mimbi*, exprime-se do seguinte modo a respeito de *piága*: « No mesmo caso está o celebrado *piága*, que pecca pelo mesmo motivo, e que procurado nos escriptores antigos não se achá. O feiticeiro, o curandeiro, o medico, ás vezes com certas funcções sacerdotaes, pelo que consta tanto de escriptos ácerca do Paraguay como das chronicas dos brasis, era *paijé* (qui dicit *finem*, litteralmente). Este nome apparece escripto *paye*, *piaye* e até *piache* e de outros modos; no segundo modo de escrever *piaye*, bastou que por erro de impressão se mudasse o *y* em *g* para tornar-se *piage*, donde o *piaga*, cujos cantos tanto que fazer têm dado aos litteratos e romancistas. »

Pialadôr, *s. m.* (R. Gr. do S.) nome que dão ao *peão* que é encarregado de *pialar*.

Pialar, *v. tr.* (R. Gr. do S.) laçar um animal pelas mãos indo elle a correr, do que lhe resulta cahir. || *Fig.* Enganar. || *Etyim.* E' termo provincial americano, e sem duvida o recebemos das republicas do Rio da Prata.

Piálo, *s. m.* (R. Gr. do S.) acção de *pialar*, tiro de laço dirigido ás mãos do animal que se quer prender: *Armar o piálo* é preparar o laço para a operação; *deitar o piálo* é atirar o laço. No *piálo de cucharra*, que é o mais facil, atira-se o laço por baixo; no *piálo de sobrecostillhar*, vai o laço sobre a costella do animal, estendendo-se para diante até prender as mãos; no *piálo de sobreloombo*, que é o mais engenhoso, atira-se sobre o lombo do cavallo o laço aberto, o qual cahe a prender as mãos pelo lado opposto (Coruja). Ha ainda mais o *Piálo de reborquiáda*. Neste caso, tem o laço armadilha maior, e é arremessado pela cabeça do animal, corre-lhe pelo corpo, e quando está nas patas é que se lhe dá o *tirão* (Lima e Silva). || *Fig.* enganar: *Levar um piálo*, deixar-se enganar (Cesimbra). || *Etyim.* De *piále*, voc. da America Merid. hespanhola (Valdez).

Piân, *s. m.* nome que os Tupinambás e Guaranis davam a essa molestia a que os Portuguezes chamam *Boubas* e os Hespanhóes *Bubas*. Este voc., completamente esquecido na lingua vulgar do Brazil, nacionalizou-se em França, pelo intermedio do livro de Jean de Léry, que a descreveu minuciosamente. || Os aborigenes, tanto do Brazil, como do Paraguay, lhe chamavam indifferentemente *Piân* ou *Miân*.

Piassába, *s. f.* (*Bahia*) palmeira do genero *Attalea* (*A. funifera*, Mart.). || (*Valle do Amaz.*) palmeira do genero *Leopoldinia* (*L. Piaçaba*). || *Etyim.* Do tupi *pjassaba*, que significa teçume (*Voc. Braz.*), nome dado certamente a estas arvores por causa de suas fibras, de que se fazem cordas, amarras, vassouras e outras cousas. No Valle do Amaz. ha tambem uma palmeira do gen. *Orbignia* (*O. racemosa*) com o nome vulgar de *Piaçaba verdeira* (*Fl. Bras.*). No Piauyh dão o

nome de *Piassaba* a uma palmeira do gen. *Orbignia* (*O. Eichleri*), a que em Goyaz chamam *Pindóba* (*Fl. Bras.*).

Piauhyense, *s. m. e f.* natural da prov. do Piauí. || *Adj.* relativo à prov. do Piauí.

Picáço, *adj.* (*R. Gr. do S.*) diz-se do cavallo de cor escura com a fronte e pés brancos (Coruja). || *Etym.* Segundo Aulete, é corruptela de pigarço = picarso, significando cor grisalha, cor de sal e pimenta: Cavallo *picarso*.

Picáda, *s. m.* caminho estreito aberto em matta e sempre em linha recta, tanto quanto o permitem os accidentes do terreno, tendo por fim facilitar os trabalhos de exploração para a construcção de estradas, collocação de marcos divisorios entre propriedades diversas, e finalmente para encurtar a distancia itineraria que vai de um a outro sitio. || Moraes e Lacerda mencionam este voc. como perfeitamente portuguez; mas Aulete, no seu artigo *Picada*, não o comprehende nas suas definições com a significação que lhe damos no Brazil, o que me faz pensar que não é vulgar em Portugal.

Picádo, *s. m.* (*R. de Jan.*) o mesmo que *cacundê*.

Picadôr, *s. m.* o que trabalha na abertura de uma *picada*, segundo o rumo que lhe foi marcado. || Em linguagem portugueza, *Picador* é o que ensina e amestra cavallos e ensina equitação. Este homonymo é tambem usual no Brazil.

Picanha, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) parte posterior da região lombar do boi, onde ha accumulacão de substancia górdurosa. A *picanha* é o melhor assado de couro (Coruja). || Valdez menciona *Picaña*, como termo antiquado synonymo de *Picardia*.

Picumân, *s. m.* fuligem. Tambem dizem *Pucumân* e no Pará *Taticumân*. || Todos esses vocabulos são mui usados na linguagem popular; mas nas relações officiaes prevalece o termo portuguez *fuligem*. || *Etym.* Do tupi *Apepocumân* (*Voc. Braz.*). Os Guaranis dizem *Cumân* e *Apêcumân*; mas parece que no Paraguay cahiram em desuso, e estão hoje substituidos pelo *hollin* dos Hespanhóes.

Piguancha, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) o mesmo que *Chininha*.

Pijerecum, *s. m.* nome vulgar da *Xylopiã ethiopia*, planta africana da familia das Anonaceas, cuja fructa é empregada como condimento. || Tambem se escreve *Pejerecum*.

Pilão, *s. m.* gral de pau rijo, onde se descasca e tritura café, arroz milho, etc. || A' mão do gral chamamos *mão do pilão*. Em Portugal *Pilão* é a mão do gral.

Pilêque, *s. m.* camoêca, ligeira embriaguez: De vez em quando, meu criado toma o seu *pilêque*. || *Etym.* Não sei se esta palavra nos veiu de Portugal; o que é certo é que a não a tenho encontrado em dictionarios da lingua portugueza. E' mui usada no Brazil.

Pilóia, *s. f.* (*Ceará*) o mesmo que *manduréba*.

Pimenta-da-Costa, *s. f.* (*Bahia*) especie de fructa africana, cujas sementes são empregadas como condimento e têm o ardor da pimenta.

Pindahiba (1º), *s. f.* canção ou vara a que se prende o fio do anzol. || *Etym.* E' voc. tupi, significando litteralmente *braço do anzol*. || *Obs.* Moraes e Aulete definem mal a *pindahiba*, dizendo que é a corda que prende o anzol. A essa corda chamavam os Guaranis e Tupinambás *Pindaçama*. || Figuradamente se diz que *está na Pindahiba* aquelle que se acha em apuros de dinheiro.

Pindahiba (2º), *s. f.* arvore de construcção do genero *Xylopiã*, familia das Anonaceas, de que ha varias especies. || Em certos logares tambem lhe chamam *Pindahuba*. || *Etym.* Provém-lhe o nome da natureza de sua ramificação, que consiste em varas idoneas para servir de canção na pesca ao anzol.

Pindahuba, *s. f.* o mesmo que *Pindahiba* (2º).

Pindóba, *s. f.* palmeiras do genero *Attalea* (*A. compta* e *A. humilis*). || *Etym.* E' vocabulo tupi. || Tambem lhe chamam *Pindóva*. || No Rio de Jan. dão igualmente à *A. humilis* o nome de *Caiolê* (Glaziou).

Pindóva, *s. f.* o mesmo que *Pindóba*.

Pingaço, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) augmentativo de *Pingo* (Cesimbra).

Pingo, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) nome com que se designa um bom cavallo. Nas republicas platinas, tem a mesma significação; entretanto que no Chile, segundo Zorob. Rodriguez, é o inverso.

Pinha, *s. f.* (*Bahia, Pern.*) o mesmo que *Ata*.

Pintar a manta, *loc. pop.* fazer diabruras: Meus filhos, quando se pillham sós, *pintam a manta*.

Pipóca, *s. f.* grão de milho arrebeitado ao calor do fogo, e que se come à guisa de biscoutos. No Pará dão a isso o nome de *Póróróca* (2^o). || Milho de *Pipóca* é uma especie ou variedade desta graminea mais apropriada à feitura da *Pipóca*. Também chamam *pipócas* às pustulas cutaneas: Estou com o corpo coberto de *Pipócas*. || *Etym.* Do verbo tupi *Apoc* ou *Poc*, arrebentar, estourar, estalar.

Pipocádo, *adj. e part. pas. de pipocar*: arrebeitado, estalado. Serve para designar certas molestias de pelle, como bolhas, pustulas: Estou com o corpo todo *pipocádo*. || Couro *pipocádo* é aquelle que, sendo cortido, apresenta rachaduras (Meira).

Pipocar, *v. tr. e intr.* arrebentar, estalar: O boi conseguiu *pipocar* a corda que o prendia. Tanto esticaram a corda que afinal *pipocou*. || No Ceará também dizem *papocar* e no Pará *popocar*. Em outras provincias *espocar* e *espipocar*.

Pipóco, *s. m.* (*Pern., Par. e Rio-Gr. do N.*) estalada, contenda veemente, desordem: Foram prender os criminosos; mas elles resistiram, o que deu logar a um terrivel *pipóco*. || Homem de *pipóco*, homem valente e audaz (Meira). || Também dizem *papóco* (Ara-ripe Junior).

Piquá, *s. m.* especie de mala de panno de algodão ou linho, com abertura no meio e serve para conduzir roupa ou mantimentos em viagem. Também lhe chamam *Sapiquá*. || No Pará, o *Piquá* é um balaio, cesto ou sacco para guardar roupas e outros objectos. Por extensão, dão o mesmo nome aos cacarécos (J. Verissimo), e

outro tanto se observa em Pern. e R. Gr. do N. (Valle Cabral).

Pique, *s. m.* acção de *picar* o matto para accallar a direcção da *picada*, que se pretende abrir. || Em portuguez ha o homonymo *Pique* com diversas significações, igualmente correntes no Brazil.

Piquête, *s. m.* (*Minas-Geraes*) o mesmo que *Potreiro*.

Piquí, *s. m.* fructa de diversas especies de plantas do genero *Caryocar*, representado por arvores e arbustos. No Pará lhe chamam *Piquiá* (2^o).

Piquiá (1^o), *s. m.* nome commum a diversas especies de madeiras de construcção, e entre ellas uma do genero *Aspidosperma*.

Piquiá (2^o), *s. m.* (*Pará*) o mesmo que *Piquí*.

Piquiá (3^o), *s. m.* (*Bahia*) nome da fructa de uma arvore, cuja classificacção não me é conhecida.

Piquira (1^o), *s. m.* (*Rio de Jan.*) cavallo de raça anã, natural de Campos dos Goitacazes, e mui apropriado ao exercicio das crianças.

Piquira (2^o), *s. f.* (*Matto-Grosso*) peixe de pequena especie, que habita as aguas do Paraguay e seus afluentes.

Pira, *s. f.* (*Valle do Amaz.*) doença de pelle nos animaes, como cães e gatos (J. Verissimo). || *Etym.* E' voc. commum a todos os dialectos da lingua tupi, significando *pelle*. E' por metonymia que d'elle se servem os incolas para designar a molestia de que se trata.

Pirá, *s. m.* nome generico do peixe, em todos os dialectos da lingua tupi. Actualmente só usamos d'elle em nomes compostos, para designar certas especies ou cousas que tenham relação com o peixe: *Piraima*, peixe-preto; *Pirapucu*, peixe comprido; *Pirapitanga*, peixe vermelho; *Piraly*, rio do peixe; *Pirapóra*, saltada do peixe; *Piracêma*, sahida do peixe; *Piracui*, farinha de peixe.

Piracêma, *s. f.* (*S. Paulo, Pará*) nome que dão à estação do anno em que se manifesta a arribação do peixe fluvial em numerosos cardumes, o que proporciona abundante pesca.

|| *Etym.* E' voc. tupi composto de *Pirá*, peixe, e *acem*, sahir (J. Verissimo).

Piracuí, *s. m.* (*Pará*) nome de uma preparação de peixe, a qual consiste em reduzir-o a pó, depois de secco, e neste estado serve de alimento.

|| *Etym.* E' voc. tupi, também mencionado por Montoya em relação ao Paraguay. Compõe-se de *Pirá*, peixe, e *cui*, pó ou farinha; significando portanto farinha ou pó de peixe.

Pirahí, *s. m.* (*Minas-Geraes*) azoragüe de couro crú; o mesmo que *Bacalhau*. || *Etym.* Do radical *Pira*, significando pelle.

Pirajá, *s. m.* aguaceiro acompanhado de vento, que se manifesta frequentemente na parte da costa do Brazil comprehendida entre os Abrolhos e o cabo de Santo-Agostinho. Em geral, os aguaceiros se annunciam por nuvens densas de côr escura, que sobem rapidamente do horizonte. Na costa do Brazil, porém, o *Pirajá* é apenas precedido por uma nuvem de singela apparencia, que illude o marinheiro o mais experimentado, e torna-se por isso perigoso (*Dicc. Mar. Braz.*).

Piranga, *adj.* o mesmo que *Pitanga* (1°).

Piranha, *s. f.* nome de uma ou mais especies de peixes, notaveis pela sua voracidade, e são o terror dos nadadores. Habita os rios e lagos de algumas provincias do Brazil.

Pirão, *s. m.* especie de massa feita de farinha de mandioca cozida em panella ao lume, e serve á guisa de pão, para se comer a carne, peixe e mariscos. Também lhe chamam *Angú*. O *Pirão* d'agua é feito com agua fria, do qual mais se usa com a carne ou peixe salgados. *Pirão escaldado*, ou simplesmente *Escaldado*, é aquelle que se faz lançando-se agua ou caldo ferventes sobre a farinha contida em uma vasilha.

|| *Etym.* Metaplasmo de *Mindipirô*, nome que em tupi se dava ás papas grossas, em contraposição a *Mingau*, que significa papas ralas (Figueira). Vasconcellos escreve *Mindipirô*, e Anchieta *Mindipirô* no mesmo sentido. O *Dicc. Port. Braz.* menciona *Marapirô* como termo portuguez, e o traduz em tupi por *Motapirôn*, sem contudo lhe dar a

significação. Não sendo, porém, *Marapirô* vocabulo da lingua portugueza, parece-me antes corruptela de *Mbaspirô*, usual entre os guaranis. || Na Africa occidental é usual o termo *Pirão* (Capello e Ivens); e sem a menor duvida o houveram do Brazil.

Piraquára, *s. m. e f.* (*S. Paulo*) alcunha com que se designam os moradores das margens do Parahyba do Sul, e cuja industria consiste na pesca (B. Homem de Mello). || *Etym.* No dialecto guarani, *Piraquá* significa pelle dura e figuradamente se applica ao homem porfiado, pertinaz, obstinado, teimoso; qualidades estas que cabem perfeitamente aos que se dedicam á industria da pesca.

Piraquêra, *s. f.* (*Pará*) certo meio de pescar, que consiste em ir de noute, com fachos, arpoar o peixe que dorme á beira do rio. Esta especie de pesca é usual em outras partes do Brazil. Na Bahia lhe chamam *pesca de furraço*. || *Etym.* Do tupi *pirá*, peixe, e *her*, dormir.

Pirarucú, *s. m.* (*Valle do Amaz.*) nome vulgar do *Vastris gigas*, especie de peixe grande, de que se fazem salgas, e tem o sabor do bacalhau. || *Etym.* E' voc. tupi composto de *Pirá*, peixe, e *Urucú*, nome vulgar da *Bixa Orellana*, de cujas sementes se extrahе uma tinta vermelha.

Piratiningão, *s. m.* nome com que se designava antigamente o natural de S. Paulo, por estar esta cidade situada nos campos de Piratininga.

Pirento, *adj.* (*Valle do Amaz.*) o que soffre da *pira*, molestia que ataca a pelle dos animaes (J. Verissimo).

Pirí, *s. m.* (*Pará*) nome que dão a certos brejos em que se desenvolve a vegetação da herva *Pirí*. || No Maranhão usam deste vocabulo no plural: *Pirizes*. || *Etym.* *Pery*, como escreve o *Dicc. Port. Braz.*, ou *Piri*, como o faz Montoya, é o nome tupi de uma ou mais especies de junco, que cresce nos alagadiços, e é aproveitado para a fabricação de esteiras e outros misteres.

Piriantân, *s. m.* (*Valle do Amaz.*) V. *Periantân*.

Piriquitête, *adj.* (*Pará, Maranhão*) diz-se de qualquer homem ou

hora que, por gosto, se apresenta estido sem luxo, mas com cuidado, de modo a ser elogiado: Fulano compo-
 seu *periquitê* ao baile (B. de Jary).
 Em Pern. e outros logares dizem
quêtê (F. Tavora).

Piririca, *adj.* (*Valle do Amas.*)
 pero como a lixa: Depois da febre o
 corpo fica *piririca*. || Ligeiro estreme-
 cimento provocado pelo peixe nadando
 abaixo, na superficie das aguas.
Etym. Do tupi *piriri*, tremer, estre-
 meter, tiritar (J. Verissimo). Seixas
 menciona *Piri*, *v. tr.*, com a significação
 arrepiar.

Piriricar, *v. intr.* (*Valle do Amas.*)
 causar um ligeiro estremeci-
 mento na agua. Este verbo é quasi
 geralmente usado no gerundio: Está
piriricando (J. Verissimo). || *Etym.* Tal-
 vez tenha a mesma origem que *perer-
 car*, de que usam nas provs. mello-
 naes.

Pirizes, *s. m. plur.* (*Maranhão*)
 mesmo que *piri*.

Piróca, *adj.* (*Valle do Amas.*)
 calvo, careca: Cabeça *piróca*, calva.
Etym. E' voc. tupi.

Pirocar, *v. tr.* (*Valle do Amas.*)
 soltar, descascar: Tratemos de *pirocar*
 a casca, e depois passaremos a *pirocar* as
 pedras. || *Etym.* E' a forma vulgar do
 verbo tupi *piróca* (B. de Jary).

Pirralho, *s. m.* criança, crian-
 ça: Aquelle *pirralho* já pensa em se
 casar. || Também dão o nome de *pir-
 ralho* a um homem de pequena estatura.

Etym. Este vocabulo será talvez de
 origem portugueza, mas não o men-
 ciona dictionario algum da nossa lingua.

Pirurúca, *s. f.* o mesmo que
pirurica (4°).

Pissandó, *s. m.* (*Bahia*) palmei-
 ro do genero *Diplothemium* (*D. cam-
 tris*, Mart.).

Pitáda, *s. f.* dose de rapé ou de
 outro qualquer tabaco em pó, que se
 toma entre as cabeças dos dous dedos
 indicador e indicador para o levar ao
 nariz, e que por isso também chamam
pitigada. || *Fig.* Dose minima de qual-
 quer materia pulverulenta. || *Etym.*
 tem a mesma origem tupi e guarani
 do verbo *pitár*; e está perfeitamente
 naturalizado na lingua portugueza.

Pitanga (1°), *adj. voc.* tupi e
 guarani, significando vermelho. Só
 usamos delle em palavras compostas:
Pirã-pitanga, *Acarã-pitanga*. E' syn. de
Piranga; e deste usamos nas mesmas
 condições: *Y-piranga*, rio vermelho,
Cui-piranga, areia vermelha, etc.

Pitanga (2°), *s. f.* fructa da Pi-
 tangueira, planta de varias especies e
 dimensões, pertencentes ao genero *Ste-
 nocalyx*, da familia das *Myrtaceas*.
 || *Etym.* E' contracção de *Ybãpitanga*,
 vocabulo tupi significando fructa ver-
 melha.

Pitanga (3°), *s. m. e f.* voc. tupi
 e guarani significando menino. Usamos
 delle quando temos de desenganar a
 pessoa que nos pede algum favor: Nem
 que chores *pitanga*, não te posso servir.
 Mas o que quer dizer *chorar pitanga*?
 E' facil explical-o, attendendo a que,
 nesta phrase, está *pitanga* no vocativo,
 com a sua antiga e primitiva signi-
 ficação de *menino*; e portanto o sen-
 tido syntactico desta oração é o se-
 guinte: Nem que chores, *pitanga*, isto é,
 nem que chores, menino, não alcan-
 çarás o que pedes. Esta sentença, que
 se applica particularmente ás crianças
 teimosas, que choram para obter qual-
 quer cousa, estende-se a pessoas de
 qualquer idade, que nos aborrecem com
 suas lamurias.

Pitar, *v. intr.* cachimbar, fumar
 charutos e cigarros. || *Etym.* Do verbo
 tupi *pitér* e do guarani *pitê*, signifi-
 cando chupar, sorver. || E' também
 usual em Bolivia, Chile, Republica-Argen-
 tina e Estado-Oriental do Uruguay.

Pitimboia, *s. f.* (*Alagôas*) nome
 de certo apparelho mui simples para
 auxiliar a pesca dos camarões, por meio
 do *Jererê*. Consiste em um môlho de
 folhagens que o pescador lança na
 agua, tendo-o preso por uma corda. Os
 camarões mettem-se por entre a folha-
 gem e ahi ficam enredados de tal sorte
 que permitem ao pescador suspender
 esse môlho, envolvendo-o no *Jererê*.
 E' um modo facilimo de realizar em
 pouco tempo uma ampla colheita desses
 crustaceos. || *Etym.* Do tupi *Pitibôina*
 (*Voc. Bras.*) ou *Pytybonçara* (*Dicc.*
Port. Bras.) com a significação de aju-
 dador, auxiliador.

Pitinga, *adj.* (*Valle do Amaz.*) o mesmo que *tinga*.

Pititinga, *s. f.* (*Bahia*) especie de peixe miudinho, semelhante ou talvez identico à *manjuba* do Rio de Janeiro e Pernambuco.

Pitiú, *s. m.* o mesmo que *Pitium*.

Pitium, *s. m.* fartum, cheiro desagradavel de qualquer cousa: Não ha nada tão repugnante como o *pitium* da sardinha. || No Pará, o *pitium* designa especialmente o mau cheiro do peixe crú (B. de Jary, J. Verissimo); e, no littoral do Rio de Jan., o do peixe podre (Macedo Soares). || Tambem dizem *pitiú* no Pará e no Maranhão, e *pitium* no Rio de Janeiro (V. de Souza Fontes) e em Alagôas (B. de Maceió). || *Etym.* E' voc. de origem tupi, applicado ao cheiro do peixe crú. O do peixe assado é *pixé*.

Pító, *s. m.* (*Goyaz, Matto-Grosso*) cachimbo. || Acção de cachimbar, e, em geral, de fumar: O *pito* do opio é usual entre os Chins. O *pito* do pango é prohibido pelas posturas municipaes do Rio de Jan. || *Etym.* A mesma que a de *pitir*.

Pitomba, *s. f.* fructa da Pitombeira, arvore do genero *Sapindus* (*S. edulis*, Saint-Hilaire), da familia das Sapindaceas.

Pitombo, *s. m.* (*Bahia*) fructa do Pitombeiro, arvore do genero *Eugenia*, da familia das Myrtaceas. Em Pern. lhe chamam *Ubaia*.

Pitúba, *adj.* (*Pern.*) qualificativo da pessoa fraca, cobarde, preguiçosa. || *Etym.* E' voc. tupi (*Dicc. Port. Braz.*).

Pitium, *s. m.* (*Alagôas, Rio de Jan.*) o mesmo que *Pitium*.

Piúca, *s. m.* (*S. Paulo*) pau secco a ponto de esfarelar-se, o que o torna mui combustivel (S. Villalva).

Pium, *s. m.* (*Pará*) nome vulgar de uma especie de mosquito. || *Etym.* E' vocabulo tupi (*Dicc. Port. Braz.*).

Pixaim, *adj.* (*De Pern. ao Pará*) que tem carapinha, como a gente de raça africana. || *Etym.* Do tupi *Iapixaim*, crespo (*Dicc. Port. Braz.*), *pixaim*, crespina (*Voc. Braz.*). Em guarani *apixaim*, cousa enrugada (Montoya).

Pixé, *adj.* (*S. Paulo, Pará*) enfumacado: Esta comida está *pixé*. || *Etym.* E' voc. commum aos diversos

dialectos da lingua tupi, e era particularmente consagrado ao cheiro do peixe assado. || No Pará significa mau cheiro, fetido (J. Verissimo), e nesse sentido é usual no dialecto amazoniense (Seixas).

Pixirica, *s. f.* (*Rio de Jan.*) nome de um pequeno arbusto do genero *Clidonia* (*C. frutescens*), da familia das Melastomaceas. || No Pará lhe chamam *Catininga* (B. de Marajó).

Pixúna, *adj.* o mesmo que *una*.
Planchear-se, *v. pron.* (*R. Gr. do S.*) cahir o cavallo de lado com o cavalleiro (Coruja).

Pó, *s. m.* especie de esturrinho, a que tambem chamam *amostrinha*, *cacutigella*, etc.

Pocêma, *s. f.* (*R. Gr. do N.*) brados de alegria em honra de pessoas a quem se quer obsequiar: Por occasião de sua chegada, o povo, reunido na praça, ergueu-lhe *pocêmas*, em homenagem aos bons serviços que o coronel acabava de prestar. || *Etym.* E' voc. de origem tupi.

Polvadeira, *s. f.* (*R. Gr. do S. e S. Paulo*) poeirada. || *Etym.* Corruptela do castelhanho *palvareda*.

Polvilho, *s. m.* (*Rio de Jan. e outras provs.*) o mesmo que *Tapioca*.

Pombear, *v. intr.* exercer a profissão de pombeiro, como atravessador. || *v. tr.* espreitar, espionar, ir no encalço de alguém, para lhe conhecer os intentos. || Moraes escreve *pombeirar*.

Pombeiro, *s. m.* nome que, na Africa portugueza, davam d'antes a qualquer agente encarregado de explorar os sertões, no intuito de effectuar a compra de escravos, mediante trapos, ferramenta e bugiarias que levavam comsigo. Essas empresas eram sempre confiadas a homens ladinos, de cuja sagacidade havia tudo a esperar (*Arte de furta*). Com sua odiosa significação, este voc. passou da Africa para o Brazil, no tempo em que eram tambem condemnados ao captiveiro nossos infelizes aborigenes. || *Etym.* Deriva-se do radical *pombe*, voc. da lingua bmda significando *mensageiro* (Cannecatim).

|| Actualmente, tanto na Africa como no Brazil, são outros os encargos do

Pombeiro. Allí dão esse nome aos che-
do grupo de carregadores, com a
gação de vigiar a sua gente e reser-
ver por ella ante o chefe da comi-
; come e dorme com ella, e é enfim
do d'esquadra da caravana (Serpa-
). No Brazil são varias as funcções
Pombeiro. Em algumas das nossas
provincias septentrionaes, Pern., Par. e
Gr. do N., o **Pombeiro** é verdadei-
mente um espião. Quando se trata,
exemplo, de prender um criminoso
e occulto, a policia bota-lhe **pom-**
que lhe vão no encaço (Meira).
Rio-Gr. do S., por um desses meta-
mos mui frequentes, em que as
P e B se substituem mutua-
te, o vocabulo **Pombeiro** se trans-
em **Bombeiro**, sem quebra da
licação de espião. No Rio de Jan.
Pombeiro é o atravessador dos ge-
alimenticios, productos da pe-
cultura: aves, ovos, fructas,
ligas, peixe, etc. No littoral de
ambuco e de outras provincias do
é elle especialmente o monopó-
pescado, para o que vai á praia
rar a occasião em quo regressam
gadas, que se empregam nessa in-
compra-lhes o peixe, e o vende
alho.

Ponchada, s. f. (Rio-Gr. do S.)
a porção de qualquer cousa, que
ta encher um poncho: Uma **pon-**
de dinheiro (Coruja).

Poncho, s. m. (provs. merid.)
de capa de panno de lã, de
mais ou menos quadrada, com
abertura no meio, por onde se
a cabeça. Como vestidura ex-
para resguardar da chuva ou do
é muito mais commoda que o
mórmente para quem anda a
o. || *Etym.* Do araucano **Pontho**?
Rodríguez).

Ponga, s. f. (provs. do N.) es-
de jogo, o qual consiste em um
platero de madeira, cartão ou
no qual se traçam duas diago-
duas perpendiculares, que se
em um centro commum. São
jogadores e cada um se serve
tentos que se distinguem, pela
pela fôrma, dos do adversario.
que primeiro consegue pôr em

linha recta os seus tres tentos ganha a
partida. E' um jogo muito do gosto
dos meninos.

Ponta, s. f. (R. Gr. do S.) pe-
quena porção de quaesquer objectos:
Uma **ponta** de gado. Uma **ponta** de pa-
tacões. || Quanto ao gado, se a porção
é grande, toma o nome de **tropa**.

Pontoço, s. m. (R. Gr. do S.)
pontoada, golpe dado com a ponta de
qualquer arma ou instrumento, e do
qual resulte apenas contusão. Se o
golpe produz ferida, dizem que o pacien-
te ficou **lastimado** (Per. de Carvalho).

Pontas, s. f. plur. (R. Gr. do S.)
extremidades superiores de um rio: As
pontas do Guassupy. As **pontas** do Ar-
roio-Grande. Passei as **pontas** do Guas-
supy, proximo ás nascentes. O general
Canabarro tomou posição nas **pontas**
do Nhanduhy (B. Homem de Mello).

Popocar, v. tr. e intr. (Pará) o
mesmo que **pipocar**.

Poquéca, s. f. (Pará) o mesmo
que **Moquéca**.

Poracá, s. m. (Rio de Jan.) espe-
cie de cesto grande, com destino á
pescaria. || *Etym?* Cumpre fazer ob-
servar que este voc. faz recordar o
Pacará do Pará e Goyaz, que é tambem
uma especie de cesto.

Porandúba, s. f. vocabulo
tupi significando historia, noticia, re-
lação, etc. Fr. Francisco dos Prazeres,
escrevendo uma obra historica sobre o
Maranhão, lhe deu o titulo de **Poran-**
dúba Maranhense. Os Tupinambás di-
ziam indifferentemente **Porandúba** ou
Morandúba, e os Guaranis **Porandú** ou
Morandú. No Maranhão é usual o
termo corrupto **Marandúba**.

Poraquê, s. m. (Pará) nome
vulgar do *Gymnotus electricus*, peixe
d'agua doce, cujo contacto entorpece,
como acontece com o da Tremelga ou
Torpedo. || *Etym.* Pertence, sem du-
vida, ao dialecto tupi do Amazonas,
mas, não lhe conheço a significação
grammatical.

Porcellana, s. f. (Bahia) ti-
gela. || No Minho tem este voc. a
mesma significação (J. L. de Vascon-
cellos). Moraes lhe dá a significação de
almofia ou vaso de porcellana seme-
lhante a uma grande tigela.

Porco-espinho, *s. m.* V. *Quandú*.

Porongo, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) nome vulgar de certa Cucurbitacea de pequena especie, de que se fazem as cuias para mate. || *Etym.* No Chile e no Perú chamam *Porongo* a um cantaro de barro de gargalo comprido, nome derivado do quiehua *Purunca*. E' essa sem duvida a origem do nosso vocabulo.

Póróróca (1º), *s. f.* macaréu, phenomeno que se observa em alguns rios do Pará e Maranhão. || *Etym.* E' voc. de origem tupi no sentido de arrebrantar, estourar. Em guarani, *pororog* significa estrondo, ruido de cousa que arrebranta (Montoya).

Póróróca (2º), *s. f.* (*Pará*) o mesmo que *Pipóca*.

Póróróca (3º), *s. f.* (*Paraná*) arvore de construcção do genero *Clusia* (*C. volubilis*), da familia das Clusiaceas (Rebouças), a que tambem chamam vulgarmente *Capóróróca*, e cujas folhas, lançadas ao fogo, produzem uma crepitação semelhante á das bichas da China (Monteiro Tourinho).

Pororom, *s. m. e adj.* (*provs. do N.*) fructa acanhada, mal desenvolvida, de má qualidade: Melancia *pororom*. Equivale a *Tambuêra* (F. Tavora).

Possá, *s. m.* (*Pará*) o mesmo que *Pussá*.

Possanga, *s. f.* (*Valle do Amaz.*) remedio, mészinha, medicamento caseiro (J. Verissimo). || *Etym.* E' voc. tupi. || Seixas escreve *possanga*; e o *Dicc. Port. Braz.* *poçanga*. Em guarani *mohanga*, *pohanga* (Montoya).

Possóca, *s. f.* (*Bahia*) o mesmo que *Marontiva*.

Possúca, *s. m. e f.* (*R. Gr. do S.*) o mesmo que *Filante*.

Posteiro, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) homem que guarda o *Posto* de uma fazenda (Coruja).

Pôsto, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) casa situada nos fundos de uma fazenda ou estancia, e onde moram homens para vigial-a. Uma estancia pôde ter mais de um *Pôsto*. E' o que chamam *Retiro* em Matto-Grosso e Minas-Geraes.

Potába, *s. f.* (*Pern.*) dadiva, presente, dote, legado: O padrinho legou-lhe uma boa *potába*. || *Etym.* E' voc. tupi.

Potirom, *s. m.* (*Pará*) o mesmo que *Muxirom*.

Potranco, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) potro de um a tres annos de idade. Se é femea chamam-lhe *Potranca* (Coruja).

Potreiro, *s. m.* (*provs. marit.*) campo cercado com pasto e aguado destinado a animaes cavallares e mulas. Em Minas-Geraes dão tambem a esse o nome de *Piquete*.

Potrilho, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) potro de menos de um anno de idade. Se é femea, chamam-lhe *Potrilha* (Coruja).

Pracista, *adj.* (*R. Gr. do S.*) o que vivendo no campo mostra alguma civilisação, por ter feito viagens ás cidades e ter nellas praticado com pessoas de educação. || *Etym.* Radical *praça* (Coruja).

Prága, *s. f.* (*Maranhão*) nome applicado aos mosquitos: A *prága*, e noute, atormenta os que viajam pelo rio Mearim.

Prájá, *s. m.* (*S. Paulo*) especie de doce feito com melaço a ferver sobre o qual se lançam e se misturam ovos batidos. || *Etym.* E' synalepha *para já*, em allusão á rapidez com que é feito.

Prancha, *s. f.* o mesmo que *Chalana*.

Preá, *s. f.* o mesmo que *Aperá*.
Prêquêtê, *adj.* (*Pern.*) o mesmo que *piriquitê*

Presépe, *s. m.* (*Bahia*) o mesmo que *Mamulengos*.

Puáva, *adj.* (*R. Gr. do S., Paraná*) o mesmo que *arud*.

Púba, *adj.* *molle*. E' voc. tupi de que nos servimos geralmente para designar a mandioca que se poz a cortar na lama ou na agua, durante alguns dias, perdendo, d'esta sorte suas qualidades venenosas. A mandioca *púba* torna-se comestivel, já assada em brazas, já convertida em bolos de quaes o *manaué* e a *pamonha*, e já feita em *carimán*, depois de secca ao sol ou ao lume. Com ella se faz tambem a especie de farinha a que

Maranhão e Pará, chamam farinha d'agua, a *ui-puba* dos Tupinambás. || No presidio do Morro de S. Paulo, ouviu o Sr. Valle Cabral applicar o voc. *piba* á pessoa que sente grande abatimento de forças: De doente e de cansado fiquei *piba*. || Em S. Paulo dizem da pessoa vestida com primor que está na *piba*. Não sei qual possa ser n'este caso a origem desta significação.

Pubar, v. tr. pôr a curtir a mandioca na lama ou na agua: Mandei *pubar* um cesto de mandioca.

Pucumân, s. m. o mesmo que *Picumân*.

Puêra, s. f. (*Pará*) o mesmo que *Ypuêra*.

Puita, s. f. (*Rio de Jan.*) especie de instrumento musical dos negros. || Em Sergipe dão-lhe o nome de *Vú* (João Ribeiro).

Punaré, adj. (*Serg.*) amarellado: Cavallo de cara branca *punaré*, significa que o animal tem a cara branca amarellada (S. Roméro).

Punga, adj. (*Minas-Geraes, R. Gr. do S.*) ruim, sem prestimo: Um homem *punga*. Um cavallo *punga* (Silva Pontes).

Pupunha, s. f. palmeira do genero *Guilielma* (*G. speciosa*) cuja fructa cozida é mui apreciada, e é cultivada em todo o valle do Amaz., e em principio de cultura no Rio de Janeiro.

Puracé, s. m. (*Valle do Amaz.*) especie de baile em que folgam os Indios, depois da festa que celebram, por occasião da admissão dos mancebos ás filas dos guerreiros, festa que consiste em se acoutarem alternadamente com duros azorragues, por espaço de oito dias, durante os quaes as mulheres preparam os licores e comidas (L. Amazonas). || *Etym.* E' voc. de origem tupi. No dialecto amazoniense *puracai* significa dança.

Pururúca (1º), adj. friavel, quebradiço, facil de esmigalhar-se ou de ser reduzido a pó: Milho *pururúca* é aquelle cujo grão se tritura com pouco esforço. Côco *pururúca* é aquelle cuja amendoa tem adquirido bastante consistencia para ser ralado, antes do que lhe chamam *côco de colhêr*. ||

Etym. Parece ser uma differença prosodica de *pôrórôca*.

Pururúca (2º), s. f. (*Minas Geraes*) o mesmo que *Canjica* (4º).

Pururúca (3º), s. f. (*Matto-Grosso, S. Paulo*) nome de uma especie de arvore de construcção. || Será talvez a mesma que no Paraná chamam *Pôrórôca* ou *Capôrórôca*.

Pussá (1º), s. m. como instrumento de pescar camarões, é o mesmo que *Jêrêrê*. Na Bahia ouvi dar o nome de *Pussá* a um pequeno *Jêrêrê* destinado á pesca do siri. || *Etym.* E' o nome tupi da rêde de pescaria. || No Pará lhe chamam *Possá*. Baena escreve *Pessá*. || Em S. Paulo, o *Pussá* é uma renda larga que serve de guarnição a certas roupas. No Rio de Jan., a renda de *Pussá* é a de malhas largas.

Pussá (2º), s. m. (*Piauhy, Ceará*) fructa do *Pussazeiro*, planta do genero *Mouriria* (*M. Puçá*), da familia das Melastomaceas.

Putirão, s. m. (*S. Paulo*) o mesmo que *Muxirom*.

Putirom, s. m. (*Pará*) o mesmo que *Muxirom*.

Putirom, s. m. (*Pará*) o mesmo que *Muxirom*.

Puxá, s. m. (*Sergipe*) o mesmo que *Pucádo* (2º).

Puxádo (1º), s. m. nome que dão ao accrescimento de uma casa para o lado do quintal, e onde ordinariamente se estabelece a cozinha, dormitorio para criados, etc.

Puxádo (2º), s. m. (*provs. do N.*) asthma. || Em Serg. dizem tambem *Puáá* (João Ribeiro); e no Maranhão *Pucamento* (E. de Souza).

Puxamento, s. m. (*Maranhão*) o mesmo que *Puáádo* (2º).

Púxa-púxa, s. f. melaço grosso a ponto de ficar em pasta, e poder ser manipulado como a alfeloa, em cuja operação alveja, ainda que seja de côr escura.

Puxeira, s. f. (*Bahia*) defluxo (E. de Souza).

Puxirão, s. m. (*R. Gr. do S.*) o mesmo que *Muxirom*.

Puxirom, s. m. (*Paraná, S. Paulo, Pará*) o mesmo que *Muxirom*.

Pytÿma, s. f. o mesmo que *Petume*.

Quádra, s. f. (R. Gr. do S.) extensão de 132 metros. A distancia das corridas se mede por quadras. Diz-se : cavallo de duas *quadras*, de quatro, etc. conforme o numero d'ellas em que elle pôde ganhar, ou que está acostumado a correr com vantagem (Coruja).

Quadrilha, s. f. (R. Gr. do S.) porção de cavallos mansos e amadrinhados de diferentes pêlos. Sendo de um só pêlo se chama *tropilha*; e se não são amadrinhados se chama simplesmente *cavahada* (Coruja). || Em todas as mais acepções, é o voc. *Quadrilha* usual tanto em Portugal como no Brazil.

Quandú, s. m. pequeno mamífero de genero *Hystrix* (*H. prehensilis*), da ordem dos Roedores, e cujo corpo é coberto de espinhos de envolta com o pêlo. || *Etym.* E' voc. tupi. || Tambem lhe chamam erroneamente *Porco-espinho* e *Ouriço-cacheiro*, nomes estes de outros animaes do Antigo Continente. Quanto á orthographia, tem-se escripto tambem *Coandú* e *Cuandú*.

Quarta, s. f. (R. Gr. do S.) nos carros puxados por mais de duas juntas de bois, chamam-se bois da *quarta* os que vão entre os da ponta e os do couce. Quando são mais de uma *quarta*, a junta que vai perto da ponta se chama *quarta* da ponta, e a que vai immediata á do couce se chama *quarta* do couce (Coruja).

Quartinha, s. f. especie de bilha de barro para conter e refrescar a agua. || *Etym.* Diminutivo de quarta, que é em Portugal um vaso analogo.

Quarto, s. m. (*Matto Grosso*) quantia igual a 300 rs., a que tambem chamam *pataca-aberta*. || *Etym.* Provém de ser a quarta parte de 1\$200 rs., que era antigamente o preço da oitava de ouro.

Quatá, s. m. (*Pará*) especie de quadrumano do genero *Ateles* (*A. paniscus*). || *Etym.* E' voc. tupi.

Quatí, s. m. nome commum a duas especies de mamíferos carniceiros do genero *Nasua*. Ha o *Quati-*

mundê (*N. solitaria*) e o *Quati de bando* (*N. socialis*). || *Etym.* E' voc. tupi.

Quati-ahipe, s. m. (*S. Paulo, Paraná*) o mesmo que *Caxinguelê*.

Quati-mirim, s. m. (*Pern.*) o mesmo que *Caxinguelê*.

Quati-purú, s. m. (*Pará, Maranhão*) o mesmo que *Caxinguelê*.

Québra, adj. e s. m. (R. Gr. do S.) mau, de má condição; e se applica tanto ao cavallo como ao homem: Meu cavallo é um *québra* insupportavel. Fulano é um *québra*. || *Québra* abarbarado, valentão, malvado.

Quebra-bunda, s. m. epizootia que ataca os cavallos nas regiões paludosas e que os inutilisa para sempre. Consiste em ficarem descadeirados. || No Maranhão, dão tambem a esta molestia o nome de *Mal d'escancha*.

Quêcê, s. m. (*Pern., Par. do N., R. Gr. do N.*) o mesmo que *Caxirenque*.

Queijadilha, s. f. (*provs. do N.*) o mesmo que *Luminaria*.

Queimado (1º), s. m. (*Bahia*) o mesmo que *Bala*.

Queimado, a (2º), adj. zangado, um tanto encolerizado (*Aulete*). Estou *queimado* com meu vizinho, por deixar que seus animaes devastem minhas plantações.

Quenga (1º), s. f. (*sertão da Bahia*) guisado de gallinha com quiabos.

Quenga (2º), s. f. (*Pern. e outras provs. do N.*) endocarpo de Côco da India (*Cocos nucifera*), o qual cortado pelo meio produz dous vasos, cada um dos quaes conserva o mesmo nome de *Quenga*, e presta o mesmo serviço que a cuia. || *Aulete* a define mal, dizendo que é uma especie de gamella

Quengo, s. m. (*Pern., Par. do N., R. Gr. do N.*) especie de vaso com cabo, feito da metade do endocarpo do côco (*Cocos nucifera*), e serve para tirar caldo da panella.

Querencia, s. f. (R. Gr. do S.) paragem onde o animal assiste ou foi criado e lhe toma affeição, tanto que nunca d'ella se affasta, ou a ella volta instinctivamente se d'alli o haviam retirado. || *Etym.* E' voc. castelhana. Entretanto, ha em portuguez *Querença*, com a mesma significação.

Querendão, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) namorador, amante (Cesimbra).

Quêrêquêxê, *s. m.* (*Serg.*) o mesmo que *Cansá*.

Quêro-mãna, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) uma das variedades desses bailes campestres, a que chamam geralmente *Fandango* (Cesimbra).

Quiábo, *s. m.* fructa do Quiabeiro, planta hortense do genero *Hibiscus* (*H. esculentus*), da familia das Malvaceas, de que ha diversas variedades. || *Etym.* Sendo este producto de origem africana, é provavel que seu nome tenha tambem vindo de alguma região d'aquelle continente. || Tambem lhe chamam *Quin-gombô*, nome que tem sua origem na lingua bunda.

Quiba, *adj.* (*Serg.*) diz-se do animal corpulento e forte: Um cavallo *quiba*. Um touro *quiba* (S. Roméro).

Quibáca, *s. f.* (*Alagôas*) o mesmo que *tibáca*.

Quibandar, *v. tr.* agitar o *Quibando*, para separar as alimpaduras dos grãos descascados, como se pratica com o arroz, o café e outras cousas.

Quibando, *s. m.* disco de palha tecido em zonas paralelas como o balaio, e serve para sengar ou sessar (V. de Souza Fontes). No Rio de Jan. tambem lhe chamam *Pá* (Souza). || *Etym.* Parece-me termo pertencente á lingua bunda.

Quibêbe, *s. m.* especie de iguaria feita de abóbora amarella reduzida á consistencia de papas. || Em Pern. lhe misturam leite; no Piauhy preparam-a de abóbora, folhas de vinagreira e outraservas, temperadas com pimenta (J. A. de Freitas). Em outras partes, a temperam com qualquer gordura, ajuntando-lhe, ás vezes, pimenta.

Quicê, *s. m.* (*Pern., Par. do N., R. G. do N., Ceará, Pará*) o mesmo que *Caxirenguê*.

Quicê-acica, *s. m.* (*Pará*) o mesmo que *Caxirenguê*.

Quilombo, *s. m.* habitação clandestina nas mattas e desertos, que servia de refugio a escravos fugidos. Tambem lhe chamam *Mocambo*. || *Etym.* E' vocabulo da lingua bunda, significando acampamento (Capello e Ivens). || Na Bolivia, Republica Argen-

tina e Estado-Oriental do Uruguay, tem o vocabulo *Quilombo* a significação de bordel (Velarde, Moreno, Sagastume).

Quilombóla, *s. m. e f.* escravo refugido em *Quilombo*.

Quimanga, *s. f.* (*provs. do N.*) cabaça convenientemente aparelhada para certos usos, como seja arrecadar pequenos objectos, e de que se servem, sobretudo os jangadeiros, para guardar a comida.

Quimbembe, *s. m.* (*Pern. e outras provs. do N.*) habitaculo rustico de familia pobre; chôça, cabana. || *Etym.* Parece ser de origem africana. || No pl. *Quimbembes* significa cacarêos, badulaques, trastes de pouco valor (F. Távora).

Quimbembé, *s. m.* (*Pern.*) nome que dão os Africanos a certa bebida preparada com milho (J. A. de Freitas). || E' congenero do *Aludá*. || *Etym.* E' certamente de origem africana, e tanto mais o creio que Capello e Ivens mencionam *Quimbombo* como nome de uma bebida analogá usada na provincia de Angóla. *Quimbembé* e *Quimbombo*, variando na forma, pertencem evidentemente ao mesmo radical.

Quimbembéques, *s. m. plur.* (*Pern.*) o conjuncto de penduricalhos, como figas e outros pequenos objectos de ouro, que as crianças trazem ao pescoço (J. A. de Freitas).

Quimbête, *s. m.* (*Minas-Geraes*) o mesmo que *Candombe* (2º), especie de batuke de escravos, ao qual chamam tambem *Caxambú*, quando é exercido nas fazendas. || *Etym.* E' provavelmente de origem africana.

Quincha, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) a coberta da casa ou carreta, feita de palha; ou antes pequenos pedaços da coberta de palha, que se unem uns aos outros sobre o tecto da casa ou tolda da carreta (Coruja). || *Etym.* Valdez o menciona como voc. americano, com a significação de barreira feita de ramos de arvores collocados perpendicularmente. Sem duvida o recebemos das republicas platinas, bem que alterado na significação.

Quinchar, *v. tr.* (*R. Gr. do S.*) cobrir com quinchas, isto é, com as diversas partes da coberta (Coruja).

Quingombô, *s. m.* (Rio de Jan.) o mesmo que *Quiabo*.

Quinguingú, *s. m.* (Pern.) nome que dão ao serviço extraordinario a que muitos fazendeiros obrigavam seus escravos durante uma parte da noute. *Koster* escreveu á ingleza *Quingingoo*. || *Etym.* Parece-me vocabulo de origem africana.

Quirâna, *s. f.* (Valle do Amaz.) especie de granulo que se fórma no cabello da gente que, usando de pomadas e outrassubstancias gordurosas, lava a cabeça em agua fria. || *Etym.* E' voc. tupi significando *semelhante ao piolho*. || Dão o mesmo nome ao piolho ladro. || Segundo *J. Verissimo* *quirana* se traduz em *lendea*.

Quiréra, *s. f.* (S. Paulo, Matto-Grosso) nome que dão á parte mais grosseira de qualquer substancia pulverizada, que não passa pelas malhas da peneira: *Quiréra* do milho, do arroz pisado, etc. || A *Quiréra* da mandioca é o mesmo que a *Crueira* das outras provincias. || *Etym.* Corruptela de *Curuéra*, que, em lingua tupi, significa *alimpaduras do joirado*; ou talvez de *Curé*, que, no dialecto guarani, tem a mesma significação.

Quirirí, *s. m.* (Valle do Amaz.) silencio, calada, socego nocturno; mudez aparentemente absoluta da natureza em calma á noute (*J. Verissimo*). || *Etym.* E' voc. tupi, tambem usual entre os Guaranis do Paraguay. || No dialecto do Amaz. *quiri* significa dormir (Seixas). || *Obs.* *J. Verissimo* escreve *hiriri*.

Quitambuêra, *s. f. e adj.* (Rio de Jan.) o mesmo que *Catambuêra*.

Quitanda, *s. f.* mercado de fructas, hortaliças, aves, pescados e outros productos similares. || *Fig.* Industria qualquer: A clinica é a minha *quitanda*. Aquelle vadio faz do jogo a sua *quitanda*. || *Etym.* E' voc. bunda.

Quitandar, *v. intr.* exercer a profissão de quitandeiro.

Quitandê, *s. m.* (Bahia) nome que dão ao feijão miudo, do qual, ainda verde, se extrahê á unha a pellicula, e se dispõe desta sorte para sopas e outras iguarias.

Quitandeira, *s. f.* de *Quitandeiro*; regateira. || *Fig.* Mulher sem educaçáo, que usa de termos e modos grosseiros.

Quitandeiro, *s. m.* pessoa da plebe, cuja industria consiste em comprar para revender fructas, hortaliças, aves, pescados e outros generos alimenticios.

Quitungo, *s. m.* (Rio de Jan.) o mesmo que *gongá*.

Quitute, *s. m.* iguarua delicada. || *Obs.* *Aulete* menciona este voc. como syn. de *paparicho*; mas entende erradamente que *paparicho* é termo peculiar ao Brazil. *Moraes* o dá como voc. portuguez, significando a mesma cousa que *Quitute* no Brazil.

Quituteiro, a, *s.* pessoa habil em preparar *quitutes*.

Quixó, *s. m.* (Pern. até o Ceará) especie de *mundê* (*J. Galeno, F. Tavora*). || Differe da *Arapuca* em ser esta armada no chão, com destino á caça de aves, e ser o *Quixó* armado em buraco, para tomar pequenos mamíferos (*P. Nogueira*).

Râna, *adj.* voc. tupi significando *semelhante*, e do qual nos servimos como suffixo nos mesmos casos em que nas linguas européas empregamos o *oide* de origem grega; por exemplo: *Uru-curana*, semelhante ao urucú; *Cajarana*, semelhante ao cajá; *Quirana*, semelhante ao piolho, etc.

Rancheiro, *adj.* (*R. Gr. do S*) nome que dão ao cavallo que em viagem tem a balda de se dirigir a todas as casas que ficam proximas á estrada, como se fosse á procura de um rancho (*Côruja*).

Rancho, *s. m.* especie de edificio mui simples construido ao lado das estradas, para dar abrigo aos viajantes que percorrem o interior do Brazil. Ora é o rancho uma palhoça assentada sobre esteios, ora um telheiro sem muros, ou com muros que o põe ao abrigo dos ventos. Nesses ranchos não tem o viajante de pagar o logar que occupa; mas ha sempre na proximidade uma venda em que compra o milho necessario para seus animaes, o que indemnisa amplamente o proprietario da despeza que fez com aquella

construção (Saint-Hilaire). || *Fig.* Choupana, choça, habitação humilde.

Rapadouro, *s. m.* nome que dão a um campo tão destituído de hervas alimentares que já não serve para pasto do gado.

Rapadúra, *s. f.* assucar mascavo coagulado, a que se dá ordinariamente a fôrma de pequenos tijolos quadrados, e são mui uteis aos viajantes e habitantes do interior, para adoçar o café e outras bebidas. Também as ha de assucar branco entremeado de côco ralado, mendubi torrado e outras cousas, e neste caso servem de sobremesa.

Rapôsa, *s. f.* (*S. Paulo, Paraná*) o mesmo que *Saruê*. || E' também nome vulgar de uma especie de mamífero do genero *Canis*.

Rasgado, *adj. m.* toque de viola que se executa arrastando as unhas pelas cordas, sem as pontear. Chamam-lhe toque *rasgado* (Coruja).

Raspas, *s. f. plur.* (*R. de Jan.*) lascas finas de mandioca, que, depois de seccas ao sol, se pisam em gral até ficarem reduzidas a pó, com o qual se fazem bolos, podins, etc. A esta especie de farinha, chamavam os Tupinambás e Guaranis *Typyraty*, nome hoje desconhecido no Brazil. || Nas provs. do N. dão ás *Raspas* de mandioca o nome de *Apáras* (Meira).

Rebencão, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) golpe dado com o rebenque. || *Etym.* E' voc. de origem castelhana. || Também dizem *rebencada* (Coruja).

Rebencáda, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) o mesmo que *rebencão*.

Rebenque, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) pequeno chicote de que se serve o cavalleiro para tocar o animal. || *Etym.* E' voc. castelhano, cuja traducção em portuguez é *rebêm* (Coruja).

Rebenquear, *v. tr.* (*R. Gr. do S.*) açoutar com o rebenque (Coruja).

Rebentona, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) negocio grave e duvidoso, que está prestes a se decidir. Diz-se que é uma *rebentona*, ou está para haver *rebentona* (Coruja). || *Etym.* Deriva-se do castelhano *reventon*, significando arrebenamento, acto de rebentar; e que, além de outras accepções, tem a de

apêrto grave, circumstancia difficil em que alguém se vê.

Rebojo, *s. m.* repercussão, desvio ou mesmo redemoinho de vento, por effeito de um corpo que encontra e lhe altera a primitiva direcção. Dá-se o mesmo nome, na costa do Sul do Brazil, a certos e determinados ventos esperados nas conjunções de lua. Também ha *rebojos* d'agua produzindo os mesmos effeitos (*Dicc. Mar. Braz.*). || Em Goyaz dão o nome de *Rebojo* aos sorvedouros que se formam nos rios, pelo encontro das aguas vivas com as aguas mortas, e são accidentes perigosissimos para a navegação fluvial, porque a embarcação que nelle cêhe desaparece na voragem (Correia de Moraes). || Em lingua tupi, o *rebojo* nos rios tinha o nome de *jupia*. || *Etym.* Parece ser voc. portuguez, mas não o vejo mencionado em dictionario algum da lingua.

Rebordosa, *s. f.* reprehensão: Passei-lhe uma *rebordosa*, por ter chegado á hora em que sua presença já não era necessaria. || *Etym.* Este vocabulo parece ser de origem portugueza; mas não o encontro em dictionario algum, e por isso o admitto nesta obra.

Reborquiáda, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) *V. Piálo*.

Recortáda, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) uma das variedades desses bailes campestres, a que chamam geralmente *Fandango*.

Redomão, *s. m.* (*R. Gr. do S. S. Paulo e Paraná*) cavallo novo que já tem tido alguns *repusses*, isto é, que já foi montado algumas vezes pelo domador (Coruja). || *Etym.* De *Redomo* termo da America hespanhola (Valdez)

Reducto, *s. m.* (*Matto-Grosso*) porção de terreno que, por occasião do trasbordamento dos rios, fica acima do nivel das aguas, e pôde offerrece pouso aos viajantes. || *Etym.* E' voc portuguez tomado em sentido figurado.

Regeira, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) corda de couro que na junta de bo lavradores se ata, por suas extremidades, na orelha de cada um deillo do lado de fóra, ficando o seio na mão do lavrador, para guial-os (Coruja)

|| *Etym.* E' voc. portuguez com outras significações e todas ellas relativas á nautica.

Regô, *s. m.* (*Serg.*) panno enrolado que trazem na cabeça como ornato as negras africanas (João Ribeiro).

Reiunar, *v. tr.* (*R. Gr. do S.*) cortar ao cavallo a ponta de uma das orelhas, de ordinario a da orelha direita. Este signal indica que o cavallo pertence ao Estado (Coruja).

Reiuno, *a*, *adj.* (*R. Gr. do S. e Parã*) nome que se applica a tudo aquillo que pertence ao Estado, antigamente ao rei. Equivale a realengo: Campo *reiuno*.

Rejeitar, *v. tr.* (*R. Gr. do S.*) cortar o rejeito ao boi, para o fazer cahir, e poder ser morto com mais facilidade (Coruja).

Rejeito, *s. m.* (*R. Gr. do S. e Parã*) nervo ou tendão da perna do boi. Cortado, elle não pôde mais caminhar. Quando se trata do cavallo, o *rejeito* toma o nome de *garrão* (Coruja). || *Etym.* Pensa o Sr. Coruja que *rejeito* e *rejeitar* são corruptelas do portuguez *jarrete* e *jarretar* ou *desjarretar*. Não duvido que assim seja.

Relancina, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) relance: De *relancina*, de relance, de repente (Cesimbra).

Rendengue, *s. m.* (*Parã*) parte do corpo humano comprehendida entre a cintura e as virilhas (C. de Albuquerque).

Rengo (1º), *adj.* nome que se applica indifferentemente ao homem ou ao animal manco da perna, e que a arrasta quando caminha. || *Etym.* E' vocabulo castelhano (Coruja).

Rengo (2º), *s. m.* (*Sergipe*) o mesmo que *Ponga*.

Renguear, *v. intr.* (*R. Gr. do S.*) arrastar a perna quando se anda (Coruja).

Rehideiro, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) especie de circo, com destino a riga de gallos. || *Etym.* Do verbo *enhir*.

Repasse, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) nome com que se designa o numero de vezes que um cavallo ou potro tem do montado com o fim de o domar. Quando se diz que um cavallo tem

quatro ou seis *repasses*, quer isto dizer que já tem sido montado pelo domador quatro ou seis vezes. Tambem dizem *repasso* (Coruja).

Repasso, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) o mesmo que *repasse*.

Repêcho, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) ladeira, subida ingreme. || *Etym.* E' vocabulo puramente castelhano (Valdez).

Repotar, *v. tr.* (*R. Gr. do S.*) enxotar os animaes para um lado, ou tambem para a estrada quando, em viagem, della se desviam (Coruja). Em outros sentidos o verbo *repotar* é portuguez, por exemplo, quando se diz *repotar* a maré. Aulete define assim: « fazer conduzir ou refluir para um certo ponto. »

Resmelengo, *a*, *adj.* rabugento, impertinente, teimoso, frenetico. Tem a mesma significação que *resmungão*, e não duvido que seja essa a origem do nosso vocabulo.

Resóca, *s. f.* segundo brotamento da canna de assucar, depois de cortado o primeiro a que chamam *sóca*. || *Etym.* E' palavra hybrida formada do prefixo portuguez *re* e do tupi *sóca*.

Restinga, *s. f.* baixio de areia ou de pedra que, a partir da costa, se prolonga para o mar, quer seja constantemente visivel, quer só se manifeste na baixa-mar. No Brazil meridional se estende essa denominação não só á porção de terra arenosa comprehendida entre uma lagóa e o mar, como a qualquer planície arenosa do littoral. No R. Gr. do S. dão o nome de *restinga* á matta mais ou menos estreita que orla as margens de um rio; e no Paraná, além dessa significação, tem tambem a de matta estreita e comprida separando dous campos de pastagem. || *Etym.* E' vocabulo de origem portugueza.

Retalhado, *adj. m.* (*R. Gr. do S.*) diz-se *retalhado* o cavallo pastor de eguas destinadas a propagação das mulas, por causa de uma operação que soffre a que chamam *retalhar*; mas que, não obstante, conserva reunidas as eguas e as prepara para o hechor ou ganhão effectuar a fecundação (Coruja).

Retalhar, *v. tr.* (*R. Gr. do S.*) praticar certa operação no cavallo

pastor de eguas, de sorte a inutilizal-o para a fecundação. || *Etym.* Do castelhano *retajar*, significando cercear, diminuir, cortar ao redor alguma cousa (Valdez).

Retiráda, *s. f.* (Ceará) acto de effectuar a mudança de gados nas seccas rigorosas, para logares melhores. Uma *retirada* é sempre motivo de grande incommodo para o proprietario; mas é o unico recurso, de que pôde lançar mão, para evitar maiores prejuizos.

Retiro, *s. m.* (Minas-Geraes e outras provs.) o mesmo que *Pôsto*.

Retobar, *v. tr.* (R. Gr. do S.) o mesmo que *retovar*.

Retorcida, *s. f.* (R. Gr. do S.) nome de uma das variedades desses bailes campestres, a que chamam geralmente *fandango*.

Rétos, *s. m. pl.* (Alagôas) parolagem, ditos agudos: Um homem cheio de *rétos*. Falle-me sério e deixe-se de *rétos*. || *Etym.* Vem talvez do grego ῥήτος (*rhétos*), significando dicto, palavra, sentença (J. S. da Fonseca).

Retovar, *v. tr.* (R. Gr. do S.) forrar de couro qualquer cousa, como, por exemplo, as bolas de que se usa no campo como arma de apprehensão. *Retovar* o burro é, depois de morta a cria recém-nascida de uma egua, tirar-se-lhe o couro e cobrir com elle, por alguns dias, um burrinho do mesmo tamanho, para que o possa criar a egua sem extranhar, e elle, assim acostumado entre ellas, poder opportunamente servir de garanhão. Diz-se indifferentemente *retovar* e *retobar* (Coruja) || *Etym.* E' expressão de origem americana (Valdez) e sem duvida a recebemos das republicas platinas.

Retranca, *s. f.* (littoral de algumas provs. do N.) vara que serve para abrir a vela da jangada (J. Galeno). || No Pará presta o mesmo serviço nas canoas à vela (B. de Jary).

|| Tambem dizem *Tranca* (Meira). | Em linguagem nautica, a *Retranca* é a antena com bocca de lobo que apoia no mastro de ré, descanzando em uma forqueta collocada sobre a grinalda da pópa, e serve para nella se caçar a vela ré (Dicc. Mar. Braz.).

Revira, *s. m.* (provs. do N.) especie de bailado de negros e de gente da plebe.

Revirado, *s. m.* (S. Paulo) o mesmo que *Pamonân*.

Riamba, *s. f.* o mesmo que *Pango*. || Neste voc. a letra *R* é de pronuncia branda, como se estivesse comprehendida entre duas vogaes. Tambem dizem *Liamba*.

Riba, *s. f.* (Rio de Jan., S. Paulo) especie de galga para descascar o café, a qual é posta em movimento por um animal (V. de S. Christovão).

Ribeira, *s. f.* (provs. do N.) districto rural que comprehende um certo numero de fazendas de criar gados. Cada *ribeira* se distingue das outras pelo nome do rio que a banha; e tem, além disso, um ferro commum a todas as fazendas do districto, afóra aquelle que pertence a cada proprietario (Souza Rangel).

Ribeirar, *v. tr.* (provs. do N.) marcar o lado esquerdo dos animaes vaccens e cavallares com um ferro commum a todas as fazendas de uma *Ribeira* (Souza Rangel).

Rincão, *s. m.* (R. Gr. do S.) campo cercado de mattos ou outros accidentes naturaes, e onde se poem a pastar os animaes com a certeza de não poderem fugir. || *Etym.* Do castelhano *Rincon*, correspondente ao portuguez *Recanto*. Em outras acepções *Rincão* é termo portuguez (Aulete).

Rinconista, *s. m.* (R. Gr. do S.) o que habita um *Rincão*, com o encargo de o guardar.

Rio-Grandense do Norte, *s. m. e f.* natural da prov. do Rio-Grande do Norte. || *adj.* que é relativo a essa provincia.

Rio-Grandense do Sul, *s. m. e f.* natural da prov. do Rio-Grande do Sul. || *Adj.* que é relativo á mesma provincia.

Ripar, *v. tr.* (Bahia) cortar rente as crinas do cavallo, tanto da cauda como do pescoço. || Em portuguez, o verbo *ripar* tem varias significações e entre ellas a de raspar. Será por analogia que na Bahia usam do verbo *ripar*?

Rôça (1º), *s. f.* o campo em contraposição á cidade: Gosto de passar as ferias na *roça*. O medico me aconselha os ares da *roça*. José casou-se com uma rapariga da *roça*. || Em Pernambuco e outras provincias do norte empregam, no mesmo sentido, a palavra *matto*: Com poucos mezes de residencia no *matto*, readquiri a minha saude.

Rôça (2º), *s. f.* granja onde se cultiva indifferentemente milho, feijão, mandioca e outros generos alimenticios. || Em Pern. e outras provincias do N., o termo *roça* refere-se exclusivamente á cultura da mandioca: Este anno não plantei *roça*, isto é, não plantei mandioca.

Rôça (3º), *s. f.* (*Bahia*) o mesmo que *Chácara*.

Rocáda, *s. f.* primeira operação a que se procede, quando se trata de derribar uma matta, e consiste em cortar á fouce todos os pequenos arbustos, cipós e outras plantas que possam impedir o manejo do machado.

|| Em Alagoás, Ceará e provavelmente em outras provs. do N. dão á *Rocáda* o nome de *Bróca* (2º).

Rocceiro, *a*, *s.* o mesmo que *Caipira*.

Rocinha, *s. f.* (*Pará*) o mesmo que *Chácara*.

Rodar (1º), *v. intr.* (*R. Gr. do S.*) cahir o cavalleiro com o cavallo indo a galope. Este incidente tem lugar quando o cavallo falsêa das mãos e cahe sobre ellas virando todo o corpo.

|| Figuradamente se diz que *rodou* aquelle que se deixou cahir em algum engano, ou que, por causa de más especulações, perdeu a sua fortuna.

Rodar (2º), *v. tr.* (*Matto-Grosso, Goyaz*) navegar no sentido da corrente de um rio: Para chegar opportunamente a Nova-Coimbra tivemos de *rodar* o Paraguay dia e noute. || Tambem se usa do pleonasmio *rodar* aguas abaixo.

Rodeio, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) lugar no campo de uma estancia onde fazem reunir o gado em dias determinados, de ordinario uma vez por semana. *Parar rodeio* é cada fazendeiro fazel-o como de costume. *Dar rodeio* é quando algum vizinho o pede,

para nelle separar o seu gado (*Coruja*).

|| Em Hespanha dão o nome de *Rodão* ao lugar, nas feiras e mercados, onde se põe o gado grosso reunido para venda. Na America hespanhola é o acto de encerrar os gados em um campo d'onde não possa sahir (*Valdez*). || *Parar rodeio* tem por fim marcar o gado, castrar os touros e potros, tosar as eguas, apartar novilhas e vaccas para as tropas que vão para as charqueadas e açougues, curar os animaes e contal-os. Nos campos de Cima-da-Serra, serve ainda mais o *rodeio* para dar sal aos gados (*Cesimbra*).

Rojão, *s. m.* (*S. Paulo*) foguete do ar. || No Pará é o ronco que faz o foguete do ar, no acto de subir (*B. de Jary*). || Em portuguez, a palavra *rojão* tem outras significações, sem relação alguma com o termo brasileiro.

Rôlo, *s. m.* fazer *rôlo* é brigar corpo a corpo.

Roseta, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) nome que dão ás pontas do capim secco, depois de muito catado pelos animaes (*Coruja*).

Roseteiro, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) nome que os estancieiros dão aos proprietarios de chácaras, porque tendo pouco pasto no seu campo, este fica em pouco tempo reduzido a *roseta* (*Coruja*). || Tambem chamam *Roseteiro* ao habitante da parte norte da mesma provincia (*Cesimbra*).

Saberecar, *v. tr.* (*Valle do Amaz.*) o mesmo que *sapecar*.

Sabiá, *s. m.* nome commum a diversas especies de passerres do genero *Turdus*, todos notaveis pelo seu canto aflautado.

Sabitú, *s. m.* (*S. Paulo*) *V. Saibã*.
Sabrecar, *v. tr.* (*Valle do Amaz.*) o mesmo que *sapecar*.

Sacaã, *s. m.* (*Valle do Amaz.*) o mesmo que *sacanga*.

Sacanga, *s. f.* (*R. de Jan.*) graveto, chamiço, lenha miuda formada de raminhos seccoos proprios para acendalhas. || Em S. Paulo, dizem *Sancan* (*R. Chagas*) e no Pará *Sacaã* (*J. Verissimo*). || *Etym.* São vocabulos de origem tupi e guarani.

Sacar a orelha, *loc. pop.* (*R. Gr. do S.*) é chegar o parrelheiro á raia

com a orelha livre, isto é, adiantado do outro parreheiro apenas o espaço da orelha, ou tanto quanto se possa distinguir que a adiantou á do companheiro (Coruja).

Sací, *s. m.* (*S. Paulo*) especie de ente phantastico, representado por um negrinho, que, tendo na cabeça um barrete vermelho, frequenta á noite os brejos. Se acontece passar na vizinhança algum cavalleiro, faz-lhe o *Sací* toda a sorte de diabruras, com o fim, aliás mui innocente, de se divertir á custa alheia. Puxa-lhe a cauda do cavallo, para lhe impedir a marcha; põe-se na garupa do cavalleiro; e outras travessuras pratica, até que o cavalleiro, reconhecendo-o, o enxota, e neste caso foge o *Sací* soltando uma grande gargalhada. São imaginaveis as proezas que se contam deste ente imaginario; e entretanto, cumpre dizel-o em homenagem á verdade, ha muita gente que lhe dá credito. || Tambem lhe chamam *Sací-sêrêrê*; e no R. Gr. do S. *Sací-pêrê*, e este é unipede (Cesimbra).

Sací-pêrê, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) o mesmo que *Sací*.

Sací-sêrêrê, *s. m.* (*S. Paulo*) o mesmo que *Sací*.

Sagui, *s. m.* o mesmo que *Saguim*.

Saguim, *s. m.* nome commum a diversas especies de pequenos quadrumanos, pertencentes aos generos *Hapale*, *Chrysotriax*, *Callithrix* e outros. Tambem lhe chamam *Sagui* e *Sauí*. || *Etym.* Todos estes synonymos são de origem tupi.

Sahir com luz, *loc. pop.* (*R. Gr. do S.*) se diz quando, em acto de corrida, sahe um cavallo do ponto de partida adiantado do outro mais de meio corpo, ou com tanta vantagem que, mesmo de longe, se possa apreciar esse avanço sobre o outro (Coruja).

Sahiré, *s. m.* (*Valle do Amaz.*) nome de um certo aparelho feito de cipó, do qual usam os Indios mansos nas suas festas religiosas, em honra de S. Thomé. Tambem lhe chamam *Turiúa*. Consiste este aparelho em um semicirculo construido de cipó e cujas extremidades são presas ás da vara que

serve de diametro com 1^m,32 de extensão. Nesse semicirculo figuram-se os respectivos raios e cordas, e tudo forrado de algodão ou arminho, enfeitado de fitas e coroado de uma cruz igualmente forrada e enfeitada. Tres mulheres a carregam e a levam dançando e cantando (*L. Amazonas*).

Sala, *s. f.* (*Par. do N.*) o primeiro dos tres compartimentos de um curral de pescaria (*Souza Rangel*). No Rio de Janeiro lhe chamam *varanda*, e tambem *coração*.

Salino, *adj.* (*R. Gr. do S.*) pêlo de gado um tanto parecido com o *ja-guané* (*Cesimbra*).

Samangão, *s. m.* (*Serg.*) augmentativo de *samango*.

Samango, *s. m.* (*Serg.*) individuo preguiçoso, ou que anda mal trajado (*João Ribeiro*). || Tambem dizem *Sulamba* (*S. Roméro*).

Samanguayá, *s. m.* (*R. de Jan.*) mollusco acaphalo do genero *Cryptogama* (*Göldi*).

Samba, *s. m.* especie de bailado popular.

Sambaquí, *s. m.* (*Paraná, S. Cathar.*) nome de certos depositos antigos de cascas de ostras e outras conchas, formando monticulos mais ou menos elevados no littoral, e nos quaes se encontram esqueletos humanos e instrumentos de pedra. São o resultado de accumulações feitas pelos primitivos habitantes do paiz. Estes depositos fornecem actualmente material para a fabricação da cal, e tendem portanto a desaparecer. No littoral de S. Paulo chamam-lhe *Casqueiro* ou *Ostreira*, e este ultimo nome é tambem usual no Espirito-Santo. No Pará dão o nome de *Sernambi* (2^o) a depositos analogos, muitos dos quaes se acham a longas distancias do mar, e neste caso são provavelmente formados de conchas fluviaes.

Sambar, *v. intr.* frequentar a *Samba*; dançar a *samba*.

Sambista, *s. m.* e *f.* frequentador de *sambas*.

Sambongo, *s. m.* (*Pern.*) especie de doce feito de côco ralado e mel de furo. Tambem lhe chamam *Curumbá*, e em Alagoás *Bazulaque* (*B. de Maceió*).

Samburá, *s. m.* especie de cesto de cipó, pequeno, de fundo largo e bocca afunilada. Nelle levam a isca os pescadores de miudo e recolhem o que pescam. O pobre guarda nelle a carne secca e o peixe de sua provisão (Moraes).

|| *Etym.* E' termo tupi (G. Soares); mas este auctor escreve ora *Samurá* e ora *Samburá*. || Este cesto é o mesmo ou quasi o mesmo que o *Côfo*, pelo menos quanto á serventia.

Sampar, *v. tr.* (R. Gr. do S.) atirar, lançar (Cesimbra).

Sancân, *s. m.* (S. Paulo) o mesmo que *Sacanga*.

Sanga (1º), *s. f.* (R. Gr. do S.) excavação funda produzida no terreno pelas chuvas ou por correntes subterraneas de agua, que, depois de terem minado as terras, fazem-as esborrondar. O leito da *Sanga* é sempre humido e nelle se produzem certos lamaças a que chamam *Caldeirões*. || *Etym.* E' evidentemente a alteração do castelhano *Zanja*, que tem seu equivalente no portuguez *Sanja*, significando em ambas as linguas abertura entre vallado e vallado para dar escoamento á agua. Ha, portanto, toda a analogia entre a *Zanja* castelhana, a *sanja* portugueza e a *sanga* rio-grandense, porque, afinal de contas, tudo isso se refere a uma obra quer natural, quer artificial que dá sahida ás aguas. Os habitantes daquella provincia, adoptando o vocabulo castelhano, substituiram pelo *g* o guttural *j* dos hespanhoes.

Sanga (2º), *s. f.* (Pern., Par., R. Gr. do N., Ceará) algrirão, bocca afunilada de qualquer armadilha de caça ou de pesca, por onde entra o animal sem mais poder sahir: *Sanga* da ratoeira, do Covo, do Munzuá, do Jiqui, etc.

Sangádo, *adj.* (Pern. e outras provs. do N.) preso na sanga (2º).

Sangradouro, *s. m.* (R. Gr. do S.) logar onde se dá a primeira punhalada nos animaes para os matar; é no pescoco junto do peito direito (Coruja). || Na acceção portugueza, o sangradouro é a parte interior do braço (opposta ao cotovelo) onde se pica a veia (Moraes).

Sanzála, *s. f.* o mesmo que *Senzála*.

São-Gonçalo, *s. m.* (*Piouhy*) especie de baile no qual os festeiros dançam, cantam e se embriagam, e tudo isso á noute, ao ar livre e em frente de um altar com a effigie de S. Gonçalo. Este baile tem muitas vezes por objecto o cumprimento de uma promessa feita áquelle santo pelo curativo de algum enfermo, ou por outro qualquer motivo de regosijo.

Sapé, *s. m.* especie de graminea do gen. *Saccharum* (S. *Sapé*, Saint-Hilaire) cuja palha serve tanto para cobrir choças, como para chamuscar os animaes que se matam para o consumo, sem se lhes extrahir a pelle, como se faz com os porcos, aves e algumas caças.

Sapêca, *s. f.* chamuscadura: Uma das operações necessarias na fabricação do mate é a *Sapêca* da Congonha.

|| *Etym.* E' de origem tupi.

Sapecar, *v. tr.* chamuscar, crescer. || *Etym.* Do tupi *sapec*, *açapac*, equivalentes a *hapey* do guarani. || No valle do Amazonas, dizem *saberecar*, *saperecar*, *saprekar* e *sabrekar*, e esta ultima fórma tende a supplantar as outras (J. Verissimo). || *Etym.* Do dialecto tupi do Amazonas *saberec* (*Dicc. Port. Braz.*) ou *sauerêca* (Seixas).

Sapêrê, *adj.* (S. Paulo) qualificativo da canna de assucar sem prestimo para a moagem ou replantação, por ter a palha adherente ao colmo, de tal sorte que não é possível limpá-la. A canna *sapêrê* é sempre refugada (B. Marcondes).

Saperecar, *v. tr.* (Valle do Amaz.) o mesmo que *sapecar*.

Sapezal, *s. m.* terreno onde cresce essa especie de graminea a que chamam *Sapé*.

Sapiquá, *s. m.* (provs. merid.) o mesmo que *Piquá*.

Sapiranga, *s. f.* nome vulgar da *Blepharite ciliar*, inflamação das palpebras produzida pela presença de um parasita que ataca e faz cair as pestanas (V. de Souza Fontes), || *Etym.* E' voc. tupi, significando *Olhos vermelhos*. || No R. de Jan. e S. Paulo dão a essa molestia o nome de *Sapirôca*, outro vocabulo tupi que se traduz em *Olhos esfolados*.

Sapiróca, s. f. (R. de Jan., S. Paulo) o mesmo que *Sapirangi*.

Sapópêma, s. f. raízes que se desenvolvem do *collum* de muitas arvores e que vão crescendo com o tronco, formando em redor delle altas diviões achata-las (Glaziou). Também dizem *Sapópêmba*. || *Etym.* E' voc. tupi, significando *raiz chata*.

Sapópêmba, s. f. o mesmo que *Sapópêma*.

Saprecar, v. tr. (Valle do Amaz.) o mesmo que *sapecar*.

Sapucáia, s. f. fructa da *Sapucaeira*, grande arvore pertencente ao genero *Lecythis* da familia d s Myrtaceas, e de que ha varias especies. Também dão o nome de *Sapucaia* à propria arvore, a qual fornece uma excellente madeira de construcção. || *Etym.* Alteração de *Sabucui*, nome que lhe davam antigamente em lingua tupi (G. Soares). Léry, orthographando à franceza, escreveu *Sabaucaiê*.

Saputá, s. m. (S Paulo) fructa do Saputazeiro, planta do genero *Tonatelea*, da familia das Hippocrateaceas, e da qual ha varias especies (Martius).

Saputí, s. m. fructa do Saputazeiro, arvore do genero *Sapota* (S. Acras) da familia das Sapotaceas, geralmente cultivada no Brazil, desde o Pará até o Rio de Janeiro, além de ser commum a todos os pizes da America situados na zona intertropical. || *Etym.* E' vocabulo de qualquer das linguas indigenas da America, donde é natural este producto.

Saracúra, s. f. nome commum a diversas especies de aves do genero *Gallinula*, da ordem dos Pernaltos. || *Etym.* E' voc. tupi.

Saramba, s. f. (R. Gr. do S.) especie de fandango. || *Etym.* Virá de *Sarambêque*, dança alegre e buliçosa usada pelos pretos?

Sarandear, v. intr. (R. Gr. do S.) saracotear, menear o corpo na dança (Cesimbra). || *Etym.* E' vocabulo mexicano.

Sarapó, s. m. (Serg.) o mesmo que *Beijú de côco* (João Ribeiro). V. *Beijú*.

Saraqúá, s. m. (Paraná) especie de cavadeira de pau, usada no en-

cestamento da herva-mate, depois de preparada no *carijo*.

Sararáca, s. f. (Valle do Amaz.) especie de flecha de que usam os selvagens para matar a tartaruga, e assim tambem o pirarucú e outros peixes grandes. A farpa desta flecha é frouxamente embebida na extremidade da haste, tanto que, no acto de ferir o animal, separam-se as duas peças, ficando entretanto ligadas entre si por meio de uma comprida linha de tucum, enrolada na haste. Fluctuando a haste, por ser de canna, mostra a direcção que segue o animal no fundo da agua, e quando reaparece para respirar, é novamente flechado, e assim por diante, até exaurirem-se-lhe as forças. Então acaba o pescador de o matar, por meio do harpão, ou a cacetadas (Couto de Magalhães).

Sarigüê, s. m. (Bahia) o mesmo que *Saruê*.

Sarrabálho, s. m. (R. Gr. do S.) nome de uma das variedades desses bailes campestres a que chamam geralmente *Fandango*.

Saruê, s. m. (Bahia) nome commum a diversas especies de mamíferos do genero *Dilephys*, da ordem dos Marsupiaes. || Também lhe chamam *Sarigüê* (E. de Souza); no Pará e Maranhão *Mucura*; no Rio de Jan. *Gambá*; em S. Paulo e Paraná *Raposa*; em Pern. e dali até o Ceará *Cassaco* e *Timbú*. || *Etym.* Tanto *Saruê*, como *Sarigüê* e *Mucura* são de origem tupi. *Gambá* me parece termo africano. Desconheço a origem de *Cassaco* e *Timbú*. O nome de *Raposa* que lhe impuzeram em S. Paulo e Paraná é devido aos hábitos damninhos destes animaes para com as gallinhas. Seu nome guarani é *Mbycurê*. Sob a fórma *Sarigue*, adoptaram os francezes o primitivo nome tupi.

Saúba, s. f. nome vulgar da *Ecodoma cephalotes*, especie de formiga notavel pelos estragos que faz nos pomares, nos mandiocoes e outras plantações. Em Pernambuco, lhe chamam *Formiga de roça*, e no Rio de Janeiro *Formiga carregadeira*. Bem que o termo *Saúba* comprehenda, na sua generalidade, o conjuncto dos generos masculino, feminino e neutro da especie,

todavia elle cabe mais particularmente ás neutras, que formam essa classe de operarias devastadoras. A's do genero masculino davam os Tupinambás o nome de *S. bitú*, e ás do genero feminino o de *Issá*, e esses dous nomes são ainda usuaes em S. Paulo, bem que, na parte septentrional desta provincia, o de *Sabitú* esteja ligeiramente alterada em *Savitú*. Em Minas-Geraes, Espirito-Santo e outras provincias, o nome de *Issá* foi substituido pelo de *Tanajura*, cuja etymologia me é desconhecida. O *Sabitú* e a *Issá* são alados e sua unica missão é a propagação da especie (B. Homem de Mello, S. Villalva).

Sauï, *s. m.* o mesmo que *Saguim*.

Sauïá, *s. m.* (*Pará*) cutia pequena como arganaz e com cauda (*Baena*). G. Soares falla do *saviá*, e diz que são tamanhos como laparos, de rabo comprido e cabelo como lebre. Segundo o *Voc. Braz.* é o nome do Rato do Mitto, de que ha muitas especies. || Deste *saviá*, que dantes se escrevia *Çaviá*, nasceu a palavra *Cavia*, distinctiva de um genero de mammiferos da ordem dos Roedores.

Saveiro, *s. m.* (*R. de Jan.*) embarcação de forte construcção coberta ou descoberta, que se emprega no movimento da carga ou descarga de generos (*Dicc. Mar. Braz.*). Corresponde áquillo a que, desde a Bahia até ao Pará, chamam *Alvarenga*. || Na Bahia é o *Saveiro* um bote que serve para o transporte de passageiros, e é quasi sempre tripulado por um só homem, que maneja dous remos. || *Etym.* E' o nome portuguez de um barco pequeno, ordinariamente de fundo chato, que serve para a travessia dos rios, ou para a pesca á linha (*Aulete*).

Saviá, *s. m.* V. *Saviá*.

Saviú, *s. m.* V. *Saiúba*.

Sebruno, *adj.* (*R. Gr. do S.*) diz-se do cavallo de cor meio escura (*Cornuja*).

Seguilhóte, *s. m.* (*Bahia*) filhote de baleia, de mais de seis mezes de idade ainda mammão (*Aragão, Valle Cabral*).

Sello, *s. m.* (*Bahia e Pern.*) quantia de dinheiro igual a 480 rs.

Sengá, *s. f.* (*R. de Jan.*) conjuncto de fragmentos: A *sengá* do café, a *senja* de arroz, isto é, os grãos fracturados desses productos. || A mesma denominação se applica á moinha das cascas de ostras e outros mariscos, de que se tira proveito para a fabricação da cal.

Sengar, *v. tr.* (*R. de Jan.*) separar, por meio da p-neira convenientemente agitada, diversos corpos de maneira que fiquem de um lado os mais pesados, e de outro os mais leves. Isto se faz, por exemplo, com o café e o arroz, depois de pisado em pilão. *Sengando-os*, separa-se o grão da casca. Tanto na Bahia como no Rio de Janeiro e Ceará, dizem no mesmo sentido *sessar*.

Senhor-de-engenho, *s. m.* proprietario de um engenho de assucar. Em S. Paulo, Goyaz e Matto-Grosso, chamam-lhe impropriamente *engenheiro*.

Senzala, *s. f.* conjuncto dos alojamentos destinados á escravatura das fazendas. Consiste ordinariamente em choupanas formado um arra al proporcional ao numero de escravos. Ha, porém, *senzalas* mais bem ordenadas em forma de aquartelamento. Este termo é de origem africana, e pertence á lingua bunda, significando povoação (*Serpa Pinto*) ou aldeola (*Capello e Ivens*). Cump e adverbir entretanto que não o encontro no *Vocabulario* apresentado por Capello e Ivens. Nesse vocabulario traduzem p voação por *sanza*, que parece ser o radical de *sanzala*, segundo a pronuncia que sempre ouvi dos negros da Angola. Moraes, Lacérda e Aulete escrevem indifferentemente *Cenzala* e *Senzala*. Prefiro a segunda orthographia, por ser a mais geralmente adoptada. Creio, salvo melhor juizo, que a minha definição de *Senzala*, é mais aceitavel que a destes lexicographos.

Sêrelêpe, *s. m.* (*Paraná, S. Paulo*) o mesmo que *Cavinguelê*.

Sergipãno, *u.*, *s.* natural da prov. de Sergipe. || *adj.* que é relativo a essa provincia

Serigóte, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) lombilho mais curto que o lombilho ordinario.

Seringa, *s. f.* (*Valle do Amaz.*) nome vulgar da gomma elastica produzida pelas diversas especies de *Siphonia*, de que é mui abundante toda a região amazonica, e faz objecto de um importante commercio de exportação. Com a gomma elastica, fabricam alli diversos objectos e entre elles seringas com destino aos clisteres, e é dahi que lhe vem o nome.

Seringal, *s. m.* (*Valle do Amaz.*) matta onde abunda a seringueira.

Seringueira, *s. f.* (*Valle do Amaz.*) nome vulgar da *Siphonia elastica*.

Seringueiro, *s. m.* (*Valle do Amaz.*) industrial que se occupa da extracção da gomma elastica, quer seja o proprietário, quer o locatario do seringal.

Sernambí (1º), *s. m.* mollusco do genero *Lucina* (*L. braziliiana*, D'Orbigny) || *Etym.* E' voc. tupi. || No littoral de S. Paulo e Paraná lhe dão hoje o nome de portuguez de *Ameijoá*.

Sernambí (2º), *s. m.* (*Pará*) o mesmo que *Sambaqui*.

Sernambí (3º), *s. m.* (*Pará*) gomma elastica de qualidade inferior, residuo da bacia, dos baldes, dos restos apanhados em toda a parte, mais ou menos cheios de impurezas (*Autran*).

Serpentina, *s. f.* palanquim com cortinas usado no Brazil; o leito é de rede (*Moraes*). || *Aulete* cit. este vocabulo, e lhe dá a mesma significação. || *Obs.* Nunca ouvi semelhante palavra, no sentido em que a empregam os lexicographos citados.

Serrana, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) nome de uma das variedades de ses bailes campestres a que chamam geralmente *Fandango*.

Sessar, *v. tr.* (*Rio de Jan., Bahia, Ceará*) o mesmo que *sengur*. || *Etym.* Do verbo bunda *cu-sessa*, peneirar (*Capello e Ivens*). || *Obs.* Os Francezes usam no mesmo sentido do verbo *sasser*. Será este vocabulo da mesma origem que o nosso? Perá passado, como tantos outros, das colonias para a metropole?

Séva (1º), *s. f.* acto de *sevar* a mandioca, isto é, de a ralar para a reduzir a massa.

Séva (2º), *s. f.* (*Bahia*) cipó ou corda estendida horizontalmente tanto nas paredes interiores e exteriores das casas, como de parede a parede, para pendurar as folhas verdes do tabaco e fazel-as secar (*Aragão*).

Sevadeira, *s. f.* (*Ceará, Bahia*) mulher que *seva* a mandioca, isto é, que a applica ao ralo do rodete (*J. G. Ileno*). || (*R. de Jan.*) roda com ralo para *sevar* a mandioca.

Sevar, *v. tr.* ralar a mandioca para reduzir-la a massa, com a qual se faz a farinha. || *Etym.* Parece-me que não é mais do que a alteração prosodica de *sovar*. Com effeito, si, na lingua portugueza, o verbo *sovar* tem a significação de revolver a farinha de trigo com agua e batel-a até ficar bem amassada, no Brazil o verbo *sevar* se emprega em sentido analogo quanto á farinha de mandioca, e tudo se reduz a executar certas operações peculiares com o fim de converter em massa este producto da nos-a lavoura. Não vejo que o nosso vocabulo possa ter outra origem.

Sinhá, *s. f.* forma popular da palavra *Senhora*. V. *Nhanhan*.

Sinhára, *s. f.* o mesmo que *Sinhá*. V. *Nhanhan*.

Sinharinha, *s. f. dim.* de *Sinhára*. V. *Nhanhan*.

Sinhazinha, *s. f. dim.* de *Sinhá*. V. *Nhanhan*.

Sinhô, *s. m.* forma popular da palavra *senhor*. V. *Nhonhô*.

Sinhozinho, *s. m. dim.* de *Sinhô*. V. *Nhonhô*.

Sinimbú, *s. m.* (*Matto-Grosso*) especie de saurio de côr verde, pertencente talvez ao genero *Iguana*, e cuja carne é, segundo dizem, mui boa. No Pará lhe chamam *Camaleão*. || *Etym.* E' vocabulo tupi.

Sinuêlo, *s. m.* (*R. Gr. do S., Paraná, S. Paulo*) animaes mansos que se ajuntam ao gado bravo, para o conservar arrebanhado e lhe servir de guia || *Etym.* Do castelhano *Señuelo*. || Em Portugal, relativamente ao gado bovino, lhe chamam *Cabresto* (*Aulete*).

Sirí, *s. m.* nome commum a diversas especies de Crustaceos do gen. *Lupea*, da ordem dos Decapodos; taes

são o *L. dicantha*, o *L. cribaria*, o *L. spinimana*, e outros mais, entre os quaes se distinguem o *L. Sebae*, a que dão vulgarmente o nome de *Siri-candêa* (Göldi). || *Etym.* E' voc. tupi. V. *Candêa*.

Siriêma, *s. f.* nome vulgar do *Dicolophus cristatus*, ave da ordem dos Pernaltos; notavel pela guerra assidua que faz a toda a sorte de ophidios. Maregraf lhe chama *Sariamã*; e é provavel que seja esse o nome primitivo desta ave.

Sírio, *s. m.* (*Bahia e outras provs.*) especie de sacco feito de palha de palmeira, para guardar farinha de mandioca, feijão e cereaes.

Sirító, *s. m.* (*Maranhão*) o mesmo que *matame*.

Sítio, *s. m.* (*Pern.*) o mesmo que *chácara*. Também dizem *situação*. Habitação rustica com uma pequena granja (Aulete).

Situação, *s. f.* o mesmo que sitio: Na minha *situação* só cultivo cereaes. Em uma *situação* que comprei em Maricá, occupo-me principalmente da cultura das fructas.

Sobrecincha, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) tira de sola comprida, que aperta os arreios por cima do *coxinilho* ou da *badana*. Sendo de lan ou de algodão, é mais larga e se chama *cinchão* (Coruja). || *Etym.* E' termo castelhano que Valdez traduz por *sobresilha*.

Sobrecostelhar, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) manta de carne, que se tira de cima da costella (Coruja).

Sobrelátego, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) tira de couro crú como o latego que une o travessão à barrigueira, por meio das duas argolas de um e outra; e serve para apertar ou alargar a cincha, conforme é o cavallo mais gordo ou mais magro (Coruja).

Sóca, *s. f.* brotamento que se segue ao primeiro corte da canna de assucar. || *Etym.* Do verbo tupi *Aioçoc*, cortar. || Ao segundo brotamento chama-se *Resóca*.

Socádo, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) lombilho de cabeça alta, feito ordinariamente de couro crú, mais curto que o lombilho commum, e serve aos domadores, por offerecer mais segurança (Coruja).

Socar, *v. tr.* pisar no gral qualquer producto. || *Etym.* Do verbo tupi *Çoçoc*, que pertence à classe dos verbos repetidos, e cujo radical é *Çoc*, quebrar. O verbo portuguez *socar*, com a significação de dar murros, sovar, amassar muito alguma cousa, de sorte que de mui sova-la fique endurecida, não é senão um homonymo, cuja raiz, segundo Aulete, é *socalcar*.

Sôco! *int.* (*Pará*) usa-se como expressão de reprovação: Ora *Sôco!* deixa-me, não bulas commigo, não me importunes.

Sóco, *s. m.* nome vulgar da *Ardea brasiliensis*, ave da ordem dos Pernaltos, congenere da garça, mas de côr escura.

Sóla, *s. f.* (*R. de Jan.*) especie de beijú espesso feito de tapióca ainda humida, que se colloca entre folhas de bananeira e se faz tostar no forno da farinha de mandioca (V. de Souza Fontes). A este beijú dão o nome de *Topioca* em Pernambuco, Alagoas e Parahyba do Norte, com a differença de lhe misturarem coco ralado (B. de Maceió), pelo que lhe chamam na Bahia *Beijú de côco*. || *Etym.* Talvez lhe provenha o nome de uma compração burlesca com o couro de boi cortido.

Sóque, *s. m.* acto de *socar*, isto é, de pisar no gral qualquer producto: O *sóque* do café. O *sóque* do milho. || *Etym.* A mesma que a de *socar*.

Soqueira, *s. f.* rhizoma da canna de assucar, depois de cortado o colmo. Dão o mesmo nome ao do arroz. || *Etym.* A mesma que a de *Sóca*.

Sucuri, *s. m.* especie de ophidio do genero *Boa*, que chega a ter mais de oito metros de comprimento; vive nos rios e lagos do interior, e é temivel por sua voracidade. No Pará lhe chamam *Sucurijú* (Baena); no Maranhão *Sucurujú* (C. A. Marques); na Bahia *Sucuriúba*; e em outras partes *Sucurijúba*, *Sucuriú*, *Sucurujúba* e *Sucuruyú*. || Os Indios do littoral davam o mesmo nome de *Sucuri* a essa especie de *Squalus*, a que chamamos *Caçã*, e esse nome sob a forma *Securi*, é ainda usado na Parahyba do Norte.

Sucurijú, *s. m.* (*Pará*) o mesmo que *Sucuri*.

Sucurijúba, *s. m.* o mesmo que *Sucuri*.

Sucuriú, *s. m.* o mesmo que *Sucuri*.

Sucuriúba, *s. m.* (*Bahia*) o mesmo que *Sucuri*.

Sucurujú, *s. m.* (*Maranhão*) o mesmo que *Sucuri*.

Sucurujúba, *s. m.* o mesmo que *Sucuri*.

Sucuruyú, *s. m.* o mesmo que *Sucuri*.

Súla, *s. f.* (*Par. do N.*) acção de manejarem alternadamente duas pessoas outras tantas mãos do gral, para activar a trituração de qualquer genero: João e José vão dar uma *súla* no milho (*Santiago*).

Sulamba, *s. e adj. m. e f.* (*Serg.*) o mesmo que *Samango*.

Sungar, *v. tr.* puxar para cima qua'quer objecto: *Sungar* a ancora do navio. *Sungar* alguém que esteja dentro de uma côva, donde não pôde sair sem auxilio alheio. *Sungar* um sacco de milho, etc. || *Ety m.* Do verbo bunda *cusungua*, puxar (*Capello e Ivens*).

Surucucú, *s. m.* especie de serpente venenosissima do genero *Lachesis*. || *Ety m.* E' voc. tupi (*B. Soares*).

Suruquá, *s. m.* nome commum a diversas aves do genero *Trogon*, da ordem dos Trepadores, notaveis por sua linda plumagem. || *Ety m.* E' voc. tupi usual tambem entre os guaranis do Paragnay. || Os francezes adoptaram para ella o nome estropiado de *Couroucou*.

Sururú, *s. m.* (*Bahia e outras prov. do N.*) especie de mollusco do genero *Modiola* (*M. brasiliensis*). || No Rio de Jan. e dahi para o Sul lhe dão o nome portuguez de *Mexilhão*. || *Ety m.* E' vocabulo tupi.

Sururúca, *s. f.* (*S. Paulo*) especie de peneira grossa. || *Ety m.* Do verbo tupi *sururú*, que significa vasar, derramar.

Sussuarâna, *s. f.* mamífero do genero *Felis* (*F. concolor*) da ordem dos carniceiros, ao qual chamam tambem *Onça parda*, e é provavelmente o *Leão* das provincias do Paraná e Rio Gr. do S. || *Ety m.* Do tupi *Suassu-rana*, que significa *semelhante ao veado*, e isso

porque tem o pello pardo, sem malhas, como o daquelles ruminantes.

Tába, *s. f.* nome que, em todos os dialectos da lingua tupi, significa *Aldeia*. Hoje só usam delle os nossos poetas, quando, no seu lyrismo patriotico, se referem aos antigos arraiaes da quasi extincta raça dos Tupinambás.

Tabáque, *s. m.* especie de tambor feito de um tronco ôco, guarnecido de couro em uma de suas extremidades, no qual, em logar de baquetas, batem os negros e indios com as mãos, e delle se servem como instrumento musical em seus batuques. Em S. Paulo o chamam *Tambaque*, e no Pará *Curimbó*. || Moraes menciona, como synonymos, *Tabaque* e *Atabaque* com a significação de instrumento usado na Asia e Costa d'Africa, sem nos dar, entretanto, a origem do nome. Aulete não o menciona.

Tabaréo, *s. m.* (*Bahia e outras prov.*) o mesmo que *caipira*. || *Ety m.* E' voc. portuguez, significando, d'antes, soldado de ordenança mal exercitado.

Tabarôa, *s. f.* de *Tabaréo*.

Tabatinga, *s. f.* nome vulgar da argila branca, da qual em certas localidades se servem os incoltas para caiar as paredes, em falta de cal. || *Ety m.* Corruptela do tupi *Tobatinga*, barro branco. No dialecto guarani *Tobatin*.

Tabica, *s. f.* (*Pern.*) vara de cipó de que se servem os almocreves para tanger as bestas. || Moraes diz que a *Tabica* é um cipó grosso, quando pelo contrario não tem mais grossura que a de uma vareta de espingarda (*Meira*). || Em lingua portugueza, *Tabica* é um termo nautico, sem relação alguma com o vocabulo brasileiro.

Tabóca (1^o), *s. f.* (*provs. do N.*) o mesmo que *Taguára*.

Tabóca (2^o), *s. f.* logro, decepção, desapontamento. Levar *tabóca* é soffrer um desengano: Esperava que o ministro me desse o emprego que lhe pedi, e afinal levei *tabóca*. || Esta locução corresponde á portugueza *levar com uma taboa*, de que tambem nos servimos no Brazil; e não daviado que seja ella o resultado da mera substituição de um voc. pelo outro. Entretanto, veja-se o artigo *taboquear*.

Tabocal, *s. m.* (*provs. do N.*) o mesmo que *taquaral*.

Tableiro, *s. m.* (*da Bahia até o Ceará*) extensa planície geralmente arenosa e de vegetação acanhada. || (*Minas Geraes*) planalto de montículos pouco elevados e separados entre si por meio de valles estreitos (*Saint-Hilaire*). || *Etym.* E' voc. portuguez, e em tudo mais tem entre nós as mesmas accepções que lhe dão em Portugal.

Taboquiar, *v. tr.* lograr, desapontar, desilludir: Cheguei a ter a esperança de obter aquelle emprego; mas afinal o ministro *taboquiou-me*. || *Etym.* Talvez seja corruptela de *atabuçar*, *v. tr. ant.* da lingua portugueza com a significação de *illudir, engodar, entreter*. Moraes, que o menciona, cita, como exemplo, a seguinte phrase do *Cancioneiro*: «Cuidais que, por serdes grifo, que por hi m'atabuçais?» Como se vê, o sentido é o mesmo que o de *taboquiar*, e a isso me atenho até melhor interpretação.

Tabú, *s. m.* (*Pern.*) assucar que não coalhou bem na forma, nem entesta para se lhe botar barro e purgal-o, por ser queimado ao apurar, ou mal limpo. *Fazer tabú*, phrase brasileira dos engenhos (*Moraes*).

Táca, *s. f.* (*Bahia*) o mesmo que *Mangá*.

Tacacá, *s. m.* (*Pará*) especie de mingão feito de tapióca, e temperado com *tucupi*. Seixas o menciona como vocabulo da lingua tupi, significando *gomma*.

Táco, *s. m.* (*Bahia, Pern., R. Gr. do N.*) fanéco, pedaço, boccado: Um *táco* de pão. || *Etym.* Ha na lingua portugueza a palavra *taco*, tambem usual no Brazil, com diversas significações, sem relação alguma e m o nosso vocabulo, do qual é apenas homonymo. No Rio de Janeiro dizem *tico*, para exprimir a minima parte de qualquer cousa. *Taco* e *tico* terão talvez a mesma origem, mas eu não a conheço. Em Portuguez a palavra *naco* significa pedaço grande de pão, de queijo, de presunto.

Tacurú (1º), *s. m.* (*Matto-Grosso*) o mesmo que *Tacuruba*.

Tacurú (2º), *s. m.* (*R. Gr. do S.*) monticulo de terra no meio dos banhados ('*esimbra*).

Tacurúba, *s. m.* (*S. Paulo, Pará*) trempe formada de tres pedras soltas, sobre as quaes se assenta a panela. || *Etym.* Apherese de *Itacurúba*, significando em lingua tupi ped-ço de pedra. Em guaraní, *Itacurú*. || Em Matto-Grosso dizem *Tacurú* (*Ces. C. da Co-ta*).

Taguá, *s. m.* o mesmo que *Tavá*.

Taimbé, *s. m.* (*R. Gr. do S., Paraná, Maranhão*) o mesmo que *Itaimbé*.

Taititú, *s. m.* (*Pará*) o mesmo que *Caititú* (1º).

Tajá, *s. m.* (*Pará*) o mesmo que *Tayá*.

Tamanduá (1º), *s. m.* nome comum a diversas especies de mamíferos do genero *Myrmecophaga*, da ordem dos *Dentados*. Ao de maior especie chamam *Tamanduá-bandeira* (*M. jubata*); aos menores dão o nome de *Tamanduá-mirim*. || *Etym.* E' voc. tupi.

Tamanduá (2º), *s. m.* questão moral de difficil solução. A minha demanda tem-se tornado um *tamanduá*.

|| *Etym.* Dizem que nasceu esta expressão de uma questão renhida na camara dos deputados a respeito de certos interesses locais da villa do Tamanduá (*B. de Jary*).

Tamarâna, *s. m.* (*Valle do Amaz.*) especie de clava de que usam na guerra certas hordas de selvagens, e é semelhante ao *Cvidarú*. || *Etym.* Apherese de *Itamarâna* que significa acha d'armas, instrumento de guerra (*Voc. Bras.*).

Tambáque, *s. m.* (*S. Paulo*) o mesmo que *Toboque*.

Tambueiro, *adj.* (*R. Gr. do S.*) nome que dão geralmente ao gado manso, principalmente o que vive aque-renciado perto da casa. Novilho *tambueiro* é aquelle que nasceu de vacca mansa, isto é, daquella de que se tira leite (*Coruja*).

Tambuéra, *adj.* (*provs. do N.*) o mesmo que *Catambuéra*.

Tambueira (1º), *adj.* (*provs. do N.*) o mesmo que *Catambuéra*.

Tambueira (2º), *s. f.* (*Maranhão*) o mesmo que *Batuéra*.

Tametára, *s. f.* o mesmo que *Metira*.

Tamina, *s. f.* ração diaria de farinha de mandioca que se distribuia a cada escravo. || *Ety m.* Do bunda *Ritamina*, tigela, poique, em verdade, servia geralmente de medida para isso uma tigela ou vaso semelhante. || Nas fazendas davam tambem o nome de *tamina* ao fornecimento periodico de roupa aos escravos. Na cidade do Rio de Janeiro, applica-se o mesmo nome á quantidade de agua que póde cada pessoa haurir de nas fontes publicas, por occasião das grandes secas.

Tamuatá, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) o mesmo que *Cambuatá* (1°).

Tanajára, *s. f.* V. *Saiba*.

Tanga, *s. f.* pedaço de panno das dimensões de um lençol. que servia de vestuario aos negros novamente chegados ao Brazil. || *Ety m.* Da lingua bunda *ntanga* (S. Luiz). || Corresponde ao que, em relação aos Indios, chamam *Julata* em Matto-Grosso.

Tantanguê, *s. m.* (*Sergipe*) especie de brinquedo de crianças (S. Roméo).

Tápa, *s. f.* (S. Paulo) pedaço de panno, com que se venda o burro pouco manso, enquanto o arreiam e carregam, para que se não assuste.

Tapejára, *s. m.* (*provs. merid.*) o mesmo que *vaqueano*. || *Ety m.* E' voc. tupi composto de *tupé*, caminho, e *jara*, senhor, significando literalmente senhor dos caminhos. isto é, pessoa idonea para servir de guia. Com este voc. se designava tambem o morador antigo da localidade (*Voc. Braz.*) e isto certamente porque esse individuo devia ter conhecimento amplo das vias de communicação respectivas. Como *pe* e *topé* são synonymos póde-se igualmente dizer *pejára*, e assim o faz o *Dicc. Port. Braz.* no artigo *Guia do caminho*, que elle traduz tambem por *pecuapára*, sabedor dos caminhos. || No *R. Gr. do S.*, liga-se á idé de *tapejára*, a de homem valente, destemido (Vianna).

Tapéra, *s. f.* estabelecimento rural completamente abandonado e em ruinas. || *Fig.* povoação em decadencia. || *Ety m.* E' contracção de *taba-puéra*, que, em lingua tupi, significa aldeã

abandonada. || Este voc. é não só usual no Brazil, como tambem no Paraguay, Bolivia, Republica Argentina e Estado Oriental do Uruguay (Moreno, Vellardo, Sagastume).

Taperá, *s. m.* (S. Paulo) nome vulgar de uma especie de andorinha (*Hirundo Taperá*, L.). || *Ety m.* E' voc. tupi (*Voc. Braz.*).

Taperebá, *s. m.* (Pará) o mesmo que *cajá*.

Taperú, *s. m.* (*provs. do N.*) larva de certos insectos, sobretudo uma pequena larva branca, que ataca as chagas dos animaes, e occasiona a molestia a que chamam *bicheira*. || *Ety m.* E' voc. tupi (*Dicc. Port. Braz.*). || No valle do Amazonas, tambem dizem *tapurú* (Seixas). || Nas provs. merid. ninguem mais usa deste termo.

Tapetií, *s. m.* nome tupi do *Lepus brasiliensis*, hoje inteiramente desusado no Brazil, e substituido pelos de coelho e lebre. Em 1846, estando eu no Paraguay, ainda se serviam delle os incolas.

Tapiára, *s. f.* nome tupi do *Tapirus americanus*, a que os hespanhoes e portuguezes impuzeram o de *anta*. Os francezes lhe conservaram o nome primitivo sob a fórma *tapir*, e os zoologistas o latinisaram para distinguir o genero a que pertencem as diversas especies, tanto americanas como indiatas, desse pachyderme. Na linguagem vulgar do Brazil é nome completamente desusado.

Tapinambába, *s. f.* (Ceará) massame de linhas com anzoas, nas jangadas destinadas á pescaria (J. Galeno).

Tapióca, *s. f.* fecula da mandioca. E' esta a accepção a mais geral do vocabulo. No Rio de Janeiro lhe chamam *polvilho*, e na Bahia e outras provincias do Norte *gomma*. Verdadeiramente, a *tapioca* do R. de Jan. é a *farinha de tapioca* da Bahia, do Pará e de outras provincias, a qual não é sinão a fecula que, ainda humida, se lança no forno especial. e se mexe com um mólho de pennas grandes até tomar a fórma granulosa; e neste estado serve para fazer papas, sopas e pudins. || Em Pern. e Alagoas chamam *tapióca* a especie de beijú a que no R. de Jan. dão

o nome de *sola*; e é neste sentido que a menciona G. Soares. || *Etym.* E' voc. de origem tupi. O *Dicc. Port. Bras.* traduz polme ou sedimento da farinha por *tipyôca*; o *Voc. Bras.* cousa coalhada por *typiaca*, *typiôca*, e ainda mais por *apiçanga*; Montoya, cousa coalhada por *typiaca*; Seixas, gomma da mandioca, por *têpeaca*. São vocabulos nascidos do mesmo radical.

Tapiocâno, *s. m.* (*R. de Jan.*) o mesmo que *caipira*. || *Etym.* Allusão á fabricação da tapioca, de que se occupam os pequenos lavradores.

Tapiocuhí, *s. m.* nome que os aborígenes do valle do Amazonas dão á farinha da tapioca (C. de Magalhães). || *Etym.* E' voc. tupi, significando litteralmente *farinha de tapioca*.

Tapití, *s. m.* (*Bahia*) o mesmo que *tipiti*.

Tapuio, *V. Tapuyo*.

Tapurú, *s. m.* (*Valle do Amaz.*) o mesmo que *taperú*.

Tapuyo, *a. s.* nome generico applicado aos selvagens bravios do Brazil, e como tal syn. de *Bugre*. No valle do Amaz., conservam ainda essa denominação os aborígenes já mansos, e a estendem tambem á generalidade dos mestiços, e neste caso corresponde ao termo *Cubôcto*, de que se usa nas demais provincias do Imperio. || *Etym.* E' voc. de origem tupi, e delle se serviam, como alcunha injuriosa, tanto os Tupinambás do Brazil, como os Guaranis do Paraguay, para designarem as nações selvagens que habitavam os sertões. Erram, portanto, os escriptores que o consideram como designando exclusivamente certa e determinada nação. Segundo Figueira, tem a significação de barbaro; e segundo Montoya, a de escravo. || Moraes escreve *tapuya*, tanto no masculino, como no feminino, e muita gente ha que assim o faz.

Taquára, *s. f.* (*provs. merid.*) nome vulgar das especies indigenas de *Bambuseas*. Nas provincias do Norte lhe chamam *taboca* (1º). || *Etym.* São ambos os vocabulos de origem tupi.

Taquaral, *s. m.* (*provs. merid.*) matta de taquaras. Nas provincias do Norte dizem *tabocal*.

Taréfa, *s. f.* (*Bahia*) medida agraria igual a 900 braças quadradas (4.356 m. q.) com destino á cultura da canna de assucar. Ha *tarefas de rego* (cannanovamente plantada) e *tarefas de sóca* (canna já cortada uma e mais vezes, e cujos brotos se vão succedendo annualmente). A producção de um engenho se avalia pelo numero de *tarefas* cultivadas. Segundo Moraes, a moagem de cada tarefa de canna, em um bom engenho movido por agua, pôde ser executada em 24 horas, produzindo pelo menos oito *melladuras*, o que se chama *tarefa redonda*.

Tarióba, *s. f.* mollusco do genero *Tellina* (*T. constricta*, Brug.). || *Etym.* E' voc. tupi. || G. Soares menciona este mollusco com o nome erroneo de *Tarcoba*, o que é devido, sem duvida, a erro de typographia.

Taróque, *s. m.* (*Alag. e Serg.*) o mesmo que *Cornimbóque*.

Tarubá, *s. m.* (*Pará*) especie de bebida mui usada entre os Tapuyos, os quaes a preparam do modo seguinte: ralam a mandioca, expremem-lhe o succo, cóam a massa, com a qual fazem uma especie de beijú grande, a que por isso chamam *beijú-assú*. Ao depois reduzem a pó folhas da arvore Curumim, a com ella polvilham o *beijú-assú*, e em seguida abafam com folhas e guardam por espaço de oito dias, no fim dos quaes dissolvem-o em agua, cóam e bebem (F. Bernardino).

Tarumân, *s. m.* nome commum a diversas arvores fructiferas do genero *Vitex*, da familia das Verbenaceas. No Rio de Jan. pertence a genero e familia diversa uma certa arvore a que chamam tambem *Taruman*.

Tatamba, *s. m.* e *f.* toleirão que falla mal; homem tosco do campo.

Tataóras, *s. f. pl.* o mesmo que *Catapóras*.

Tatêto, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) o mesmo que *Caititú* (1º).

Taticumân, *s. m.* (*Pará*) o mesmo que *Picumân*.

Tatú (1º), *s. m.* nome commum a diversas especies de mammiferos pertencentes ao genero *Dasyppus*, da ordem dos Desdentados; taes são: *Tatú canastra*, *T. etê* ou *T. verdadeiro*, *T. ahíca*

ou *T. de rabo molle*, *T. peba*, *T. bóla*, *Tatú*; e talvez outros.

Tatú (2º), *s. m.* arvore de construcção do genero *Vasea* (*V. indurata*, F. Allemão) da familia das *Olacineas*.

Tatú (3º), *s. m.* (*R. Gr. do S.*) nome de uma das variedades desses bailes campestres, a que chamam geralmente *Fandangó* (Coruja).

Taturãua, *s. f.* (*S. Paulo*) nome que dao ás larvas ou lagartas ouriçadas de uma felpa que produz uma sensação dolorosa a quem a toca. || *Ety m.* Talvez seja corruptela de *Tatarana*, composta de *Tatá* fogo, e *rana*, semelhante, Moraes menciona este animal com o nome de *Taturana* e o descreve bem. Montoya traz *Tatãurã*, com a significação de *gusano colorado*.

Tauá, *s. m.* peroxydo de ferro. E' nome commum a todas as pedras argilosas, que tem a cor daquelle composto chimico. || *Ety m.* E' voc. tupi significando tambem *amarello* e como tal é syn. de *juba*. || Tambem dizem *Taguá*. || Empregam-o para colorir a louça de burro.

Tauassú, *s. m.* (*provs. do norte*) pedra furada presa a um corda, e serve de ancora ás jangadas (J. Galeno).

|| *Ety m.* E' contracção de *itã-guassú*, term. tupi significando pedra grande.

Táva, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) jogo de que usam os gaúchos atirando com o ganiz ao ar até cahir em pé, ganhando ou perdendo, segundo cahe pela parte concava ou pela convexa. || *Ety m.* Do castelhano *Taba*.

Tayá, *s. m.* nome tupi de diversas especies de Aroideas. No Pará lhes chamam *Tajá*.

Tayóba *s. f.* Aroideia do genero *Colocasia* (*C. esculenta*), cujas folhas se comem á guisa de espinafres, e cuja raiz tuberosa é tambem comestivel em algumas variedades. || *Ety m.* Do tupi *Tayá-ôba*, a roupagem do *Tayá*.

Tébas, *s. m.* valentão.

Teimósa, *s. f.* (*Ceará*) o mesmo que *Mundurêba*.

Teité, *int.* (*Pará*) expressão de compadecimento, equivalente a *Coitado!* || *Ety m.* E' voc. tupi (*Dicc. Port. Braz.*).

Téjo, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) especie de jogo que consiste em atirarem-se

moedas de cobre sobre uma faca fincada no chão dentro de um pequeno quadro. Se o jogador não acerta, passa a atirar o adversario (Cesimbra). || *Ety m.* E' voc. castelhano, e como tal se pronuncia.

Têjú, *s. m.* o mesmo que *Têyú*.

Tembetára, *s. f.* o mesmo que *Me'ira*.

Teméro, *adj.* (*Ceará*) temerario (J. Galeno).

Tempo-será, *s. m.* folguedo de brincas, que consiste em correr, saltar e cantar, repetindo as palavras *tempo-será é de miticó*. No Ceará tem a mesma significação que *Manja* (J. Galeno). Em S. Paulo, a criança corre a esconder-se e diz ao camarada: *tempo-será, se puder me pegar*. || *Ety m.* Talvez seja corruptela do tupi *Jemoçarai*, brincar (*Dicc. Port. Braz.*), ou *Anhemocaray*, folgar com crianças (*Voc. Braz.*).

Tentos, *s. m. plur.* (*R. Gr. do S.*) pequenas tiras de couro cru presas na parte posterior do lombilho de um e outro lado, onde se prende o laço, ou outra qualquer cousa que se queira trazer presa á garupa (Coruja).

Terneiro, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) a cria da vacca até á idade de um anno; é o mesmo que Bezerro (Coruja).

|| *Ety m.* Do castelhano *Ternero*. || Antiguamente se dizia em Portugal *Tenreiro* (Aulete).

Têso, *s. m.* porção de terreno que fazendo parte das vastas planicies sujeitas ás inundações do inverno, fica entretanto acima do nivel das aguas e offerece abrigo ao gado. || Em Portugal, tem a significação de monte ou serro alcantilado (Aulete).

Têtêcuêra, *s. f.* (*S. Paulo*) nome de certas depressões de terreno, que serviram de leito ao rio Parahyba do Sul, e estão hoje cobertas de vegetação (B. Marcondes).

Tetéia, *s. f.* nome infantil dos brincos de meninos. Tambem por gracejo o empregam em outras accepções; v. g. dizem das pessoas condecoradas que tem o peito coberto de *tetéias*. || *Ety m.* Moraes o menciona como oriundo do Brazil.

Têyú, *s. m.* (*provs. do N.*) nome de uma ou mais especies de *Lagartos* do

genero *Teius*, aos quaes chamam tambem *Tejú*, e são havidos por primorosa caça. || *Etym.* E' voc. tupi.

Theatino, a, adj. (*R. Gr. do S.*) coust. de que se não conhece dono. Applica-se este termo mais especialmente aos cavallos; mas tambem se diz de outras cousas sem dono. || *Etym.* Chamavam-se Theatinos aos clerigos regulares da ordem de S. Caetano de Theato, os quaes tambem eram conhecidos pelo nome de padres da Divina Providencia. Dizer cousa *theatina* não será o mesmo que dizer cousa da Divina Providencia? Talvez este termo d'ahi tenha origem trazida pelos antigos jesuitas (Coruja).

Tibáca, s. f. (*Alar.*) nome vulgar da espatha ou bracteol floral das palmeiras (J. S. da Fonseca). || Tambem lhe chamam *quibáca*. || Serve de vasilha aos pescadores, para esgotar a agua nas canoas.

Tíbi, int. (*Pern.*) expressão de espanto. No mesmo sentido dizem *Vote!* (S. Roméro).

Tico, s. m. cigalho, minima parte de alguma cousa, um quasi nada: Um *tico* de pão. O medico permittiu que tomasse um *tico* de vinho. || Tambem se emprega muito o dim nutivo *tiquinho*. Como expressão portugueza, o homonymo *tico* se refere a molestia: Tico doloroso, tico convulsivo (Moraes). Aulete não menciona *tico* em sentido algum; mas no *tico* de Moraes chama elle *tique*.

Ticum, s. m. o mesmo que *Tucum*.

Tiêté, s. m. (*S. Paulo*) ave do genero *Euphonia* (*E. violacea*) da ordem dos Passeres (Martius).

Tigéla (Tabaco de), *V. Pó*.

Tigüêra, s. f. (*S. Paulo, Paraná*) roça de milho, ou de outras quaesquer plantações annuas, de pois de effectua a colheita, e onde se poem os animaes a pastar. Em Minas Geraes, dão a isso o nome de *Palhada* e tambem o de *Palha*. || *Etym.* *Tigüêra* é voc. de origem tupi; e, quanto a mim, contracção de *Abatigüêra* com a significação de milho extincto.

Tijôlo (fazer), *loc. popular*, namorar: Ful no só se emprega agora em *fazer tijôlo*. De manhã estudo, á tarde faço *tijôlo*.

Tijucal, s. m. (*Valle do Amaz.*) lameio, lodaçal. Tambem dizem *Tujucal* (J. Verissimo).

Tijúco, s. m. lama e particularmente a lama de côr escura. Tambem se diz *Tujúco*. || *Etym.* De origem tupi: *Tjúca* (*Dicc. Port. Braz.*); *Tuiuca* (*Voc. Braz.*) como ainda se diz no dialecto amazoniense (Seixas); em guarani *Tujú* (Montoy).

Tijucopáua, s. m. (*Valle do Amaz.*) lamaçal, tremedal (J. Verissimo). || *Etym.* E' termo do dialecto tupi do Amazonas. O *Dicc. Port. Braz.* traduz lamaçal por *Tyucopáua*. O Sr. José Verissimo decompõe *Tijucopáua* em *Tyyuu*, lodo, lama, e *páua*, lugar, esteiro, espaço.

Tijupá, s. m. (*Bahia e outras provs. do N.*) palhoça de duas aguas, que tocam no chão, e sarvem nas roças para abrigar os trabalhadores, em tud semelhante ao que em Pern. chamam *mocambo* (3º). Na Bahia o *tijupá* é igualmente o toldo de certas lanchas costeiras. || No Pará tambem dizem *tujupar* (Baena) e assim o escrevem Moraes e Aulete. || *Etym.* E' voc. de origem tupi. O *Dicc. Port. Braz.* traduz cabana por *tejupáua*; o *Voc. Braz.* choupana por *Tejupáua*.

Timbó, s. m. nome commum a diversas especies de vegetaes, que, por suas propriedades toxicas, são empregadas para matar o peixe, produzindo desta sorte o mesmo effeito que o *Tinguí* do Brazil e o *Trovisco* de Portugal. || No Pará designam com o nome de *Timbó*, não só esses vegetaes como tambem toda e qualqver substancia que lhe possa servir de succedaneo neste systema de pesc. (B. de Jary). Em Pernambuco ha um certo cipó branco, de que se fazem chapéos, aos quaes chamam por isso *chapéos de Timbó* (B. de Jary).

Timbú, s. m. (*Pern., Par. do N.*) o mesmo que *Saruê*

Tinga, adj. voc. tupi e guarani significando *branco*. Só usamos d'elle em nomes compostos: *Urulú tinga*, *Jacaré tinga*, e outros || No valle do Amazonas, dizem tambem *pitinga*: *Cuia-pitinga* (J. Verissimo); e os Tupinambás usavam indifferentemente de *tinga* ou *morotinga* (*Voc. Braz.*).

Tingui, *s. m.* nome commum a diversas especies de vegetaes dos generos *Phaeocarpus*, *Magonia* e *Jacquinia*, os quaes, lançados ao rio, têm a propriedade de matar o peixe (Martius). Corresponde pelo effeito ao nosso *Timbó* e ao *Trovisco* de Portugal. || *Ety.* E' vocabulo tupi.

Tingujáda, *s. f.* acção de lançar ao rio o *tingui*, com o fim de matar peixe. Corresponde ao que em Portugal chamam *troviscada*.

Tinguijar, *v. tr.* envenenar com o *tingui*, lançando-o á agua para matar o peixe. Tambem se emprega este verbo em relação a qualquer planta, que, sem ser o proprio *tingui*, produz o mesmo effeito, tanto sobre o peixe, como sobre outro qualquer animal: Dizem que a folha do cajueiro *tinguija* os cavallos.

Tipití, *s. m.* especie de cesto cylindrico, feito de taquara e tambem de folhas de palmas com bocca estreita, o qual se enche de mandioca ralada, para ser expremida na prensa e ficar bem enxuta, depois do que é levada ao forno e reduzida a farinha (V. de Souza Fontes). No Rio de Janeiro, costumam dar o nome de *côfo* a um *Tipití* mais extenso com cerca de dous metros de comprimento. Montoya escreve *Te-piti*, com a definição de *instrumento de hojas de palmas, como manga, para esprimir mandioca* || *Ety.* E' voc. tupi. || Na Bahia lhe chamam *Tapiti*.

Tipóia, *s. f.* (prov. do N.) pequena rede para dormitorio de crianças. || Rede destinada ao transporte de pessoas. Neste sentido, é termo tambem usual em Angola (Capello e Ivens). || Charpa para sustentar um braço doente. || Nas roças do Rio de Janeiro, é um apparelho grosseiro no qual se colloca a perna ou braço fracturado e alli fica em repouso até que chegue o operador. || E' voc. de origem tupi (Voc. Braz.).

Tipúca, *s. f.* (Volte do Amaz.) ultimo leite mais grosso e mais rico em *serum* que se tira da vacca; e quelle leite que se extrahе quando já se está a esgotar a teta. Nas fazendas aconsellham aos doentes que não bebam o primeiro leite, mas sim a *tipúca* (J. Verissimo).

Tiquára, *s. f.* (Pará) o mesmo que *jacuba*. || (Maranhão). Nome de qualquer bebida refrigerante. Neste sentido é o mesmo que a *garapa* de outras provincias. || *Ety.* Tanto em tupi, como em guarani, *ticú* significa liquido (Dicc. Port.-Braz., Montoya). || E' esse certamente o radical de *tiquára*.

Tiquinho, *s. m.* diminutivo de *tico*.

Tiquira, *s. m.* (Maranhão) aguardente de mandioca (B. de Mattoso). || No Pará esta especie de aguardente é produzida pela fermentação do Beiju-assú (J. Verissimo).

Tiradeiras, *s. f. plur.* (Pern.) cordas, correntes e até cipós fortissimos. tiras de sola ou couro cru, entre as quaes vão presas as bestas que puxam as almanjarras, pegam nos peitoraes e atraz nos cambões presos ás almanjarras (Moraes).

Tiradôr, *s. m.* (R. Gr. do S.) pedaço de couro cru sovado, que os laçadores poem em redor da cintura, quando laçam a pé; serve para amparar as illargas quando esticam o laço (Coruja).

Tirãna, *s. f.* (R. Gr. do S.) variedade desses bailes campestres a que chamam geralmente *Fandango* (Coruja).

Tiririca, *s. f.* nome commum ás diversas especies de Cyperaceas, que se encontram no Brazil. || *Ety.* E' provavelmente voc. de origem tupi.

Tiriúma, *adj.* (S. Paulo) só, desacompanhado: Carne ou peixe *tiriúma*, sem pão. Pão *tiriúma*, sem carne ou peixe. Durante a minha viagem ao sertão, não tive ás vezes para meu sustento senão caça *tiriúma*. || *Ety.* Deriva-se do tupi *Ityráma*.

Tiro-de-laço, *s. m.* (R. Gr. do N.) V. *Laço*.

Titára, *s. f.* (Bahia) palmeira do genero *Desmoncus* (*D. lophacanthos*). Ás diversas especies deste genero dão, no valle do Amazonas, o nome de *Jacitára*; e em Matto-Grosso o de *Urumbamba* (Flora Bras.).

Titiá, *s. f.* designação infantil de *titi*. || Em Portugal dizem *titi*.

Titinga, *s. f.* (Pará) manchas brancas que apparecem, como pannos,

no rosto e outras partes do corpo. || E' termo tupi.

Titío, *s. m.* designação infantil de thio

Tobatinga, *s. f.* nome primitivo da *Tabatinga*. || *Ety m.* Composição do substantivo *Toba*, barro, e do adj. *tinga*, branco.

Tobião, *s. m. e adj.* (*S. Paulo*) cavallo de certa raça.

Tocador, *s. m.* (*Minas-Geraes*) almocreve encarregado de tanger um lote de animais de carga. Em São Paulo lhe chamam *Camarada de lote*.

Tocáia (1º), *s. f.* emboscada em que se occulta alguém, com o desígnio de matar a outrem. || No Pará dão também esse nome ao poleiro das gallinhas (*B. de Jary*). || E' vocabulo tupi com a significação de choça, e tem por syn. *tapĩ* (*Voc. Braz.*). || Em guarani, *tocai* tem a dupla significação de curral e de cerca que faz o caçador, para não ser sentido da caça, e o andaime que faz para laçar aves. Esta segunda acceção cabe bem á de emboscada.

Tocáia (2º), *s. f.* de *Tocáio*.

Tocaiar, *v. tr.* fazer espera a alguém com o fim de o matar traiçoeiramente. || Em bom sentido se usa deste verbo na acceção de espreitar alguém, por quem se espera em certo e determinado logar.

Tocáio, *a. s.* (*R. Gr. do S.*) o mesmo que *xará*.

Tôlido, *s. m.* (*Paraná*) o mesmo que *Aldêa* ou *Malôca*. || *Ety m.* E' termo da America Meridional hespanhola, significando barraca, choça ambulante, que serve de habitação aos Indios. Tanto basta para reconhecer-se que o vocabulo *Tôlido*, com a significação de *aldêa*, nos veio das republicas platinas.

Tombador, *s. m.* (*Bahia*) encosto íngreme de uma montanha; e também ladeira empinada (*Aragão*).

|| *Ety m.* Do verbo portuguz *tombiar*, no sentido de cahir pela montanha abaixo.

Tombadores, *s. m. pl.* (*Ceará e outras provs. do N.*) terrenos designaes escarpados, cheios de barrocs (*J. Galeno*): O outro lado do rio é composto de serras, *tombadores* e valls, todos cobertos de mattas, e mais ou menos

frescos, mui productivos, e que vão sendo cultivados (*T. Pompéo*).

Tomba-las-aguas, *s. m.* (*Maranhão*) o mesmo que *Tramba-las-aguas*.

Topetúdo, *adj.* valente, destemido. || *Ety m.* Tem provavelmente a mesma origem que a de *Cabra-topetulo*.

Torçal, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) especie de cabresto, de que se serve o cavalleiro, conjuntamente com as re-deas, para melhor conter os animaes ariscos (*Coruja*). || Em Portugal, *Torçal* significa cordão de varios fios de seda, ouro, etc., servin lo de adorno nos vestidos antigos, e hoje de acasear vestidos (*Moraes*).

Tordilho, *adj.* (*R. Gr. do S. e S. Paulo*) diz-se do cavallo cujo pêlo é salpicado de branco e preto. *Tordilho negro* é aquelle em que sobresahe a côr escura; e *Tordilho sabino* quando é salpicado de branco e vermelho (*Coruja*). Em Portugal, o vocabulo *Tordilho* tem a mesma significação que entre nós.

Torêna, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) homem saudido, guapo.

Toró, *adj.* (*Maranhão*) diz-se da pessoa que perdeu a phalange de algum dedo da mão: Antonio é *toró* da mão direita (*B. de Matoso*). || *Ety m.* Parece nascer do verbo *torar*.

Torroada, *s. f.* (*Maranhão*) nome que dão ás fendas que apparecem nos terrenos argilosos e alagadiços depois de secos, e que tornam difficeis e perigosos os caminhos. || Em portuguez, *Torroada* significa multidão de torrões, pancada com torrões (*Aulete*).

Tosse-comprida, *s. f.* (*São Paulo*) coque-luche. || No Pará lhe chamam *Tosse-de-guariba* por lhe acharem uma certa semelhança com as zozerias deste quadrumano (*B. de Jary*).

Tosse-de-guariba, *s. f.* (*Pará*) o mesmo que *Tosse-comprida*.

Tourear, *v. tr.* burlesco (*R. Gr. do S.*) namorar (*Coruja*).

Tourúno, *adj. m.* (*R. Gr. do S.*) roncolho; boi que por mal castro ainda procura as vaccas. Outro tanto dizem do cavallo que se acha nas mesmas circumstancias (*Coruja*).

Tracajá, *s. m.* (*Valle do Amaz.*) especie de Chelonio do genero *Emys*. ||

Ety. E' oriundo do dialecto tupi do Amazonas.

Tramba-las-aguas, *s. m.* (*littoral de S. Paulo*) logar de encontro de duas marés, em um canal que tenha duas saídas para o mar. (*Roubois*). || No Maranhão lhe chamam *Tomba-las-aguas* (C. A. Marques).

Tranca, *s. f.* (*littoral de algumas provs. do N.*) o mesmo que *Retranca*.

Tranco, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) macha natural do cavallo em viagem ou passeio, sem que seja preciso activar-o (Coruja). || Em Portugal significa salto largo que o cavallo dá e para logo, e neste sentido é termo oriundo de Hespanha.

Trancúcho, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) bebado (Cesimbra). || *Ety.* No Mexico o vocabulo *tranca* significa borracheira (Valdez). Talvez seja esse o radical do termo rio-grandense.

Tranquito, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) dim. de *Tranco*.

Trapocerába, *s. f.* herva medicinal e forrageira do gen. *Tradescantia* (*T. diuretica*) da fam. das *Commelineas*. Na Bahia, no Maranhão e no Pará, lhe chamam *Marianinha*; em Pernambuco, *Andica*.

Traquejado, *a*, *adj.* pratico em qualquer cousa: E' homem mui traquejado no commercio, na agricultura, na politica. || *Ety.* E' sem duvida oriundo do verbo antiquado portuguez *traquejar*, com a significação de exercitar, tornar apto para algum fim pela experiencia.

Traquêjo, *s. m.* muita pratica e experiencia em qualquer serviço: O *traquejo* do commercio; o *traquejo* da arte militar. Aquelle rapaz é mui intelligente; mas falta-lhe o *traquejo* da vida. || *Ety.* A mesma que a de *Traquejado*.

Travessão (1º), *s. m.* (*Par. do N.*) cerca que separa os terrenos de criação dos de lavoura, para impedir a invasão dos gados.

Travessão (2º), *s. m.* (*Maranhão*) banco de areia que vai de uma a outra margem do rio, e offerece vau aos passageiros (Aranha). || Em Goyaz, dão esse nome ao Recife que atravessa

os rios e sempre com solução de continuidade, apresentando d'esta sorte canaes mais ou menos profundos e navegaveis (Corrêa de Moraes).

Travessão (3º), *s. m.* (*R. Gr. do S.*) a parte mais larga da cincha, que fica sobre o lombillo, quando se ensilha o cavallo (Coruja).

Trelente, *s. m. e f.* tagarela.

Treler, *v. intr.* tagarelar. || *Ety.* De *trêa*: Dar *trêla*, puxar alguém à conversa (Aulete).

Tromba, *s. f.* (*Matto-Grosso*) o mesmo que *Itaimbê*.

Trombóbó, *s. m.* (*R. de Jan.*) certo modo de pescar tainhas, o qual consiste em guarnecer um dos bordos da canôa com esteiras seguras por fúeiros. Na est ção em que costumam as tainhas subir os rios, entram por elles as canôas armadas do *Trombóbó*, e procuram apertar o peixe para uma das margens apresentando-lhe a borda não guarnecida. O peixe intenta fugir saltando por cima da canôa, e dando de encontro à esteira cahe no fundo della.

Tronco-de-laço, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) apparelho empregado para prender um homem com toda a segurança, o qual consiste em tomar uma corda, amarrar-a pelo meio ao pescoço do paciente, esticando-a o mais possível e amarrar-lhe as extremidades em duas estacas ou cousa equivalente (Coruja).

Tronqueira, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) nome que dão à cada um dos dous grossos esteios em cujos buracos se introduzem as varas da porteira (Coruja).

Trópa, *s. f.* especie de caravana composta de bestas de carga. Nas provincias do Norte lhe chamam *Comboio*. || Tambem dão o nome de *trópa* a uma grande porção de animaes muarres que seguem para as feiras ou outro qualquer destino. No Rio-Gr. do S., é uma grande porção de gado vacuum que se conduz para as charqueadas. Em todos os mais sentidos, a palavra *tropa* tem no Brazil a mesma significação que em Portugal.

Tropeiro, *s. m.* (*S. Paulo, Minas-Geraes, Paraná*) negociante cuja industria consiste em comprar e vender

tropas de animae; cavallares e muares.
 || Conductor d' tropa.

Tropilha, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) porção de e vallos amadrinhados. Mais propriamente se diz de cavallos do mesmo pelo: *Tropilha* de baios; *tropilha* de e-curos, etc. Sendo de diferentes pêl s se chama *Quadrilha* (Coruja). || *Ety m.* Do castelhano *Tropilla*, diminutivo de tropa (Valdez).

Túba, o mesmo que *Tyba*.

Tucáno, *s. m.* nome commum a diversas aves do genero *Rhamphosus* da ordem dos Trepidores, notáveis por seu enorme bico. || *Ety m.* E' vocabulo de origem tu i.

Tucum, *s. m.* nome vulgar de diversas palmeiris pertencentes ao genero *Bactris* e *Astrocaryum*. || Tambem se diz *ticum*. || *Ety m.* E' vocabulo tupi.

Tucumân, *s. m.* (*Pará*) nome commum a diversas Palmeiras do gen. *Astrocaryum*. || *Ety m.* E' voc. tupi.

Tucupí, *s. m.* (*Pará e Amaz.*) especie de mólho feito da manipueira, ou succo da raiz da mandioca, o qual, depois de exposto ao calor do sol ou do fogo, além de perder, pela evaporação, suas qualidades venenosas, e sendo convenientemente temperado com pimenta e outros condimentos, se torna inoffensivo, e é mui usado em todas as mesás. || *Ety m.* Do tupi *tycupy* (*Dicc. Port. Braz.*). || A este molho engrossado com farinha, curá ou outro tuberculo dão o nome de *Caissuma* (J. Verissimo).

Tuira, *adj.* (*Valle do Amaz.*) pardo, cinzento, côr preta desbotada, russo. || *Ety m.* E' voc. tupi (J. Verissimo). || Seixas traduz *Tver* em pardo, cinzento, e o *Dicc. Port. Braz.*, *tuguir* em parda côr.

Tujucál, *s. m.* o mesmo que *tijuca*

Tujúco, *s. m.* o mesmo que *Tijuca*

Tujupár, *s. m.* o mesmo que *Tijupá*

Tuubansa, *s. f.* (*Ceará*) especie de comida feita de castanha de cojú torrada e pisada, sumo da mesma fructa e assucar.

Tuuc, *s. m.* (*Serg.*) o mesmo que *Muaduo* (S. Roméro).

Tupé, *s. m.* (*Pará*) grande esteira grossa, onde se deita a seccar ao sol o arroz e outros productos da lavoura. Em guarani, *Tupi* é um cestinho de canas a modo de um prito grande (Montoya). || *Ety m.* E' voc. do dialecto tupi do Amaz. (Cout. de Magalhães).

Turéba, *s. m.* (*Bahia*) valentão (Aragão)

Turiúa, *s. f.* (*Pará*) o mesmo que *Sahiré*.

Turumbamba, *s. m.* (*prov. do N.*) balburdia, altercação, disputa, desordem, conflagração, confusão, estralada: Por occasião das partilhas, houve n'aquella casa tamanho *turumbamba* que obrigou a intervir a policia.

Tururí (1º), *s. m.* (*Pará*) grande arvore da região amazonica pertencente ao genero *Cowratari* da familia das Myrtaceas (Martius). Sua tona offerece dilatados pannos de que se servem os indigenas para seus vestidos e são de uma só peça e sem costura; quando muito lhes adaptam mangas. Serve-lhes ainda este tecido natural para fazer cobertores, mosquiteiros, esteiras e chapéos mui finos (F. Bernardino)

Tururí (2º), *s. m.* (*Pará*) espatha fibrosa do Bussú, especie de palmeira do genero *Monicaria*, e da qual fazem curapuças (Bena).

Tutú (1º), *s. m.* ente imaginario com que se mette medo ás crianças: Se choras, ali vem o *Tutú*. || *Ety m.* E' voz infantil.

Tutú (2º), *s. m.* (*R. de Jan.*) especie de comida que consiste em feijão cozido misturado com farinha de mandioca ou de milho. Em S. Paulo chamam a isso *Pamoná*, *Virado* e *Revirado*. || E' certamente o que Aulete chama erroneamente *Tuto*, *Ungui* ou *Passóca*. A *Passóca* é cousa differente; e quanto a *Tuto* e *Ungui* são palavras que não conheço.

Tuturubá, *s. m.* o mesmo que *Cutiiribi*.

Tuxáua, *s. m.* (*Valle do Amaz.*) chefe de uma tribu de aborigenes. || *Ety n.* E' voc. tupi, metaplismo de *Tubixiba*. || Algumas tribus dão aos seus chefes o nome de *Muruxáua* (Seixas), *Murumuaiva*, alteração prosodica de

Morobixába; e no Rio-Negro e proximidades de Orenoco o de *Cacique* (L. Am. zonas). || Figuradamente dão o nome de *Tuxáua* ao individuo influente no lugar que habita; o commendador F. é o *Taxáua* do municipio.

Tuyuyú, *s. m.* grande ave ribeirinha do genero *Mycteria* (*M. americana*). || No Pará lhe chamam *Tujujú* (Buena).

Týba, vocabulo tupi significando lugar ou sitio onde ha abundancia ou reunião de muitos individuos ou cousas da mesma especie. Se ve de suffixo a denominação de localidades, nos mesmos casos em que empregamos em portuguez o suffixo *al*: *Guaratýba*, *Guarizal*, ou lugar de muito Guará; *Mangaratýba*, *Mangarazal* ou lugar de muito Mangará; etc. Neste vocabulo a lettra *y* representa um som guttural de difficilissima pronuncia para aquellos que não praticam a lingua tupi; e dahi vem que esse *y* na linguagem vulgar, ora se converte em *i* e ora em *u*. Temos, por exemplo, no municipio da Côrte a freguezia de Guaratita, e na provincia do Paraná a villa de Guaratuba, tendo ambos estes nomes a mesma origem e a mesma significação.

Týpyratý, *s. m.* nome que os Tapinambas e Guaranis davam a farinha feita das *raspas* da mandioca. E' pena que este nome, alis tão util pela sua especialidade, tenha cahido em desuso.

Uacumân, *s. m.* (*Goyaz, Matto-Grosso*) nome commum a duas especies de Palmeiras do genero *Cocos* (*C. campestris* e *C. petraea*, Martius). || *Ety.* E' voc. tupi.

Uajurú, *s. m.* (*Pará*) o mesmo que *Guajerá*.

Uamirí, *s. m.* (*Valle do Amaz.*) nome da pequena flexa da Zarabáina. || *Ety.* Variação dialectica de *Uibamirina*, significando *frecha pequena*, em lingua tupi.

Uarubé, *s. m.* (*Pará*) massa de manihã pua misturada com sal, alho e pimenta da terra, a qual é desfeita no molho do peixe ou carne. Tambem lhe chamam *Arubé* (Buena).

Uassahí, *s. m.* o mesmo que *Assahí*.

Uassassú, *s. m.* (*Pará*) palmeira do genero *Attalea* (Martius).

Uassú, *alj* o mesmo que *quassú*.

Uatapú, *s. m.* (*Pará*) buz na de que se servem os Indios pescadores com a pretensão de attrahir o peixe. || No Ceará dão o nome de *Atapú* a um buzio grande, que serve de buzina. O jangadeiro toca o buzio para chamar os companheiros, ou os freguezes ao mercado do peixe (J. Galeno). || *Ety.* São vocabulos de origem tupi. O segundo não é senão a corruptela do primeiro. Em guarani *Guatapý* designa uma especie de caracol mui grande do mar (Montoya).

Uaturá, *s. m.* (*Pará*) o mesmo que *Aturá*.

Uáuassú, *s. m.* (*Pará*) palmeira do genero *Attalea* (*A. speciosa*, Martius). Existe em Matto-Grosso uma especie de Palmeira com o mesmo nome. Será idêntica a do Pará? || *Ety.* E' voc. tupi.

Ubá (1^o), *s. m.* graminea do genero *Gynerium* (*G. saccharoides*), de cujos pedunculos fazem os selvagens suas flechas, e os fogueteiros as cannas dos seus foguetes. Tem o porte da canna de assucar e por isso lhe chamam tambem *Canna-brava*, tanto no Rio de Jan. como em outras partes. A esta ou especie semelhante dão em Matto-Grosso o nome de *Carúmbá*. || *Ety.* E' voc. tupi.

Ubá (2^o), *s. m.* (*Valle do Amaz.*) especie de canoa feita de casca inteiriça de arvore. || No dialecto tupi do Sul chamav m-lhe *ypéigára* (*Voc. Bras.*), cuja traducção litteral é *canoa de casca de pau*.

Ubaia, *s. f.* (*Pern.*) o mesmo que *Pitombo*. || *Ety.* E' voc. de origem tupi composto de *úba*, fructa, e *aya*, azeda.

Ubim-mirim, *s. m.* (*Pará*) palmeira do genero *Geonoma* (*G. acaulis*, Martius).

Ubim-uassú, *s. m.* (*Pará*) palmeira do genero *Calyptromma* (*C. robusta*), cujas folhas servem para cobrir cascas (*Flora Bras.*).

Uirari, *s. m.* (*Valle do Amaz.*) especie de veneno com que hervam suas flexas os selvagens.

Umbú (1^o), *s. m.* o mesmo que *Imbú*.

Umbú (2^o), *s. m.* (*Paraná, S. Catharina e R. Gr. da S.*) grande arvore do genero *Pircunia* (*P. dioica*, Mor.) da familia das Phytollaceas (Gilazion). Esta arvore vive tambem no Paraguay e na Republica Argentina; e, impropria para qualquer obra, dá todavia cinza mui carregada de potassa. No Paraná, lhe chamam tambem *Maria-molle*.

Umbuzáda, *s. f.* o mesmo que *Imbusoda*.

Una, *adj.* voc. tupi significando preto, escuro. E' só usado de combinação com substantivos daquella lingua: *Itaina*, pedra preta; *Piraina*, peixe preto; *Caina*, herva preta ou escura. Os Indios diziam indifferentemente *una* ou *pixuna*.

Unheira, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) matadura incuravel ao lado do fio do lombo dos cavallos, proveniente do mau uso dos lombilhos. Na campanha chamam-lhe *Cuêra*, e ao que a tem *Cueriulo* (*Coruja*). || *Etym.* Em lingua portugueza, *Unheiro*, *s. m.*, é uma apostema na raiz da unha, e neste sentido é geralmente usado no Brazil. Não me parece que possa ser essa a origem do vocabulo rio-grandense.

Ura, *s. f.* (*Pará*) nome do verme que se cria nas feridas dos animaes, l' rva de uma especie de mosca. || *Etym.* E' vocabulo tupi.

Urapúca, *s. f.* (*Valle do Amaz.*) o mesmo que *Arapúca*.

Urca, *adj.* (*Serg.*) grande, enorme: Um individuo *urca*. Uma igreja *urca* (João Ribeiro).

Uricâna, *s. f.* (*Bahia*) palmeira do genero *Geonoma*.

Urso, *s. m.* (*Bahia*) mandatario de assassinatos.

Urú (1^o), *s. m.* ave do genero *Odontophorus*, familia das Perdiceas, e ordem das Gallinaceas, de que ha mais de uma especie. No Rio de Janeiro lhe chamam *Capueira* (2^o). || *Etym.* E' vocabulo tupi.

Urú (2^o), *s. m.* (*algumas provs. do N.*) especie de cabaz, cesto ou bolsa com tampa. Fazem-a de folhas de palmeira ou cipó fino, e serve de mala de viagem. Algumas são grandes e podem conter tanto como um *Cassua* (Meira). No valle do Amazonas, trazem-as como

as patronas dos soldados. São tambem usuas no Ceará. || *Etym.* E' voc. tupi O *Dicc. Port.-Braz.* o traduz em *Côfo*.

Urubú, *s. m.* ave de rapina do genero *Cathartes*, que se alimenta de carnes podres. Ha tambem no mesmo genero o *Urubutinga*, mais geralmente chamado *Urubú-rei*, notavel pela sua formosura.

Urucú, *s. m.* substancia tinctorial que reveste as sementes do Urucuzeiro, arbusto do genero *Bixa* (*B. Orellana*) da familia das Flacourtiaceas. || *Etym.* E' voc. tupi.

Urucurí, *s. m.* (*Valle do Amaz.*) palmeira do genero *Attulea* (*A. excelsa*).

|| Ha tambem na Bahia e Pernambuco, com o mesmo nome vulgar, outra especie pertencente ao genero *Cocos* (*C. cormata*). || *Etym.* E' voc. tupi.

Urumbamba *s. f.* (*Matto-Grosso*) palmeira do genero *Desmoncus* (*D. rudentum*), de que se extrhe a palhinha para as cauleiras. A's diversas especies deste genero dão, no valle do Amazonas, o nome de *Jacitára* e na Bahia o de *Tibra*.

Urumutum, *s. m.* (*Valle do Amaz.*) ave do genero *Troglodytes* (*C. Urumutum*) da ordem das Gallinaceas. || *Etym.* Do dialecto tupi do Amazonas.

Urupêma, *s. f.* especie de peneira grosseira feita de taquara ou de canna brava. || *Etym.* E' voc. tupi (*Voc. Braz.*). Na mesma lingua, tambem diziam *Gurupêma* (*Dicc. Port. Braz.*) e assim lhe chama o conego F. Bernardino. Tambem se ouve *Urupemba* e *Arupemba*, e este segundo não é mais do que a corruptela do primeiro. || Além do serviço que podem prestar como peneiras, tambem as emprega a gente pobre á guisa de portas e janelas, como o vi em Oeiras do Piahy; e outro tanto faziam em S. Paulo antigamente nas proximidades das cidades e villas.

Urupemba, *s. f.* o mesmo que *Urupêma*.

Ururáu, *s. m.* especie de grande saurio mui voraz, que vive nos rios e lagos, e são mui conhecidos na provincia do Rio de Janeiro, onde tambem lhe chamam *Jacaré de papo amarello*. || *Etym.* Alteração do tupi *Ururá*.

Urussacanga, *s. m.* (*Valle do Amaz.*) o mesmo que *Aturá*. || *Etym.* De *Urussacân* do dialecto amazoniense.

Urutáu, *s. m.* ave de rapina nocturna do genero *Nyctibius*, de que ha mais de uma especie. || *Etym.* E' nome tupi usado tambem pelos Guaranis do Paraguay.

Urutú, *s. m.* (*Paraná*) especie de cobra venenosissima.

Ussú, *adj.* o mesmo que *quassú*.

Uvaia, *s. f.* (*Rio de Jan., S. Paulo e outras prov.*) fructa da Uvaieira, planta do genero *Eugenia*, da familia das Myrtaceas, de que ha differentes especies. || *Etym.* E' de origem tupi, e tem a mesma significação que *Ubáia*, isto é, fructa azeda.

Uyára, *s. f.* (*Pará*) nome de certo ente phantástico representado por uma mulher que reside no fundo dos rios, e causa assombro aos viajantes durante a noute. Tambem lhe chamam *Ayudra* e *Mãe d'agua* e este ultimo synonymo é geral a todo o Brazil. || *Etym.* E' vocabulo tupi, significando *senhora da agua*.

Vaqueanáço, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) superlativo de *vaqueano* (*Cesimbra*).

Vaqueão, *s. m.* individuo que conhece bem o territorio, seus caminhos e atalhos, e serve de guia nas viagens. Tambem se diz *Baqueano*, e esta é a pronuncia mais commum em algumas provincias do norte. E' voc. usual em todos os Estados americanos de origem hespanhola. || *Etym.* Vem do radical *Baquía*, termo com que os Hespanhoes designaram, depois da conquista do Mexico, os soldados velhos que haviam tomado parte nella. Tem o sentido de habilidade, destreza; e quer seja oriundo da Hespanha, quer da America, é melhor dizer *Boquiano* (*Zorob. Rodriguez*). || No sentido figurado, applica-se á pessoa mui entendida em qualquer ramo de industria: Fulano é mui *Vaqueano* no commercio dos gados. || Em *S. Paulo* e outras provincias do Sul, corresponde a *Vaqueano* o termo *Tapejára*, de origem tupi.

Vaquejada, *s. f.* (*provs. do N.*) o mesmo que *Costeio*.

Vaquejar, *v. tr.* (*provs. do N.*) o mesmo que *Costear*.

Varanda, *s. f.* (*R. de Jan.*) o primeiro dos tres compartimentos em que se divide um curral de pescaria, e a que tambem dão o nome de *Coração*. Na *Par.* do *N.* lhe chamam *Sala*.

Varandas, *s. f. pl.* (*provs. do N.*) guarnições lateraes das redes de dormir ou de transporte, as quaes são rendadas e ás vezes ornadas de flores de pennas.

Variar, *v. tr.* (*R. Gr. do S.*) ensinar o cavallo a correr parellas com outro. Quando esse acto tem por fim comparal-o com outro, chama-se a isso *Cotejar* (*Coruja*).

Vasante, *s. f.* (*Piauhy, Par., R. Gr. do N., Ceará e Pern.*) horta que se cultiva nos leitos terrencaes, durante a estação secca, e consiste em diversas especies de cucurbitaceas, feijão, milho e outras plantas annuas.

Vatapá, *s. m.* (*Bahia*) especie de iguaria, que consiste em uma papa rala de farinha de mandioca, adubada com azeite de dendê e pimenta, e tudo isso misturado com carne ou peixe. || *Etym.* E' vocabulo da lingua yoruba (*Colonia*).

Veládo, *adj.* (*Pern.*) chamam côco *veládo* aquelle cuja amendoa, inteiramente secca, se desprende do endocarpo.

Velhaqueadôr, *adj.* (*R. Gr. do S.*) diz-se do cavallo que tem o mau costume de corcovear, quando o montam (*Coruja*).

Velhaqueadouro, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) virilha do cavallo, onde, sendo esporeado, corcoveia (*Coruja*).

Velhaquear, *v. intr.* (*R. Gr. do S.*) corcovear, dar corcovos o cavallo (*Coruja*).

Vêrde, *s. m.* (*Piauhy e outras provs. do N.*) estação das chuvas, em que reaparece a folhagem das arvores, e os campos se cobrem de relva, o que dá á paizagem o mais gracioso aspecto: Empreheenderêi a minha viagem durante o *Verde*.

Vida de um Lopes, expressão geral do Brazil, para dar idéa da abastança e regalo com que vive certa e determinada pessoa: Fulano passa a *vida de um Lopes*. Durante o tempo que estive naquella cidade levei

a vida de um Lopes. || Não sei qual é a origem desta expressão. Equivale a dizer a vida de um lord, vida fidalga.

Vigilênga, *s. f.* (Pará) especie de embarcação de rodella avante e a ré, armada a hiate. || *Ety m.* Provém-lhe o nome da cidade da Vigia, onde são construidas (H. Barbosa).

Vinagre, *adj.* (R. de Jan. e outras provs.) o mesmo que *cauhila*.

Virádo, *s. m.* (S. Paulo) o mesmo que *Pamonán*.

Viúva, *s. f.* (Rio de Jan.) o mesmo que *Luminaria*.

Viveiro, *s. m.* (Rio de Jan.) o mesmo que *Gré*.

Vizindario, *s. m.* (R. Gr. do S.) o numero de vizinhos que habitam algum logar. E' expressão usual na campanha d'esta provincia, e se applica ao chefe da casa ou ao que se supõe estar n'esta posição (Coruja).

Volteada, *s. f.* (R. Gr. do S.) operação pecuaria que tem por fim apanhar o gado alçado. Acontecendo ordinariamente que semelhante gado se misture com o das estancias proximas, não podem os criadores fazer *volteadas*, sem convidarem os vizinhos oito dias antes (Lei provincial n. 203 de 12 de dezembro de 1850). || *Obs.* A respeito do termo *volteada*, diz o Sr. Coruja: Este vocabulo exprime o mesmo que *volta*. Quando se presume que um animal tem de passar por um certo ponto, e ali o esperam, usa-se da phrase — Esperar na *volteada*, a qual tem applicação a outros casos semelhantes.

Vote! *int.* (Pern.) o mesmo que *Tibi*.

Vôvô, *s. m.* nome infantil de avô.

Vóvó, *s. f.* nome infantil de avó.

Vu, *s. m.* (Serg.) o mesmo que *Puita*.

Vunge, *s. m.* (Pern.) nome com que se qualifica o homem mui sabido, esperto, atilado.

Xará (1^o), *s. m. e f.* tratamento familiar de que usam entre si as pessoas que tem o mesmo nome de baptismo: José da Silva é *ará* de José da Costa. Meu *ará*, minha *ará*. Ha muito que te não vejo, *ará*. Como tens passado, meu *ará* ou minha *ará*? ||

Tambem se diz, no mesmo sentido, *arapim* e *xêra*. || *Ety m.* Todos estes vocabulos se derivam do tupi. Entre os Tupinambás *Apixára* significava parceiro no nome, na feição natural, no officio, etc., o que precedido do pronome *xê*, meu, se transformava em *xerapixára* (Voc. Braz.). Em guarani, *xerapi*, composto de *xê* e *tapi*, era o tratamento que a mulher dava a seu irmão e filho (Montoya). Como bem o faz observar J. Verissimo, *xêra* não é mais do que a contracção de *xêrêra*, cuja traducção litteral é *meu nome*. || No R. Gr. do S., em logar desses vocabulos de origem tupi, usam mais geralmente do termo *Tocayo*, que é de procedencia hespanhola.

Xará (2^o), *s. m.* (R. Gr. do Sul) uma das variedades desses bailes campestres a que chamam geralmente *Fandango*.

Xarapim, *s. m. e fem.* o mesmo que *Xará*.

Xarque e seus derivados. V. *Charque*.

Xemxêm, *s. m.* nome com que se conhecia a moeda de cobre falsa que ha meio seculo circulou no paiz. Segundo Moraes ha na India uma moeda de 300 réis chamada *Xem*. Duvido, porém, que seja essa a etymologia do nosso vocabulo.

Xêra, *s. m. e fem.* (Pará) o mesmo que *Xará*.

Xêrga, *s. f.* (R. Gr. do S.) tecido de lan com lãvres nas beiradas, que se põe por baixo da carona (Coruja). || *Ety m.* Do castelhano *Jerga*, nome que dão a qualquer panno grosseiro.

Xêrimbábo, *s. m.* (Valle do Amaz.) qualquer animal de criação domestica, como aves, pequenos mamíferos, e sobretudo os animaes curiosos e de estimação. || *Ety m.* E' vocabulo tupi, que significa litteralmente *minha criação*. || No Paraná dizem *Mumbavo*.

Xêxêu, *s. m.* o mesmo que *Guaxe*.

Xiba, *s. m.* (R. de Jan.) especie de batujue.

Xibé, *s. m.* (Pará, Maranhão) o mesmo que *jacuba*.

Xicáca, *s. f.* (S. Paulo) pequeno cesto ou balaio com tampa.

Xiéu, *s. m.* o mesmo que *Guawe*.

Xilindró, *s. m.* nome burlesco da cadêa ou calabouço.

Xingamento, *s. m.* acção de xingar; injuria verbal: Pôde aquelle individuo dizer de mim o que quizer; não dou importancia aos seus *xingamentos*.

Xingar, *v. tr.* insultar com palavras: Por ter *xingado* o seu camarada, foi preso o soldado. || *Etym.* Tem a sua origem no verbo *Cu-rit'xinga*, da lingua bunda.

Xiquexique, *s. m.* especie de *Cactus* mui abundante nos sertões da Bahia e outras provincias do norte.

Xurumbambos, *s. m. pl.* (*S. Paulo, R. de Jan.*) cacaréos, badulaques (*Villaça*).

Yayá, *s. f.* (*provs. do N.*) o mesmo que *Nhanhân*.

Yayázinha, *s. f.* dim. de *Yayá*.

Yazinha, *s. f.* dim. de *Yayá*.

ÿgára, *s. f.* *V. Igára*.

Yoyô, *s. m.* (*provs. do N.*) o mesmo que *Nhonhô*.

ÿpú, *s. m.* (*Ceará*) terreno humido adjacente ás montanhas, formando varzeas ou valles por onde correm as aguas que dellas se derivam. São estes terrenos compostos de barro preto, especie de massapé, rico de humus, formado de decomposições organicas, e mui apropriados á cultura da canna (*T. Pompeo*). Tambem se escreve *Ipú*.

ÿpueira, *s. f.* (*Sertões da Bahia e outras provs. do N.*) lagoeiro formado pelo transbordamentos dos rios nos logares baixos, onde as aguas se conservam durante mezes, e são geralmente piscosas. Por extensão, dão o mesmo nome aos depositos naturaes de aguas pluviaes; mas a estes designam mais geralmente por lagoas. || *Etym.* E' voc. tupi. || No Pará dão o nome de *Puêra*, *s. f.* á lagoa lamosa, mas enxuta, que a cheia dos rios deixa no meio dos campos, quando chega a vassante; pequeno palude secco pelo sol nos campos (*J. Verissimo*).

Yussá, *s. m.* (*S. Paulo*) comichão, cocceira. || *Etym.* E' derivado do tupi *Jussára*.

Zabêlê, *s. m.* (*Bahia e outras provs. do N.*) o mesmo que *Johô*.

Zambêta, *adj.* zambro, cambaio.

Zangaburinha, *s. f.* (*Minas-Geraes*) o mesmo que *Gangorra* (1º).

Zêrê, *adj.* (*Serg.*) zarolho (*S. Romero*).

Zinga, *s. f.* (*Matto-Grosso*) especie de varejão, de que, na navegação fluvial, se servem os canoeiros para vencer a correnteza do rio, quando é nulla a acção dos remos.

Zingadôr, *s. m.* (*Matto-Grosso*) tripulante que maneja a *Zinga*.

Zingar, *v. intr.* (*Matto-Grosso*) manejar a *Zinga*. || No littoral do Brazil, *zingar* é imprimir a um remo collocado na pôpa do escaler ou bote, na direcção da quilha, um movimento analogo ao da helice, dando d'esta sorte impulso á embarcação (*E. Barbosa*).

Zorô, *s. m.* (*R. de Jan.*) iguaria feita de camarões e quiabo.

Zorriho, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) o mesmo que *Maritacica*. || *Etym.* E' vocabulo que recebemos dos nossos vizinhos platinos e paraguayos, e é o diminutivo do castelhano *Zorro*.

Zumbi, *s. m.* ente phantastico, que, segundo a crendice vulgar, vagueia no interior das casas em horas mortas, pelo que se recommenda muito a quem tiver de percorrer os aposentos ás escuras que esteja sempre de olhos fechados, para não encarar com elle.

|| *Etym.* E' vocabulo da lingua bunda, significando duende, alma do outro mundo (*Capello e Ivens*). || *Fig.* na Bahia, chamam *zumbi* áquelle que tem por costume não sahir de casa senão á noute: Tu és um *zumbi*. || Em outras provincias do norte, dão o nome de *zumbi* a qualquer logar ermo, tristonho, sem meios de communicação (*Meira*).

Zungú, *s. m.* casa dividida em pequenos compartimentos, que se alugam, mediante diminuta paga, não só para dormida da gente da mais baixa relé, como para a pratica de immoralidades, e serve de coto a vagabundos, capoeiras, desordeiros e ebrios de ambos os sexos (*D. Braz*). || Em Pernambuco e no Pará chamam a isso *Calojf*.

Charlton

1002/001 223

JF 0712

